Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 13

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

VOLUME II

Canções, Elegias, Idylios, Cantatas, Epistolas e Satyras

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1875

ODES

PERIODO DA VIDA MILITAR

(1780 a 1787)

1

O Desengano

Assás temos cantado, assás carpido
    Oh lyra, oh doce lyra,
Os bens e os males do commum tyranno,
    Que nas almas derrama
A dor, e o riso, o nectar, e o veneno.
    Longe a brilhante idéa
De olhos fagueiros, de aneladas tranças,
    De angelicos sorrisos,
De momentaneos amorosos furtos;
    Longe a amarga lembrança
De vis perjurios, de crueis enganos,
    De traições estudadas;

Longe as memorias da infiel Marilia.
Feitiços perigosos,
Verdugos da alterosa Liberdade;
Tu, dom da formosura,
Fatal aos corações, suave aos olhos;
Tu, que em meus pensamentos
No arbitrio meu despotico imperavas,
Tyranno, impõe teu jugo,
Teu ferreo jugo na cerviz d'aquelles
Que a sisuda Experiencia
Por entre pavorosos precipicios
Inda ao templo remoto
Não guiou do proficuo Desengano.
Vencida a longa estrada,
Onde o Erro elevou montes e montes
Para estorvar ao homem
Sagaz instincto, que á Verdade o guia,
Vejo, saudo os lares,
Lares augustos do terrivel nume,
Attento á voz do afflicto
Que ingenuas preces lhe dirige ás aras,
Surdo a rogos falazes
Do cégo escravo, que idolátra os ferros,
Liberdade implorando...
Que solidão, que placida tristeza,
Que profundo silencio
Reina em torno do alcaçar venerando!
Oh sacro domicilio

Da Verdade immortal!... Que! Tu n'um ermo!
Os teus atrios desertos,
Sem culto, sem ministro os teus altares,
Em quanto á vã grandeza
Servil caterva prostitue incensos,
E a curvada Lisonja
Os crimes doura, os vicios abrilhanta!
Ah! Eu te vingo, oh deusa!
Eu entro o franco portico espaçoso
E ás aras... Mas que sinto!
Que gêlo, que tremor, que sobresalto
Me prende a voz, e a planta,
Me abate as forças, me arripia as carnes!
Coração, que te assombra?
Que temes, coração? Perder Marilia?
Marilia acaso é tua?
Não maculou traidora os puros votos,
Os ternos juramentos?
Não viste a desleal sem dôr, sem pejo,
Cevar-se nos teus males,
C'os lindos olhos em Fileno absortos?
Que importa que em seus labios,
Seu ledo rosto, seu virgineo seio,
Os Amores, e as Graças
Presintam mil imagens deleitosas,
Onde os sentidos pascem,
Que importa, se a traição surgiu do averno
A corromper-lhe o peito?

Que vale sem virtude a formosura?
    Cede ao tempo, á desgraça;
Do espirito a belleza é sempre nova.
    Coração, triumphemos,
Triumphemos da perfida Marilia,
    E se a razão não basta,
Vença a vaidade o que a razão não vence.
    Envergonha-te ao menos
De seres só feliz quando o permitte
    O teu rival suberbo,
Que enjoando os affagos importunos
    Da perjura, que adoras,
Ás vezes com desprezo em ocio os deixa,
    E se a ti se dirigem,
Não vem do coração, vem do costume.
    Eia, misero escravo,
Sacode o jugo, despedaça os ferros,
    A vaidade te anime:
Quasi tudo o que é raro, estranho, illustre,
    Da vaidade procede,
Movel primeiro das acções pasmosas.
    Tente-se a grande empreza,
Forcem-se os fados... Ai de mim! Palpitas?
    E em frequentes arrancos
Como que exprimes o pàvor da morte!
    Coração, não desmaies,
Alenta-te, infeliz... Porém que escuto!
    Que ruido! que assombro!

Que resplendor me cerca, e me deslumbra!
Torvos dragões, batendo
Azas de negra côr com duro estrondo,
Se encontram, se atropellam,
E quaes nocturnas aves, que amedronta
O clarão matutino,
Espavoridos pelos ares fogem
Ao fulgor scintillante
De rubro facho, que na dextra empunha
Veneravel matrona,
Librada sobre os Zephyros plumosos!
Ah! Quem és? Vens do Olympo,
Portentosa visão? Vens soccorrer-me?
Ou és aereo fructo
Da enferma, delirante phantasia,
Que entre illusões vaguêa?...
Não; já me illuminaste a mente céga,
Reconheço-te, oh deusa,
És a prole dos céos, és a Virtude,
Que no benigno seio
Acolhes os meus ais, os meus remorsos,
Indulgente á demora
Que tive em demandar teu sancto asylo.
Esses monstros, voando
Ante o celeste resplendor, que espraias,
São pungentes saudades,
Feias traições, phreneticos ciumes,
Que invisiveis té agora

As calidas entranhas me ralavam.
Graças, oh divindade,
Que do sabio varão mantens o esforço
Quando a voluvel sorte,
Inimiga do merito, o sepulta
Nas solitarias sombras
De profunda masmorra aferrolhada,
Onde por mãos infames
De asperrimas correntes o carrega:
Munido da innocencia
Comtigo ri o heróe no cadafalso;
Comtigo alegre observa
Do carrancudo algoz na mão terrivel
O amolado cutélo
Executor da barbara sentença;
E comtigo, oh deidade,
Oh alta bemfeitora, encaro as portas
Do formidavel templo.
Teu sagrado fervôr de vêa em vêa
Me agita, me transporta,
Eu te sigo, eu te sigo... Oh céos! Oh deuses!
Já sou meu, já sou livre.
Idolo falso, que de altar profano
Davas leis á minh'alma,
Recebias meus votos, meus incensos,
Tributos da fraqueza;
Aleivosa Marilia, horror e affronta
Té do tropel de ingratas,

De astutas, de infieis, que o mundo infamam,
O escravo de teus olhos,
A victima infeliz de teus enganos
Já tem rotos os ferros,
Solta a vontade, o coração tranquillo.
Como o sol, quando vibra
Na cristalina esphera os raios d'ouro,
Gasta, desfaz, consome
Vapores, que exhalou do seio a terra;
Tambem, falaz Marilia,
As luzes, que a verdade em mim dardeja,
Absorvem, desvanecem
A funesta illusão, que na minh'alma
Te assimilhava aos deuses.
Ingrata, consumiram-se os incensos,
Retractaram-se os votos,
Foram-se as oblações, e os sacrificios,
Caíu o altar, e o numen!

PERIODO DE EXPATRIAÇÃO

(1788 a 1790)

2

Os Amores

Dos malignos Amores
Girava os ares o volatil bando,
Seus aureos passadores
Dos eburneos carcazes semeando:

O mais destro frécheiro,
O chefe da invencivel companhia,
Que tem do mundo inteiro
A seus pés o destino, e monarchia:

Aquelle, que em desmaio
Muda ao tigre o furor, se a dextra move,
Que até, sem medo ao raio,
Sacrilego farpão cravára em Jove:

Do azul campo sereno
Desce, em fim, c'os irmãos a fertil prado,
Visinho ao Tejo ameno,
E diz á turma, de que vem cercado:

«Eu, que não satisfeito
De combater, de triumphar na terra,
Comvosco tenho feito
Aos proprios céos inevitavel guerra:

«Eu, que prazer sentia
Em forjar aos mortaes mortaes pezares,
Que ufano, alegre, via
O sangue borbulhar nos meus altares:

«Eu, que em mavorcia lida
Tornei purpureo o limpido Scamandro,
Eu, cruento homicida
De Hero gentil, do nadador Leandro:

«N'este dia de gosto,
Em que brotou de generosa planta
Aquella, cujo rosto
Almas captiva, corações encanta:

«N'este bom dia, em que ella,
Em que Marilia, nossa gloria, Amores,
Appareceu mais bella
Que a flor de Venus na estação das flores;

«Do que fiz me arrependo,
Quero affamar-me por mais alta empreza:
Eternisar pretendo
A melhor producção da Natureza.

«Um de vós, sem demora,
Procure o velho, que em perpetua fome
Rijos troncos devora,
O ferro, o bronze, o marmore consome:

«Vá dizer-lhe, que parta
Logo o instrumento sanguinoso, e duro,
A fouce, nunca farta
De mandar os mortaes ao reino escuro:

«Que respeite, rendido,
Um dia tão sagrado, e tão jocundo,
Em que deixa Cupido
Pela primeira vez em paz o mundo:

«E se o monstro faminto
Não dobrar a cerviz no mesmo instante,
Mostrarei que me sinto
Para a vingança com valor bastante:

«Farei que saiba o quanto
Póde o fervor de um amoroso affecto;
Farei, que lave em pranto
As cãs espessas do medonho aspecto.

«O mundo não tem visto
Obrar Amor prodigios cento e cento?
Pois veja agora n'isto
De meus portentos o maior portento.»

Disse, e depois que sôa
Tenue susurro, a ordem se executa:
Um d'elles parte, e vôa
Do Tempo á carcomida, horrivel gruta:

O velho injusto, e forte,
Consumidor das cousas, encostado
No regaço da Morte,
Fouce na mão, cadaveres ao lado,

Vendo entrar de repente
O bello infante, o nuncio de Cupido,
Alça a rugosa frente,
Em tom lhe diz suberbo, e desabrido:

«Infeliz! Que arrogancia,
Que imprudencia, que fado ou que desdita
Te guia á negra estancia,
Aonde o Tempo com a Morte habita?

«Não pasmas, não tens susto
De olhar-me? De me ouvir? Pois eu te ensino
Com meu braço robusto
A acatar-me, a temer-me, audaz menino.»

Disse, e, vermelho o gésto,
Torcendo os olhos, que chammejam ira,
Move o braço funesto,
E co'a sanguinea fouce ao deus atira:

O ferro os ares mede,
Obedecendo á furia, que o sacode;
Mas eis que retrocede
Fugindo ao numen, que ferir não póde.

Elle então co'um sorriso,
De altivez desdenhosa acompanhado,
Volve os olhos ao liso,
Curvo instrumento, que lhe foi lançado;

E ao monstro, que veneno
Vomita da nojosa boca escura,
«Cessa, (diz) eu t'o ordeno
Em nome de Marilia bella, e pura.»

Elle proseguiria;
Mas os dois feros socios, escutando
Pela voz da Alegria
O nome encantador, suave e brando,

Quaes os deuses do inferno,
Que a fronte, ouvindo Orphêo, desenrugaram,
E o ferreo sceptro eterno
Das inflexiveis mãos caír deixaram:

O furor impaciente,
Que as entranhas lhe róe, subito amançam;
Erguem-se, e de repente
Da mimosa deidade aos pés se lançam,

«Adoravel menino,
(Clamam tremendo os dous) tu nos domaste;
Quando o nome divino
Da singular Marilia articulaste.

«Dize, dize o que intentas,
Que já qualquer de nós te está subjeito,
E as nossas mãos cruentas
Tremulas vês de affecto, e de respeito.»

«Quero já destruido
(Torna o menino) em honra d'este dia
Esse ferro buido,
Que com vipereo sangue a Morte afia.

«Marilia, cujo agrado
Desencrespa, e serena o mar, e o vento,
Hoje vê renovado
Seu natalicio, festival momento.

«A destra Natureza
De regosijo, de altivez se cobre
Por crear tal belleza,
Alma tão pura, coração tão nobre:

«Até Venus benigna
A disputar-lhe os cultos não se atreve;
A louva, a julga digna
Dos cysnes, e da concha côr de neve.

«Eia, pois, humilhados
De Marilia ante os olhos vencedores,
Ante os dous adorados
Ninhos das Graças, ninhos dos Amores:

«Sacrificae-lhe as furias,
As furias que defeza não consentem;
Nunca, nunca as injurias
Do Tempo, ou Morte profanal-a intentem.»

Com isto os labios cerra;
E logo o Tempo dos nervosos braços
Arroja sobre a terra
A fouce, que entre as mãos fez em pedaços;

Depois, inda curvado,
Diz: «Está transgredida a lei da Sorte;
Amor, vae descançado,
Que a Marilia veneram Tempo, e Morte.»

*

Ao seu gentil monarcha
Torna o menino aligero, e lhe conta
Que o Tempo achou, e a Parca
Prompto a seu mando, a seus desejos prompta.

Juntos então revôam,
E, de Marilia proximos aos lares,
Os Amores entôam
Hymnos canoros nos cerúleos ares.

3

Allegorico — Moral:
O quadro da vida humana

De porto mal seguro a turvo pégo
Sáe mesquinho baixel com raras vélas,
Vae crespas ondas pavido talhando
Á discrição dos ventos:

Nauta inexperto lhe dirige o léme,
Chusma bisonha lhe marêa o panno;
De um lado fervem Syrtes, d'outro lado
Navífragos penedos:

Susurrante chuveiro os ares cerra,
Luz sulphureo clarão de quando em quando,
D'imminente procella os negros vultos,
Fero estrago ameaçam:

Já bravos escarcéos, que se amontoam,
Por cima do convéz suberbos saltam:
Prosegue na derrota o debil pinho,
    Das vagas quasi absorto.

Depois de longamente haver corrido
A estrada desigual com céos adversos,
Em lugar de colhel-o, o panno augmenta,
    Desafia o naufragio:

Imaginária terra se lhe antólha,
De mil, e mil venturas semeada:
Anhélas por surgir no porto amigo,
    Cubiçosa Esperança:

Para cevar o horror mais campo havendo,
A torva tempestade então mais zune,
Em raios, em tufões todo o ar converte,
    Todo o pélago em serras:

O misero baixel desmantelado
Aos duros encontrões do mar, do vento,
Sóbe ás estrellas, aos abysmos desce
    Entre o pavor, e a morte:

Subito acode próvido piloto,
Que opprimido até'li jazêra em ferros
N'um vil carcere escuro, onde rebeldes
O tinham sobpeado:

Estende a mão forçosa, afferra o leme,
O lenho desaffronta, o rumo escolhe,
Com saber efficaz, com alta industria
Vae sustendo a tormenta.

Já volumosas nuvens se adelgaçam,
O vento se amacia, o mar se aplana:
Do benigno Santelmo o tenue lume
Reluz no aereo tópe.

Reina um pouco a suave, azul bonança;
Mas eis se tolda o céo de novas sombras;
Mais negra, mais feroz, mais horrorosa
Resurge a tempestade.

O sabio director, que todo ufano
Da recente victoria inda folgava,
A repetido assalto oppõe debalde
Arte, vigor, constancia.

Tremendo aos furacões impetuosos
Lá descorçôa em fim, lá desalenta;
Co'a machina infeliz, que já não rege,
Miserrimo soçobra:

Oh ente racional! Oh ente fragil!
Escravo das paixões, que te arrebatam!
Olhos sisudos n'este quadro emprega:
Eis o quadro da vida.

4

A Esperança

Offerecida á excellentissima senhora
D. Maria de Saldanha Noronha e Menezes, em Macau

Musa, não gemas; ergue, oh desgraçada
O rosto macillento;
Da vista a frouxa luz, quasi apagada
Nas lagrimas que vertes; Musa, alento!
Move a tremula planta,
Piza os receios, e a Marilia canta.

Canta da illustre dama a gentileza,
A prole esclarecida,
Os dons da sorte, os dons da natureza,
As prendas com que a vês enriquecida;
E depois de a louvares
Torna a teus choros, torna a teus pezares.

Ah! Que já sinto, milagroso objecto,
Quando póde o teu rosto!
Da malfadada Musa o torvo aspecto
Já córa, já se vae do meu desgosto
Sumindo a nevoa densa,
Que desfaz, como o sol, tua presença.

Inclina pois, magnanima senhora,
Os clementes ouvidos
Á voz, que não profere aduladora
Altos encomios de razão despidos;
A verdade celeste
Com seu candido manto os orna, e veste.

A ti, dignos de ti, Marilia, voam;
A ti, bella heroina,
Cujas mil graças mil virtudes c'roam;
A ti, que enches de gloria a fertil China,
Em quanto a que te adora
Misera patria, tua ausencia chora.

As deidades, creando-te, exhauriram
O seu cofre divino;
A teus encantos para sempre uniram
Em aureo laço o mais feliz destino;
E eis os dons com que brilhas
Reproduzidos nas mimosas filhas.

Esses tenros, lindissimos pedaços
Da tua alma preciosa,
O ledo par gentil, que nos teus braços
Das doces, maternaes caricias gosa,
Teus dias felicita,
E nas amaveis perfeições te imita:

Com meiga voz, com efficaz exemplo,
Com saudaveis doctrinas
Ao que habita a Virtude eterno templo
O caminho estellifero lhe ensinas;
A mim, mortal profano,
A mim tão arduo, para ti tão plano.

Já do ethereo vestibulo te acêna
Almo esquadrão radioso:
Já na celeste região serena
Genios sem mancha em hymno harmonioso
Te nomeam... Lá brada
De illesas virgens multidão sagrada.

Não ouves, oh Marilia, as vozes d'ellas?
Repara como off'recem
Do teu pudico amor ás prendas bellas
A gloria sem limites, que merecem...,
Não me engano, em vós chove
O fragrante liquor, que liba Jove.

Vós sois... Porém não mais, oh Musa inerte!
Basta, cesse o teu canto;
As vozes de prazer em ais converte,
Nadem teus olhos outra vez em pranto;
Que as almas compassivas
Attendem mais ás lagrimas que aos vivas.

Com suspiros, oh triste, implora, implora
De Marilia a piedade;
Ella é justa, ella sente, ella deplora
Os erros da infeliz humanidade;
Contra o fado inimigo
Na sua compaixão procura abrigo.

Roga, roga-lhe em fim, que te destrua
As ancias, os temores;
Que á patria, ao proprio lar te restitua:
Ah já te diz que sim:—não mais clamores;
Musa, Musa descança,
Cãntemos o triumpho, oh Esperança!

Olha como a tyranna, a má Desgraça
As cobras arrepella,
E as sanguinosas vestes despedaça!...
Zombemos, coração, zombemos d'ella:
Monstro, já não me espantas,
Lá cáe, lá treme de Marilia ás plantas.

5

Á excellentissima senhora D. Maria de Guadalupe Topete Ulhoa Galfim

Em quanto mãos servís o altar incensam
Da Fortuna inconstante;
Em quanto as almas cubiçosas pensam
No metal coruscante:

Emquánto álerta, circulando os ares,
O fatal cabo montas,
Oh tu, que os raios, os tufões, os mares
Audaz e insano affrontas!

Em quanto no theatro de Mavorte
Traça astuto guerreiro
Ás oppostas phalanges cruel morte,
Oh duro captiveiro:

Em quanto sobre o throno o rei potente
Da lisonja adorado,
Inda assim mesmo não está contente,
E acha o sceptro pezado:

Servindo-me de balsamo teu riso,
Eu com animo forte,
(Oh Paz amiga), os golpes cicatriso
Que me tem dado a Sorte:

Á ruiva margem do aprasivel Tejo,
No meu tugurio pobre,
Claras virtudes são os bens que invejo,
Rico de um, alma nobre.

Aqui meus hymnos a verdade entôa,
Aqui sobre mil flores
Aos attractivos da preclara Ulhoa
Forjo eternos louvores.

Não vos invoco, oh Musas, não preciso
Vossa mão protectora;
Amores, que podeis, trazei-me um riso
De Armia encantadora:

Por vós com molles osculos furtado,
Minha idéa avigore,
E dos vis zoilos o tropel malvado
Em meus versos o adore...

Porém que ignoto lume o céo dourando
Aviva a luz do dia!
Ah! Que lá vem nos ares scintillando
Um sorriso d'Armia!

A tropa de Cythéra o traz captivo,
E em torno d'ella adeja
O transparente Zephyro lascivo
A murmurar de inveja.

Prazeres do suave paraiso,
Resumidos no encanto
De um deleitoso e candido sorriso,
Com que Amor pode tanto:

A vós, a vós consagro a minha lyra,
E nas azas do vento
Além do espaço azul, que Appollo gira,
Vôa o meu pensamento.

Optimo fructo de alterosa planta,
 Venus só na belleza,
Semi-deusa gentil, que enches de tanta
 Vangloria a Natureza:

Menos brilhantes do que as graças tuas
 Dançam entre os Amores
Lá nos cyprios jardins as Graças nuas,
 Calcando as tenras flores:

Não era, oh nympha, como tu formosa
 A bella degraçada
Que o lacteo seio penetrou saudosa
 Com a troyana espada:

Se de Phrigia te visse o pastor louro,
 Que ás divinas porfias
Pôz termo, teu seria o pomo d'ouro,
 Ou seu premio serias:

De teus esclarecidos ascendentes
 A veneranda historia
Impressa vive, em laminas pendentes
 Das aras da Memoria:

O fresco Tejo, o fresco Mançanares
Lá n'outra edade os viram
Obrar altas proezas singulares,
E por elles suspiram:

Que direi da tua alma? Inda é mais bella
Que teu bello semblante;
Angelicas virtudes formam d'ella
O retrato brilhante:

Mas teus celestes dons serão manchados
Com meu tosco elogio;
Com versos, que talvez sejam lançados
No somnolento rio!

Indesculpavel, perigosa audacia
Teus louvores me inspira;
Que mais fizera, se o cantor de Thracia
Me confiasse a lyra?

Novo Atlante, o sydereo firmamento
Quero manter nos hombros,
Se da tua alma debuxar intento
As graças, e os assombros.

Foge-me a lyra pávida; receia
O assumpto majestoso;
E já meus labios tremulos enfreia
Silencio respeitoso.

6

A Gratidão

Offerecida ao senhor Lazaro da Silva Ferreira, desembargador da Casa da Supplicação, e governador interino de Macau

Ao som confuso da celeuma os nautas,
Ás duras barras arrimando os peitos,
O cabrestante, que emperrado geme,
Rigidos volvem.

Galerno as azas transparentes bate
Nos azues prados onde o sol passeia;
Içam-se gaveas, e do fundo a curva
Ancora sobe.

Amenos campos, agradavel clima
Onde o meu Tejo por arêas d'ouro,
Por entre flores murmurando, e rindo,
Limpido corre:

*

Paternos lares, que saudoso anhelo,
Sacros Penates, que de longe adoro,
Suave asylo, que perdi vertendo
Lagrimas ternas:

Eu tórno, eu tórno por Amor guiado,
Exposto á furia dos tufões, dos mares;
Eu tórno, eu tórno para vós; ouviu-me
Jupiter alto.

Do formidavel tribunal supremo,
Ante quem pasma a Natureza, e d'onde
Os nossos crimes, as virtudes nossas
Integro julga:

Do throno eterno, que as estrellas calca,
Throno adoravel, cuja luz divina
Os proprios olhos immortaes, que o cercam,
Tremulos soffrem:

Ás mestas preces da minha alma afflicta
O Deus dos deuses annuiu clemente,
E em rosea nuvem pelos ares desce
Nitido Genio:

Purificando co'um sorriso o dia,
Affaveis olhos para mim volvendo,
Me diz: «Não chores, oh mortal não chores:
Misero, basta.

«Dos orbes d'ouro innumeraveis baixo
A suffocar-te as clamorosas queixas;
Teus bruscos dias vão trocar-se em ledos
Prosperos dias.»

Disse o brilhante cortezão de Jove
(Era a Piedade) que a rubra nuvem
Abrindo os ares, mais veloz que os ventos
Subito foge.

Varão sublime, tu, ouvindo os éccos
Do mensageiro do ineffavel numen,
Ardes em gloria, para mim teu rosto
Placido voltas.

Eis os sorrisos, que a Tristeza amarga
De vós banira com decreto horrendo,
Eil-os de novo sobre vós, oh minhas
Pallidas faces.

Clama, não cesses, Gratidão, não cesses;
Sê minha musa, Gratidão, virtude
Que desconhecem, desacatam, mancham
    Sordidas almas.

Lembrem-te as feias, ululantes Furias
Postas em torno de meu berço infausto;
Das igneas fauces contra mim vibrando
    Horrido agouro:

Lembrem-te os males, as terriveis ancias
Que este sensivel coração farparam;
De ferreos peitos, que sem dó me ouviram,
    Lembra-te, oh deusa!

Se eu vou nas aras dos Penates caros
Pendurar votos, consumir incensos,
Depositando sobre a lysia praia
    Osculo grato:

Se as innocentes, fraternaes caricias
Vou cubiçoso recobrar na patria,
Em cuja ausencia fugitivas horas
    Seculos julgo:

Se as cans honradas vou molhar de pranto
Ao sabio velho, que me deu co'a vida
Os seus desastres, por fatal, por negra
Lugubre sina:

Se estou já livre da cruel Desgraça,
Que nas entranhas me enterrava os dentes,
Bem como a Ticio nos infernos morde
Sofrego abutre:

Tudo a ti devo, oh bemfeitor, oh grande,
Que a roçagante, veneravel toga
Mais veneravel pelos teus preclaros
Meritos fazes.

Tudo te devo: a gratidão não soffre
Que teus favores generosos cale;
Julga tu mesmo se o silencio é crime,
Arbitro excelso.

Aos estrellados, aos ceruleos globos
Sempre em meus hymnos subirá teu nome,
Em quanto o golpe me não der ao fio
Atropos crua.

Oh céos! oh fados! conservae Ferreira;
São necessarios os heróes ao mundo:
E tu, ferrolha os procellosos monstros,
Eolo amigo.

PERIODO DE LUCTAS LITTERARIAS E PRISÃO

(1791 a 1797)

7

Ao senhor José Bersane Leite

Euro, batendo as azas procellosas,
O pelago entumece;
Medonhos escarcéos de fôfa espuma
Ás nuvens se arremessam:
Do trovão, do fuzil o estrondo, o lume
Atrôa, e cresta os ares,
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos;
Luctam c'o a vaga enorme
Affrontados baixeis, no Tejo arfando:
Ao repellão frequente
Resiste apenas a robusta amarra.
Oh que terror semêa
O tumulto, que o mar, e o céo revolve!
Lá negreja no occaso,

De espectros ladeada, a Noute horrenda!
Lá desce, lá caminha,
E envolve manso e manso a natureza
No véo caliginoso.
O crime velador, a audaz ternura
A saúdam, risonhos:
Ávida turba com silencio cauto
Meios e ardis traçando,
Lhe espreita os passos, lhe calcula as horas;
A fragil posse anhela
D'esses idolos vãos—ouro, belleza—
Tão fataes, tão queridos!
Oh venturoso, tu, que, rodeado
De candidos prazeres,
Nos lares teus, nos lares da virtude,
Ora em extasis doce
Pendes do cysne, que as meandrias aguas
Ao sacro Tibre invejam;
Ora todo te dás ao som divino,
Ás lyras milagrosas
Do meu Tionio, do atilado Eurindo,
De Leucacio fecundo,
Que, accezos despregando ao estro as azas
Pelo ceruleo vácuo,
O sol transcendem, sómem-se nos astros,
Do Fado a nevoa rompem,
Mysterios sondam, maravilhas palpam;
Em quanto o zoilo inerte,

Cego ao rasto, ao fulgor, que pelos ares
    O arduo vôo assignal-a,
Morde, e remorde as viboras do seio,
    Pragueja, brama, escuma;
A cholera de Jove antes quizera,
    E ir, despojo do raio,
Arder c'o as Furias, ulular no inferno,
    Ouvir troar Sumano,
Que soffrer o clarão da gloria alheia.
    Feliz, feliz mil vezes
Tu, meu Josino, que á verdade affeito,
    Nunca do eximio vate,
Do heróe, do sabio o credito escassêas!
    Não figuras, não sonhas
No merito dos mais o teu desdouro;
    Ás paixões sobranceiro,
Ao jugo da razão vontade preza;
    Do auctor distingues o homem:
Se espirito fallaz co'a vil calumnia
    Ennevoar teus dias,
E se as musas de si lhe derem tanto,
    Que embóque épica tuba,
Que o som da eterna Iliada renove,
    Dirás, dirás absorto:
«Na voz, que me feriu, revive Homero!»
    Exemplo venerando!
Raros o seguem, se o proclamam todos.
    Mas vive tu, Josino,

Vive co'a gloria, co'a a perpetua gloria,
    Que ao grave exemplo quadra;
Só com ella porém medrar teu nome
    Não deve entre os famosos;
Teu genio lide, esmere-se a tua alma
    Na próvida cultura
Do monte augusto: admirem-te os que admiras;
    Sê mais fiel, mais grato
Ás musas, que te querem, que te acenam,
    Que os louros te cultivam:
Não temas, não fraquejes; vôa e canta
    Além do vulgo insano;
Estatuas e padrões consome o tempo,
    Desaba o sêrro annoso,
Perece o ferro, o bronze, e versos vivem.
    Para cantar de amores
Suave inspiração lá tens nos olhos,
    Nas ondadas madeixas,
No riso ingenuo da louçã Ritalia,
    De Anarda encantadora:
Para cantar de heróes, que á patria deram
    Não cuidadas victorias,
De sangue, de suor, de pó manchados,
    Forçando o mar, e a terra,
Lê Camões, lê Camões, com elle a mente
    Fertiliza, afervóra,
Povôa, fortalece, apura, eleva;
    Que o malfadado Elmano

Em tosco domicilio, onde o sobpeam
    Carrancudas tristezas,
Affaz o lutuoso pensamento
    Ao phantasma da morte;
Mantem na solidão, no horror das trévas
    Reflexões amargosas,
E vê na confusão da natureza
    O quadro da sua alma.

8

Ao senhor André da Ponte do Quental e Camara

O tyranno de Roma empunha o raio;
Despede-o contra Séneca innocente,
Ao sabio perceptor fulmina a morte
    O discipulo ingrato.

De Nero á dura voz se amorna o banho,
As veias se retalham, corre o sangue,
Avermelham-se as aguas, folga o monstro,
    O philosopho expira.

Socrates immortal, que um Deus proclama,
O mestre de Platão, lá comparece
De accusadores vis ennegrecido
    No corrupto Areopago.

D'altas meditações, d'altas virtudes
Colhe... (que fructo!) a gélida cicuta;
Cáe em silencio eterno, eterno somno
O oraculo de Athenas.

No abysmo do infortunio, da indigencia
Agonizam Camões, Pachecos morrem;
Mendigo, e cego, pela iniqua patria
Erra o gran Belizario.

De atros vapores, de tartareas sombras
Nomes augustos a calumnia abafa,
Té que rebente um sol da noute do Erro,
A Razão justiçosa.

Os homens não são máos por natureza;
Attractivo interesse os falsifica,
A utilidade ao mal, e ao bem o instincto
Guia estes frageis entes.

Em quanto das paixões activo enxame
Ferve no coração, revolve o peito,
Perde o caracter, o equilibrio perde
A Rectidão sisuda.

Eis surge imparcial Posteridade
Na dextra sopezando ethereo facho;
Tu, candido, gentil Desinteresse,
Tu lhe espertas a flamma.

O Criterio sagaz, á frente de ambos,
Apparencias descrê, razões combina,
Esmiuça, deslinda, observa, apura;
E depois sentencêa.

Já sem nodoa a virtude então rutila,
Já sem mascara o vicio então negreja,
Desce ao tumulo a Gloria, heróes arranca
Aos dominios da morte.

Se não somos heróes, se em nós, oh Ponte,
Affouteza não ha, não ha constancia,
Para com ferrea mão suster da patria
A nutante ventura:

Se em util, em moral philosophia
Não damos aos mortaes a lei, o exemplo;
Se dos luzeiros septe á clara Grecia
O grau não disputamos;

Nossos nomes, amigo, alçados vemos
Acima dos communs: ama-nos Phebo,
As Musas nos enlouram; cultos nossos
    Mansa Virtude acolhe.

Em tenebrosos carceres jazemos;
Fallaz accusação nos agrilhôa;
De oppressões, de ameaços nos carrega
    O rigor carrancudo;

Mas puro dom dos céos, alva innocencia
Esta affronta, este horror nos atavía;
Intima candidez compensa as manchas
    Da superficie escura.

Males com a existencia andam cosidos;
Desde o primario ponto do universo
Esta amarga semente sobre a terra
    Caíu da mão dos fados.

Em tanto que a raiz tenaz, fecunda
Infecta o coração da natureza,
Os tugurios suffoca, assombra os thronos
    A venenosa rama.

Que muito que empeçonhe os nossos dias
O que os seculos todos envenena!
Não merecer-se o mal é jus, é parte
Para sentir-se menos.

Deixemos a perversos delatores
Os filhos do terror, phantasmas negros,
Q'o medonho clarão da luz interna
Assopram sobre os crimes.

Se a verdade entre sombras esmorece,
Se das eras tardias pendo, e pendes,
Para o são tribunal, que ao longe assoma,
Eia, amigo, appellemos.

Tambem ha para nós posteridade,
Quando lá no sepulchro em cinzas soltos
Não podérmos cevar faminta inveja,
Calumnia devorante:

Os vindouros mortaes irão piedosos
Ler-nos na triste campa a historia triste,
Darão flores, oh Ponte, ás lyras nossas,
Pranto a nossos desastres.

9

Ao ex.mo snr. Luiz de Vasconcellos Sousa Veiga Caminha e Faro, etc.

Musa d'Elmano, que giraste afflicta
Por inhospitos mares,
Onde curtiste os sopros, que d'Eolo
Os rapidos ministros
Vibram das frias procellosas fauces;
Oh fiel companheira
De meus prazeres vãos, meus longos males,
Affinêmos a lyra
De lagrimas inuteis orvalhada;
A lyra maviosa
Que as roucas tempestades, côr do inferno,
E o raio pavoroso
Para longe de nós afugentara.
Se da torrida zona
Os barbaros e adustos moradores
Surdos, ferreos ouvidos
*

Para teus sons harmonicos tiveram;
    Se a loquaz Ignórancia
Sobre as margens auriferas do Ganges
    Co'um sorriso affrontoso
As vís espadas te voltou mil vezes;
    Se a vasta, a fertil China,
Fofa de imaginaria antiguidade,
    Pelo seu pingue seio
Te viu com lasso pé vagar mendigo;
    Se a mirrada Avareza
Aferrolhando os cofres prenhes d'ouro
    Lá onde o sol o géra
Foi mais dura que marmore a teus versos;
    Se até agora a Desgraça
D'espessa nevoa carregou teus dias,
    E qual a inseparavel,
Continua sombra, perseguiu teu passo;
    Eis a hora, eis a hora
Que o gran Jove remiu da turva serie
    Dos teus lugubres annos
Para principio da feliz mudança
    Que destina a teu fado.
Tu pois, de rubra côr tingindo a face
    Que as magoas desbotaram,
Tactêa, oh Musa minha, as tenues cordas:
    Olha a leda Esperança,
Universal thesouro; eil-a apontando
    Para a pomposa estancia

Do singular varão, do heróe sublime
Que as virtudes lauream.
Entremos pelo portico espaçoso,
Onde jaz a piedade
Prompta a dar acolheita aos infelices:
Eia, Musa, tentemos
Os marmoreos degraus... eia, subamos
Ao brilhante aposento
Do illustre Vasconcellos, cujo nome
De clima em clima a Fama
Por cem bocas aligera semêa:
Vasconcellos, que ainda
Na dilatada America opulenta
Pela intacta Justiça,
Pela terna Saudade é suspirado:
Vasconcellos, aquelle
Que de um sorriso, oh Musa, honrou teu canto
La na tepida margem
Do limpido Janeiro, que a cerulea
Gotejante cabeça
Tantas vezes alçou da vitrea gruta
Para urdir-lhe altos hymnos
Entre o côro das madidas Nereidas:
Vasconcellos, o grande,
O sabio, o justo, o bemfeitor, o amigo
Dos que a céga Fortuna
Com despotica mão na roda errante
A seu capricho agita,

A seu... porém que vejo! Excelso objecto,
    Veneravel semblante,
Heróe, prole de heróes, eu te saúdo,
    Como o pallido nauta
Que, descalços os pés, as mãos erguidas,
    Curvados os joelhos,
Perante o rei dos reis, o Deus dos deuses,
    Crebras graças lhe envia,
E sobre os sacros marmores do templo
    O roto pano estende,
Salvo das furias do terrivel Boreas!
    Eu te saúdo, oh alma
Que brilhas entre as mais, qual entre os astros
    A nocturna Diana,
Quando com plena luz o argenteo rosto
    Aos mortaes apresenta!
Senhor, teus olhos compassivo abaixa
    Para o languido objecto,
Que a má ventura te arremessa ás plantas.
    Em vão cancei téagora
Com ais o céo, com lagrimas a terra:
    O almo calor divino
O milagroso dom, que a raros cabe,
    Que do lobrego inferno
As ferreas portas horridas arromba
    E que das mãos a Dite
Rouba as Tenareas chaves, o igneo sceptro,
    Enternecendo as Furias,

Adormentando o cão de tres gargantas,
Já seu magico effeito
Não produz nos mortaes; de todos elles
Só tu, só tu me restas.
Ah! Punjam-te meus ais, meus ais te firam;
Doura, doura a pezada
Negra cadêa de meus tristes dias
Condemnados ao pranto,
Que poder contra ti não tem meu Fado.
Em magnificas mezas
Lautos festins o paladar cubice
Do voraz parasito:
A precisa, a saudavel temperança
Sacrificar deseje
Á perniciosa gula; anhele embora
Aureas taças fragrantes
Do italico falerno, e cyprio nectar:
Embora o bruto avaro
Vele junto do cheio, inutil cofre,
Do carcere precioso,
Onde tem sepultada a vã riqueza;
Nutra-lhe a fome insana,
Ceve-lhe os olhos o reflexo do ouro,
Seu idolo, seu tudo;
Que eu só quero, senhor, obter o asylo
Que dás aos desgraçados,
Que me deves tambem, pois tal me observas.
Do teu favor o escudo

Rechace os golpes, que me vibra o Fado;
Com força mais que humana,
Qual de Pallas a egide impenetravel,
Petrifique as sanhudas
Horrendas mãos da acerrima Desgraça,
Contra mim promptas sempre.
Das garras da Penuria desarreiga
O infeliz, que te invoca;
Se é possivel crescer teu vasto nome,
Só assim o accrescentas.

10

Á ex.ma snr.a D. Catharina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre, etc. (depois Viscondessa de Balsemão)

Consoladora de meus negros males,
Musa, que á sombra dos feraes cyprestes
Commigo entoas lacrimosas nenias,
Lugubres cantos:

Eia, deixemos uma vez, deixemos
O horrivel ermo, que arremeda o cahos,
E em cujas trevas apinhados guincham
Funebres mochos:

Eia, saiamos uma vez, saiamos
D'esta medonha habitação da noute;
Vamos um dia respirar serenos
Limpidos ares.

Mas não arranques da mirrada fronte,
Não, não arranques a funerea c'rôa,
Nem dispas essa lastimosa, antiga
Rustica veste.

Vamos carpindo, soluçando, oh Musa,
Aos venerandos majestosos lares,
Que o rubro Phebo co'as irmãs, e as Graças,
Candidas piza.

Segue meus passos; em logar das campas,
Em vez das portas do silencio eterno,
Hoje de illustre pavimento os lisos
Marmores toca:

Mas não te esqueça a lutuosa off'renda,
Que envolta em pranto consagraste ás cinzas,
E ás mil virtudes immortaes do luso
Principe excelso.

Alta heroina, singular Lencastre,
D'arida planta não rebentam flores,
Nem mestas aves agoureiras sabem
Cantico alegre.

Outros nas azas de melifluos hymnos
Doces prazeres pelos ares soltem;
Brandos Amores, deleitosas Graças,
Cantem-vos outros.

A luz primeira, que meus olhos viram,
Foi de phantasmas infernaes turbada;
Elles o berço me embalaram, dando
Horridos gritos:

As torvas Parcas me fadaram logo,
Negros agouros sobre mim caíram,
E de meu lado em terror voaram
Jubilo, e riso.

Tu pois, matrona, que no grau sublime,
Em que a Fortuna com seus dons te c'roa,
Mais da fecunda Natureza as grandes
Davidas prézas:

Tu, que passêas o Pierio cume,
Onde entre flores, que não murcha o tempo,
Aromatisa c'os effluvios d'ellas
Zephyro os ares:

Ouve propicia dissonantes versos,
Nas mudas trévas pela dôr creados;
Mais nada quero do favor celeste;
Ouve-me, e basta.

Se te deverem compassivo agrado
Os acres fructos da roaz Tristeza,
Que no chagado coração me crava
Lividos dentes:

Embora as bocas do profundo Averno
Milhões de furias contra mim vomitem:
Embora á porta de meu pobre asylo
Cerbero ladre.

Peito de bronze, coração de ferro,
Sempre á Desgraça mostrarei constante;
Nunca meu sangue gelarão teus sopros,
Frigido susto.

11

Á improvisa morte do ex.mo Principal Mascarenhas (D. Domingos d'Assis)

Offerecida ao ill.mo e rev.mo
Monsenhor José Pedro Hasse de Belem etc.

... Tuum Poenos etiam ingemuisse Leones
Interitum, montesque feri, Sylvaeque loquuntur.

VIRG. *Eclog.* V.

Canora Musa do culto Pindaro,
Que remontavas seu estro férvido
Sobre as purpureas azas
D'almos, fogosos extasis:

Longe os aromas, com que teu halito
Fecunda as mentes dos vates inclitos,
Que em altisono metro
Vão enrostar com Jupiter.

Desce a meus gritos só tu, Melpomene,
Só tu, que envolta no manto lugubre
A lastimosas scenas
Dás suspiros, dás lagrimas.

Desce a meus gritos, inspira, inspira-me
Queixosas nenias, funebres canticos;
Chorêmos a virtude
Nos horrores do tumulo.

Negra phalange de pragas horridas
Assalte o monstro voraz e indomito,
Que restitue ao nada
Os vãos humanos miseros.

Eia, imprequemos á morte livida,
Que nos abysmos em throno d'ebano
Preside á turma enorme
Das Furias, Hydras, Gorgonas:

Ella, a tyranna, d'estragos avida,
Toucada a grenha de crueis aspides,
Mordendo-se, ululando
Saíu do ardente bárathro;

D'estygios monstros maldicto sequito
Parte com ella; da terra as humidas
Pedregosas entranhas
Fende a caterva rabida.

Eis apparecem no mundo, e subito
Murcham-se as flores, seccam-se as arvores;
O sol pára enfiado,
Coalham-se as fontes lubricas.

Das igneas fauces maligno toxico
Solta nos ares o tropel improbo:
Cáem por terra arquejando
Envenenadas victimas.

Em torno os olhos a Morte pallida
Mil e mil vezes volve phrenetica,
E anniquilar deseja
A Natureza pavida.

Por entre a chusma de fieis subditos
Que o rodeavam, descobre a barbara
Excelso heróe, munido
De fresca edade florida:

Varão sublime, pio, magnifico,
Ramo de annosa planta fructifera,
    Sempre, oh sancta Virtude,
    Com teus orvalhos madida:

Varão eximio, que honrava a purpura,
Que as fofas azas do orgulho tumido
    Prendia, cerceava
    Com gésto brando, e placido.

Sciencia augusta, dos deuses dadiva,
Tu exornavas sua alma candida;
    Tu jámais o cegaste,
    Vã grandeza phantastica.

A vil, bilingue lisonja perfida
A seus ouvidos sempre foi aspera;
    Só lhe inflammava o peito
    A sã verdade lucida.

Á macillenta pobreza languida
Sempre incansavel sua mão próvida
    Arrancava as mordazes,
    As esfaimadas viboras.

De avós egregios o vasto numero
Só recordava para ser emulo
Da brilhante virtude
Que os fez na patria celebres.

Bom Mascarenhas! A morte horrifica,
Como invejando teu alto merito,
Corre, e crava em teu peito
A garra curva, e rispida.

Com riso horrivel, com impio jubilo
A fera escuta suspiros tremulos,
Que de mil almas voam
Aos grossos ares turbidos;

E c'os sequazes no feio Tartaro
Cáe a perversa; do baque horrisono
Espantadas as Furias,
Tremam, palpitam, erguem-se!

Tu entretanto, ditoso espirito,
Com os risonhos córos angelicos
N'um turbilhão de luzes
Sobes aos astros nitidos.

Eu, eu penetro co'a mente aligera
Os sacros muros do céo diaphano!
Lá vejo, sim, lá vejo
Aureo diadema ornando-te.

E inda carpimos, Hasse magnanimo!
Ah! não reguemos o surdo marmore
Do heróe, que em paz eterna
Logra a visão beatifica.

Troquem-se os choros em hymnos melicos,
Em ledos cantos as nenias funebres;
Desarreiguemos d'alma
A seva dôr anguifera.

Sim; adoremos calados, timidos,
O Deus terrivel, dos homens arbitro,
Que empunha, que arremessa
O raio horrendo, e rapido.

Tu, que professas virtudes sólidas,
Ah! não consintas, christão philosopho,
Que abale inutil magoa
Tua constancia rigida.

12

Ao snr. Ignacio da Costa Quintella

Official da Marinha e excellente poeta, achando-se prestes a seguir viagem

Impavido outra vez, Quintella egregio,
Vás pôr freio aos tufões, dar leis aos mares;
Do grande genio teu dobrar ao jugo
Carrancudas procellas.

Ruem por terra as emperradas portas
Das eólias, horrisonas masmorras,
Que de um fero encontrão, rugindo, arromba
A caterva dos Euros:

Sôa o duro estridor das azas negras,
Nuvens a nuvens subito se aggregam;
O pego se revolve, o céo gotêa
Tinto da côr do inferno:

*

Eis arde, serpeando entre os horrores
Da basta cerração, fulmineo lume;
Eis pezados trovões o polo atroam,
Os nautas ensurdecem.

Nos crespos escarcéos lá surge a morte,
Em montanhas d'espuma o lenho affronta;
Rasga celestes véos o aereo tópe,
Roça no averno a quilha:

Aos bravos furacões que não fraquejem
Grita o deus do tridente, e o deus do raio;
Nos eixos nuta o mundo á voz dos torvos
Irmãos omnipotentes:

Medrosa pallidez destinge as faces,
Sobpêa as forças, enregela o sangue;
Já sobre as azas do Terror convulso
Foge a murcha Esperança:

Em choroso fragor mil preces tentam
Voando amollecer de Jove as iras:
Sanhudos Turbilhões co'as amplas fauces
Os votos extraviam.

Sobranceiro ao pavor, Quintella em tanto
Contrastando os revoltos elementos,
Depois que exhaure, oh arte, em vãs industrias
Teus providos thesouros;

Pela undosa braveza ao vêr sem fructo
Subtis combinações, subtis segredos,
Recorre á sacra lyra, ao dom divino,
Dom fecundo de assombros.

Rebentam d'entre as ondas marulhosas
Namorados delphins; os ventos dormem,
Desassombra-se o polo, o mar se encurva
Á potente harmonia:

Ante o novo Arion, como encantados,
Surdem verdes Tritões do equoreo seio:
Assoma de Nerêo a ingenua prole,
Nos monstros escamosos.

Oh dadiva dos céos! oh lyra augusta!
Para o digno cantor, o eximio vate,
Não corre o tempo, não dimana o Lethes,
Não ha segunda morte.

13

A Instabilidade da Fortuna

(Escripto na prisão)

De serenos Favonios bafejada
Alveja no horisonte
Mansa Aurora, affagando a natureza;
Das libertas madeixas
Distilla sobre a terra humor benigno,
A planta vivifica,
Despe o tenro jasmim do calix tenro,
Ao Zephyro anhelante
De espinhoso botão desprende a rosa:
Aureas guias sustendo
Aos activos ginetes, Phebo assoma,
Bate a cerula estrada,
E estende pelos céos brilhante dia:
Eis terrenos vapores

Em miudas porções, que attráe, que eleva,
Aos puros ares sobem,
Unem-se pouco a pouco, avultam, giram,
A grata luz suffocam,
E em rapidos chuveiros se derretem.
Por entre varzeas ledas
Verdes colinas, florescentes prados,
O claro, o doce Tejo
Sussurra, ufano das arêas d'ouro,
D'alta vêa abundosa;
Mas quando mais audaz, mais amplo corre,
No salgado Oceano
Perde o sabor, o cabedal, e o nome.
Sobrepujando ás nuvens
Torre alterosa os seculos affronta;
Com rigido alicerce
Carrega, escora no profundo averno,
Qual do oppresso gigante
Peza nos hombros o estrellado Olympo:
Subito brama, estoura
Ar comprimido no interior da terra;
Desordena-se a base,
A assombrosa Babel se desconjunta:
Sôa a terrivel queda,
N'um baque se desfaz o ingente orgulho.
Crespo, enorme rochedo
Rebate as vagas, que a tragal-o investem;
Ronca de injuriado

O pélago arrogante, as furias dobra,
 Multiplica os assaltos,
Recrescem ondas, e o penedo illeso.
 N'isto do seio escuro
Da procellosa nuvem rebentando
 Ignéa frecha seguida,
Do horrisono trovão dá sobre a rocha,
 Em pedaços a espalha
O que não pôde o mar lá póde o raio.
 A temorosa fronte
De bravos esquadrões, ardendo em sanha,
 Qual tu, numen da guerra,
Phrenetico mortal insulta a morte:
 Por entre espessa chuva
De férvidos pelouros, que sibilam,
 Corre, vozêa, ataca,
Rompe, abate, destróe, e emfim triumpha.
 Eil-o em carro pomposo.
Tirado por miserrimos despojos
 Da sanguenta victoria,
Por seus eguaes, que afflictos, presos, curvos
 Ao jugo vergonhoso
No pó, no pejo envoltos suam, gemem.
 Lá volve ao duro officio
O flagello, o terror da humanidade;
 D'ante mão se gloría
Dos novos louros, que já crê que apalpa;
 Engana-se o perverso;

A Ventura cançou de honrar-lhe os crimes.
Lá se atêa o conflicto,
O barbaro guerreiro arqueja, e ferve,
Contra as armas adversas
Punge o bruto veloz, que hardido escuma.
Assassino adornado
Do titulo de heróe, não vês, não sentes
Os ministros da Morte,
Os horridos phantasmas, que te seguem?
Lá o assalta, o rodêa
Raivosa turba hostil, pezados golpes
Chovem sobre o tyranno;
Lida em vão, perde o ferro, em rubro lago
Se revolve na terra:
Exulta, Natureza, o monstro expira!
Nada tem permanencia,
Caprichos da Fortuna alteram tudo.
Musas inspiradoras,
Graças mimosas, candidos Amores,
Almo prazer me deram;
Fitos em Nize o coração, e os olhos,
N'um extasis suave
Puz em dôce alliança a voz e a lyra;
Da famosa Ulysséa
Os córvos atterrei, fui grato aos cysnes:
Hoje, sumido á gente,
Á luz vedado, em carcere medonho,
Nem parece que existo.

Réo me publica opinião potente,
Triste labéo me afeia;
Perdi a minha Nize, a gloria minha,
A minha liberdade:
Remotos estes bens, que bem me resta?
O maior;—à constancia!

PERIODO DE DESALENTO E MORTE

(1798 a 1805)

14

Á Fortuna

Céga Fortuna, embora a teus altares
Curve o profano avaro seus joelhos;
Queime o rico os incensos, que da Arabia
    O luxo conduzira.

Um insensato amante te respeite,
Por frustrar os cuidados de um páe cauto,
E talvez com horror da Natureza
    Cevar vís appetites.

E quantos sem justiça conseguiram
As bandas, os bastões, as brancas varas,
Sem varrer muitas vezes podres bancos
    De suberbos ministros:

Chamem-te uns numen grato, outros benigno;
Este luz dos mortaes, divina aquelle;
Á maneira da céga antiguidade
    Outros te rendam cultos.

Talvez... Eu tremo!... Céos! Que horrendo crime!
Tu vês em teu obsequio adoradores
Sacrilegos voltando as impias costas
    Á sabia Providencia.

Eu não pendo de ti; eu não conheço
Outras leis, que as do Numen que governa
De cima das estrellas todo o orbe
    Omnipotente e sabio.

Se a pobre a importuna me persegue
Desde o berço talvez á sepultura;
Se a feia enfermidade estende as azas
    E em mim o golpe acerta:

Se a morte, a negra morte, vem roubar-me
A minha protecção, e o meu asylo;
Ou arranca da terra os páes mais ternos,
    Primor da natureza:

A fome, a orphandade, os mais trabalhos
Reconheço por dons da divindade;
Beijo a sagrada mão, que assim me fere,
Respeito seus decretos.

Imprecações não tenho, nem queixumes
Contra quem como pae, quando castiga,
Deixa logo entrever terna bondade
Que o pranto nos enxúga.

Quando tens inspirado tal constancia
A esses teus heróes, heróes fingidos,
Que tremem de pavor ao fraco vôo
D'uma ave carniceira?

Das rezes as entranhas denegridas,
De um galo a forte voz, o menor caso,
Inda o mais natural os amedronta;
É isto heroicidade?

O crime lhes dirige ousados passos;
Lhes inspira as emprezas atrevidas,
Que fizeram calar a terra toda
Á sua feroz vista.

Phrenetica ambição devora Cesar;
Um amor sensual o grande Antonio;
Importuna cubiça um Alexandre;
    Eis os teus favoritos.

Foje, foge, Fortuna; deixa embora
Co'a misera indigencia ande luctando;
Essas tuas vantagens não as quero,
    Não quero teus favores.

Procura adoradores; eu não rendo
A numens estrangeiros culto impuro;
Á sancta Providencia a cerviz curvo
    Com humilde respeito.

Se ella pobre me quer, eu me conformo
Com o sancto querer, que assim o manda:
Da amavel paciencia revestido
    Os seus golpes recebo.

Por isto não trocára palmas, louros,
Que os campões adornam triumphantes;
Triumpho de mim mesmo: esta a victoria
    Que a fama cantar deve.

15

A Sanctissima Virgem a Senhora da Encarnação

Acatamento em si e audacia unindo,
Sobre o jus de immortal firmando os vôos,
A impavida Razão, celeste effluvio,
    Se eleva, se arrebata.
Por entre immensa noute e dia immenso
(Mercê do conductor, da Fé, que a anima)
Sobe de céos em céos, alcança ao longe
O gran Principio dos principios todos.

Além do firmamento, além do espaço
Que, por lei summa, franqueara o seio
A mundos sem medida, a sóes sem conto,
    Immovel throno assoma:
De um lado e de outro lado é todo estrellas;
Vence ao diamante a consistencia, o lume;
Absortos cortezãos o incensam curvos,
Tem por base, e docel a eternidade.

Luz, de reflexos tres, inextinguivel,
Luz, que existe de si, luz de que emanam
A natureza, a vida, o fado, a gloria,
D'ali reparte aos entes
Altas virtudes, sentimento augusto;
Aos entes, que na terra extraviados,
Das rebeldes paixões entre o tumulto
Ao grito do remorso param, tremem.

Filho do Nada! Um Deus te vê, te escuta!
Seus olhos immortaes do empyreo cume
(Aos teus immensidade, aos d'elle um ponto)
Attentaram teus dias,
Teus dias côr da morte, ou côr do inferno;
D'alma em alma grassando a peste avita;
Halito de serpente enorme, infesta,
Da primeva innocencia a flôr crestára:

Aos dous (como elle) do Universo origem
Diz o Nume em si mesmo:—«O praso é vindo;
Cumpra-se quanto em nós disposto havemos.»
Eis o Espirito excelso,
Radiosa emanação do Pae, do Filho,
Mystica pomba de pureza ethérea,
Á donzella Iduméa inclina os vôos,
Pousa, bafeja, e divinisa o puro.

Tu, Verbo, sobrevens; aerea flamma
Com tanta rapidez não sulca o pólo!
Eis alteado o grau da humanidade;
Eis fecunda uma virgem:
A redempção começa, o Deus é homem.
Da graça, da innocencia, oh paz, oh risos,
Do céo vos deslizaes, volveis ao mundo!
Caí, torres de horror, trophéos do Averno!

Que estrondo!... Que tropel!... Ao negro abysmo
Que desesperação revolve o bojo!...
Para aqui, para ali por entre Furias
O sacrilego monstro,
O rabido Satan em vão blasphema.
Lá quer de novo arremetter ao mundo;
Mas vê rapidamente afferrolhado
O tartareo portão com chave eterna.

Em quanto brama, arqueja, em quanto o fero
Morde, remorde as mãos, e a bôca horrenda
(As espumas veneno, os olhos brazas)
Mulher divina exulta;
Celestial penhor, que os anjos cantam,
Que as estrellas, que o sol, que os céos adoram,
Virgem submissa, mereceu na terra
Circumscrever em si do empyreo a gloria.

Salvè, oh! salvè, immortal, serena diva,
Do Nume occulto incombustivel sarça,
Rosa de Jericó por Deus disposta!
      Flor, ante quem se humilham
Os cedros, de que o Libano alardêa!
Ah! no teu gremio puro amima os votos
Aos mortaes de que és mãe: seu pranto enxugue,
Seus males abonance um teu sorriso.

16

Aos Amigos

(Imitada de uns versos de Mr. Parny)

Jazem desfeitos meus penosos ferros,
Socios fieis, eis volto
Liberto de afflicções aos vossos braços.
Oh serena amisade!
Tu prestas mais que Amor; seus vãos favores
São caros, são custosos;
Já, já lhes disse adeus, e lhes prefiro
O nectar, que roxêa
Em honra de Lyêo nos vitreos copos:
Elle me extráe, me apaga
A memoria tenaz de acerbos males.
Eia, amigos, libemos
Almo, rubro liquor, que gera os risos
Os festivaes gracejos,
Que espanca o frouxo medo, o pejo inerte,
E as Musas desafia,
E esperta o sangue ao ancião rugoso.
Dos prazeres da terra

É este o só prazer extreme, e puro;
    É de todos os tempos:
Elle da perda de gentis ingratas
    Nos consola, e nos vinga.
Elle... Ah! Triste de mim! Como é difficil
    Affectar alegria
No seio da afflicção!... Como é forçado
    E sem-sabor o riso,
Se o pranto da tristeza acode aos olhos!
    Não mais, oh taça inutil,
Liquor infructuoso, ah! longe, longe:
    E tu, séria Amisade,
São, divino prazer, tu só não podes
    Contentar meus desejos.
Ao tropel das paixões, que luctam n'alma,
    Debalde impõe silencio
As vozes da Razão, e as vozes tuas.
    Ai de mim! Tu lamentas,
Choras os males meus, e a ti cumpria
    Acautelar meus males.
Quando me vês caído, a mão me off'reces,
    A mão, que funda chaga
Em vez de m'a curar, tentêa, assanha.
    Vae-te, não me allumies;
As luzes da verdade Amor não soffre:
    Quer Amor que eu me illuda,
Que, surdo á voz do Desengano austero,
    Que, desmentindo os olhos,

Engane o pensamento em mil chiméras:
    Que, dos ferros curvado,
Cante os prazeres, cante a liberdade;
    Que em suave transporte
Mil sombras vãs na phantasia abrace;
    Que imagine venturas
Entre as garras de asperrimos desgostos.
    Virão, virão remir-me
Do captiveiro antigo esses momentos
    Em que os mortaes acordam
De um profundo lethargo, em que sevéra
    Na escuridão do engano
A próvida Razão menêa o facho,
    E em que aos olhos já claros
Vôa, desapparece o falso encanto,
    O sonho dos amores.
Tu, Tempo estragador, batendo as azas
    Arrebatas comtigo
As nossas propensões, os gostos nossos:
    Tu has de melhorar-me,
Tu has de rematar minhas cegueiras.
    Então, fieis amigos,
Rotos os ferros, sacudido o jugo,
    O coração d'Elmano
Tornará para vós, será qual fora,
    Se o permittisse Armia.
Sobre a vossa exp'riencia então firmada
    Minha usual fraqueza

Talvez cobre vigor, talvez evite
O regresso damnoso,
A fatal sensação de vãos prazeres.
Vós me vereis, comtudo,
Volver para as paixões da fresca edade
Olhos humedecidos;
Gemer a meu pezar, corar de pejo
Co'a teimosa lembrança
Dos delirios de Amor; — e envergonhado
Ter-lhe ainda saudades.

17

Ao Ex.mo Snr. José de Seabra da Silva

Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, etc.

Do Lacio portentoso e d'alta Grecia,
Tenaz memoria minha,
Os fastos, os annaes em vão revolves:
Em vão me representas
Socrates devorando entre os alumnos
A venefica planta
Com repousado aspecto imperturbavel:
Além Regulo entregue
A raivas brutas da feroz Carthago,
Dando em longos tormentos
Á natureza horror, trabalho á morte:
Aqui o estoico invicto,
O rispido Catão, brandindo o ferro,
Lacerando as entranhas,
Na gloria abstracto de morrer com Roma.
Que presta ao mal o exemplo?
Reflectir, e soffrer, quanto differem!
Por haver desgraçados

Sou menos infeliz, sou menos triste?
    E se o sabio d'Athenas,
O oraculo moral, ao termo infausto
    Volveu olhos tranquillos;
Se avêsso a Cesar o Uticense austero
    Suffocou agras dores
No ardor, na furia, na aversão, no orgulho,
    Ou talvez na virtude;
Se em garras de leões com visos de homens
    Transpoz a humanidade
O aprisionado heróe no atroz supplicio;
    Todos, ah! todos viam
D'entre o ponto mortal surgir-lhe a fama:
    Em padrão venerando
Dar-lhe eterno caracter, nome eterno.
    Á sã posteridade
Ouviam d'ante-mão denominal-os
    Martyres da calumnia,
Alvos da inveja, victimas da patria.
    A mim, desventurado,
N'um carcere cruel envolto em sombras;
    A mim, curvo, abatido
Ao pezo do grilhão, da injuria ao pezo,
    Ente vulgar, inutil,
De mil tribulações, que recompensa,
    Que futuro me resta?
A Desesperação meus fados cinge
    A meu peito afanoso;

Eis férvido tição, roubado ás Furias,
    Arremessa ululando;
Eis... mas céos! Que visão! Que luz! Que assombro!
    Candida imagem leda
Me abala o coração, me encanta os olhos!...
    És chiméra, ou deidade,
Socia dos numes, ou ficção da idéa,
    Tu, que benigno raio
Derramas n'este horror, n'esta amargoso
    Domicilio dos males?...
Ah! Tens ethereo ser, em ti rutila
    O reflexo de Jove!
Mas dignas-te de vir ao triste seio
    De medrosa masmorra?...
Habitantes do céo brilhar no abysmo!...
    Attraíu, por ventura,
Encaminhou talvez aqui teu vôo
    O não-raro accidente
De estar sem crime habitação de crimes?
    Tu vês, ente celeste,
Tu vês meu coração: não é perjuro,
    Não cruel, não ingrato.
Ama o dever, a probidade, a honra,
    Dá hymnos á virtude,
Aos altares incenso, aos solios culto...
    Ah! Que doces lembranças
Teu ar approvador me accorda n'alma?
    Das trevas o costume

Quanto me confundia a vista escassa?
Já outr'ora a meus olhos
Tua face luziu, já foste outr'ora
Meu refugio, meu nume.
Sancta Beneficencia! És tu, que afagas
A desventura minha,
Da desesperação tu vens salvar-me
Co'a ridente esperança,
Thesouro d'infelizes, dom do eterno!
Ah! Tu, que em mim restauras
A massiça constancia, o ferreo escudo
Contra os golpes do Fado,
Meu numen tutelar, não dês ao Tempo,
Azo não dês aos males
De aviltar-me outra vez, de unir-me á terra
A descaída fronte;
Em beneficio meu de mim te aparta,
Grato logar demanda,
Logar digno de ti, sagrada estancia
Do perfeito heroismo,
Da gloria, que não é romper muralhas,
Tragar a natureza,
Ou nutrir illusões, dar vulto ao nada:
Mas em jugo macio
Docemente prender geral vontade;
Idear que prospere
Mais o publico bem, que o bem privado;
De aureo, sacro volume,

Volume da Razão, que luz no throno,
Transcrever puramente
Leis amigas do céo, do mundo amigas.
No logar, que te aponto,
Conheces, deusa, de Seabra os lares;
Seu louvor no seu nome,
Na gloria, que descrevo, a gloria sua.
Ao penetral brilhante
Onde os influxos teus dos astros descem,
Leva o quadro funesto
Das minhas oppressões, dos meus desastres;
Roça com elle o peito
Do preclaro varão, que afflicto invoco:
Deploraveis objectos
N'alma piedosa o sentimento apuram:
Sejam, sejam remidos
Pela dextra efficaz do heróe prestante
Meu prazer, meu repouso,
A mente, a liberdade, a luz e a vida
N'este horror suffocadas.

18

Ao mesmo senhor, no dia dos seus annos

A séria, imparcial Philosophia
Tambem louvores tece,
Tambem canta de heróes, oh Musa, o nome:
Se com ar carrancudo,
Se com terrivel cenho os olhos lança
Ao monstro fraudulento,
Ao segundo Protheo, que se insinúa
Nos sumptuosos paços,
Que mil figuras faz, mil côres toma
Do Tempo, e da Fortuna,
Os erros abrilhanta, os vicios doura;
Á turgida Opulencia
Queima em profano altar venaes aromas,
E adora, applaude os crimes,
Quando os crimes protege a varia deusa,
Em quanto á mingua morre
No vil tugurio o merito esquecido;
Se a lisonja abominas,

A lisonja fallaz, abjecta escrava;
Se maldições tremendas
Sobre a curva cerviz lhe descarregas;
Se invocas em seu damno
O mar, a terra, os céos, o inferno, o raio:
Hoje, no gremio puro
De sãos prazeres, desenruga a testa,
Rende culto á verdade,
De sublime varão remonta os vivas
Ao polo rutilante.
Politica feroz, que sempre armada
De barbaros pretextos,
Á morte horrenda em lugubre theatro
Dás victimas sem conto,
Apoucas, e destróes a humanidade,
Affectando mantel-a;
Negro, voraz dragão, que as honras tragas,
Herança da virtude,
Do gran saber, dos inclitos suores
Do heróe laborioso:
E tu, Furia peor que as Furias todas,
Surda, immota, insensivel
Do assanhado Remorso á voz, e ás garras,
Que o digno, o sabio, o justo
Defraudas a sabor de vãos caprichos,
E os teus dons amontôas
No ocioso, no mau, no vil, no inerte:
Paixões abominosas,

Fonte da corrupção na especie humana,
Vós nunca envenenastes
O coração do heróe, que me affoguêa,
Que me estimula a mente,
A mente, onde revolvo altos mysterios
Transcendentes ao vulgo:
O coração do heróe, que entrego á fama,
É o altar da Virtude.
Vós, serpes, com medroso acatamento,
Vós lhe fugís de rojo,
E enroscadas no chão silvaes ao longe:
Ao longe alaga a terra
Peçonha, que das fauces vos trasborda,
Em tanto que assombradas
Do padrão, que á Virtude em verso erijo,
Este clima, estes ares
Damnaes, ennegreceis com torpe alento,
A Verdade os serene,
A Verdade os apure, em hymnos sôlta.
Sim, tu, filha do Olympo,
De meus cultos fieis idolo augusto,
No dourado momento
Em que alto dom dos céos a terra obteve,
Em que Seabra excelso
Honrou com seu natal a humanidade,
Vôa, vôa, exultante
Á leda habitação do heróe benigno;
Vae rever-te em seu rosto,

E audaz, e tal como és, sem véo, sem arte
    Nas mãos lhe deposita,
Nas mãos propicias o espontaneo voto.
    Tu, perspicáz Astucia,
Só do baixo interesse a lingua sabes,
    Dizes o que não sentes:
As vozes, que o philosopho profere,
    Só a Razão dirige.

19

Ao mesmo Senhor

Phantasmas do Terror, socios funestos
Do queixoso Infortunio,
Tristes combinações, verdugos d'alma,
Já não sois meus tyrannos.
Descei, filhas do céo, tornae-me a lyra,
Tornae-me o dom sagrado;
Meus dedos, quasi inertes de ociosos,
Pelos canoros fios
C'os apollineos sons de novo atinem,
Achem de novo a gloria.
Celeste viração, que a mente humana
Fecundas, purificas,
Estro brilhante, creador dos hymnos,
Dissipa imagens turvas,
D'agra tristeza desvanece o rasto
No espirito do vate,
Á sombra dos altares acolhido.
A estridula corrente,

O pezo infamador aqui não sôa;
Aqui não sôam magoas
Da vexada Innocencia lamentosa,
Nem do Crime opprimido
Atroz blasphemia desafia o raio.
Aqui reina a Virtude,
A fagueira Piedade acode ao pranto,
Tempéra a desventura.
Mais do que em todos, n'este asylo augusto
Como que estás soprando
Oh pura, salutar, vivificante
Respiração de Jove!
Já da semente, que affogavam medos,
Surgem fructos viçosos,
Em que os heróes a eternidade gostam;
D'alma rebentam versos,
Versos, que vão luzir, votiva offrenda,
Da Gratidão nas aras.
Tu, Seabra immortal, meu canto acolhe,
Como os ais me acolheste;
Constrangendo a modestia, annue ao voto.
No idioma de Phebo
Dá que em teus vivas minha voz se inflamme;
Que das Musas o alumno
Grato aos influxos da clemencia tua,
A teu caracter grande
Padrões erija, que não róe a edade.
Horas ha portentosas,

Em que da vil materia desatado,
Sem que o desligue a morte,
Além da natureza adeja o vate:
De encarar no vindouro
O dom foi aggregado ao estro santo;
Para os filhos de Apollo
Privilegios não tem, nem véos, nem sombras
O immutavel Destino.
N'um igneo turbilhão correndo a mente
Aos penetraes eternos,
Em laminas de bronze olhei teus fados
Com mudo acatamento.
Dado me foi tambem colher futuros
Para amaveis penhores
De que o doce Hymenêo te fez mimoso.
É da Sorte decreto
Que as vergonteas gentis vicejem tanto,
Como a planta, que as nutre:
Em não remota edade ornando a patria,
Na fama reluzindo,
Heróes produzirão, que heróes produzam.
Não se hallucinam vates;
Mil glorias te hei previsto á clara estirpe!
Brilhará, como brilhas,
E de egual permanencia estão fadados
O universo, e teu nome.

20

Aos annos da Illustrissima e Excellentissima Senhora

D. Anna Felicia Coutinho Pereira de Sousa Tavares de Horta Amado e Cerveira, etc., etc.

Seculos d'ouro, luminosa edade,
De inculpaveis costumes,
Eras, em que a folgada humanidade
Apenas tinha que invejar aos numes:
Epocha da innocencia, e da alegria,
Oh tempo augusto, e sancto!
De vós ao menos inda existe um dia,
Dia adoravel, que em meus versos canto.

Quando recente o sol caíu na esphera
Cristalina e serena,
Bordou co'a mão subtil da primavera
Ao tenro mundo a superficie amena:
Do gremio creador surgiram flores,
Flores, que não murchavam,
E incessantes Favonios brincadores
Aligeros perfumes lhe roubavam.
*

O dom da grata Ceres tremulando
Sem arte enlourecia;
As ondas perguiçosas desdobrando
Sobre a declive arêa o mar se ria:
De aprazivel matiz até viçosos
Eram penedos broncos,
E estavam dos carvalhos alterosos
Mel espontaneo destillando os troncos.

Delicias da priméva natureza,
Hoje volveis á terra:
O riso, a gloria, o jubilo, a pureza
De tantos dias um só dia encerra.
Mas em honra de quem, mas porque indulto
Gosam d'elle os humanos?
Que deus, oh Musas, lhe baldou o insulto
Do monstro enorme, tragador dos annos?

Jove lançando a vista illimitada
Ao globo pervertido,
Á terra por mil vicios profanada,
Se esquece de que é deus, solta um gemido:
Turvam-se os astros, mas em fim serenos
Lhe ouvem com ar jocundo:
« Um dia venturoso, um dia ao menos
Dos dias que perdeu console o mundo.

Eis nos archivos, que resguarda o Fado
Co'a chave diamantina,
Aureos futuros em montão sagrado
Revolve providente a mão divina:
Um d'elles, que transcende a luz phebéa,
Dos mais desembaraça,
E á grande, illustre, e magestosa idéa
D'alta heroina alto destino enlaça.

«A ti, clara porção do ethereo lume,
Espirito formoso,
A ti se deve (pronuncia o nume)
Deposito condigno, excelso, honroso.
Nas plumas d'alvos genios fulgurantes
Risonho ao mundo vôa;
Sê prole eximia de varões prestantes,
Onde o vitreo Mondego alegre sôa.

«Esmalte dos magnanimos Coutinhos,
Dos teus progenitores,
Has de attrahir os paternaes carinhos
Ao iman de teus dons encantadores.
Uma alma, como tu, candida, e bella,
Devo alliar comtigo;
E o mundo gosará por ti, por ella,
A virtude exemplar do tempo antigo.

«Aquelle a que te unir propicia estrella,
Será da patria Atlante;
Irá suster-lhe o pezo, irá mantel-a
No hombro jámais cançado, ou vacillante:
Elle origem será, será o exemplo,
A luz d'heróes preclaros;
Seu nome se ouvirá no eterno templo,
Templo difficil, a que sobem raros.

«Asylo do infortunio, e da innocencia,
Seabra generoso,
Requintando efficaz beneficencia,
O mais triste mortal fará ditoso:
A vate oppresso da calumnia infida
Dará prompta victoria;
Ha de restituil-o ao mundo, á vida,
Ao gosto, á liberdade, á paz, á gloria.

«Genios brilhantes, que cingis meu solio,
Velae no par sublime:
Virtude, qual não virá o Capitolio,
Frouxas virtudes pelo exemplo anime:
Além dos patrios céos abra caminho
O esplendor, que derrama;
Do gran Seabra, da immortal Coutinho
Sejam cantores a Verdade, e a Fama.»

Assim vociferou na estancia augusta
O monarcha superno,
E entretanto do Fado a mão robusta
O decreto lavrou no livro eterno:
Eis que dos tempos d'ouro adormecidos
Pura extracção desvia,
E os céos se ensuberbecem, guarnecidos
Do ameno, desusado, amavel dia.

Um vate que dirá, depois de um nume?
De ti qual digno canto?
Grande, estremado objecto, em vão presume
Voz, que não fôr celeste, honrar-se tanto.
Temor, que a lyra audaz de mim remove,
É respeito, é decoro:
Interprete fiel da voz de Jove
Tuas virtudes em silencio adoro.

21

A Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio)

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos:
Filinto, o gran cantor, prezou meus versos.
Sobre a margem feliz do rio ovante,
D'onde, arrancando omnipotencia aos Fados,
Universal terror vibrando em raios,
Impoz tropel d'heróes silencio ao globo,
O immortal corypheô dos cysnes lusos
Na voz da lyra eterna alçou meu nome.
Adejae, versos meus, ao Sena ufano
D'altos, fastosos, marciaes portentos:
E ganhando amplo vôo apoz Filinto,
Pousae na eternidade em torno a Jove.
Eis os tempos, a inveja, a morte, o Lethes
Da mente, que os temeu, desapparecem:
Fadou-me o gran Filinto um vate, um numen;
Zoilos! Tremei! — Posteridade! És minha.

22

Á celebre actriz e cantora veneziana Elisabetha Gafforini

Son charme s'insinue au fond de notre coeur.

Vós, que o campo sulcaes das niveas Ursas,
Vós, incolas da Aurora,
Moradores dos plagas de Colombo,
Moradores da Lybia,
Voae, voae do luso ao vasto emporio,
E aos pés de Gafforini
Derramae de Panchaia essencias pias.
N'essa torreada estancia
Das vagas adriaticas cingida,
Onde Eridano rende
Humilde vassallage ao deus equoreo,
Desde os primeiros dias
Thalia lhe embalou o tenro berço,
E nas mimosas plantas
Benigna lhe ajustou comicos soccos.
As semi-nuas Graças,

Os Prazeres, os Risos, os Amores
Por ordem de Erycina
Foram da sua infancia os socios fidos;
E no bicorneo monte
O dulcisono filho de Latona
Entre as celsas Camenas
Um throno lhe prepara auri-fulgente,
Onde esta semi-deusa
Deixando a terra collocar-se deve:
Mas aos applausos nossos
Não roubes, Gafforini, teus encantos,
E desdenhando altiva
O que te aguarda laureado solio,
Aos teus fulgidos olhos
Sejam mais grato solio os nossos peitos.
Manda n'este planeta;
Tu podes com teu canto endeusal-o,
E o solo, que trilhares,
Será rival do bipartido cume.
Satelite de Marte,
Que desolando o globo, o globo cruzas,
Ante a recente Musa
Depõe curvado o crepitante raio,
E sua voz ouvindo
Derrama o pranto, que arrancaste ousado
Dos rendidos castellos.
A Omphale imitando, Omphale nova,
Rebata Gafforini

Do herculeo punho a formidavel clava,
 Que das alvas paredes
Do templo do Renome suspendida,
 Deve attestar aos evos
Que uma nympha pizou os ferreos dardos
 Da punica Bellona.
Virão alumnos da pieria eschola
 Que em grandiloquo metro
Difundirão no mundo estupefacto:
 «Uma rival do Pindo;
Pizando os pavimentos de Thalia,
 Encheu de assombro outr'ora
No Olympo os immortaes, na terra os homens
 Com seu molle sorriso
O bronzeo misanthropo exultou, ria;
 Com seus méstos suspiros
No peito os corações se espedaçavam;
 E os ditosos, que a viam,
Do resto do universo se esqueciam.
 Ella manejou destra
As dos affectos complicadas molas,
 E, sem que vacillasse,
Largando as serpes da sanguenta Alecto,
 Nos vergeis de Cythéra
Co'as aljavas d'Amor meiga brincava.» —
 Dirão; e os meus vindouros
Lhe hão de erigir altares sobre altares.
 Dizes, inflado argivo,

Que o Hemo se abalava á voz do Thracio,
E não sabes que o Hemo,
E a massa ingente do suberbo Atlante,
Se Gafforini vissem
Extaticos seus passos seguiriam?
Ah! Ouve, ouve a sentença
Que roubei dos archivos do Destino:
— Morrerão teus heróes,
Tu mesma morrerás, vaidosa Grecia;
Mas esta italiana
Seus fogos, e seu nome eternizando,
Ha de embotar o gume
Da cortadoura fouce das edades.

23

Ao senhor Nuno Alvares Pereira Pato Moniz

Carminibus quaero miserarum oblivia rerum.
Ovid.

Já meu estro, Moniz, apenas solta
　　Desmaiadas faiscas,
Em que as frouxas idéas mal se aquecem;
　　Elmano do que ha sido
Qual no gésto desdiz, desdiz na mente:
　　Diastole tardia
Já da fonte vital me esparge a custo
　　O liquor circulante,
Que é rosa entre os jasmins de virgem face;
　　Que outr'ora esperto, accezo
De sancta agitação, de ardor sagrado,
　　No cerebro em tumulto
(Estancia então de um deus!) me borbulhava.
　　Respiração divina,
Enthusiasmo augusto, alma do vate!
　　Que rapidos portentos

Portentos em tropel, não déste á Fama,
    Não déste á Natureza,
Á Patria, ao Mundo, a Amor na voz d'Elmano!
    Ora aplanando os sulcos
Com que a saturnia mão semblantes lavra,
    A Razão pensadora
Erguia aos graves sons o grave aspecto;
    Ora, ao vêr-se anteposto
Por deleitosa insania, a ella, a tudo,
    O grato, cyprio numen
Fadava docemente o doce canto
    No coração de Analia.
Oh extasi, oh relampagos da gloria!
    Faustos momentos de ouro,
Com que meu grau comprei na eternidade!
    Do tempo meu voando,
Do tempo, que annuviam negros males,
    Brilhaes ainda em minh'alma,
Entre sombrias, aridas idéas,
    Qual entre aves escuras
(Orgãos do agouro, interpretes da morte)
    Requebros arrulando
Das aves de Cythera o côro alveja!...
    Mas ah, saudosos dias,
Vós sois memoria só, não sois influxo!
    Não me reluz comvosco
O espirito, abysmado em fundas trevas,
    Com gasto, debil fio

Preso á materia vil, que ralam dores!
    Ante meus olhos tristes
(Que já d'amiga luz se despediram)
    Sáe da eterna voragem
Vapor funereo, que exhalaes, oh Fados!
    Eis meu termo negreja,
Eis no marco fatal meu fim terreno!...
    Mas surgirei nos astros
Para nunca morrer; com riso impune
    Lá zombarei da Sorte.
Moniz, oh puro amigo! Oh socio, oh parte
    Do já ditoso Elmano!
Ás Musas, como a mim suave, e caro!
    De lagrimas e flores
Honra-me a cinza, o tumulo me adorna.
    Não só longa amisade,
Novo, sacro dever te exige extremos:
    Da lyra minha herdeiro
Meu nume Phebo, e teu, te constitue;
    Phebo apoz mim te augura
Vasto renome, que sobeje aos evos:
    (É dos annos vantagem,
Não vantagem do engenho a precedencia)
    Teu metro magestoso
Que, já todo fulgor, zoilos deslumbra,
    Teu metro scintillante
Das Virtudes mimoso, acceito ás Graças,
    Turvem saudades: canta

Alguma vez d'Elmano, e chora-o sempre,
E Amor, e Analia o chorem:
Amor, e Analia, meus piedosos numes,
Sem mim, por mim suspirem.

24

Ao Ill.mo e Ex.mo Snr. Luiz Pinto de Sousa Coutinho

Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, etc.

Inculto habitador das agras serras,
  Que mal de avena humilde
Sabe os sons extrair, insinuados
  Da simples natureza;
Voz apenas capaz de urdir louvores
  Aos olhos, ás madeixas
De candida pastora inculta e bella,
  Hoje, alteando o vôo,
Ousará dos heroes tentar o applauso?
  Lançarei destemido
Á lyra do thebano a dextra inerte?
  Onde o fogo divino?
Onde a phrase dos deuses? Onde a força,
  A mente, a melodia?
Da temeraria empreza, oh vasta idéa,
  Não me retens o impulso?
Não; dous numes em mim, dous numes fervem,
  Me inspiram, me arrebatam,

Sancto Amor da Verdade, Amor da Patria!
Vós sereis minhas Musas,
Vós estro me dareis, que eleve aos astros
De Sousa o grande nome!
Seus meritos sublimes, portentosos,
Na acceza phantasia
Em confusão brilhante me fiammejam,
Como no polo immenso
De aureos luzeiros multidão lustrosa.
Qual cantarei primeiro?
Qual deve preceder aos mil, que o cercam?
Vós Artes, vós Sciencias,
Que a subtil percepção lhe alumiastes
Nos florescentes dias,
Em que a chusma dos frivolos prazeres
Distráe almas vulgares
Da sisuda attenção, que exige Athenas,
Quando o lycêo franquêa?
Mas não: bem que vos amo, a vós prefiro
Mais attractivo objecto.
Alta fidelidade ás leis, ao throno,
Magestosas virtudes,
Que do meu claro heroe fulgis no peito,
Vós acolhei meus hymnos.
Nobre corporação, proficua turma,
Corações denodados,
Viventes muros da benigna patria,
Que arrostaes invenciveis

O horror, a chamma, o ferro, a morte, a gloria,
Vós ajudae meus vivas,
Honrada gratidão vos dobre a fama:
O espirito fulgente,
O genio tutelar, que em Lysia véla,
Que insignes dons confere,
Gran ministro de Jove, a povos gratos,
Com celestes influxos,
Invisivel reside a par de Sousa;
A mente lhe bafeja,
Arduas combinações lhe induz, lhe aplana;
Politica suprema,
Onde a sagacidade abrange a honra,
Lhe ministra, lhe apura:
N'um quadro luminoso o bem da patria
Lhe conserva ante os olhos,
Olhos, que travam do futuro esquivo:
De horrisonas procellas
De rijos aquilões, que perto assomam,
Que rugem, que ameaçam,
Communs estragos, publicos desastres;
Contra a temivel sanha
Lhe inspira as artes, o vigor, que a domam.
Já do fatal negrume
O céo de Lusitania as sombras despe;
Limpo de atros vapores
Vem apontando o sol no carro ardente;
Torna ao uso prestante

Nos ferteis campos o ocioso arado;
Reinam serenos gostos,
Na fausta Lysia se renova o mundo.
Respeitavel ministro,
Thesouro dos politicos mysterios,
A patria, a que és tão caro,
Grata, e ditosa em teu louvor se inflamma,
Tuas acções pregôa!
De legitimo heroe o egregio nome
Tu grangeaste, e gosas.
Dos preclaros avós co'a serie extensa,
E immortal entre os Lusos,
Grande, excelso te fez Fortuna amiga:
Porém em aureos dotes
Mais grandeza te deu, te deu mais lustre
A amiga Natureza;
Bastas a ti, senhor, comtigo brilhas;
Tua gloria és tu mesmo,
E ethereo resplendor teus annos c'rôa!

25

(Fragmento)

De viperea melena, e torvos olhos
Corre por toda a terra
Furia tremenda, que estourou do averno
Lá na infancia do mundo;
Puxa de rojo asperrima corrente
De amplos anneis composta,
Forjada de metal, mais negro e duro
Que o duro e negro ferro;
Preso em cada fusil suspira um ente,
Um racional padece,
Do horrivel monstro miserando espolio:
Ali freme o guerreiro,
Que a Fama carregou d'herculeos géstos;
Que, attraindo-a mil vezes,
Uma vez contra si viu a Fortuna:
O grande ali se humilha,
Inda de quéda enorme atordoado;
Mortal, que o era apenas,
Que do humano poder ao grau supremo
Pela sorte exaltado
Punha arbitrarias leis a curvos povos;
. . . .

CANÇÕES

PERIODO DA VIDA MILITAR

(1780 a 1787)

1

O Ciume

Agora, que ninguem vos interrompe,
Lagrimas tristes, innundae-me o rosto,
Mais do que nunca; assim o quer meu fado:
Em quanto o gume de mortal desgosto
Me não retalha os amargosos dias,
Debaixo d'estas arvores sombrias
Grite meu coração desesperado,
    Meu coração captivo,
Que só tem nos seus ais seu lenitivo.

Alterosas, fructiferas palmeiras,
Vós, que na gloria equivaleis aos louros,
Vós, que sois dos heróes mais cubiçadas
Que aureos diademas, que reaes thesouros,
Escutae meus tormentos, meus queixumes,
Meus venenosos, infernaes ciumes;
Ouvi mil penas, por Amor forjadas,
    Mil suspiros, mais tristes
Que todos esses, que até aqui me ouvistes.

Aquelles campos, aprazíveis campos,
Que além verdejam, de meu mal souberam
A desgraçada, mas suave origem:
Ali de uns olhos os meus ais nasceram;
Ali de um meigo, encantador sorriso,
Que arremeda o sereno paraiso,
Brotaram mil infernos, que me affligem,
    Que as entranhas me abrazam,
Que meus olhos de lagrimas arrazam:

Ali de uns labios, onde as Graças brincam,
Ouvi suspiros, grangeei favores,
Ali me disse Anarda o que eu não digo;
Ali, volvendo os ninhos dos Amores,
Cravou n'esta alma, para sempre acceza,
As perigosas frechas da belleza;
Ali do proprio mal me fez amigo,
    Ali banhou meu rosto
Parte do coração, desfeita em gosto.

Novas campinas testemunhas foram
De nova gloria, de maior ventura,
Tal, que julguei, logrando-a, que sonhava:
Entre as doces prisões da formosura,
Entre os candidos braços deleitosos,
Meus crestados desejos amorosos
No alvo rosto, que o pejo affogueava,
    No nectar... ah! que eu morro,
Se em vós, furtivos extasis, discorro!

Amor! Amor! Teus jubilos excedem
Da loura abelha os engenhosos favos,
Mais gratos são que as flôres teus sorrisos:
Gostei todos os bens, que aos teus escravos
Fazem tão leve a rigida cadêa,
Tão doce a chamma, que no peito ondêa:
Mas oh! Crueis teus dons, crueis teus risos,
    Principio do tormento,
Que já me tem delido o soffrimento.

Miseravel de mim! Qual o piloto,
Que lêra nos azues, filtrados ares
Indicios de uma solida bonança,
E eis que vê de repente inchar os mares,
Vestir-se o céo de nuvens, d'onde chove
O fogo vingador, que vibra Jove;
Tal eu, quando suppuz mais segurança
    No meu contentamento,
O vi fugir nas azas de um momento.

Anarda, Anarda perfida, teus olhos,
Onde Amor traz escripta a minha sorte,
Teus mimos por mim só não são gosados!
Oh desesperação, peor que a morte!
Oh damnados espiritos funestos,
De horridos vultos, de terriveis gestos,
Moderae vossa queixa, e vossos brados,
Que as penas do profundo
Tambem, tambem se encontram cá no mundo!

Ver outro disputar-me o caro objecto,
Em cujas lindas mãos puz alma, e vida,
Não me arranca suspiros: o tormento,
Que no peito me faz mortal ferida,
O maior dos tormentos, oh perjura,
É ver, que de outrem soffres a ternura:
É ver, que dás calor, que dás alento
A seus mimos, e amores
Co'um riso, percursor de mil favores.

Tu não foges de mim, tu não te esquivas
D'estes olhos, que em ti captivos andam;
Delicias, onde pasma o pensamento,
Doces instantes meu ciume abrandam:
Mas ah! Não é só minha esta ventura,
Meu vaidoso rival a tem segura.
Que indigna variedade! Em um momento
Teus olhos inconstantes
Acarinham sem pejo a dous amantes.

Honra, Virtude, Aggravo, e Desengano
Me gritam n'alma, que sacuda os laços,
Que tanto soffrimento é já villeza;
Ouço-os, protesto desdenhar teus braços,
Protesto, ingrata, converter meus cultos
Em mil desprezos, irrisões, e insultos:
Mas ah! Protestos vãos, baldada empreza!
    Sou a amar-te obrigado;
Não é loucura o meu amor, é fado.

Canção, vae suspirar de Anarda aos lares;
    Mas se não lhe firmares
O instavel coração, deixa a perjura,
E iremos socegar na sepultura.

2

O Desengano

Alma ferida e céga,
Que em grilhões vergonhosos
Adoras a mão impia, que te entrega
A males tão crueis, e tão penosos,
Como os que sentem no maldito averno
Os condemnados entre o lume eterno:

Alma céga, e perdida,
Que a doce liberdade,
O gosto, as horas, o descanço, a vida
Consagras á maligna divindade,
Antes ao monstro, que produz, que géra
Veneno inda peor que o de Megéra:

Basta, faze em pedaços
(Porque a razão te grita)
Faze, que é tempo, esses indignos laços,
Essas cadêas vis: oh alma afflicta,
A virtude, a verdade, o céo te valha;
Vence a terrivel, infernal batalha.

Conhece o baixo objecto,
Que em triumpho te arrasta;
Cuidas que um meigo, deleitoso aspecto
Para dourar os teus excessos basta?
Cuidas que um bello riso, um ar benigno,
Filho da infamia, de ternura é digno?

Que engano! A formosura
Sem modestia, sem pejo
Tédio, tédio merece, e não ternura;
Eia, pois, de um phrenetico desejo
Enfrêa, apaga os impetos, a chamma,
E lava a nódoa, com que Amor te infama.

Que affronta! Que villeza!
Alma triste, alma escrava
De uma profana, sensual belleza,
De uns olhos falsos, d'onde Amor te crava
Mil settas, cuja ponta aguda, e forte
Hervou no opáco inferno a mão da Morte:

Rasga o véo da cegueira
Fatal, que te hallucina:
Observa a criminosa, a lisonjeira,
Observa a loba má, que te domina,
Vê seus dolosos beiços nacarados
Fartando peitos vis com vis agrados.

Contempla a desprezivel:
De affagos nunca escassa,
Sem pudor, para todos é sensivel;
Este chama, outro amima, aquelle abraça:
Eil-a com frouxos ais, humidos beijos
Matando n'um minuto a mil desejos.

Olha aonde te abrazas:
Em torno d'ella o Vicio
Bate as lodosas, peçonhentas azas;
E, qual submissa ovelha ao sacrificio,
Elle de Venus ao altar nefando
A leva pela mão de quando em quando.

As lagrimas, que viste
Na perfida, que adoras,
São geraes; os suspiros, que lhe ouviste,
Não são teus, são communs; alegres horas
Como comtigo, com mil outros passa:
Vê-lhe a baixeza, esquece-te da graça.

Por gosto, e por costume,
Não por domar a ardencia
Do teu negro, pestífero ciume,
Te sacrifica os teus rivaes na ausencia,
Que, em favor das traições, com que trafica,
N'ausencia aos teus rivaes te sacrifica.

Oh alma! Oh liberdade,
Eu vos sinto abaladas
Pelas vozes da rígida verdade:
Vossas cadêas, por Amor forjadas,
Desejaes sacudir... sim, já vos vejo
Olhar os ferros com horror, com pejo:

Estaes já forcejando
Contra o pezo insoffrivel,
Oh liberdade! Oh alma! Estáes bramando
Com ancia, com furor, crendo impossivel
Romper, despedaçar tão fixos laços
Sem o soccorro de celestes braços.

A fraca humanidade
Para tanto não basta,
Assim é; mas implore-se a piedade
De um sacro velho, que os mortaes affasta
Do quasi inevitavel precipicio,
E ante quem treme o erro, e pasma o vicio.

Vae pois, Canção, procura o Desengano:
Elle soccorre aquelles, que o procuram,
Elle o balsamo dá, com que se curam
As feridas, que faz Amor tyranno.

3

O Delirio amoroso

Inda não bastam, minha voz cançada,
Tantos ais, que tens dado;
É necessario renovar queixumes,
Queixumes, de que o fero Amor se agrada,
De que zombando está meu duro fado:
Gritemos, pois, phreneticos ciumes,
Gritemos outra vez; que dos afflictos
São triste refrigerio os ais, e os gritos.

Carrancuda Agonia, azéda, azéda
Inda mais, se é possivel,
O venenoso fel, que em mim derramas;
Doces enganos da minha alma arreda,
Deixa-lhe a dôr intensa, a dôr terrivel
Dos igneos zelos, das tartáreas chammas,
Deixa-lhe as ancias, a peçonha, as iras,
E a desesperação, que tu respiras.

Farte-se Anarda, o variavel peito,
Cujas graças me encantam,
Cujas traições no coração me ferem,
E por quem gemo, em lagrimas desfeito:
Que já mil bens dulcissimos não cantam
Os ternos labios meus, antes proferem
Lamentos contra Amor, contra a Ventura,
Conheça a desleal, saiba a perjura.

Sim, traidora, que o jubilo em torrentes
Viste alagar meu rosto,
Quando em teus braços possui mil glorias,
Hoje morro de angustias, e o consentes,
Podendo-me, cruel, matar de gosto?
Oh extasi! Oh delicias transitorias!
Oh vão prazer dos credulos amantes,
Mais fugaz que os aligeros instantes!

Cansaste, Anarda: a solida firmeza
Vezes mil protestada,
Votos de eterna fé, que me fizeste,
Manter não pôde feminil fraqueza,
A quem sómente a novidade agrada:
Já logar na tua alma a outro déste,
E o mais ardente amor, o amor mais puro
Não satisfaz teu coração perjuro.

Se me fugisses, se de todo as chammas,
Que por mim te abrazavam,
A nova inclinação te amortecêra,
Desculpára esse ardor, em que te inflammas;
Porém quanto, infiel, quanto me aggravam
Os sorrisos de amor, com que assevera
Teu gesto encantador, teu meigo rosto,
Que inda propende a saciar meu gosto!

Presumes, que se paga uma alma nobre,
Um coração brioso
De um sórdido prazer, torpe, e corrupto
Qual esse, que me offertas, se descobre?
Assim só póde o vil ser venturoso,
Essa fortuna por baldão reputo;
Em amor antes só ser desgraçado,
Que d'outrem na ventura acompanhado.

Vae, fementida, que a paixão perfeita
Os seus dons não reparte;
Vae gemer n'outro peito, e n'outros braços:
Pérfidos mimos d'esse infame acceita,
Em quanto juro aos céos de abominar-te,
Em quanto arranco meus indignos laços,
Em quanto... ah! Que fallei! Meu bem, detente,
Abafa a minha voz, dize que mente!

Eu deixar-te (ai de mim!) primeiro a terra
    Mostre as fundas entranhas
Por larga boca horrivel, que me trague:
Primeiro o mar, e o céo me façam guerra,
Despenhem-se primeiro estas montanhas,
E a meu corpo infeliz seu pezo esmague:
Primeiro se confunda a natureza,
Que eu césse de adorar tua belleza.

Vejam meus olhos esses teus pasmados
    De um rival no semblante;
Ouça-te os ais, que com seus ais misturas,
E os agrados, que oppões aos seus agrados:
A tudo está subjeito um cego amante,
Que não póde quebrar prisões tão duras;
A tudo estou submisso, estou disposto,
Quero tudo soffrer, porque é teu gosto.

Terá por crime, supporá villeza
    Tão cruel tolerancia
Quem não sente o poder da formosura;
Porém minha alma, nos teus olhos presa,
Inda chega a temer, que esta constancia
Prova não seja de exemplar ternura:
E saibam, se com isto um crime faço,
Que o crime adoro, que a villeza abraço.

*

Sobre as azas dos ventos
Canção chorosa, e rouca,
Vae narrar pelo mundo os meus tormentos:
D'almas estoicas a dureza louca
Rirá dos teus lamentos;
Mas nos servos d'Amor terás abrigo:
Quando te ouvirem, chorarão comtigo.

PERIODO DA EXPATRIAÇÃO

(1788 a 1790)

4

O Adeus

Suave habitação da minha amada,
Das Graças, e de Amor! Feliz morada,
Onde as mãós da Ventura
C'roaram minha fé singela, e pura;
Onde inflammado exp'rimentou meu peito
Que ha no mundo tambem prazer perfeito:

Leves Favonios, leves passarinhos,
Que, pousados nas flores e raminhos,
Em silencio me ouvistes
Canções alegres, e suspiros tristes,
Porque inda o mais ditoso, em quanto adora,
Canta umas vezes, outras vezes chora:

Tejo, que á minha voz abonançavas,
Que, para me attender, nem murmuravas,
Quando injustos ciumes
Me arrancaram mil prantos, mil queixumes;
Quando á bella constancia de Gertruria
Fiz com suspeitas vans cruel injuria:

Antiga patria minha, e lar paterno,
Penates, a quem rendo um culto interno;
Lacrimosos parentes,
Que inda na ausencia me estareis presentes;
Adeus! Um vivo ardor de nome, e fama
A nova região me attráe, me chama.

Oh vós, que nos altares da Amisade
Votastes exemplar fidelidade,
Vasconcellos, Couceiro,
Liz bemfeitor, Andrade prasenteiro,
Vós, que em doce união viveis comigo,
Ouvi o terno adeus de um terno amigo.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o gran cantor, por quem de amores
Inda as Musas suspiram:
Aquelles mares, onde os Gamas viram
Do rebelde, horrendissimo gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a Sorte, propicia a meu desejo,
Manda-me a Honra, cujas aras beijo,
Que com fervido brio
Contemple os muros da invencivel Diu,
D'onde, oh Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama além dos astros.

Nos climas, onde mais do que a historia
Vive dos Albuquerques a memoria;
Nos climas, onde a guerra
Heróes eternisou da lysia terra,
Vou vêr, se acaso a meu destino agrada
Dar-me vida feliz, ou morte honrada.

Suffocae vossa dôr, porque os gemidos
Só ás desgraças é que são devidos;
E, a pezar da ternura,
Considerae que é solida ventura
Seguir de altos varões o illustre exemplo;
Por espinhos se vae da Gloria ao templo.

Adeus, socios fieis; e tu, querida,
Cujos olhos n'esta alma, á tua unida,
O primeiro empregaram
Amoroso farpão, que dispararam,
Abafa os tristes, candidos suspiros,
Com que me vibras perigosos tiros.

Por entre a chuva de mortaes pelouros
A nua fronte enriquecer de louros
    Eu procuro, eu desejo,
Para teus mimos desfructar sem pejo;
Pois quem d'este esplendor se não guarnece,
Não é digno de ti, não te merece.

Eu te levo, meu bem, no pensamento;
Não armes contra mim n'este momento
    O novo, o doce encanto
Que recebem teus olhos de teu pranto;
Generosa paixão de ti me affasta:
Adeus, Gertruria, adeus, não chores, basta.

    Canção, fica segura
Nas mãos da nympha lacrimosa e bella;
Serás consolação, e allivio d'ella:
Pelos olhos da mãe Cupido o jura.

5

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Luiz de Vasconcellos e Sousa

Vice-Rei do Estado do Brazil, etc.

Musa, tu, que até agora ao som do vento
Ao som dos crespos, inquietos mares,
Soltaste um vão lamento,
De mil queixumes povoaste os ares,
É tempo já: consola-te, respira,
E dignos versos ao teu vate inspira.

Não vou cantar de corações guerreiros
Impias façanhas, barbaras victorias:
Os heróes verdadeiros
Não são esses, que adquirem torpes glorias,
Bebendo o sangue dos mortaes afflictos
Na guerra atroz, nos horridos conflictos.

Pacifico varão dos céos mimoso,
Alma das almas exemplar brilhante,
    Um coração piedoso,
Um grato gésto, um placido semblante,
Digno de amor, de submissão, de affecto,
Vae ser do meu louvor sublime objecto.

Sim, Vasconcellos; o teu nome egregio,
Que o orbe incensa, que a verdade acclama,
    Que ao pé do solio regio
Conduz mil vezes a volatil Fama,
Na minha ingenua voz farei que sôe,
Que toque ao proprio céo, que aos astros vôe.

Se de teus immortaes antepassados
Tu não fôras, senhor, fiel transumpto;
    Se a teus lustres herdados
Um genio sup'rior não vira junto,
Não te cantára: o sangue sem virtude
É vão phantasma, que aos mortaes illude.

Grande te fez a prospera Fortuna,
Grande te fez a sabia Natureza;
    Ellas querem que se una
Em ti alta virtude, alta nobreza;
E aos duplicados dons, que em ti diviso,
Duplicado louvor será preciso.

Não só da fama nos patricios lares
Ouvi contente resoar teus vivas:
N'estes mesmos logares
Com palavras de jubilo excessivas
Te ouço cantar, por bocas que não fingem,
Por almas lisas, que meu lado cingem.

De sancta gratidão ternos indicios
Mostram nos olhos, nas acções, nas frentes,
E aos claros céos propicios
Mandam votos purissimos, e ardentes;
Mandam vozes de amor, e de lealdade
Pela tua cabal felicidade.

Eu, dos braços paternos arrancado,
E pela furia de suberbos mares
Sacudido, arrojado
A remotos, incognitos logares,
Onde talvez que me apparelhe a Sorte
Depois de infausta vida infausta morte:

Eu finalmente, com respeito interno,
Meus frouxos olhos nos teus olhos pondo,
Teu amavel governo,
Tua justiça, teus costumes sondo;
E digo então:—Senhor, só tu podias
Tornar brilhantes os meus turvos dias.

Só tu, digno d'estatuas de alabastro,
Digno de bronze, que os heróes distingue,
Melhorarás meu astro,
Astro infeliz, que o meu socego extingue:
E poderás soltar minh'alma presa
Entre as sombras da livida tristeza.

Abatidos mortaes erguer da terra,
Formar ditosos, consolar aquelles
A que a Sorte faz guerra;
Ser pae, ser protector, e abrigo d'elles:
É virtude immortal, gloria perfeita,
A quem do Tempo a fera mão respeita.

Se de Tito a lembrança inda hoje dura,
Se o mundo o canta, se inda lhe erguem templo
A Saudade, a Ternura,
É porque foi da probidade exemplo:
É porque elle julgou perdido o dia
Em que algum beneficio não fazia.

Se do Magno Alexandre os sabios fallam
Não é, não é, senhor, porque os seus braços
Altos muros escalam;
É sim, porque tirou de indignos laços,
E d'entre as garras de um destino impio
A regia próle do infeliz Dario.

Se a Mantuana sonorosa lyra
Ao profugo Troyano eleva tanto,
 Não é porque elle inspira
Aos gregos susto; aos rutulos espanto:
É porque d'entre as mortes, e os assombros
O já curvado pae salvou nos hombros.

Viver debaixo do teu jugo brando,
Sentir as leis do teu poder suave,
 Teus meritos alçando
Ao palacio de Jove em metro grave;
Oh que risonha! que benigna estrella!
Se o pensal-a é prazer, que fôra o tel-a!

Surdo o Fado a meus ais, e a minhas magoas,
D'este ameno paiz me quer distante;
 Manda que eu busque as aguas
Onde se banha o válido gigante,
Irmão dos impios, que gerara a terra,
Que ao pae dos deuses declararam guerra.

Mas inda lá n'esses logares broncos,
De miseros mortaes misero asylo,
 Sobre duraveis troncos
Teu nome escrevi com terno estylo;
Mostrando que não é lisonja infame
Quem move a minha voz a que te acclame.

Oh ditoso Brazil, provincia bella,
Que vês na mão do heroe, que te domina,
    Toda a força d'Aquella
A que o rapido Tejo a frente inclina:
Vem de novo com fervidos louvores,
Vem atiçar meus tremulos clamores!

Vem... Mas basta, Canção: que mais pretendes?
Onde vás arrojar-te? Ah! não prosigas:
    D'uns dons, que mal comprehendes
Que poderás dizer, por mais que digas?
Não escapas do assumpto, que proclamas;
Só pertence aos Camões fallar dos Gamas.

CANTOS

PERIODO DE LUCTAS LITTERARIAS E PRISÕES

(1791 a 1797)

1

Á Purissima Conceição de Nossa Senhora

Profana lyra, a molles sons affeita,
Vil instrumento, minha mão te enjeita:
Caducas perfeições, servis amores,
Não mais, não maculeis os meus louvores.
Tu, doce chamma, angelica ternura,
Que o creador envia á creatura,
Oh dadiva celeste, oh dom do Immenso,
Com que atterramos Satanaz infenso,
Com que a tormenta das paixões se acalma,
Baixa dos céos, e purifica esta alma.

Eis desce, eis desce, não me engano, é ella!
Agora sim, que posso, oh virgem bella,
Enxugar criminoso, indigno pranto,
E a teus ouvidos elevar meu canto:
Profana lyra, a molles sons affeita,
Vil instrumento, minha mão te enjeita.
  Inda no horror do cahos, ou do Nada
Jazia a Natureza inanimada;
Inda na vasta região dos ares
Os grandes, os pasmosos luminares,
Que o pólo aclaram, que os viventes guiam,
Que as ondas abrilhantam, não luziam,
E já Maria para Deus guardada,
Na idéa omnipotente era creada.
Ah! Cante-se o prazer, cante-se a gloria
Do céo, da terra; acclame-se a victoria
Da immaculada Virgem sacro-sancta,
D'aquella, que te impôz a invicta planta,
Tartárea Serpe, na cerviz medonha,
Ficando illeza da infernal peçonha.
Lá vejo os paes communs, que o monstro opprime,
Lá caminha o Remorso apoz o Crime,
Lá ouço a voz horrisona do Eterno,
Que faz tremer a abobada do inferno.
Deus grita, Deus pergunta: «Ingratos, como
Vos attrevestes ao vedado pomo?
Que! Pretendieis hombrear commigo!
Da vossa rebeldia eis o castigo.

Do Eden minha justiça vos desterra,
Ide habitar a miseravel terra:
Ella avarenta, Adão, jámais enxutos
De teus suores te dará seus fructos:
Tu, crédula mulher, que o seduziste,
Com dôr produzirás, e o duro, o triste,
Padecimento, a que ambos vos condemno,
E que a tão grave culpa inda é pequeno,
Grassará com terrivel egualdade
Pela vossa infeliz posteridade.»
Oh sentença fatal! Oh cruel sorte!
Herança horrivel! O peccado! A morte!
Já principiam a ferver na terra
A Soberba, o Furor, a Inveja, a Guerra.
Da victima primeira o sangue corre:
Abel, o grato ao céo, lá cáe, lá morre
Ás mãos perversas de Caim maldicto,
E aos astros sobe da Innocencia o grito.
Pune, fulmina os monstros do peccado
O braço vingador de um Deus irado:
Elle as ethereas cataractas solta,
Paternos olhos a Noé só volta:
Cáe a torrente, em atras nuvens preza,
E agonisa, boiando, a Natureza.
Que espectaculo, oh céos! Q'horror! Q'espanto!
A negra estancia do contínuo pranto
O proscripto universo representa
Na pavorosa, na geral tormenta;

E o divino furor, inda não pago,
Arroja sobre os homens novo estrago;
Elle, Babel sacrilega, te arraza,
Igneo chuveiro, oh Sodoma, te abraza,
Aqui, e ali, silvando, o raio vôa;
Mas o terrivel Deus em fim perdôa.
Vê com piedade o mundo agrilhoado
Pelo tyranno, contra nós armado,
Que rege as trevas do medonho inferno,
Que céva as furias em tormento eterno.
Remir-vos, oh mortaes, do captiveiro
Eis que resolve o numen justiceiro:
Fecundada por elle idosa planta,
Brota o celeste fructo, a pura, a sancta,
Cujo louvor os seraphins entôam
No refulgente empyreo, que povôam;
E cuja Conceição, por Deus obrada,
Da mancha universal foi preservada.
Virgem depois de mãe, mulher bemdicta,
Debalde o torvo Lucifer vomita
Contra ti do espumante, horrivel seio
O veneno lethal, de que está cheio:
Contra ti seu furor em vão despede,
A teu alto poder o monstro cede:
Tu lhe calcas a fronte ameaçadora,
Que erguera para Deus; tu, vencedora,
Por terra deixas o dragão damnado,
Que nos infernos cáe desesperado,

Arremessando ao céo com voz blasphema
Horridas pragas contra a mão suprema.
Espósa, filha, e mãe Omnipotente,
Iris de paz á deploravel gente,
Deposito ineffavel da pureza,
Que honraste a nossa fragil natureza;
Do Deus-Homem dignissimo sacrario,
Que os thesouros sem fim do eterno erario
Resumidos contens nas graças tuas;
Que outros sóes, outros astros, outras luas
Invisiveis a nós, lá vês, lá pisas
No almo, nitido céo, tu divinisas
Meus versos, dedicados atégora
A vãos prestigios, que a fraqueza adora.
Ah! Dos teus olhos um volver piedoso
Desarme, oh Virgem bella, o justiçoso
Ente immortal, que os improbos fulmina;
Apaga o raio, que na mão divina
A prumo sobre a fronte me chammeja:
A quem te invoca teu favor proteja.
E vós, sabios alumnos, que obtivestes
Tão vasta profusão dos dons celestes,
Fecundas mentes, o calor sagrado
Exhalae n'este dia abençoado,
Dos labios entornando as phrases d'ouro,
Com que tendes ganhado o Aonio louro.
*

2

Á Immaculada Conceição de N. Senhora

Laus & gloria sit tibi, sancta Trinitas, quæ omnes nos ad hanc celebritatem convocatis.
D. Cyrill. Episc. Alex. In Homil. contr. Nestor.

Rasga o seio da terra, e desce, oh Musa,
Á masmorra, onde os reprobos arrastam
Sempiternas, horrisonas correntes...
Que pavorosa confusão rodêa
O praguejado throno ao rei das sombras!
Seus torvos cortezãos como esbravejam
Nos sulphureos vulcões, que o Orco exhala!
A negra Inveja que alarido arranca
 Das carcomidas fauces!
Veneno em borbotões, lagrimas suas,
O carão côr da noute ao monstro escalda!
A Desesperação lhe jaz ao lado,
E no raivoso coração lhe enterra
De quando em quando as lacerantes garras:
Não longe d'ella a turgida Suberba

Nas mãos ostenta ainda
Abominavel plano,
A cuja execução guiou, bramindo,
Rebeldes legiões, que em vão tentaram
Sacudir da cerviz o jugo eterno,
Tocar o Omnipotente,
Roubar-lhe o raio, derribar-lhe o solio:
Do antigo pasto seu nunca enjoado
O abutre, que devora a natureza,
Ás Furias lá preside,
Ás indómitas Furias, que negrejam
Sobre os amplos degraus de ferro em braza,
Horrida estrada ao detestavel throno.
Ali Satan, fervendo em labaredas
De raiva inextinguivel,
Tortuoso dragão, que tem por sceptro,
Na mão cruenta esmaga,
Retorce os olhos, que dardejam peste,
Menêa a fronte, e co'um terrivel brado
Ao tartareo tumulto impõe silencio;
Pela tórrida abobada rebomba
O trovão repentino:
As melenas das Furias se arripiam,
E as entranhas do barathro estremecem.
« Desesperadas victimas d'aquelle,
Que reina, a meu pezar, sobre as estrellas,
(Diz aos seus o infiel) victimas tristes
Do poder, que despotico afferrolha

No carcere da morte altas essencias,
Creadas para o céo, d'onde cahiram;
Inda tantos horrores não bastavam,
Inda a pezada mão, que nos opprime,
Achou leve o supplicio, em que penâmos!...
Oh lembrança, peor que tantos males
No bojo abrazador contém o inferno!
Apenas arrojados n'estas furnas,
Nova, e mais que terrifica vingança
Fulmina contra nós o Irresistivel;
Não que mande roncar trovão medonho,
Não que maneje o rapido corisco:
Quer dar-nos outra especie de tormento,
E sobre nossas frontes descarrega
O pezo enorme de perpetua affronta.
Seu halito, seu braço á vil materia
Dão fórma, vida, intelligencia, graça,
E ineffaveis delicias no Eden puro;
Bem que ao nosso furor não foi vedada
A sagaz tentação, que apodrentando
Na raiz fraca o tronco desprezivel,
    Faz grassar o contagio
Por todos os seus ramos, e os submette
Ao jugo do peccado, á lei da morte:
De herdada corrupção contaminados
Ficam todos em fim... Mas ah! Não todos,
Que um d'elles escapou do estrago horrendo,
Um só d'elles, um só... Maria! Oh nome,

Que no imperio de fogo, em que domino,
Me aterras como o raio inevitavel,
Que arder senti na attonita cabeça,
E cuja cicatriz inda conservo!
O numen vingador na immensa idéa
Já tinha antes dos tempos excluido
    Da geral, triste herança
    A mulher portentosa,
Que intacta produziu o ethereo fructo,
O Filho redemptor, que desde os astros
Armado de pavor, e omnipotencia,
Nos despenhou no abysmo, onde jazemos.
Resolução fatal á nossa furia!
Elle os homens adopta, ao pae se off'rece
Expiadora victima do crime,
De que via infectada a humanidade.
Nas azas dos espiritos celestes
Desce ao mundo, e vestido o terreo manto
Eis começa a limar da culpa os ferros.
Espessa multidão, que ao Verbo attende,
Já principia a praguejar meu nome,
E a nova lei nas almas se lhe arreiga...
Debalde (oh raiva!) aos impetos do inferno
Os corações incredulos cederam,
Erigindo patibulo affrontoso,
Onde soffresse voluntaria morte
Elle, a hostia de paz, e de alliança:
Ah! Seu sangue lavou a antiga nodoa,

Que os terrestres espiritos manchára;
E que assombros, que espantos, que prodigios
O cruento espectaculo seguiram!
Subito em dous se fez o véo do templo,
A ordem se alterou da natureza,
Do ferreo somno os mortos despertaram,
Sumiu-se a luz do sol no horror das trevas;
E a terra em convulsões, e o pólo em chammas
Fizeram logo authentico o deicidio.
Hoje no livre mundo é memorado
O gran principio do commum resgate:
Lá soam ledos canticos festivos,
Que, voando ás estrellas, acompanham
Tépidas nuvens de sabêo perfume.
Maria, abençoada entre as mulheres,
Áquelle universal, canoro applauso
Serve de objecto; os homens lhe consagram
Interna adoração:—«Tu és (exclamam)
«A flor sagrada, e pura,
«Em que pousou o espirito divino;
«A salvação por ti desceu ao mundo,
«No eterno pensamento omnisciente
«Teu ser, oh Virgem, precedeu aos evos.
«Como cedro no Libano exaltada,
«Qual rosa em Jericó, tu resplandeces
«Mais que o sol no zenith: acceita, acolhe
«Em teu piedoso ouvido humanas preces!»—
Oh desesperação! E eu pronuncio

No louvor de Maria a minha injuria!
Eu, que... «Vibrar sacrilega blasphemia
Ia o monstro infernal, mas na garganta
A voz, achando obstaculo, recúa.
Por lei do Omnipotente, e em quanto freme
A damnada caterva, a densa turma
No vasto horror da lobrega morada,
(Onde tu, Maldição, resides sempre)
Os cherubins no céo, na terra os homens
Em crebros hymnos á porfia exultam.

3

Á admiravel intrepidez com que no dia 24 de Agosto de 1794, subiu o capitão Lunardi no balão aerostatico

Que brilhante espectaculo pomposo
A meus olhos attonitos se off'rece!
D'alta Ulysséa o vulgo numeroso
Já no amplo fôro de tropel recresce:
Sôa o marcio concerto estrepitoso,
Que o sangue agita, os animos aquece;
Assoma aos ares n'este alegre dia
Raro prodigio de arte, e de ousadia.

O Tejo as ondas cérulas aplana,
Das ledas filhas candidas cercado,
Vibra o tridente azul co'a dextra ufana,
E rebate a braveza ao norte irado:
Contemplar em silencio a audacia humana
Quer, inda que a portentos costumado;
Quer, encostando a face á urna d'ouro,
Vêr brilhar, oh Sciencia, o teu thesouro.

Lá surge ao vasto, ao fluido elemento
O globo voador, lá se arrebata
Sobre as azas diaphanas do vento,
E pelo immenso vácuo se dilata!...
O passaro feroz, voraz, cruento,
Quando rapido vôo aos céos desata,
Quando as nuvens trancende, e Phebo affronta,
Da terra mais veloz se não remonta.

Portentoso mortal, que á summa altura
Vás no ethereo baixel subindo ousado,
Que illusão, que prestigio, que loucura
Te arrisca a fim tremendo, e desastrado?
Teu espirito insano, ah! que procura
Pela estrada do Olympo alcantilado?
Não temes, despenhando-te dos ares,
Qual Icaro infeliz, dar nome aos mares?

Não temes (quando evites o espumoso
Campo, que é dos tufões theatro á guerra)
Não temes que n'um baque pavoroso
Teu sangue purpurêe a dura terra?
Tentas, qual Prometheo, roubar vaidoso
O sacro lume, que nos céos se encerra?
Ah! Não, faças tão medonho ensaio:
Ou teme o precipicio, ou teme o raio.

Mas para que pasmado, e delirante,
Brados, e brados pelos ares lanço,
Se apenas do phenomeno volante
Co'a vista perspicaz o vôo alcanço?
Em quanto grito, o aereo navegante
Seu rumo segue em placido descanso,
Munido de sciencia, e de constancia,
Surdo á voz do terror, e da ignorancia.

Gamas, Colombos, Magalhães famosos,
Eternos no aureo templo da Memoria,
Syrtes domando, e mares espantosos,
De assombros mil, e mil douraes a Historia;
Mas ir dar leis aos ares espaçosos
É triumpho maior, e até mais gloria,
Porque não traz á louca, á cega gente
Os males de que sois causa innocente.

Lá onde a feia Inveja desgrenhada
Ao Merito não move horrivel guerra,
Nem sobre chusma inerte, e desprezada
Cospe o veneno, as viboras afferra;
Lá na ditosa, e lucida morada,
Defesa aos vicios, de que abunda a terra,
Guardae da gloria no immortal thesouro
O nome de Lunardi em letras de ouro.

Que importa que no centro de Ulysséa
Á luz, claro varão, não fosses dado?
De um frivolo accidente a louca idéa
Tenha embora poder no vulgo errado:
Que eu te consagro a dadiva phebêa
Qual se berço commum nos désse o fado;
Longe, vãs prevenções d'homem grosseiro;
O sabio é cidadão do mundo inteiro.

Mas tu, cantor de Augusto, e de Mecenas,
Roga a Jove te anime as cinzas frias,
E de alvo cysne renovando as pennas,
Desperta o sacro fogo em que fervias:
Desce ás montanhas floridas, e amenas,
Onde revivem de Saturno os dias;
D'alli canoro entôa o nobre metro,
E em honra de Lunardi exerce o plectro.

De tornar-lhe perenne a digna fama
Só tu, só tu convens á grande empreza;
Vem vel-o ardendo em gloriosa chamma,
Sup'rior ao poder da natureza:
Para novos prodigios punge, inflamma
Seu animo; e co'a voz em estro acceza,
Suppre-lhe, oh vate, os bronzes, e alabastros;
Depois com elle voltarás aos astros.

Intrepidos mortaes, oh quantos mundos
Atégora escondidos, e ignorados,
Ireis pizar, affoutos, e jocundos,
Pelos ethereos campos azulados!
Não fraquejeis, espiritos profundos,
E na pasmosa machina elevados,
Ide incensar entre os sydereos lumes
O congresso immortal dos altos numes.

É pouco para vós o mar, e a terra;
Sim, a mais vos conduz o instincto, a sorte,
Illustrados varões, em quanto a guerra
Rouba, estraga, horrorisa o sul, e o norte;
Em quanto as negras furias desencerra
Do tenebroso inferno a torva morte,
Vinde á soberba fundação de Ulysses,
Entre o povo feliz viver felices.

Renovae-lhe espectaculos gostosos,
Exulte a curiosa Humanidade
Sobre os campos de Lysia venturosos,
Vestidos de serena amenidade:
Fugi, fugi aos climas desditosos
Onde, exposta á voraz ferocidade
De monstros de impia garra, aguda preza,
Estremece, desmaia a Natureza.

E tu, que da loquaz Maledicencia
Tens açaimado a bocca venenosa,
Tu, que de racionaes, só na apparencia,
Domaste a mente incredula, e teimosa:
Das fadigas, que exige ardua sciencia,
Em vivas perennaes o premio gosa,
E admira em teu louvor extranho, e novo
Unida á voz do sabio a voz do povo.

ELEGIAS E EPICEDIOS

PERIODO DA VIDA MILITAR

(1780 a 1787)

1

A Olinta

Colei di gioia transmutossi, e rise,
E in atto di morir lieto, e vivace
Dir parea: s'apre il cielo, io vado in pace.
TASSO, Gerusal. Liber. Cant. XII.

Olinta jaz na terra,
Comtigo, oh Noute, para sempre mora,
E Amor grita, Amor chora,
Chora o fagueiro Amor, que lhe brincava
Nos melindrosos braços,
Movendo aos corações sanguinea guerra;
Eil-o já delirante; a eburnea aljava,
Arco, venda, farpões eis em pedaços

Sobre o frio, o medonho
Logar sagrado, aonde
Com ar inda risonho
O seu, e o nosso bem se nos esconde;
Na terra occulto jaz mais um thesouro
Por decreto da Sorte:
D'aquella tenra vida o fio de ouro
Quão cedo rebentou nas mãos da Morte!...
Ah Morte inexoravel, que te nutres
Em ruinas, em ais, em sangue, em pranto!
Mais negra que os infernos, mais faminta
Que os famintes abutres!
Oh tu, da humanidade horror, e espanto,
Levaste-lhe o melhor, levaste Olinta;
Olinta, em cujas faces delicadas
Corações attraíam
As rosas sobre neve desfolhadas,
Que de virgineo pejo se accendiam
Ao brando assalto da menor fineza;
Olinta, em cujos olhos, que encantavam,
Ufana se revia a Natureza!
Olhos! Flamma celeste, a que voavam
Açorados, ternissimos desejos,
E onde, quaes borboletas, se crestavam,
Dando suspiros, dando-vos mil beijos,
Olhos! Olhos! Oh dor! E estaes fechados!
Estaes de ópacas nevoas eclypsados!
Olhos suaves, olhos milagrosos,

Com vossos deleitosos
E froxos movimentos
Daveis flores aos prados,
Alento aos corações desesperados,
Enfreaveis os ventos,
Removieis das rochas a dureza,
Transgredieis as leis da Natureza,
E não podeis saír d'esse lethargo!...
Oh doudas illusões! Oh desvarios!
Oh desengano amargo!
Olhos tristes, sem luz, olhos já frios,
A Morte não se rende á Formosura:
Não, jámais torna a si, jámais desperta
Quem dorme, como vós, na sepultura.
A desesperação, que nunca acerta
No que faz, no que diz, porque não pensa,
N'esta alma, de afflicção, de amor perdida,
Loucuras proferiu. Não ha quem vença
O monstro, que executa a lei da Sorte:
É um contracto a vida,
Que fez o justo céo c'o mundo ingrato,
E tu déste contracto
És fatal condição, terrivel morte,
Que restitues a materia ao nada.
O rei, que os povos como filhos ama,
E que de bemfeitor, de pio a fama
Préza mais do que a purpura sagrada,
Castigando com lastima o delicto,

Reinando em corações, qual novo Tito;
Aquelles, que entre bando lisonjeiro,
    Servil, e dependente,
Se presumem do raio omnipotente
Livres, seguros, co'a Fortuna ao lado,
    E de mais pura massa
Que o fragil barro do varão primeiro:
Aquelles, que com ar divinisado,
Insensiveis aos gritos da Desgraça,
Envolvidos em lúcido brocado,
E tendo a mansidão por um desdouro,
Para vós olham, miseros, e pobres
(Ricos talvez de espiritos mais nobres)
Qual para o mundo o sol do carro de ouro,
Todos hão de sulcar (oh Morte! Oh Fado!)
    Esse horrendo Oceano
Da nunca fatigada eternidade:
Lá verão, que no mundo a voz do Engano
Traz o filho da terra hallucinado,
Que no mundo não ha felicidade;
Todos, todos hão de ir, por lei superna,
    Inviolavel, eterna,
Dormir nas trevas como Olinda dorme...
Mas ah! Filha cruel de Érebo enorme,
    Mudo espectro horroroso,
Verdugo universal! Não te enganaste
Ao menos, quando a fouce preparaste
    Contra o peito mimoso,

Cujos thesouros, que o purpureo pejo
Á sombra do véo candido zelava
Do espiador, solicito desejo,
Meu pensamento audaz apenas via,
E inda eu vel-os assim não merecia!
Nem sequer desviaste a mão ferina
Uma vez, parecendo-te divina,
E exempta das pensões da natureza
Aquella rara, e candida belleza;
O magico volver dos olhos puros,
Que viam seus escravos quantos viam;
Os olhos, ante quem se derretiam
Os penedos, os marmores mais duros;
A longa trança, a face trasparente,
Tão meiga para nós, como innocente;
A rubra, intacta boca, as mãos nevadas,
A flor da gentileza, a flor dos annos,
As patheticas vozes, já truncadas,
Que não feriram só peitos humanos,
Que essas montanhas estalar fizeram,
Ao menos não puderam,
Hórrido monstro, monstro famulento,
Teu golpe demorar por um momento!
Monstro, monstro voraz, se nos tragaste
Todo o bem, todo o gosto
N'aquelle singular, benigno rosto,
Para que nos deixaste

Cá n'esta solidão? Mortaes, choremos,
A ver se á força de chorar morremos:
    Por Olinta querida
Em lagrimas de amor se esgote a vida!
Fervam suspiros, fervam pelos ares,
E criem nossos olhos novos mares.
De um bem, que aspera lei de nós desterra,
A falta, a perda qual de vós não sente?
Mundo, suspiros, lagrimas, oh gente!
Olinta foi-se, Olinta jaz na terra.
Gritemos... sempre em vão, tristeza, e luto
    Nos volva em noute o dia,
Gritemos... sempre em vão... porém que escuto!
Céos! Estrellas! Que subita harmonia,
Que nunca ouvido tom, que ethereo canto
Me faz balbuciar no meu lamento,
Me faz a meu pezar conter o pranto!
Desencrespou-se o mar!... Nem bole o vento!...
Soava aquelle arroio... eil o calado,
E como que se ri de gosto o prado!
    Oh pasmo! Oh maravilha!
Este canto... este som... não é terreno...
Vem do céo, vem do céo, que tão sereno,
    Olhos meus, nunca vistes;
Nectar consolador minha alma rega...
Porém que nova luz nos ares brilha!
    Que resplendor me céga!

Á vista d'elle o sol despe a belleza,
Como á vista do dia a tocha acceza!
Que é isto, coração! Lagrimas tristes,
    Recuastes, fugistes!
    Que doçura! Que encanto!
Este som faz que em extasis me sinta!...
É verdade, é verdade: os anjos ouço...
Mas é digno um mortal de ouvir-lhe o canto?
Humanos, escutaes? Oh céos! Olinta!
Olinta! É illusão do pensamento...
    Não, não é... que portento!
Humanos, attenção:—«Na corte immensa
Do rei, que vibra os raios vingadores...
    Prostrada... aos pés divinos...
Olinta... gosa já... da recompensa...
Das palmas... da virtude... os seus louvores...
    Sobre... as azas... dos hymnos...
Como... soam no céo... na terra soem...
    Consolae-vos... humanos...
    Mais suspiros... não vôem;
Vosso nescio queixume... a Deus insulta...
    Longe... de olhos profanos...
Que não merecem... vel-a, aqui... se encerra...
Aqui... das virgens... entre o côro exulta...
    Consolae-vos... humanos...
Olinta... está... no céo... não jaz na terra.»
Ah! Que o verso adoravel emmudece,
E a luz celestial desapparece!

Deus! Oh Deus! Será sonho?
Será sonho, oh mortaes, o que escutamos?
Não, não é, que inda o prado está risonho,
Que o limpido regato inda não anda,
Nem Zéphyro bafeja os arvoredos,
Nem bate o mar nos ingremes penedos.
Ah! Bemdicto o Senhor, que nos abranda
Esta saudade, que mortal julgamos.
Prazer, oh mundo, canticos, oh gente!
Olinta está nos céos, e lá piedosa
Desde os aureos degraus do throno eterno
Do nume omnipotente
Nos chama para o bem, de que ella gosa.
Lá faz estremecer o horrendo inferno,
Lá prende, orando, o braço justiçoso
D'aquelle, mais que os seculos annoso,
Que, farto de soffrer nossos delictos
Quasi, quasi infinitos,
Me faz crer a Razão, que já queria
Mostrar-nos, oh mortaes, quanto podia,
Lançando-nos ás testas criminosas
Irresistivel, pavoroso estrago:
A barbara invasão, que opprimiu Roma,
Horrida furia, que arrazou Carthago,
Ou chuva ardente, que innundou Sodoma.
Scenas terriveis, scenas lutuosas,
Olinta é quem de nós vos affugenta,
Olinta a mão sustêm, que nos sustenta...

Ah! Gratidão, saudade! A nossa amada
Seja, seja cantada;
Versos em vez de lagrimas lhe demos,
Do cedro vividouro
Com seu nome adorado o tronco honremos;
De beijos, e de rosas
Cubra-se o cofre, cubra-se o thesouro
D'aquellas sacras cinzas preciosas;
E depois que do peito amortecido
A nossa fragil vida transitoria
Voar nas azas do final gemido,
Vereis quão terna Olinta nos recebe
Lá n'essas fontes de ineffavel gloria,
Onde mais quer beber quanto mais bebe.
Longe da nossa idéa, oh bens mundanos!
Sim, desde agora vos armâmos guerra.
Orai a Olinta, não choreis, humanos:
Olinta está no céo, não jaz na terra.

PERIODO DE EXPATRIAÇÃO

(1788 a 1790)

2

Á lamentavel morte do Ser.^{mo} sr. D. José, Principe do Brazil, Fallecido aos 11 de setembro de 1788

(Escripta em Macau)

Levou a cruel Morte, sem ter pejo
Aquelle bello moço, a quem tributo
Esperavam pagar o Indo, e o Tejo.
BERNARDES, Ecl. I.

Eu vos saúdo, oh tumulos annosos,
Onde a Tristeza c'o silencio mora
Entre cinzas, e espectros pavorosos:
　　Salvè, bosque medonho, onde a canora
Philomela infeliz a injuria antiga
No curvo ramo solitaria chora:
　　Oh Noute, cujo véo meus ais abriga,
E vós, Manes, Phantasmas, socios d'ella,
Vêde a que extremos a paixão me obriga!

Paixão louvavel, justa, e não aquella,
Que ás almas a razão, e a liberdade
Destroe, da vida na estação mais bella.
Mudos objectos, feia soledade,
Só vós encheis meu sofrego desejo:
Longe, longe de nós a claridade.
Porém que escuto, oh céos! Oh céos! Que vejo!
Ah Musa minha!... És tu? Vem, vem, prantêa
O caso, que gelou de magoa o Tejo.
Velêmos sobre a fria, agreste arêa,
Em quanto nos ornados aposentos
Venturosos mortaes o somno enlêa.
Vê, se é proprio o logar para lamentos,
Repara: que espectaculo! Que espanto!
Mochos! Larvas! Cyprestes! Monumentos!
Celebrem nossos ais, e nosso pranto
O commum bemfeitor (ah negra sorte!)
O heroe pio, em quem Lysia perdeu tanto:
Aquelle fructo singular, que a morte
Arrancou de alta planta generosa,
Que Deus abençoou no tronco forte;
Aquelle, cuja face magestosa
Inda entre as mais gentis se distinguia,
Qual entre as flores se distingue a rosa;
Aquelle, que te honrou, sabedoria,
Que tantas, tantas vezes, oh pobreza,
A vibora fartou, que te roía;

Aquelle, que do cume da grandeza
Baixava a consolar-nos, attentando
Que todos somos uns por natureza;
Aquelle genio raro, affavel, brando,
Que está na etherea abobada fulgente
Astro novo, entre os astros scintillando;
Aquelle, que era o pae da lusa gente,
Nosso bem, nosso amor, nossa esperança,
Principe n'alma, principe excellente;
José, que em doce paz no céo descança,
Em quanto o povo seu, já delirante,
Em vans, perdidas lagrimas se cança.
Triste povo! E mais triste eu, que distante
Não pude acompanhar teu choro afflicto
N'aquelle amargo, lutuoso instante!
Triste povo! E mais misero eu, que habito
No remoto Cantão, d'onde, Ulysséa,
Não póde a ti voar meu debil grito!
Miserrimo de mim, que em terra alhêa,
Cá onde muge o mar da vasta China,
Vagabundo praguejo a morte feia!
Que rigorosa lei, que horrivel sina
Me estorvou que escutasse os ais extremos
D'aquella alma real, antes divina?
D'aquelle augusto peito, onde vivemos,
D'aquelle coração, que idolatrámos,
D'aquelle bemfeitor, que já perdemos!

Mas pois que nós, oh Musa, não lográmos
O doloroso bem de estar presentes
Ao fim do moço heróe, que tanto amámos:
Já que não vimos consternadas gentes
Ferindo os rostos, e ferindo os ares
Com phreneticas mãos, com ais ardentes:
Já que não vimos nos pomposos lares
A meiga mãe, carpindo, ora ante o leito
Do filho, ora do Immenso ante os altares;
Já que não vimos de paixão desfeito
O fiel coração da esposa amante
Em lagrimas saír do ancioso peito;
Já que não vimos o preclaro infante,
Prezando mais o irmão, que a monarchia,
Traçar a interna magoa no semblante;
E o bom principe, em fim, já na agonia,
Estas vozes soltar, balbuciente,
Pondo os olhos na esposa, que o perdia:
«A mão, que nos uniu tão docemente,
Ordena, amada, que de ti me aparte:
Seja feita a vontade omnipotente.
Despindo o pó, minha alma alegre parte;
Mas crê, que, voluntaria, só podera,
Querida esposa, por um Deus trocar-te;
Não chores, não suspires... ah! Pondera
Que o teu amado, o teu contentamento
Não morre, vai viver lá n'outra esphera;

Chamado ao summo bem do firmamento,
Vou morar entre os justos, por clemencia
D'aquelle, que subjuga o mar, e o vento.
Louva, louva comigo a providencia,
A sacro-sancta lei, que tem disposto
Esta do mundo necessaria ausencia.
Nadando em mares de ineffavel gosto,
Vendo os córos angelicos sagrados,
Em cada rosto lograrei teu rosto.
Poder, que move os céos, que rege os fados,
Ha de applacar a dôr, que te flagella,
Annuir a meus rogos inflammados...
Deixa voar minha alma, oh alma bella,
Adeus... Pae... Redemptor... sê... sê comigo...
Adeus...» Eis expirou nos braços d'ella.
Já que não pude, oh Musa, este castigo,
Este damno, fatal á humanidade,
Comtigo ver, e deplorar comtigo:
Pela imaginação, pela saudade
A nós (tristes de nós!) se represente
O effeito da geral calamidade.
A mente o pinte; que não póde a mente?
Como se gosa o bem no pensamento,
Tambem no pensamento o mal se sente.
Oh colossos de aereo fundamento!
Phantasmas, illusões, que o mundo preza!
De que servîs no funebre momento?

Porque blasona a tumida grandeza,
Se é victima do abutre carniceiro,
Filho do inferno, horror da natureza?
Que bens herdamos nós do pae primeiro?
A culpa? A morte? Abominosa herança!
Mal haja o negro monstro lisonjeiro.
Ai prole da magnanima Bragança,
Quão cedo te sumiu na eternidade
A pavorosa mão, que os raios lança!
Commetteste sacrilega maldade,
Para... ah! Cessa, mortal, mortal insano,
Treme, ajoelha, adora a divindade!
Não póde (a Razão diz) ser um tyranno
Esse, que fez o barró intelligente,
Que o filho deu por ti, genero humano.
O rei dos reis, o padre omnipotente
Alma, que o mundo vil não merecia,
Comsigo quiz no céo resplandecente.
Cala-te, oh dor!... Silencio, oh agonia!...
E vós, que os prantos da paixão mais nobre
Verteis do morto heroe na cinza fria;
Vós, que beijaes o mausoléo, que o cobre,
Oh lusos! Consolai-vos: inda temos
Quem preze o sabio, quem soccorra o pobre.
Basta, basta, não mais, não mais extremos:
No irmão vereis José resuscitado,
João restaurará quanto perdemos.

Inda ha de ser por todos tão cantado
O novo successor no throno augusto,
Quanto José no tumulo é chorado.
Nação, fiel nação, desterra o susto:
Outro heroe, outro Atlante a monarchia
Nos firmes hombros susterá robusto.
E tu, mãe do teu povo excelsa, e pia,
Que inda desfeita em lagrimas contemplo
Na revolta, enlutada phantasia:
Sobe, constante, da Memoria ao templo;
Lá vale mais que um sceptro uma alma forte,
Sê da conformidade o sancto exemplo.
Á triste, chara irman, que invoca a morte,
Vae docemente o pranto reprimindo;
Pinta-lhe a gloria do feliz consorte,
Que entre os anjos está, cantando, e rindo.

PERIODO DE LUCTAS LITTERARIAS

3

Á deploravel morte do Ill.^{mo} e Exc.^{mo} Snr. D. José Thomaz de Menezes

Horridas sombras, horridos vapores
Que enlutaes estes ares carregados
Por onde vão fugindo os meus clamores:
Sinistras aves, que funestos brados
Espalhaes de cyprestes lutuosos
Pela negra tristeza bafejados:
A vós consagro os prantos dolorosos,
Que meus olhos derramam contra a dura
Antiga lei dos fados poderosos:
Antiga lei, que á feia sepultura
Arroja sem respeito, e sem piedade
A virtude, a grandeza, a formosura!

Aspera lei, que a pobre humanidade
N'um momento, n'um atomo arremessa
Ao centro da medonha eternidade!
Tremendissima lei, que tão depressa
Troca em ais e em desgostos a alegria,
Troca a purpura em luto, o solio em eça!
Ah! Nunca amanhecêra o cruel dia,
Esse dia fatal, que tu seguiste,
Noute de espanto, noute de agonia!
Tejo, que foste da tragedia triste
O theatro infeliz, que é do thesouro
Que a meus olhos saudosos encubriste?
Ah! não blasones das arêas de ouro,
Se em ti contens o heroe, que ao proprio Marte
Esperava ganhar a palma, o louro.
José, que reunindo a força, e a arte,
Feros brutos indomitos domava,
Sendo assombro de tudo em toda a parte.
José, que os lusos povos alegrava,
E que, sem recordar-se da grandeza
A todos brandamente agasalhava:
José, com quem a sorte e a natureza
Foram tão liberaes, e em quem luzia
Resto feliz da gloria portugueza.
Oh lugubre destino! Oh morte impia!
Illustre, e velho pae! Tua amargura
Quão rigorosa, quão cruel seria?

A macilenta Clotho, a parca dura
Te roubou para sempre o filho amado,
O doce objecto da maior ternura.
Queixa-te, é justo, queixa-te do fado,
O negro caso deploravel chora,
Em nossas faces pela dor gravado.
Pragueja aquelle monstro, que devora
Os miseros mortaes... dize-lhe... ah! Antes,
Antes a summa providencia adora.
Adora a quem nos astros scintillantes
Erigiu, collocou seu throno eterno,
O supremo senhor dos céos brilhantes;
O justo Deus, que com poder superno
Escondeu, ferrolhou perpetuamente
Os rebeldes espiritos no inferno.
Elle, movendo o braço omnipotente,
O filho te chamou, que merecia
Gloria immortal no empyreo reluzente.
Basta, excelso Marquez: tua agonia
Pela fé seja em fim modificada,
E por uma christan philosophia.
Que tambem na minha alma atribulada
Ouço o riso da candida esperança,
Sinto a terrivel dor mais applacada.
E tu, alma gentil, que na lembrança
Tão presente me estás, alma ditosa,
Entre os córos angelicos descança.

*

Não precisa de lagrimas quem gosa
De eterna, d'immortal felicidade;
Por isso é nossa dor infructuosa.
Porém, com tudo, lá da eternidade,
Do centro da ventura mais perfeita,
Se te é possivel, feliz alma, acceita
Provas de amor, effeitos da saudade.

Soneto

Tudo acaba: esse monstro carrancudo,
Prole do Averno, effeito do peccado,
Tudo a cinza reduz, brandindo irado
Com sanguinosas mãos o ferro agudo:

Oh fatal desengano, horrendo e mudo,
Em pavorosos marmores gravado!
Oh letreiros da morte! oh lei do fado!
É verdade, é verdade: acaba tudo.

Eis o nosso miserrimo destino;
Assim o ordena quem nos céos impéra:
Basta, adoremos o poder divino.

Reprime os passos, caminhante, espéra;
E no epitaphio do infeliz Josino
Lê o teu nada, o que tu és pondéra.

4

A' tragica morte da Rainha de França Maria Antonietta

(Guilhotinada aos 16 d'outubro de 1793)

Seculo horrendo aos seculos vindouros,
Que ias inutilmente accumulando
Das artes, das sciencias os thesouros:
Seculo enorme, seculo nefando,
Em que das fauces do espantoso Averno
Dragões sobre dragões vem rebentando:
Marcado foste pela mão do Eterno
Para estragar nos corações corruptos
O dom da humanidade, amavel, terno.
Que fataes producções, que azedos fructos
Dás aos campos da Gallia abominados,
Nunca de sangue, ou lagrimas enchutos!
Que horrores, pelas Furias propagados,
Mais e mais esses ares ennevoam,
Da Gloria longo tempo illuminados!
Crimes soltos do inferno a terra atroam,
E em torno aos cadafalsos lutuosos
Da sedenta vingança os gritos soam.

Turba feroz de monstros pavorosos
O ferro de impias leis, bramindo, encrava
Em mil, que a seu sabor faz criminosos.
A brilhante nação, que blasonava
D'exemplo das nações, o throno abate,
E de um senado atroz se torna escrava.
Por mais que o sangue em ondas se desate,
Nada, nada lhe acorda o sentimento,
Que as insanas paixões prende, ou rebate;
Vai grassando o furor sanguinolento,
Lavra de peito em peito, e d'alma em alma,
Qual rubra labareda exposta ao vento:
Não cede, não repousa, não se acalma,
E a funesta, insolente liberdade
Ergue no punho audaz sanguinea palma.
Barbaro tempo! Abominosa edade,
Ás outras éras pelos Fados presa
Para labéo, e horror da humanidade!
Flagellos da virtude, e da grandeza,
Réos do infame e sacrilego attentado
De que treme a Razão, e a natureza!
Não bastava esse crime?... Inda o damnado
Espirito, que em vós está fervendo,
A novos parricidios corre, ousado?...
Justos céos! Que espectaculo tremendo!
Que imagens de terror; que horrivel scena
Vou na assombrada idéa revolvendo!

Que victima gentil, muda, e serena
Brilha entre espesso, detestavel bando,
Nas sombras da calumnia, que a condemna!
Orna a paz da innocencia o gésto brando,
E os olhos, cujas graças encantaram,
Se volvem para o céo de quando em quando:
As mãos, aquellas mãos, que semearam
Dadivas, premios, e na molle infancia
Com os sceptros auriferos brincaram.
Ludibrio do furor, e da arrogancia
Soffrem prisões servis, que apenas sente
O assombro da belleza, e da constancia.
Oh justiça dos céos! Oh mundo! Oh gente!
Vinde, acudi, correi, salvai da morte
A malfadada victima innocente!...
Mas ai! Não ha piedade, que reporte
A raiva dos terriveis assassinos;
Soou da tyrannia o duro córte.
Já cerrados estaes, olhos divinos;
Já voando cumpriste, alma formosa,
A ferrea lei de asperrimos destinos.
Do rei dos reis na corte luminosa
Revês o pio heroe, por nós chorado,
Que da excelsa virtude os lauros gosa.
Na mente vos observo: eil-o a teu lado
Implorando ao Senhor, que os maus flagella,
Perdão para o seu povo hallucinado.

Despido o véo corporeo, oh alma bella,
No seio de immortal felicidade,
Só sentes não voar mais cedo a ella.
Em quanto aos monstros de horrida maldade
Murmura a seu pezar no peito iroso
A voz da vingadora Eternidade.
Desfructa summa gloria, oh par ditoso,
Logra em perpetua paz jubilo immenso,
Que o mundo consternado, e respeitoso,
Te aprompta as aras, te dispõe o incenso.

PERIODO DE DESALENTO E MORTE

(1798 a 1805)

5

Offerecida ao senhor Joaquim Pereira de Almeida, na morte de seu pae

É todo o mundo um carcere, em que a Morte
Os miseros viventes guarda, encerra,
Para n'elles cumprir-se a lei da sorte:
Ou baça enfermidade, ou torva guerra
Vão co'as ferinas garras pavorosas
Tornando pouco a pouco um ermo a terra:
De dia em dia as lagrimas saudosas
De afflictos corações estão regando
Marmoreas campas, urnas lutuosas:
Males e males em terrivel bando
Vagam por toda a face do universo,
Peste, veneno, horrores derramando:
Cae o eximio varão como o perverso,
A morte pelo effeito os dous eguala,
O modo com que os fere é que é diverso.

Áquelle a voz de um Deus do céo lhe fala;
O remorso, de crimes carregado,
A este o coração golpêa, e rala:
Da chamma divinal affogueado
Um, cravando no empyreo os olhos ternos,
Ergue d'almo futuro o véo dourado:
Outro, mordido de aspides internos,
Se entranha em feio abysmo, e vê que passa
De mal finito a males sempiternos.
A mão, que as frageis vidas desenlaça,
Ao pio é, pois, suave;—ao impio dura;
Traz o flagello a um, ao outro graça.
Que importa que na terrea sepultura
Baquêe o corpo, a victima do nada,
Se triumpha nos céos uma alma pura?
Se na radiante, olympica morada,
C'o fulgor, que do Eterno reverbéra,
Como o sol resplandece illuminada?
Vê negrejar ao longe a tenue esphera,
Onde o cego mortal vaguêa ufano,
Nota quanto differe o que é, e o que era:
Por entre a cerração de antigo engano
Contempla como nutre, e como céva
Vão tropel de illusões o orgulho humano:
Como o barro servil se abstrae, se eleva,
Como a hallucinação, como a loucura
Lhe abafa o pensamento em densa treva:

Como o bem, como a paz, como a ventura
No mundo não são mais que um fatuo lume,
Que doura mal o horror da vida escura.
Graças, graças ao bom, propicio nume,
Que aliza com a dextra omnipotente
A' fouce matadora o ferreo gume!
Dos céos, oh Morte, és dadiva eminente,
És precioso balsamo divino,
Que cerra as chagas do infeliz vivente.
Morte, se padecer é seu destino,
Se o torna a febre ardente, a dor aguda
Sem alento, sem voz, sem luz, sem tino:
Se um salutar bafejo lhe não muda
Em manso allivio tão penoso estado,
Dita não é que tua mão lhe acuda?
É sim. Pela afflicção desacordado
Ia affrontar teu nome em meu lamento,
Oh mimo celestial, oh dom sagrado!
Sumido na tristeza o pensamento,
Teus favores, teus bens desconhecia,
Fonte de perennal contentamento;
Estrada, que a virtude aos astros guia,
Guia ao reino immortal, ditoso, e puro,
Onde nunca interrompe a noute ao dia.
Chave, e porta do incognito futuro,
Doce amiga fiel, que nos franqueas
Dos céos lustrosos o invisivel muro:

Já voou meu terror, já não me ancêas,
Em risonhas idéas se trocaram
Carrancudas visões, imagens feias:
Razão, verdade a mente me acclararam,
E de teus mil phantasticos horrores
A medonha apparencia em mim douraram:
Ah! Verta o meu pincel vistosas côres
Que adocem, que mitiguem da saudade
O terno pranto, os férvidos clamores!
Ouço gemer a filial piedade,
Ferem meu peito os echos da tristeza,
Ingenuas expressões da humanidade.
Deixemos suspirar a natureza;
E os estoicos, ou barbaros, embora
Se paguem de uma apathica dureza.
Labéo da especie humana é quem não chora;
Por leões devorado em selva escura
Aprenda a conhecer a dor, que ignora.
Solta-te em ais, dulcissima ternura;
De um virtuoso pae, tu, prole amante,
Deves banhar-lhe em pranto a sepultura:
Mas não seja a paixão tão dominante,
Que insulte a sacra mão, que já da terra
O attrahiu luminoso, e triumphante.
Se o mundo é campo de continua guerra,
E os céos habitação da paz serena,
Mingue o dissabor, que em vós se encerra.

A força da razão subjeite a pena;
Na vontade de um Deus consiste o Fado;
Louvem-se o mal, e o bem, que o Fado ordena.
O semblante caído, e consternado
Erguei da terra, erguei, filhos saudosos
De um respeitavel pae, amante, e amado.
Recordai seus dictames proveitosos,
A mão, que vos guiou para a virtude,
Sem temer-lhe os caminhos espinhosos.
Em vez de pompa vã, que attráe, que illude
Inchados corações, e enfeita a morte,
Na cega opinião do povo rude:
Um ardor firme, um avido transporte
De alcançar ò que os sabios chamam gloria,
E que é no mar da vida o fixo norte:
Honrem as cinzas, honrem a memoria
D'esse, que do mundano, atroz conflicto
No céo desfructa singular victoria.
Isto exige de vós, o n'alma escripto
Sempre deveis trazer o insigne exemplo,
Que honrosa obrigação vos tem prescripto.
Com os olhos em vós do ethereo templo
A causa da afflicção, que vos devora,
Como que absorto em extasis contemplo:
Como que ao ente excelso, ao Deus que adora,
Ao senhor, mais que os seculos antigo,
Amplos favores para vós implora.

Oh tu, meu bemfeitor, meu caro amigo,
Que contra o desprazer no affavel seio
D'alta philosophia achaste abrigo:
De um grato coração de magoa cheio
Acolhe o terno, o candido tributo,
Que a Musa, gloria minha, e meu recreio,
Te off'rece, envolta no funereo luto.

6

Á morte do snr. João dos Santos Borsane

O sabio não vae todo á sepultura;
Não morre inteiro o justo, o virtuoso;
Na memoria dos homens brilha, e dura:
    Em quanto o nescio, o inutil, o ocioso
Vão, ignoradas victimas da morte,
Sumir-se no sepulchro tenebroso.
    Jonio feliz, bom páe, fiel consorte,
N'este dia, em que o véo mortal despiste,
Dias eternos te confere a Sorte.
    Se longe do universo errado, e triste,
Triumpha teu espirito fulgente,
Immortal entre nós teu nome existe.
    Da etherea habitação do Omnipotente
Reflecte o resplendor da gloria tua
Na tua prole honrada, e descontente.
    Em lagrimas no peito lhe fluctua
O coração de angustias macerado,
Posto que o ledo empyreo te possua.
    Eis o caracter, que aos mortaes foi dado:
Como que o bem do amigo nos magôa,
Quando o gosto de o ver nos é vedado.

Na dextra a palma tens, na fronte a c'roa;
Tens (assegura a fé) porque a virtude
De jus nos almos céos se galardôa.
Mas, por mais que se esmere, e lide, e estude,
Quem á dôr accommoda o soffrimento?
Quem ha que á natureza o genio mude?
Corra o pranto d'amor, sôe o lamento,
Té que a paixão nos ais evaporada
Deixe livre folgar o entendimento.
Então tua familia consternada
Vendo na idéa teus serenos dias,
Alma vinda do céo, e ao céo tornada:
Vendo as dignas acções, virtudes pias,
Com que assombros e exemplos semeaste
Na carreira vital, quando a seguias:
Vendo que os sabios, que a siencia honraste,
Que o mundano esplendor tiveste em pouco,
Que os perversos carpiste, os bons amaste;
Enfreados seus ais no peito rouco,
De ineffavel prazer sentindo o encanto,
Dirá: — « Quem te lamenta é cego, é louco.
Perdôa á nossa dôr, e ao nosso pranto;
Soffre às mostras fieis do amor mais terno;
E orando pelos teus, que amavas tanto,
Graças lhe adquire do monarcha eterno. »

7

Na morte do ill.^mo snr. Anselmo José da Cruz Sobral

Parva petunt manes.
Ovid. Trist. lib. II.

Numen do pranto, numen da tristeza,
Tu, que tinges d'escuro a phantasia,
Que oppões a eternidade á natureza:
Por meus versos esparge a côr sombria,
A côr dos corações, dos pensamentos,
No ponto acerbo, que nos sóme o dia.
Ais solitarios, miseros lamentos
As trevas firam do silencio antigo,
Que reina entre o pavor dos monumentos:
De honrosas, caras cinzas ao jazigo
Co'a luz, que a todos patentêa o nada,
Me guia, oh Desengano;—eu vou comtigo.
D'um a outro universo (ah!) eis a estrada,
Por milhões e milhões dos frageis entes
Desde a infancia dos seculos trilhada.
Eis o terreno de fataes sementes,
D'onde sóbe amargoso e negro fructo,
Eis a meta infallivel dos viventes.

Triste marmore ali, polido, ou bruto
Recata estrago, horror; na feia estancia
A grandeza é miseria, o fasto é luto.
Diff'renças da humildade, e da arrogancia
O teu nivel, oh Morte, ali supprime;
Cessa entre os graus chimerica distancia.
Da virtude sómente o dom sublime
Do heróe, do justo ali doura a memoria,
Como opaca memoria enluta o crime.
Abysmos da existencia transitoria,
No immenso, no voraz, no horrivel seio
Co'a vida não sorveis a humana gloria.
Esteio em corações, na fama esteio
Logra, domando o tempo, a inveja, o fado,
Gran ser, que volve aos astros d'onde veio.
Despojo de Sobral, despojo amado,
Em quanto a gratidão luzir na terra
Serás de ingenuas lagrimas honrado.
Debalde avaro tumulo te encerra,
Debalde a lei mais dura em ti cumprida
De teus saudosos lares te desterra.
No extremo adeus, na eterna despedida
Ganhaste ao Tempo seu feroz direito,
Perdeste o mundo, e renovaste a vida.
Da essencia, da materia o nó desfeito
Deixou teu nome intacto, eximio, puro,
Brilhar nas sombras do funereo leito.

A mésta viuvez, de manto escuro,
A sósinha, miserrima orphandade,
Medrosas do presente, e do futuro,
A ti, ao bemfeitor da humanidade,
Nos castos domicilios consagraram
Prantos ferventes, cordeal saudade.
Teus feitos immortaes, que a patria ornaram,
Que em perennal delicia um Deus premêa,
De terna gratidão na voz soaram.
Do globo inficionado, oh mente alhêa,
Oh alma tão diversa, e tão lustrosa
Dos entes na longuissima cadêa!
Tão bella como o Olympo, que te gosa;
Tão pura quanto o soffre a natureza,
Mil vezes fraca, insana, ou criminosa!
Dos homens commettendo a summa empreza,
Util viveste ao mundo, e só fundaste
Em teu grande caracter a grandeza:
Exercêste a virtude, os céos honraste,
E, soffrega anhelando os atrios d'ouro,
Nas azas da esp'rança aos céos voaste.
Negra filha da Noute, ave de agouro,
Apontar-te não foi co'a voz funesta
O rasto vil de posthumo desdouro.
Moral gangrena, que a opulencia empésta,
Jámais te corrompeu, jámais: qual fôras
Nas eras d'ouro, reluzias n'esta.

Virtudes efficazes, bemfeitoras,
Encheram sempre teus vitaes espaços,
Illesas das edades tragadoras;
Quando ferrenhos, tumidos, escassos,
Apenas homens são, e impõem de numes
Baixos Lucullos, despreziveis Crassos;
Que da curva indigencia entre os queixumes
Se enlevam com apathica surdeza
Da ventura infiel nos fatuos lumes.
Espirito feliz, que da baixeza
Do terreo globo te elevaste ao clima
D'onde crês tenue ponto a redondeza:
Se attentas nos humanos lá de cima,
Chorosos corações, que a dôr ancêa,
Com teu reflexo fortalece, anima:
D'aquella, com que Amor inda te enlêa,
D'aquella a que a ternura inda te prende,
Á gloria tua o pensamento altêa.
Na lugubre consorte a idéa accende
Do olympico prazer, na prole amada
A rigida constancia ao termo estende.
Entorna da estellifera morada
Nectar piedoso, que a afflicção lhe adoce;
E n'uma e n'outra face amargurada
Só jubilo celeste o pranto engrosse.

8

Na sentida morte do ill.^{mo} e ex.^{mo} snr. D. Pedro José de Noronha, Marquez de Angeja, etc. etc.

Multis ille bonis flebilis occidit;
Nulli flebitior quam tibi...
HORAT. Lib. I. Ode XXIV.

Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
Em seu templo fatal, sombrio, horrendo
Mais um negro trophéo suspende a Morte;
Em lagrimas, em ais, em lutos novos
A fereza brutal recrêa o monstro:
Roubou mais um thesouro á natureza,
No seio universal deu mais um golpe.
Oh fado! Oh céos! Oh dôr!... Noronha é morto,
Noronha, o moço illustre, a flor da patria.
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
Dias d'aurea existencia! Oh puros dias!
Infancia, elysios d'alma inda recente,
Quadra celeste de innocencia, e riso,
Quaes os filhos da luz, Noronha ornastes!

De carinhosa mãe no gremio doce
Em sereno repouso affigurava
Fugido á florea Chypre um dos Amores,
Que, já com aza inerte, ali pousando,
No caro, idoneo encosto adormecêra;
Mas por entre as gentis, infantes graças.
Um gésto, um não sei que, viril, sublime,
Era de alto futuro imagem bella.
No tenro aspecto não mentiu a imagem,
Fiel o annuncio foi; mas ah!.... Mentiram
De longos dias esperanças faustas,
E duração de flor tolheu mil fructos.
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
Já na sazão vital, que os erros brota,
Que ás vezes na vontade arraiga os vicios,
Sementes de que surge a dôr, e o crime:
No tempo em que a razão succumbe, ou treme,
Ao vaivem das paixões, ao choque, á lucta,
O mancebo exemplar susteve-as firme,
Vedando ao coração que vicios fossem.
Oh tu, Beneficencia, oh tu, Piedade,
Sentimentos de um Deus, moral de um nume!
Almos, ethereos dons! Outr'ora amigos
De florecer na terra, e de enfeital-a,
Á corrompida estancia agora esquivos!
Noronha vos gosou, Noronha, o vosso,
N'alma suave, como as flores bella,

Meigo affagava da indigencia o rogo:
Não era esteril dó, nem vão suspiro,
O auxilio inefficaz, que dava aos tristes:
Das mãos saía o ouro, e d'alma o pranto.
Carrancúdo favor, que de agro genio
A custo vem, que á sua origem sabe,
E a miseros mortaes, prestando, amarga:
Espinhoso favor, pezado, acerbo,
Mais insulto que allivio ao mal, que geme;
Esse methodo atroz, caracter feio,
Dos nadas pelo orgulho entumecidos,
Ou do avaro infernal (se a Natureza
Acaso alguma vez lhe diz que é homem)
Esse, até na virtude afferro ao vicio,
Ah! Nunca desluziu semblante amêno,
Ente querido, que merece as magoas,
As magoas, que a saudade extráe da lyra,
E que ao sepulchro seu chorosas voam.
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as musas chorem.
Guerreiro, que respira, anhéla estragos,
A quem no duro ouvido alegres soam
Os baques de amplos muros, de arduas torres,
A quem da humanidade é gloria o pranto,
E são musica os ais, e o sangue é nectar;
Execrando mortal, cruento, infrene,
Que na voz o trovão, na dextra o raio,
Brama, sumido em pó, sumido em fumo,

E, torrente o suor, e os olhos brazas,
E braza o coração, que as furias sopram,
Por entre esquadras cem vae solto em mortes;
Este, da natureza horror e infamia,
É peste das nações, é tygre, é monstro.
        Carpido objecto meu, carpido objecto
(Ramo da planta, de que reis são tronco,
E ramo de que lagrimas são fructo)
A fama dos heróes estreme, augusta,
A herdada intrepidez, o avito exemplo,
Os annaes, o esplendor, o o bem da patria
Cingiram-te de Marte ás leis ferrenhas,
Ás leis, a que repugna um doce instincto,
Uma alma como a tua, um ser de nume.
Ah! Se vivesses, que prodigios foram,
Que altos prodigios teus, materia aos vates!
Se invasora ambição, se iniqua força
Tentassem profanar sagrados montes
(Onde no lenho excelso um Deus foi visto,
E um grande rei, por elle aos lusos dado)
Em teu genio sem par, teu marcio brio,
Impenetravel muro a patria houvéra!
Aquelles, de que foste o páe, e o chefe,
Que a perda tua eterna em vão deploram;
Aquelles, que adestraste á gloria, ás armas,
De ti volviam tanto, ou mais na idéa:
Nutria o pensamento este aureo sonho,
E o sonho se esvaíu, se foi comtigo.

Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas,
O digno de chorar se as Musas chorem.
Ai deusas dos heróes, dos sabios deusas!
Artes, que o possuistes, que o perdestes!
Sois vós, que ao mausoléo gemes em torno?
Vós sois; eu lá vos ouço, eu lá vos vejo.
Cortado por misèrrimos suspiros
Palpita o grato nome em vossos labios,
E ferve o coração com elle em chôro.
Afflictas laceraes os véos, as tranças,
E echos mil despertando em grito e grito,
Responde Lysia toda ao som funesto:
Tanto a patria perdeu! Tal é seu damno!
Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
De imagens festivaes desenlaçada,
Amando a côr da morte, a côr do abysmo,
Se aos tumulos arranco a phantasia,
Não é para dourar-lhe as atras sombras;
É para sepultal-a em mais pavores,
E dar-lhe a nova dôr materia nova.
Eis da grandeza, da virtude os lares,
Os lares paternaes, a estancia chara,
Onde o cortado em flôr caiu sem vida.
Que espectaculo, oh céos!... Oh céos! Que objecto!...
Em ancias, em soluços, em clamores
A dolorosa mãe desfaz o alento;
No pólo transparente os olhos pondo,

Da ternura o penhor, delicia, encanto,
O filho em vão reclama aos astros surdos!
Ah! Como é penetrante a dôr materna!
Um «ai» diz mais ali, que mil em outrem.
  Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas:
O digno de chorar-se as Musas chorem.
  Que espectaculo, oh céos!... Oh céos! Que objecto!..
A mãe desanimada, o pae sem alma,
Sem alma o triste irmão!.. Sem alma o grande,
O magnanimo, o forte, o charo a todos,
A quem n'um aureo nó, quasi paterno,
Summa ineffavel mão prendeu comtigo.
Oh candido mancebo, em vão chorado,
De tantos corações saudade eterna!
Aquelle, que das leis, e que da patria
Nos hombros, novo Atlante, o pezo estêa,
Tão firme em tudo o mais, co'a dôr não póde!
Depois de haver tragado o fel do transe,
Que ha pouco lhe arrancou porções da vida,
Constancia de rochedo (ah!) fôra um crime.
Suspirem corações amargurados;
Não é, não é de ferro a Natureza:
Que muito que a ternura em ais se exhaura,
Quando as garras crueis de negros males
Se enterram na raiz do sentimento?
Até feros leões, perdendo a prole,
No lybico sertão de magoa rugem.

Prantêa, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
Porém qual de improviso acode á mente,
Acode ao coração favor piedoso!
Celeste refrigerio abrange, aclara
Espiritos, que a dôr sumia em trevas!...
Que assombro!.. Que portento!.. És tu, deidade,
És tu, Religião?... Tu és, tu fallas,
Arcanos divinaes tu me franqueias;
Da humanidade oh mãe, dos céos oh filha!
Já novo cortezão de um rei mais alto,
Mais alto, muito mais que os reis do mundo,
Noronha de immortal no gráo brilhante,
De sol em sol vagueia, e de astro em astro;
É todo resplendor, delicia é todo,
Porção de etherea luz: — de lá co'um riso
(Qual no florente Abril não tem a Aurora)
Aos seus, que inda no céo lhe são mais charos,
De amor perenne, immenso, os dons envia,
Em golpes da saudade esparge o nectar,
E sara os corações de angustia enfermos.
Terno pae! Terna mãe! Não mais suspiros,
Exultae, revivei, familia excelsa.
Quem no mundo carpîs, no empyreo folga;
Tornem-se em gosto a magoa, o pranto em hymnos.
Não chores, lyra triste, amadas cinzas;
O digno de cantar-se as Musas cantem.

IDYLLIOS E CANTATAS

PERIODO DA VIDA MILITAR

(1780 a 1787)

1

(Pastoril)

Filena, ou a Saudade

Que terna, que saudosa cantilena
Ao som da lyra Melibeo soltava,
O pastor Melibeo, que por Filena,
Pela branca Filena em vão chorava!
Inda me fere o peito aguda pena,
Quando recordo os ais, que o triste dava,
O pranto que vertia, amargo, e justo
Á sombra, que ali faz aquelle arbusto.
Tu, maviosa a chôros, e a clamores,
Tu, Venus (Venus só na formosura)
Luz de meus olhos, unicos amores
D'esta alma, e seu prazer, sua ventura;

Que, reclinada, amarrotando as flores,
Descanças em meu peito a face pura,
Ouve-me os ais, e as queixas de outro amante.
Que ao teu no ardente extremo é similhante,
«Céos! (assim começou, e eu escondido
Entre as copadas arvores o ouvia)
Por vós em duras magoas convertido
Vejo em fim todo o bem, que possuia:
Á candida Filena estar unido
Julgastes que um pastor não merecia:
A mais doce prisão de Amor partistes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.
«Mal haja a lei dos fados inclemente!
O seu poder, o seu rigor praguejo:
Morte! Geral verdugo! Estás contente?
Já saciaste o sôfrego desejo?...
Mas Filena inda é viva, inda me sente
Suspirar nos seus braços: inda a beijo!...
Ah meus olhos, morreu: sem alma a vistes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.
«Em ti, cara Filena, a sepultura
Tem de Amor, tem das Graças o thesouro;
Ali te arranca a morte acerba, e dura
Da mimosa cabeça as tranças de ouro:
Eis terra, eis cinza, eis nada a formosura...
Ah! Que não pude perceber o agouro
Com que esta perda, oh fados, me advertistes!
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

«Um dia, ha tempos, Lénia, a feiticeira,
Me disse: «Grande mal te está guardado!»
Não m'o quiz declarar, e ave agoureira
De noute me piou sobre o telhado:
Cuidei que perderia a sementeira,
O rebanho, o rafeiro... ah desgraçado!
Perdeste mais, e a tanto inda resistes!
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

«A tua meiga voz, o teu carinho
Maior falta me faz, minha Filena,
Que lá no bosque ao rouxinol sósinho
Da presa amiga a doce cantilena:
O teu branco, amoroso cordeirinho,
Mal que se viu sem ti, morreu de pena:
Balar saudoso, oh montes, vós o ouvistes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

«O meu rebanho definhou de sorte,
Depois que te perdi, que anda caíndo;
Sécca estes campos o halito da Morte
Desde que ella sumiu teu gésto lindo:
Rogo-lhe vezes mil, que me transporte
Lá onde, como estrella, estás luzindo,
Lá onde alegre para sempre existes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

«A roseira tambem, que tu plantaste,
Teu prazer, e prazer da Natureza,
Murchou-se logo assim que te murchaste,
Oh flor na duração, flor na belleza!

A pequenina rôla, que apanhaste,
Não comeu mais, finou-se de fraqueza:
Por que blasphemia, oh deuses, me punistes?
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.
«Já pelas selvas, ao raiar da aurora,
Caçando, as tenras aves não persigo;
Tudo me ancêa, me enfastia agora,
Nem soffro os que por dó vêm ter comigo:
Figura-me a saudade a toda a hora
Ternas delicias, que logrei comtigo.
Ah! Quão depressa, gostos meus, fugistes!
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.
«Como as formigas pelo chão, no estio,
Ou como as folhas pelo chão, de inverno,
No afflicto coração, que em ais te envio,
Jazem penas crueis, quaes as do inferno:
Ora me sinto arder, outr'hora esfrio,
Desfaz-me em ancias um veneno interno:
Talvez meus pés, oh viboras, feristes!
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.
«Nos troncos, e nos marmores gravêmos
Memorias de Filena idolatrada,
Tão digna de suspiros, e de extremos,
De tantos corações tão cubiçada:
Amor! Amor! Seu nome eternizêmos...
Ai, que me falta a voz! Soccorro, amada;
Conforta-me dos céos, aonde assistes!
Não mais, oh triste lyra, oh versos tristes.»

2

(Pharmaceutrio)

Crinaura, ou o amor magico

Já, da noute ametade annunciando,
O gallo velador tinha cantado;
Regougavam nas serras as raposas,
Carpiam pelas arvores os mochos,
E no sordido lago as rans coaxavam.
Por entre densas, pluviosas nuvens,
Prenhes de raios, transluzia apenas
Semi-morto clarão da frouxa lua.
Entregue ao somno o racional jazia
Ou nos braços de amor, ou solitario,
Sobre cama de feno, ou leito de ouro,
Segundo teus caprichos, oh Fortuna,
Com que dás tudo a uns, a outros nada.
Só n'um bosque de viboras coalhado,
Fertil de sombras, sombras dos infernos,
N'um ermo, onde não ha pégada humana,
Que dos magos noctivagos não seja,
Velava um d'elles, o amoroso Elmano,
Perto de turvo, e rapido ribeiro,
Que do atro seio de horrorosa gruta
Com rispido susurro ía correndo.

Phantasmas infernaes, que a negra noute
Arroja a terra, sacudindo o manto,
Vagavam por alli: Górgonas, Furias,
Que o pavoroso barathro vomita,
Que exhalam peste das crueis entranhas,
As serpes, as melenas assanhavam
Em torno do infeliz, queixoso amante,
Influindo-lhe a raiva, a dor, e a morte.
No centro da terrivel assemblêa
Com carrancudo aspecto o malfadado
Só tinha em ti, Crinaura, os pensamentos!
Tu lhe negavas o fulgor suave
Com que teu rosto os céos abrilhantaram;
Longe estavas, cruel; porém suppriam
Aos olhos corporaes os olhos d'alma;
Longe estavas, cruel; porém pasmado
Na phantastica imagem de teu gesto,
Que vivamente Amor lhe debuxava,
D'esta maneira os ares atroava:
«Potentes versos meus, arte divina,
As tartareas cavernas invadistes,
Commovestes Sumano, e Proserpina,
Hydras, Cerastes, Furias attraistes:
Da fresca lua a face cristalina
Com tenebrosas nuvens denegristes,
Domais as féras n'esta horrivel matta:
Só não podeis vencer Crinaura ingrata.

«Versos! Versos! Oh dadiva celeste!
Apinhando os delphins ao som da lyra,
O musico Arion remir podeste
Das cubiçosas mãos, em que caíra:
Desarraigaste as arvores, soubeste
As penhas derreter! Amor te inspira,
Amor a força tua em mim dilata,
E não has de vencer Crinaura ingrata!
«Versos! Versos! Nas ermas sepulturas
Com graça, pelas graças influida,
Furtando as almas das prisões escuras,
Tornais ás cinzas o calór, e a vida:
A Dite, revogando-lhe as leis duras,
Tiraes a nympha, do áspide mordida:
Tanto pódes, oh arte aos deuses grata!
Só não triumpharás d'aquella ingrata!
«Ah! Sim, tentemos outra vez a sorte;
A ternura porfie, a paixão teime;
Deixai-me, oh desenganos, longe, oh Morte:
Deus Phebo, teu fervor minha alma queime!
Eia, Venus, e Amor, dai-me um transporte
Digno de vós: oh filho! Oh mãe! Valei-me,
Não só, não só por mim, de vós se tracta:
Vós venceis, se eu vencer Crinaura ingrata.
«Solte-se a vêa, principie o encanto;
Versos! Versos! Crinaura! Eu t'os envio.
Eis nas plumas do Zephyro o meu canto,
Eis Iris sobre o ar humido, e frio:

*

Céssa o berro da ran, do mocho o pranto,
Ficam mudas as Furias, mudo o rio:
Lá mostra a lua a face prateada,
Trazei-me, versos meus, a minha amada.
«Esta semente, de fragrancia bella,
Aos raios veneravel como o louro,
Planto aqui: flôres mil brotarão d'ella
Subito... ah! Ei-las, é feliz o agouro:
Accendamos tres vezes esta véla,
Crestêmos á terceira este bisouro:
Minha mestra m'a deu, Canidia, a fada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.
«As amoras silvestres espremâmos
N'este vaso de Alceo, magico experto;
Sobre o licor sanguineo desfaçamos
Folha a folha este cravo meio-aberto:
Misturemos-lhe agora o mel, e os ramos,
Que torrei, que moí, remedio certo
Contra o negro lacráo: não falte nada;
Trazei-me, versos meus, a minha amada.
«Pondo este roto véo, que era de Circe,
Depois batendo o pé, Lamia podia
Converter-se em morcego, e restituir-se
Á fórma natural, quando queria;
Eis o buço de lobo: a sabia Tirse
Com elle assombros mil tambem fazia:
Já com isto em serpente a vi mudada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Puz a seccar debaixo de um penedo
Crescida, e gorda ran, que apanhei viva;
Dous ossos lhe guardei: pondo-lhe o dedo
Qualquer amante, seu amor se aviva;
Tem a virtude, em fim, tem o segredo
De amansar lobos: a caduca Oliva
Com elles das mãos d'um foi já tirada.
Trazei-me versos meus, a minha amada.

«A torta vara, com que Ilêo fazia
Milhões de espectros negrejar nos ares,
Com que ao minimo aceno embravecia
Placidas auras, bonançosos mares:
Parte do incenso, que Medéa impia
Dava da horrivel Hécate aos altares,
Guardo n'aquella gruta, ao sol vedada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Falta a cinza (eil-a aqui) do corvo branco,
Que Licidas caçou, que tanto estimo:
Dos feridos com ella o sangue estanco,
E os quasi mortos, em querendo, animo:
Eis a admiravel planta, com que arranco
As mais cravadas settas, eis o limo,
E esta concha, no Euphrates apanhada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

«Produzi, meus encantos, vosso effeito
Para gloria de Amor, e gloria minha;
Venha curar o mal, que me tem feito,

Aquella, em cujos olhos me mantinha:
Trazei-a... ah! Que prazer me inunda o peito,
Que luz, que objecto para mim caminha!
Que força occulta as forças me restaura!
Basta, meus versos: ali vem Crinaura.»

3

(Pastoril)

Arselina

Lá onde em fôfa espuma se despenha
O gárrulo Alviéla transparente
De alcantilada, ruinosa penha,
Quando as sombras caíam do occidente,
Renovando seus ais a ave nocturna,
E a ran loquaz seu cantico estridente;
Jazia o triste Elmano em ampla furna,
Que, roçando a corrente cristalina,
Nega o concavo seio á luz diurna.
Ali ao som da humilde sanfonina
O pastor solitario em vans endeixas
Dava ás traições, e ás graças de Arselina
Ternas saudades, lastimosas queixas:
«Desce, Noute piedosa, estende o manto,
Que douram do céo puro os vivos lumes;
Torna, torna este horror mais denso, em quanto
Dirijo inuteis ais aos surdos numes;
Dobra a tristeza do funereo canto,
Oh mocho, affeito ás sombras, aos queixumes,
E tu, com quem meus males só mitigo,
Instrumento fiel, geme comigo.

«Arselina se entrega ao rude Algano,
Em campos, em manadas opulento;
De amor se esquece, esquece-se de Elmano,
Elmano lhe voou do pensamento.
Cruel certeza! Amargo desengano!
E inda não me abafaes o ancioso alento!
Vida, teimosa vida, eu te maldigo!
Instrumento fiel, geme comigo.
Fujam das mães os timidos cordeiros
Para o lobo voraz de hoje em diante;
Voem para os milhafres carniceiros
A pomba namorada, a rola amante;
Unam-se os céos, e os ingremes outeiros,
Oh torpe Algano, aos brutos similhante,
Que Arselina tambem se uniu comtigo.
Instrumento fiel, geme comigo.
«Eu, captivo de amor, cantando amores,
Mil vezes tenho os Zephiros calado;
Eu pelos maioraes, e guardadores
O cantor, o poeta sou chamado;
Eu, e mais de uma vez, com hera, e flores,
Vencedor no arraial, fui já c'roado;
Eu passei na carreira o leve Eurigo.
Instrumento fiel, geme comigo.
«Algano, mais agreste, e carrancudo
Que as noutes, em que o sul goteja, e berra,
Sabe apenas seguir o arado agudo,
E os bois aguilhoar, se acaso emperra;

Nas festas, nos serões parece mudo;
E estala, quando vê na alheia terra
Ceres mais liberal, mais grado o trigo.
Instrumento fiel, geme comigo.
«Mas, tal qual é, dos mimos de Arselina
Gosa o boçal vaqueiro, em quanto eu chóro;
No collo a negra face lhe reclina,
E une a mão calejada á mão, que adoro...
Ah pastora infeliz! Que encanto, ou sina
Te fez de um monstro escrava! Eu te deploro:
Tens na tua cegueira o teu castigo.
Instrumento fiel, geme comigo
«A gralha idosa com sinistro agouro,
Triste mulher, predisse-me o teu fado;
Mas ai, que van chimera! A fome de ouro
Fez-te perjura, e fez-me desgraçado.
Tiveste por baixeza, e por desdouro
Dar-te a pobre pastor de extranho gado:
Desdenhar a indigencia é uso antigo.
Instrumento fiel, geme comigo.
«Porém no fatal dia, em que formaste
O pacto vil com sordida avareza,
Não tremeste, infiel, não te lembraste
De tantos votos de immortal firmeza?
Das vezes, que em teus braços me apertaste,
Do ultimo excesso, da maior fineza?
Dize tu, dize, oh Noute, o que eu não digo!
Instrumento fiel, geme comigo.

«Ah! Praza, praza aos céos, que ainda seja
Pezado á falsa o laço vergonhoso;
Ah! Praza, praza aos céos, que eu inda a veja
Chorar desprezos do grosseiro esposo:
Para meu vingador o Fado elejo,
O mesmo, que o viver me faz penoso;
Do meu socego o barbaro inimigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«As chagas, que me abriu alma perjura,
A imagem da traição, que nos affasta,
A ausencia curará, que tantos cura,
O tempo gastará, que tudo gasta;
Mas em que fundo a nescia conjectura,
Se invencivel poder me attrae, e arrasta?
Á cabra segue o lobo, a Amor eu sigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«O galgo esguio, a lebre temerosa
Hão de unidos brincar por entre o mato;
Tereis, branco jasmim, sanguinea rosa,
Desengraçada a côr, e o cheiro ingrato:
Será mais que a do cysne harmoniosa
A voz do negro corvo, ou rouco pato,
Antes que cesse o mal, que n'alma abrigo.
Instrumento fiel, geme comigo.

«Em quanto o succo do tomilho amarem
Os mordazes enxames voadores,
E o sol, e a lua pelo céo girarem,
E a mais bella estação der vida ás flores;

Quantos arderem, quantos suspirarem,
Quer tristes, quer ditosos amadores,
Hão de falar de mim com dor, e espanto.
Instrumento fiel, põe fim ao pranto.»

4

(Pastoril)

Feliza

No carro azul, de estrellas marchetado
A deusa, que o silencio traz comsigo,
Dera a parte maior do giro usado.
No molle colmo, no grosseiro abrigo
Convertia as fadigas dos pastores
Em doce languidez o somno amigo.
Nem bocejava Zephyro entre as flores,
Nem murmurava o Tejo, e só carpiam
Comtigo, Elmano, as Musas, e os Amores.
Elles teus pensamentos attraíam,
Ellas na lyra, a queixas costumada,
Os lassos, frouxos dedos te regiam.
Anguicoma Sibylla, annosa fada,
Envolta em parte do nocturno manto
N'uma gruta, onde jaz do Averno a entrada,
Leu, susurrou lá de horrido recanto
Teu destino em fatidico volume
Á luz do inextinguivel amianto.
Foste por lei de inexoravel nume,
Que chamam Sorte, condemnado ás penas
Do inferno dos viventes, o Ciume.

Negra paixão, que as almas envenenas.
Que, cevando em visões o pensamento,
Bradas pela vingança, á morte acenas:
São ternos corações o teu sustento,
E em torrentes o pranto, o sangue em lagos
Grata bebida a teu furor sedento.
Amor é todo riso, é todo affagos;
Tu, de suave planta amargo fructo,
És todo horrores, phrenesis, e estragos.
Como que o pobre Elmano ainda escuto,
Que ao céo volvia o rosto amargurado,
Nunca de acerbas lagrimas enchuto;
Como que ainda observo o desgraçado
Lá nos campos de Scálabis antiga,
Onde está vigiando alheio gado.
Memoria, sê fiel, para que eu diga
As magoas, que espreitei, pasmado, e mudo
Quando... mas ao silencio a dor me obriga;
Musas, falae, nem todos podem tudo.
«Em quanto a compassiva escuridade
Adoça minha dor, minha tristeza,
Em quanto na geral tranquillidade
Se refaz a cançada Natureza,
Com prantos de ciume, e de saudade
Gastêmos d'estas rochas a dureza.
Acompanha meus ais, brando instrumento,
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Não corre o Tejo, o vento não respira,
Lobo não huyva, môcho não prantêá,
E o doce rouxinol, que amor inspira,
Não trina affagos, nem a rã vozêa:
O tenue vagalume apenas gira
Pelos ares, dourando a sombra feia;
Dos queixumes de amor eis o momento;
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.
«Cavei no rio, semeei nos ares,
Presumi nos leões achar brandura,
Os ventos apalpar, conter os mares,
E no amargoso fel achar doçura;
Quando, exercendo excessos a milhares,
Quiz segurar o que ninguem segura,
O feminino, errante pensamento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.
«Qual a tenrinha flor, que o chão matiza,
E os Zephyros attráe com seu perfume,
Murcha, e desbota, se o descuido a pisa,
Ou da fouce a reparte o liso gume:
Tal a esp'rança, que me deu Feliza,
Amortecida jaz pelo ciume,
Serpe, que nas entranhas apascento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.
«Chamam-te gosto, Amor, chamam-te amigo
Da Natureza, que por ti se inflamma;
Dizem que és dos mortaes suave abrigo;
Que enjôa, e péza a vida a quem não ama:

Mas com dura experiencia eu contradigo
A falsa opinião, que um bem te chama:
Tu não és gosto, Amor, tu és tormento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.
    «Feliza de Silêo! Quem tal pensára
D'aquella, entre as pastoras mais formosa
Que a vermelha papoula entre a seara,
Que entre as boninas a córada rosa!
Fileza por Silêo me desampara!
Oh céos! Um monstro seus carinhos gosa;
Ancia cruel me esfalfa o soffrimento.
Une teus sons, oh Lyra, ao meu lamento.
    «Ingrata, que prestigio te hallucina?
Que magica illusão te está cegando?
Que fado inevitavel te domina,
Teu luminoso espirito apagando?
O vil Silêo não põe na sanfonina
Geitosa mão, nem pinta em verso brando
Ondadas tranças, que bafeja o vento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.
    «Á rude casca do carvalho annoso
É conforme o pastor, que me preferes;
Ganhar na aldêa um titulo affrontoso
Com este amor indigno, oh varia, queres?
Porém de que me admiro! Ai desditoso!
Quem prende os corações das vans mulheres?
Capricho, és tu, não tu, merecimento!
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Metade do infeliz genero humano
Deriva da mulher gosto, e desgosto,
Que ella sabe co'a voz dourar o engano,
O inferno traz no peito, o céo no rosto;
Seu caracter falaz, seu genio insano
De imperfeições, de vicios é composto:
Seu corpo de mil graças é portento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Mas, pastora infiel, se a melodia
Do canto, em que entoava os teus louvores,
A vontade, os sentidos te attraía,
Como juraste á face dos Amores,
Dá-me a razão da horrenda aleivosia,
Que cede a torpe objecto os teus favores;
Finge-a, que eu te perdôo o fingimento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

Mas que razão darás á falsidade,
Que te enxovalha, que te infama o peito,
Senão, que é propria n'elle a variedade,
Senão, que á vil perfidia o tens affeito?
Constancia feminil é raridade:
(Ouvi ao bom Francino este conceito)
Em vão recordo o sabio documento.
Une teus sons, oh lyra, ao meu lamento.

«Talvez...' oh ancias! A importuna Aurora
Os ares manso, e manso purpurêa;
Já volve a praguejada, infeliz hora,
Que os ais me corta, as queixas me refrêa;

Fujamos, pois, que a musica sonora
Dos ledos passarinhos mais me ancêa;
Té que a noute abrilhante o firmamento,
Cessem, lyra, os teus sons, e o meu lamento.

5

(Pastoril)

Flerida

Oh monte, monte esteril, e escalvado,
Amiga solidão, tristeza amiga!
Eis um pobre pastor, e um pobre gado,
Eu cheio de saudade, elle de fome:
Permitte Amor, que eu diga
Por desafogo o mal, que me consome:
Os clamores sentidos
Da solitaria nympha, que responde
A meus ternos gemidos
Lá da gruta, ou da mata, em que se esconde;
Vão ser n'outros outeiros,
Vão ser n'outras montanhas pregoeiros
Das ancias, a que Flerida me obriga,
E tu ouve injustiças do meu fado,
Da minha doce, e barbara inimiga,
Oh monte, monte esteril, e escalvado,
Amiga solidão, tristeza amiga.

Despenhada corrente,
Modera a natural velocidade:
Ah! Que assim como foges, de repente
Fugiu do peito a Flerida a piedade;
Assim como te lanças
No valle, onde te empoças, onde canças,
Do seio da Alegria
Caíu meu coração no da Agonia.
Para ouvires melhor um descontente,
Sumido n'esta inculta soledade,
Despenhada corrente,
Modera a natural velocidade.

Passarinhos amantes,
Já cantei como vós, mas já não canto:
Passarinhos errantes,
A vil ingratidão me deu quebranto.
Flerida está-se rindo, Amor suspira,
Vendo no chão desfeita a minha lyra;
Amor que os sons piedosos lhe emprestava,
Com que o monte abalava,
Com que as aguas prendia,
Com que o bruto rebanho enternecia.
Ah! Morreu-me o prazer, nasceu-me o pranto,
Não sou quem era d'antes.
Passarinhos amantes,
Já cantei como vós, mas já não canto.

*

Oh Napéas mimosas,
Que tendes preso Amor nas tranças de ouro,
Onde o perfume dos jasmins, das rosas
Adoça o captiveiro ao moço louro!
Oh mimosas Napéas!
Vós, que por entre as flores,
Já fugindo aos caprinos amadores,
Já compassando festivaes coréas,
Defendeis innocente formosura
Do perigoso assalto da ternura,
Vinde, vinde attender-me;
De vós não quero amor, quero piedade,
Nem vós podeis prender-me,
Que eu deixei n'outras mãos a liberdade.
Vinde ouvir minhas vozes lastimosas,
Mais tristes que a dos passaros de agouro,
Oh Napéas mimosas,
Que tendes preso Amor nas tranças de ouro.

Amo Flerida bella,
Tão bella como vós, porém mais dura,
Amo Flerida, aquella,
Que foi a Amor, aos céos, e a mim perjura;
Aquella, que algum dia
Entre os candidos braços me apertava,
Que apenas os meus ais voar sentia
Suspiros com suspiros misturava;

Que n'um terno transporte
Jurou pela alta mão, que move o raio,
Que, a ser possivel, com valor constante,
Com risonho semblante
Mil vezes tragaria o fel da morte
Primeiro (oh juras vans!) que me negasse
Os seus olhos gentis, por quem desmaio!
Aquella, que me deixa,
Que nunca suspeitei que me deixasse.
Vós, que ouvis minha queixa,
Cordeiros, ovelhinhas,
Que para mim com magoa estaes olhando,
Promessas da cruel, promessas minhas,
Vós escutastes, de prazer saltando,
N'esses dias tão bons, tão suspirados.
Ah nymphas! Enterneçam-vos meus brados,
Eu Satyro não sou d'esta espessura:
Vinde-me ouvir dizer, chorando n'ella:
Comigo foi relampago a ventura;
Assim, assim o quiz Flerida bella,
Tão bella como vós, porém mais dura.

Oh céos! Oh natureza,
Que a Flerida formaste de outra massa,
Que lhe déste uma graça,
Qual nunca possuiu mortal belleza,
Ah! Não vedes a fera! E como abusa
Dos attractivos seus, que vós creastes,

Que tão mal empregastes!
Parece, que, zunindo, o vento a accusa!
Não vistes como poz no esquecimento
O sancto, o formidavel juramento!
Escarnecer de um misero, que geme,
Não é dizer, oh céos, que vos não teme?
Não vingueis minha offensa,
As offensas vingae, que vos tem feito...
Que é isto, oh deuses? Tendes-lhe respeito!
Surja lethal vapor da Estyge infensa
A affear-lhe as formosas
Faces angelicaes de neve, e rosas,
A amortecer-lhe a luz encantadora,
Que em seus olhos chammeja:
O perjurio da bella enganadora
Nas suas perfeições punido seja.
Sim, vingança, castigo,
Raios contra a cruel... mas ah! Que digo!
Coração miseravel, tu deliras!
Pedes vingança, raios, e suspiras!
Vingança! Contra quem? Que pensamento!
Que sacrilego rogo!
Ah! Não, perdoa, Amor, foi desaffogo
Da paixão, do tormento.
Oh desejo maligno,
Feroz desejo, da minha alma indigno,
Onde vôas? Detem-te,
As estrellas não toques,

A terrivel justiça não provoques
Do braço omnipotente.
Eu vingar-me! Phrenetica lembrança!
O crime é menos vil, do que a vingança.
Eu vingar-me! E d'aquella,
Que sendo tão tyranna, inda é mais bella!
Elmano, morre tu, — Flerida viva
Quer branda, quer esquiva;
Respeita-lhe a pasmosa gentileza,
E vós não dupliqueis minha desgraça,
Oh céos! Oh natureza!
Que a Flerida formastes de outra massa.

Amor sem fructo, amor sem esperança
É mais nobre, mais puro,
Que o que, domando a rispida esquivança,
Jaz dos agrados nas prizões seguro.
Meu leal coração constante, e forte,
Vendo a teu lado accezos,
Flerida ingrata, os odios, os desprezos,
O rigor, a tristeza, a raiva, a morte,
Forjando contra mim, por ordem tua,
Mil settas venenosas,
Em premio d'estas lagrimas saudosas,
Inda assim continúa
A abrazar-se em teus olhos... Vis amantes,
Corações inconstantes,
De sórdidas paixões envenenados,

Vós, a cujos ardores,
A cujos desbocados
Infames appetites
A virtude, a razão não põem limites,
Suspirae por illicitos favores,
Cevai-vos em torpissimos desejos,
Tractai, tractai de louco um amor casto;
Que eu nos grilhões, que arrasto,
Tão limpos como o sol, darei mil beijos.
Peçonhenta alliança,
Vergonhoso prazer, de vós não curo:
De ti sim, porque és puro,
Amor sem fructo, amor sem esperança.

Vamo-nos, gado meu, — Suspiros, basta,
Que ninguem vos escuta
Mais que esta arvore agreste, aquella gruta,
E a corrente fugaz, que a banha, e gasta.
Não é delirio, que meus ais intentem
Achar piedade em cousas, que não sentem,
Quando são tão tyrannos
Os corações humanos,
Que folgam c'os martyrios, que padeço?
Quando... ah céos! Que enrouqueço,
Já sinto o peito de gemer cançado.
Basta, suspiros, vamo-nos, meu gado.

6

(Pharmaceutrio)

Ulania, ou o amor vencido

Em selva, onde não entra a luz do dia,
Se entranhou, alta noute, o mago Ilano,
A cuja voz o inferno estremecia.
    Contra o poder do universal tyranno,
Contra Amor praticar determinava
Seu terrivel poder, mais do que humano.
    A funereo cypreste, onde cançava
Mesto mocho importuno o som presago,
Que á negra solidão o horror dobrava,
    Não longe de um dormente, e turvo lago,
Em que esparzia a ran seus roucos gritos,
Se encostou suspirando o triste mago.
    Nã aberta, esquerda mão tinha os maldictos
Preceitos da sciencia tenebrosa,
Com sangue de hydra por Medéa escriptos;
    Tinha na dextra a vara portentosa,
Que acordava os cadaveres na escura
Subterranea morada pavorosa.

Mil, e mil serpes, de horrida figura,
A par d'elle apinhadas se enroscavam,
Zoando em torno a lobrega espessura:
Os nocturnos luzeiros desmaiavam,
As azas os Favonios encolhiam,
Medrosos dos conjuros, que esperavam:
Eis que elle os olhos, que em paixão ferviam,
Pelo denso logar correndo em roda,
Aos encantos, que as Furias constrangiam,
Estes medonhos versos accommoda:

«É meia-noute em ponto, é tempo idoneo
Ao rito, ao acto, fertil de prodigios:
Descrevo um amplo circulo na terra,
Firo co'a planta o chão, co'a vara os ares,
E do torvo Sumano ao reino escuro
Mando o forçoso, pertinaz conjuro.
«Oh tu, que lá na região da morte
Dás leis com ferreo sceptro em ferreo throno,
Mercê do roubador, que á luz surgindo,
Veio arrancar-te do vergel trinacrio:
Outorga-me o favor, que em ti procuro,
Hécate, sê propicia a meu conjuro.
«Já cem vezes o sol tem assomado
Sobre o purpureo, lucido horisonte,
Depois que intenso ardor me escalda as veias,
Depois que adoro Ulania... ah! Que um rochedo,

É menos frio que ella, é menos duro.
Hécate, sê propicia a meu conjuro.
«Potentes, magas vozes sussurrando,
Já outr'hora esmagar tentei debalde
A vibora de Amor, que róe meu peito,
Qual pasce em Promethêo o açor bravio;
Mas de novo os prestigios aventuro.
Hécate, sê propicia a meu conjuro.
«Reina o silencio, dorme a natureza,
Menos eu, menos vós, oh rans, oh mochos
Socios da noute, da tristeza amigos!
Calae-vos, não turbeis as sérias cousas,
Os mysteriosos versos, que murmuro,
Hécate, sê propicia a meu conjuro.
«Se o magico poder me dobras hoje,
Fusco bezerro, de enramadas pontas,
O altar, que te erigi na vasta furna,
Tinto de negra côr, côr que te é grata,
Em ondas banhará de sangue puro.
Hécate, sê propicia a meu conjuro.
«Ah! O agouro é feliz: da esquerda parte
Crestou fulminea luz o véo da noute;
Já debaixo dos pés me foge a terra,
Já sulphureo vapor o Averno exhala
Por bocas mil, que abriu no bronzeo muro:
Hécate está propicia a meu conjuro.
«De tantos, e tão graves professores
D'esta arte, que transcende a natureza,

Nem um só tem noticia do thesouro,
Que me deu moribundo o velho Ormano,
Meu mestre, a quem devi alto conceito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
 « Herdei de Alcina o calis encantado,
Que os que n'elle bebiam transformava
Em rios, feras arvores, penedos;
Tenho o annel, com que Angelica formosa
Invisivel tornava o doce aspeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
 « Conservo o côto da cerulea tocha,
Que só nas ermas horas d'alta noute
Empunhava Canidia, quando, oh Manes,
Soltas as tranças, enfiado o rosto,
Ia abanar-vos o marmoreo leito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
 « De uma fera, que imita a voz humana,
Que os mortos do sepulchro extráe, faminta,
Em caixa de azeviche os olhos guardo;
Convertem-se-lhe em pedras, quando morre:
Da cova de Merlim trouxe-os Bieito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
 « O nitido pavez do mago Atlante
É meu tambem: no alifero gineto
Com elle o velho a quantos se lhe oppunham
Attonitos, e cegos derribava.
Da materia solar parece feito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.

«Com estas, e mais cousas milagrosas
Tem caído a meus pés soberbos touros,
Leões horrendos, maculosos tigres;
Mas contra ti, cruel, que me devoras,
De outras mais presentaneas me aproveito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Roçando a singular planta merathro,
Restaura a serpe o lume aos turvos olhos:
Contra tua cegueira, e teu veneno
No desengano assim minha alma encontre
Luz salutar, antidoto perfeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Nos bosques de Ida o cervo assetteado
Corre ao dictâmo, engole-o, cáe-lhe a frecha:
Com egual promptidão ceda aos prestigios
Aquella, que invisivel me traspassa,
Ulania, dura Ulania, a teu respeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Eis lume accendo c'o fusil de Ormano,
Que produz instantanea labareda
Sobre a lígnea materia, a que se applica.
Já pega, estala, ondêa a rôxa flamma,
E em cima os pós veneficos lhe deito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Com ferruginea agulha uma picada
Dou sobre o coração d'este morcego,
E digo: Como a esta ave nocturna
Pelo golpe mortal se escôa a vida,

Tal tu me fujas, que me tens subjeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Com rigido cordel de septe cores
Enleio vezes tres esta figura,
Que a desabrida Ulania representa;
Outras tantas depois me curvo á deusa
Das trévas: o impar numero é-lhe acceito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Bem como n'esta pedra de amianto
Arde pasmosa chamma inextinguivel,
Se atêe, e ferva em mim perpetua sanha,
Implacavel rancor contra o tyranno,
Que esmaga os corações em laço estreito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Dou tres nós n'esta fita de tres pontas,
E co'as palmas das mãos eis os desfaço,
Esfregando-os sómente: o nó, que déste
Na minha liberdade, oh monstro cego,
Com prodigio maior seja desfeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Do modo que este corvo, rociado
De somnifero humor, qual o do Lethes,
Cabecêa, estremece, e cáe sopito,
Cale, adormeça em mim tenaz lembrança
De Ulania, da cruel, e a teu despeito
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
«Como a garrula ran no charco immundo
A vozear de noute é costumada,

Tu, execrando algoz da humanidade,
A tragar os mortaes, a encher a terra
De males sem medida estás affeito.
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
  «Mordo as mãos, bato o pé, retorço a vista;
As filhas de Acheronte arremedando,
E com tremenda praga Amor fulmino.
Perfido, injusto! Engulam-te os infernos;
Basta, obedece ao magico preceito,
Sáe, venenoso Amor, sáe de meu peito.
  «Oh céos! Que assombro! Os olhos se me enxugam,
Aos tristes labios os sorrisos voltam!
Já n'alma os furacões, que me agitavam,
Trocados sinto em placida bonança!.
O encanto produziu ditoso effeito:
Amor cedeu, fugiu, deixou meu peito.»

7

(Pastoril)

Armia

Interlocutores

ELMANO, JOSINO

JOSINO

Salve, meu caro Elmano, em fim voltaste
D'Scalabis aos campos, onde outr'ora
Cantando os versos teus nos encantaste.
Porém que avêsso te diviso agora
Do que estavas então! Fere-te o peito
Interna magoa, que se vê por fora.
Pastor, ás musas, e á ternura affeito,
Que mal te aconteceu? Talvez padeces
O de amor, a que tudo está subjeito?
Elmano, o antigo Elmano (ah!) não pareces;
Conta-me, por quem és, o teu desgosto;
Quanto o devo sentir já tu conheces.

ELMANO

Banhae-me sempre, lagrimas, o rosto,
Té que este corpo misero, e cançado
Tenha na fria sepultura encosto.
Choremos, coração desenganado,
Chorae, nymphas gentis, gentis Amores,
Com lagrimas de sangue o nosso estado.
Oh céos! Oh rio! Oh arvores! Oh flores!
Eis o mais consumido, o mais saudoso
Entre a turba infeliz dos amadores.

JOSINO

Refrêa o terno pranto copioso,
E co'um peito fiel reparte, amigo,
Damnos, que te grangêa o fado iroso.
Se és qual foste, qual fui, qual sou comtigo,
Dize-me a tua magoa, o teu segredo,
Que no meu coração terá jazigo.
Como que nos acêna este arvoredo,
Movendo-se tão manso que parece
Estão soprando os Zephyros a medo.
Sentêmo-nos: contado o mal decrece;
A queixa é natural; e a philomela
No raminho cantando a pena esquece.

Imita, meu pastor, o exemplo d'ella;
Do peito amargurado a voz desata:
Que pastora te afflige, ingrata, e bella?

ELMANO

Pastora bella sim, mas não ingrata,
Dá motivo a meu pranto, a meu tormento;
Não mata de rigores, de amores mata.
No momento em que a vi (fatal momento!)
Para seus olhos meigos me voaram
A vontade, o prazer, e o pensamento.
Elles a noute carrancuda acclaram,
N'elles as Graças vivem, n'elles moram
Os que ardentes farpões em mim disparam.
D'elles o céo, e a terra se namoram,
Serenos como as aguas em remanso,
Lindos no gosto, e lindos quando choram.
Dei por elles meu siso, e meu descanço,
Custam-me esta saudade, esta agonia,
E os ais, que sem proveito aos ares lanço.

JOSINO

Torno a dizer:—se extremos de algum dia
Inda te não passaram da memoria,
Claramente de mim teus males fia.

D'este queixoso amor a inteira historia,
Dando-te a dor logar, saber quizera:
Crê que a ninguem por mim será notoria.

ELMANO

Se da amisade a força me não dera
Causa, oh Josino, a declarar qual ando,
Tambem meu mal por mim ninguem soubera.
Lá onde o Tejo teu, que vai manando
Tão claro para o mar, se damna, e torna
Em salgado e feroz, de doce e brando;
Vasta planicie de arvores se adorna,
Junto de um fresco valle, onde sereno
Murmurante cristal no chão se entorna:
Dos Arroios se chama o valle ameno;
Além d'elle o casal tem n'um recosto
Armia, por quem ardo, e por quem peno.
Ella, e Felisa, em voz, em modo, em rosto,
Em tudo, sendo irmãs, differem tanto
Como em calor differe Abril de Agosto.
A fama, que por lá ganhei no canto,
Os meus laços teceu, guiou-me um dia
Á minha desventura, ao meu encanto.
De ouvir-me curiosa a mãe de Armia
Roga a dous socios meus, Montano, e Fido,
Me levem ao casal onde vivia.
*

Segui-os, fui, olhei, fiquei perdido
D'amores e desejos por aquella,
Que nunca fugirá do meu sentido.
Descancei mansamente os olhos n'ella;
Mudo lhe expuz meu mal, e a vi, e achei-a
Fagueira, maviosa, além de bella.
Já leda nos meus versos se recrêa,
Minha lyra lhe apraz, e em meus louvores
Não soffre se anticipe a lingua alheia.
Calados, mas dulcissimos favores
Desfructo do meu bem, e ambos sentimos
Os brandos corações arder de amores.
Ligados desde a hora em que nos vimos,
Fomos passando o tempo em doce estado,
Em furtiva ternura, e cautos mimos.
Da mãe, e irmãos d'Armia era prezado,
(Irmãos, porque esquecia o moço Ansélo,
Que sempre então me desejava ao lado!)
Porêm tu, da innocencia atroz flagello,
Tu, oh calumnia vil, n'um fero instante
Nos foste malograr tanto desvelo.
Ditosos n'este amor egual, constante,
(Turbado ás vezes só pelo ciume,
Necessaria pensão do peito amante)
Davamos ternos ais, e algum queixume,
Sem recear mudanças da ventura,
Vária por genio, vária por costume.

Eis se arma em nosso damno, eis se conjura
Contra a nossa alegria um maldizente,
Tão mordaz como as feras da espessura.
Pessima producção de má semente,
Infimo pegureiro, o vil Domicio,
Que d'alli longo tempo andara ausente,
Era por compaixão, por beneficio
Acceito, recebido, agasalhado
Nos lares onde Amor me foi propicio.
Em baixas cantilenas mal versado
Ás vezes, mas debalde, usar queria
Das Musas immortaes o dom sagrado.
Este, pois, com sagaz aleivosia
(Sem que jámais de mim provasse offensa)
Um seductor me finge á mãe d'Armia.
Ella acredita o monstro; em raiva intensa
Arde contra a paixão, que em nós conhece,
Olha-nos já com rispida presença.
Claro de dia em dia o tedio cresce,
Converte-se em rigor o affago d'antes,
Tudo nos desampara, e nos empece.
Nós desvalidos, miseros amantes,
Com disfarces em vão cegar queremos
A cuidadosa mãe, e os circumstantes.
Todos a nosso amor contrarios vemos:
Commigo desleaes Montano, e Fido
Condemnam quaes delictos meus extremos.

Para tormentos mil eu fui nascido;
Quiz soffrer o peor, sacrificar-me
Áquella, que me tinha alli rendido.
A furto não deixava de animar-me,
Dizendo-me: «Tolera a mãe raivosa,
Até que o tempo as furias lhe desarme.»
Mas vendo, a seu pezar, minha alma anciosa
Que de alguns dons, que devo á Natureza,
O desconto me faz Fortuna irosa;
Ousado me arrojei a extranha empreza;
Fugi subitamente ao caro objecto,
Para evitar-lhe a maternal dureza.
No peito a dôr, e a pallidez no aspecto,
Morrer longe de Armia amante, e bella,
Era ao principio meu feroz projecto:
Mas o fervente amor, que me desvéla,
Me disse ao coração que não perdesse
A gloria, o bem de padecer por ella.
Á morte eu antepuz este interesse:
(Se alguem a si prefere a sua amada,
O fiel, o estremado amante é esse!)
Em fugir ao meu bem vi requintada
Esta acceza paixão, que me transporta,
Paixão, que é tão leal quão desgraçada!
E dado todo á magoa, que me corta
O triste coração, sem tino a mente,
Com alma esmorecida, ou quasi morta;

Deixo aquelles contornos de repente,
Desertos, solidões achar desejo,
Onde as aves da noute andem sómente.
Mil vezes canço, vezes mil forcejo
Por caminhar no matto, onde me entranho,
E em fim (sem saber como) aqui me vejo.

JOSINO

Com lagrimas as tuas acompanho;
Mas a quem, meu pastor, conhece o mundo
Nenhum mal como o teu se faz extranho.
A solida exp'riencia em que me fundo
Bravezas das paixões em mim quebranta,
Salvando-me de um pégo tão profundo.
Amor nos multiplica, e nos encanta,
Docemente ligado á natureza,
Os homens, os mortaes ao céo levanta:
Mas se influe o prazer n'uma alma acceza,
Ás vezes todavia em nós se afferra,
Qual monstro de impia garra, aguda preza.
O velho Auliso não treslê, não erra
Em dizer, e affirmar que amor é fogo,
Fogo devorador de toda a terra.
Mas cumpre haver, Elmano, um desafogo,
Um córte nas paixões. Valor, constancia,
Não chores, cáe em ti, cede a meu rogo.

Os males diminue a tolerancia;
De amor o activo incendio se modéra
C'os auxilios do tempo, e da distancia.
Attento n'este prado a dor tempéra;
Vê como brilha na planicie amena
A vistosa estação da primavera.
Olha a corrente como vai serena,
Ouve quão branda pelos ares soa
Das aves a amorosa cantilena.

ELMANO

Primeiro que este mal, que me magôa,
Césse de me affligir, serão gostosos
Os ecchos do trovão, que o mundo atrôa:
Serão sem graça os passaros mimosos,
As estrellas sem luz, sem pranto a aurora,
Bravos os cabritinhos buliçosos.

JOSINO

Não te quero opprimir, prantêa embora;
Mas em penhor de affecto, ao puro amigo
Ao menos um prazer concede agora.
Acompanha meus passos, vem commigo,
Que já são horas de acolher-se o gado.

ELMANO

Sim, Josino fiel, eu vou comtigo;
Mas soffre lamentar-se um desgraçado.

8

(Piscatorio)

Ulina

De Pedrouços na praia extensa e fria,
Quando, extinguindo os astros, apontava
No corado horisonte a luz do dia:
Sósinho um pescador se lamentava,
Em quanto na tenaz fateixa preso
Seu batel sobre as ondas fluctuava:
D'amores o infeliz perdido, accezo,
Derretia-se em lagrimas queixosas,
Provando amarga dôr, cruel desprezo.
Ulina, irmã das tagides formosas,
E inveja das irmãs, a bella Ulina,
Lhe motivava as ancias lastimosas.
Em seus olhos gentis, com que domina
Rendidos corações Amor tyranno,
Em sua linda face, e voz divina,
Perdêra a liberdade o terno Elmano
(Assim se nomeava o triste amante,
Que ainda não cedia ao desengano).

«Oh tu (clamava o cego, o delirante)
Filha das ondas, como as ondas pura,
E tambem como as ondas inconstante!
Que mal te fiz, que mal? Porque tão dura
Negas doce attenção, doce piedade
Aos ais de amor, aos prantos da ternura?
Se és prole de Nerêo, se és divindade,
De feia ingratidão como te infamas,
Vicio, que enche de horror a humanidade?
Que premio dás ao coração, que inflammas?
Teu prazer, teus amores me chamaste,
Teu odio, teu desgosto hoje me chamas.
Risos e affagos em desdens trocaste,
Risos e affagos mil, com que os sentidos,
Com que os livres sentidos me enlaçaste.
Meu canto foi suave a teus ouvidos,
Hoje aos ouvidos teus sómente é grato
O rouco, inutil som dos meus gemidos.
As lagrimas de amor, que em vão desato,
Amarguras, que em miseros clamores
Á terra, ao vento, ao mar, e ao céo relato,
Dobram-te as iras, cevam-te os rigores;
E debalde a teu lado estão carpindo,
Chamando-te á piedade os meus amores:
De meus ais, de meu mal tu, impia, rindo,
Tens por timbre, por gloria a tyrannia,
Manchas co'um genio fero um rosto lindo.

Noute, mais clara para mim que o dia,
Minha prisão forjou, quando eu folgava
No regaço da paz, e da alegria.
Ferindo a lyra, ao ar meus versos dava
N'esta lustrosa praia; a branda lua
Lá no cume dos céos então brilhava.
Eis sobre as aguas limpidas fluctua
Das nymphas o tropel, e Amor me off'rece
O sereno esplendor da face tua;
Confusamente aos olhos me apparece
Entre as mais; e um sagaz presentimento
De todas por melhor te reconhece.
Levaste-me na voz o pensamento;
Sendo, oh nympha, o momento de escutar-te
Da minha perdição fatal momento.
Vieste sobre a margem reclinar-te,
Jurando que meus sons encantadores
Poderam d'entre as ondas arrancar-te.
Absorto me deixaram teus louvores,
E o ver das bellas nymphas a mais bella
Mover-se á rude voz dos pescadores.
Que noute para mim, que noute aquella!
Tempo, que tudo estragas, e devoras,
Ah! Não me roubes as memorias d'ella.
Horas do meu prazer, benignas horas,
Ao menos consolae na idéa um triste,
Tende sequer phantasticas demoras.

Oh céos! Com quanto jubilo me ouviste,
Minha adorada Ulina, e quão mimosa
Que volvesse a teus olhos me pediste!
Que vezes n'esta praia deleitosa
(Que ufana de gosar teu meigo rosto
Mais fresca se tornava, e mais formosa)
Pintaste em brando olhar o amor, e o gosto!
Vieste, encanto meu, lograr commigo
As amênas manhãs do claro Agosto!
Venturas, que idolatro, e que não digo,
Altas venturas, em que trago a mente,
O carinhoso Amor me deu comtigo.
Ah! Que nunca o prazer foi permanente;
Arremeda o relampago a alegria,
É tão fugaz como elle, e tão luzente.
Quando serenas glorias possuía,
E erguido ao céo d'Amor meu pensamento
Do terreo mundo vil já nada via,
Agros zelos traçaram n'um momento
A minha desventura, e quiz a Sorte
Fartar-se nos meus ais, no meu tormento.
Qual subita rajada aguda, e forte,
Que ao ledo, ao descuidado navegante
Esperança e baixel destróe co'a morte;
Tal para meu amor foi outro amante,
Que por ti, nympha ingrata, olhado apenas,
Viu terno acolhimento em teu semblante.

Desde então me aborreces, me condemnas,
Do desdem, do ciume, e da saudade
Ás negras afflicções, ás duras penas.
Horrenda, carrancuda tempestade,
Que rebenta nas rochas, e ennegrece
Dos mares, e dos céos a claridade,
Á que toléro em mim não se parece:
Em breve aquella affrouxa, e se abonança,
N'esta, de dia em dia, a furia cresce.
Mas oh cruel, tristissima lembrança!
Se ao menos de outro o merito murchasse
A meus vivos desejos a esperança!
Se outro, digno de ti, me despenhasse
N'este abysmo de horror, n'esta agonia,
E os prazeres em flor me desfolhasse,
Desculpára a traição, a aleivosia,
A suberba, o desdem com que me tractas,
Quando fagueiro amor te merecia:
Porém de puros laços te desatas,
E n'um sordido nó tua alma prendes,
Exemplo das crueis, e das ingratas.
Esse rival objecto, a quem te rendes,
Não sabe em molle verso harmonioso
Cantar-te as perfeições, com que me accendes:
Não é constante, fervido, extremoso;
Pranto de amor aos olhos não lhe acode,
Não conhece o que vale um ai piedoso.

As rêdes, e os anzoes apenas pode
Introduzir no mar co'a mão bisonha,
E a isca preparar, que o peixe engode.
Oh quanto me envilece, e me envergonha
Esta amargosa idéa! Oh céos!... E é crivel
Que Ulina um torpe amante me anteponha!
Ciume abrazador, paixão terrivel,
Deixa-me;—oh tu, Razão, Razão sagrada,
Presta-me auxilio, torna-me insensivel!
Na mente por amor incendiada
Apaga, desvanece-me os encantos,
As graças, e o poder da minha amada.
Rompa-se um jugo, tão penoso a tantos,
Corre... mas ai de mim, que em vão te imploro
És surda a minhas preces, a meus prantos.
Não, não me attendes; e a infiel, que adoro,
Se paga, e se gloría, e se recrêa
Com as perdidas lagrimas, que choro.
Oh tu, que lambes a ditosa arêa,
Onde gosei mil gostos, mil favores,
Mar, que a muda bonança agora enfrêa!
Propicio á minha dôr, e a meus clamores
Sacode a mansidão: tu, rei dos ventos,
Teus monstros sólta, excita-lhe os furores.
Travem raivosa guerra os elementos,
Em quanto no alto pégo a sepultura
Escolho, por fugir aos meus tormentos.

Nocturnas aves da morada escura
Venham, voando, aqui carpir de dia
Os rigores de Ulina ingrata, e dura.
Amor, que tantos bens me promettia,
Quebre os crueis farpões, que me abrazaram,
Lance um ai de piedade, e de agonia.
Os delphins, os tritões, que me espreitaram
Mil vezes de sentidos, de invejosos,
Quando amorosas ditas me encantaram,
Agora enternecidos, maviosos,
Vejam como perece um triste amante,
Por culpa só de uns olhos tão formosos.
Brilhe alegre sorriso em teu semblante,
Origem de meu mal, doce inimiga,
Surge a vêr-me, entre as aguas fluctuante.
Graças ao mar piedoso, á morte amiga;
Ingrata, o seu poder (pois não te abrando)
Ao menos dos teus laços me desliga.»
Disse; e com turvos olhos foi trepando
Ao agro pico de rochedo ingente,
Que as ondas porfiosas vão cavando.
Para os céos ergue a vista, e de repente
Se arroja, se despenha o desgraçado,
Victima da paixão, do mal que sente.
Eis que do seio do liquor salgado
Salta a nympha gentil, mimosa, e nua,
Dos ternos olhos seus objecto amado.

«Espera, caro amante! Inda sou tua!
(Exclama, e transportada as mãos lhe lança,
O infeliz arrancando á morte crua):
«Espera, torna em ti, não ha mudança
No meu candido amor; de vãos ciumes
Com fingida traição tomei vingança.
Não commetto a perfidia, que presumes,
Sou qual fui, sou fiel...» (E orvalha em tanto
De chorosa piedade os puros lumes).
Á voz, e á vista do seu doce encanto
No ancioso pescador, no amante afflicto,
Qual foi a confusão?... Qual foi o espanto?...
De prazer desmaiou soltando um grito,
E a nympha padeceu no susto a pena
Do supposto, phantastico delicto:
Suspirando o conduz á praia amena,
Onde lhe dá dulcissimos instantes...
De puros gostos ineffavel scena,
Sempre te gosem corações amantes!

PERIODO DE EXPATRIAÇÃO

(1788 a 1790)

9

(Maritimo)

A Nereida

Á Foz do Mandovi sereno, e brando
Alicuto infeliz estava um dia
Amorosos queixumes espalhando:
Alicuto, o maritimo, que ardia
Por Glaura, das Nereidas a mais bella,
Que em vitrea lapa sem pezar o ouvia.
Doudo pela não ver, doudo por vel-a,
E nas algozas pedras debruçado,
Bradava d'esta sorte ali por ella:
«Tanto, oh Glaura cruel, te desagrado,
Que não deixas por mim, nem um momento,
As crespas ondas, o liquor salgado!

Olha que em ais, e em lagrimas o alento
Me vae fugindo, que a mordaz saudade
Me róe continuamente o soffrimento:
Olha que lá me tens a liberdade,
E que mais te não peço em recompensa,
Que um ar benigno, uns longes de piedade.
É digno tanto amor de tanta offensa?
Ah! Que me faz odioso? A má figura?
O pé gretado, a pallida presença?
Queres só quem te eguale em formosura:
Pois sabe, que jámais verás objecto,
Que possa merecer tua ternura.
Não devo á Natureza um grato aspecto,
É verdade: o meu merito consiste
N'um claro entendimento, e puro affecto.
Se a compasso da lyra o verso triste
Entôo alguma vez, ao som canoro
Ninguem, não sendo tu, ninguem resiste:
Que provas mais fieis de que te adoro,
Que este incansavel pranto? E finalmente,
Do meu mister que requisito ignoro?
Na manobra quem é mais diligente
Que eu? Quem sabe deitar melhor o prumo?
Quem no leme, e n'agulha é mais sciente?
A carga no porão com regra arrumo,
Sei pôr á capa, sei mandar á via,
Como qualquer piloto, e dar o rumo:

Sei como hei de correr com travessia,
E pela balestilha, ou pelo outante
Achar a latitude ao meio-dia:
Sei qual estrella é fixa, e qual errante;
A Lebre, o Cysne, a Lyra, a Náo conheço,
E Orion, tão fatal ao navegante.
Talvez muito vaidoso te pareço;
Mas devo assim fallar, para que vejas
Que teus desdens, oh nympha, não mereço;
E se o que digó é pouco, e mais desejas,
Irei, pois, outros meritos ganhando,
Até que tu de mim contente estejas:
Tentarei, por fazer teu genio brando,
Nunca tentados, nunca vistos mares,
Os meus antepassados imitando;
E agora, se teus olhos singulares
Pozeres á flor d'agua um só minuto,
Dando-me allivio, serenando os ares:
Quero fazer-te um mimo... ai! Já te escuto,
Ouço-te já dizer, que não cubiças
Donativos do misero Alicuto;
Mas apezar de tantas injustiças,
Hei de cada vez mais mostrar-te o fogo,
Que tu com teu rigor n'esta alma atiças.
Ah! Vem, Nereida, amanse-te o meu rogo:
Se te enoja o fallar, e estar commigo,
Não falles, apparece, e vae-te logo.

*

Topámos ha tres dias o inimigo
N'altura de Chaúl; travámos guerra.
Sentiu do portuguez o esforço antigo;
Fez-se uma preza, repartiu-se em terra
Inda agora: o quinhão, que lá me deram,
Este pintado cofrezinho encerra.
Nas mãos um collar de ouro me pozeram
Sobre aljofares mil: vi que, por bellos,
Do teu collo, e teus pulsos dignos eram.
O mesmo foi pegar-lhes, que trazel-os
Para off'erecer-tos: vem (não é desdouro)
Vem acceital-os, ou, sequer, vem vel-os;
Mas que precisas tu, se és um thesouro,
Se tens mais lindas pérolas na boca,
Se tens ouro melhor nas tranças de ouro!
Loucas idéas! Esperança louca!
Louco Amor! E off'reci com voz ousada
Á filha de Nerêo cousa tão pouca!
Mas se nem alma tão fiel te agrada,
Um pobre, oh Glaura, um triste marinheiro
Que mais te ha de off'erecer? Não tem mais nada.
Já te entendo (ai de mim!). Bem sei, primeiro
Qual Glauco irei vagar no pégo vasto
Sobre as espaldas de delphim ligeiro;
Pelo embate das ondas será gasto
Do suberbo Neptuno o gran tridente,
E os palmares ás phocas darão pasto;

Lá no opposto horizonte do occidente
O dia apontará, primeiro (ah dura!)
Que tu me attendas uma vez sómente.
Eu que fiz, miseravel! Por ventura
Amor é crime? Para ser querida
Não creou Jove eterno a formosura?
A que foi como eu, no mar nascida,
Por vencer Juno, e Pallas na belleza
Mais que Pallas, e Juno é applaudida.
Porém se ainda assim suppões villeza
Soffreres que um mortal se affoute a amar-te,
Sendo tu de mais alta natureza;
E se levas a mal o importunar-te
Com ais um coração desesperado,
Tyranna, porque tardas em vingar-te?
Pune, pune este amor desatinado;
Eu não fujo, aqui estou; das ondas sáia
Tragador jacaré, por ti mandado.
Sobre mim de repente o monstro cáia:
Folgarás, vendo o sangue de meu peito
Ás golfadas saltar, tingindo a praia;
E eu morrerei contente, e satisfeito
Por escapar de estado tão penoso,
E inda mais por morrer por teu respeito.
Só temo que o meu caso lastimoso,
O deploravel fim de meus amores
Faça teu nome a todos horroroso.»

Proseguiria o triste em vãos clamores,
Mas viu, que para ali vinham remando
Nos lubricos sadós os pescadores,
E ficou mudo, para o mar olhando.

10

(Piscatorio)

Lénia

As arvores estavam gotejando,
Bramia ao longe a costa, e resoava
Pavoroso trovão de quando em quando:
Tudo horror, e tristeza respirava;
Os ares, a montanha, o rio, o prado,
E mais triste que tudo Elmano estava;
O pescador Elmano, o malfadado,
Que em aziago instante a luz primeira
Viu lá nas praias, onde morre o Sado.
Tu, pernicioso Amor, fatal cegueira,
Reinavas no infeliz, que em vão carpia
Do claro Mandovi sobre a ribeira.
«Oh Náiade formosa! (elle dizia)
Oh Lénia encantadora, a meus clamores
Tão surda como a surda penedia!
Da boca, sempre escaça de favores,
Que te exhala um perfume, um ar divino,
Mais doce do que o halito das flores,

De uma palavra só pende o destino
Da paixão deploravel, com que gemo,
Que se vae transtornando em desatino.
Reduzido me vejo a tal extremo,
Tão macerado estou pelo desgosto,
Que até me esfalfa o menear do remo.
Por ti com terno pranto alago o rosto,
Por ti mil noutes vélo, amargurado,
E ao mau relento n'almadia exposto.
Já que tens nos teus olhos o meu fado,
Vem consolar-me ao menos co'um sorriso,
Vae-te depois, e deixa-me enganado.
Ha quantas horas estas margens piso!
Ha quantas pelas ondas te procuro!
Ha quantas, quantas mais te não diviso!
Da tua branda vista o raio puro,
A côr celeste, o frouxo movimento
Acclarem, branca Lénia, o tempo escuro.
Assanha as ondas o impeto do vento,
Negreja pelos ares o sombrio
Grosso vapor do hynverno turbulento.
Gloria das nymphas, gloria d'este rio,
Surge, assôma, apparece, e teus encantos
Farão subito aqui brilhar o estio.
Ao som das aguas ouvirás meus cantos,
Ou antes (se meus versos abominas)
Ao som das aguas ouvirás meus prantos.

Sáe das humidas lapas cristalinas,
Onde Thetis louçã comtigo mora,
Thetis, em cujos braços te reclinas.
Oh feliz pescador! Oh feliz hora!
Oh dia de prazer, se te mereço,
Que sáias uma vez das ondas fóra!
Não posso dar-te aljofares de preço:
Tortos buzios, seixinhos luzidios,
E amor, é o que tenho, isso te off'reço...
Que sonhos! Que illusões! Que desvarios!
Quererás estes dons tu, que tu apeteces
Ais a milhares, lagrimas em rios!
Tu, que foges de mim, que me aborreces,
E que talvez contente lá no fundo
Ao echo de meus gritos adormeces!
Tu mais cruel que o tigre furibundo,
Que o jacaré voraz, e as outras feras
Das toscas brenhas, e do mar profundo!
Tu, que n'um odio barbaro te esmeras,
Quando a ter compaixão de meus gemidos
Até dos brutos aprender podéras!
Quantas vezes, de ouvir-me enternecidos,
Sobem á tona d'agua os lisos peixes,
Que já não são do meu anzol feridos!
Ah! Teu cego amador morrer não deixes,
Sequer mostra-te ao longe, inda que os bellos
Olhos teus, por não ver-me, oh Lénia, feches.

Negas, talvez, piedade a meus desvelos,
Porque de lá me espreita o cabelludo,
Monstruoso Tritão, fervendo em zelos?
Elle é deus, eu mortal, mas não tão rudo,
Não tão negro, como elle, e até lhe opponho
Um amor mais sincero, e mais sisudo.
Em fim, de ser quem sou não me envergonho,
Nem tenho, oh Lénia, que rogar ao Fado,
Quando co'a posse de teus mimos sonho.
Pergunta a quantos vêm do Tejo, e Sado,
Se ali me condemnou vil nascimento
A este, em que mourejo, humilde estado?
Sempre entre os mais honrados tive assento,
Venho dos principaes da minha aldêa:
Não cuides que vãs fabulas invento.
Lá sobre lindas flores, que menêa
Sadia viração, cantei mil versos,
Mil versos, de que tinha a mente chêa.
Trabalhos, afflicções, fados adversos
A melodia, a graça me apoucaram
Em climas, do meu clima tão diversos.
Porém que digo! As aguas inda param,
Se alguma vez em doce, em triste canto
Meus frouxos labios o meu mal declaram.
Só tu, nympha gentil, d'esta alma encanto,
Me foges, e suppões que te assegura
Perpetua gloria meu continuo pranto.

Condição, insensivel á ternura
Do mais perdido amante, a Natureza
Te deu para senão da formosura.
Não alardêes da feroz crueza:
Pondera, que o rigor póde privar-te
De adorações, que attráe tua belleza.
Mas não, já me desligo. Onde, em que parte
Ha de existir um coração tão duro,
Que por seres cruel deixe de amar-te?
Se qual chêa, que atterra estavel muro,
Tu, posto que suave, e brandamente,
Avassallas o arbitrio mais seguro?
Ah! Vem por cima da fugaz corrente
Dar lenitivo á dôr, que despedaça
Meu fiel coração, meu peito ardente.
Concede a tantos ais só esta graça:
Vem, Lénia, vem dizer-me por piedade,
Que alto excesso de amor queres que eu faça.
De bom grado, e sem medo á tempestade,
Se o mandares, verás, que á véla eu corro:
O mal, com que não pósso, é a saudade.
Mas impia, tu não vens, não dás soccorro
Ás minhas afflicções, aos meus clamores;
Eu caio, eu desfalleço, eu morro, eu morro...
Cavae-me a sepultura, oh pescadores!

11

(Piscatorio)

As Tagides

Interlocutores: SADINO, TAGANO

Soneto dedicatorio

Ao illustrissimo senhor desembargador Sebastião José Ferreira Barroco

Nem só commove o tom de altos cantores;
Enternece tambem, tambem recrêa
Ao som de cristalina, e tarda vêa,
A rude, e baixa voz dos pescadores.

Tu, pois, cujo pincel produz mil flôres
Dos campos, que Hippocrene afformoseia,
Queixumes contra Armia, e Dinopéa
Ouve a seus desgraçados amadores.

Ais, que deram no Tejo, aqui voaram,
Depois de serem lá desattendidos
Das Tagides crueis, que os motivaram;

Agora vão parar nos teus ouvidos,
E n'elles com razão, Sebástio, param,
Que não te enojas de escutar gemidos.

De Sadino, e Tagano os vãos clamores
Em tosco verso renovar desejo,
Ambos amantes, e ambos pescadores.
Parece-me que ainda os ouço, os vejo,
Como quando escondido os espreitava
Onde, salgado já, susurra o Tejo.
No regaço de Thetis descançava
O louro Phebo, á porta do occidente
A Noute sobre o carro negrejava;
Ia para os casaes a rude gente;
Só do curto batel os dous soltavam
Queixas, lagrimas, ais inutilmente:
Morriam de saudades, suspiravam
De amor por Dinopéa, e por Armia,
Que entre o côro das tagides brilhavam.
O choroso Tagano a voz erguia,
E Sadino apoz elle: eu sempre attento
Decorava entretanto o que lhe ouvia,
E tal era o reciproco lamento:

TAGANO

Armia, no semblante mais serena,
Que o manso Tejo azul, quando nem bole
A tenue viração na tarde amena,
Embalando o raminho curvo, e molle;
Mais impia a quem por ti nem olhos cerra,
Que o tubarão no mar, que o lobo em terra:

SADINO

Dinopéa, mais loura, e mais corada,
Que a nuvem da manhã, do sol ferida;
Mais branca, mais gentil, mais engraçada
Que a deusa, que é dos deuses tão querida;
Mais cruel, mais fatal a um triste amante,
Que o canto da serêa ao navegante:

TAGANO

Mil vezes corro a praia, ora apanhando
Conchinhas para ti, bella inimiga,
Outr'ora dos penedos arrancando
Raiados mexilhões, de que és amiga:
As mãos, por te agradar, mil vezes firo,
E nem sequer me soffres um suspiro.

SADINO

Ruivas lagostas, maculosas trutas,
O salmonete, o pampano te off'reço
Para attrair-te, para ver se escutas
Parte das penas, que por ti padeço;
Mas se vou dar-t'os, foges de improviso,
E nem sequer me enganas co'um sorriso.

TAGANO

Viste bater no baixo pedregoso
Misera náo, dos ventos impellida,
Que, aberto o fragil centro cavernoso,
Em breve pelas vagas é sorvida?
Pois, qual a triste náo sobre os escolhos,
Minha alma vim perder n'esses teus olhos.

SADINO

Não tens visto das ondas agitada
A boia, sem parar um só momento,
Ou quem sobre os escarcéos com ancia nada,
Quasi rendido á furia do elemento?
Pois tal meu coração, por culpa tua,
Em amorosas lagrimas fluctua.

TAGANO

Inda, nympha cruel, não te enternece
Um triste, em pranto, em ais quasi desfeito?
Ah! Que não sabes quanto mal parece
Um feroz coração n'um lindo peito,
N'um corpo delicado alma tão dura,
Tanta maldade em tanta formosura!

SADINO

Não basta ainda, oh Tagide, não basta
De offensas, de rigor, de iniquidade?
Em que peito arderá paixão mais casta,
Do que a minha paixão? Quem na lealdade,
Quem me vence no amor? De um teu benigno,
De um teu suave olhar quem é mais digno?

TAGANO

Querem-se os brutos: amam-se os golfinhos,
E os outros peixes no interior das aguas;
Dão-se mil beijos os fieis pombinhos,
A todos causa amor prazer, ou magoas:
Só tu, que o seu poder não reconheces,
Nem por Amor te alegras, nem padeces.

SADINO

Gemer o deus da gruta os céos ouviram
Pela filha do mar, mãe dos Amores;
Namorado Neptuno as ondas viram,
E ao selvatico Pan os seus pastores;
Ardeu tambem por Acis Galatéa:
Quem te resiste, Amor? Só Dinopéa.

TAGANO

Se por ser pescador te desagrado,
Se o meu sórdido officio te injuría,
Tambem com redes Glauco foi creado,
Glauco viveu tambem da pescaria:
Que importa ser humilde? É deus agora,
Hoje como deidade o mar o adora.

SADINO

Se acaso de meu rosto a côr tostada,
Meus pés grosseiros, meu cabello escuro,
E esta mão, das escotas calejada,
Me ganham teu desprezo amargo, e duro,
Vê, que nem só na graça, e na belleza
Faz consistir seus dons a natureza.

TAGANO

Eis por entre as estrellas vem raiando
A alva lua... eia, assome, oh nympha bella,
Teu brando corpo sobre o Tejo brando,
E sobre o Tejo brilhará mais que ella;
Dá, dá gloria a meus olhos... mas ai louco,
Que esfalfo em gritos vãos o peito rouco!

SADINO

Deixa, causa gentil de meus martyrios,
Deixa o fundo arenoso, é tempo, amansa
Com tua vista as ancias, os delirios
D'esta alma, que sem ver-te não descança;
Vem, pois, e o meigo Amor comtigo venha...
Mas triste, com quem fallo! Ah! co'uma penha.

TAGANO

Suaves esperanças até'gora
Nutri de amaciar teu genio duro,
Que por costume ao coração, que adora,
Sempre se representa um bem futuro;
Mas menos cego já, menos insano,
Ouvidos quero dar ao desengano.

SADINO

Até'gora pensei que os teus rigores
Á força das finezas cederiam;
Que minhas queixas, lagrimas, e amores
Ao menos compaixão te inspirariam;
Credulo fui, mas já desenganado
Conheço que o meu mal provém do fado.

TAGANO

Já não te afflijo mais, cruel, socega,
Repousa, vive alegre, e descançada;
Nunca mais, apesar da paixão cega,
Com meus gritos serás importunada;
Mas teme que dos deuses a vingança
Venha punir tão barbara esquivança!

SADINO

Já me calo, cruel, já não prosigo
N'estes vãos desafogos da amargura;
Assás desperdicei meus ais comtigo,
Desperdiçal-os mais será loucura;
Mas treme, treme; aínda que te escondas,
O raio vingador penetra as ondas!

Faltos de alento os dous aqui pararam,
Um para o outro olhando,
Em silencio a chorar continuando:
E depois que esgotaram
De infructuosas lagrimas o peito,
Se foram recolher no tosco leito.

12

(Pharmaceutrio)

Elfira

O duro inverno as arvores despia;
Pelos cumes da serra branquejavam
As niveas cans ao turbido Janeiro;
Lodoso o rio, em rapida torrente
Excedendo as barreiras pedregosas,
Dos campos destruia o verde ornato;
Relampago fugaz crestava os ares,
Fendia o negro bojo ás altas nuvens
Co'a momentanea luz, que a espaços doura
O procelloso horror; — de quando em quando
Sentia-se o trovão roncar ao longe;
Envolta n'um cerrado, escuro manto,
Estava semi-morta a natureza.
Já por entre o crepusculo soltava
A estrella occidental seu frouxo lume;
Já da Cimmeria cova a mãe das sombras
Vinha no carro d'ebano esparsindo
Silencio, confusão, pavor, cegueira;
Vinha com denso véo, das mãos pendente,

Dando prazer a amor, logar ao crime.
Eis saúda Lorvêo a amiga Noute,
Lorvêo sumido em humida caverna,
Em subterranea abobada gretada,
Onde, oh lua, onde, oh sol, depois de haveres
Vingado o cume azul dos céos brilhantes,
Pelas fendas do tecto entraes a medo;
(E onde agora a profunda escuridade
Mantêm a densidão, o horror sustenta
Entre desmaios de cerulea véla,
Cujo avaro clarão sáe de um recanto,
E parece, a tremer, que receoso
Está da habitação, ou do habitante!)
Teus preceitos fataes elle professa,
Sciencia horrenda ao mundo, ás Furias grata,
Sciencia atroz, que os Áquillos enfreias,
Que ora em raza campina o mar convertes,
Ora em montes d'espuma aos céos o elevas;
E, revogando as leis ao Fado, á Morte,
Do seu carcere eterno os manes sóltas.
No duro chão do lobrego aposènto
Mixtas em bando o magico rodeam
Tristes aves de agouro; a preta gralha,
Tu, mocho velador, tu, corvo infésto;
A vibora mordaz alli serpêa,
O negro sapo immundo aos pulos berra;
Alli se aninha o languido morcêgo;
E alli, á varia turba presidindo

O mestre insigne das tartáreas artes,
Revolve agora os magicos mysterios.
Na mente absorta em lugubres idéas,
Murmura agora os horridos conjuros,
Os versos, a que annue a estygia deusa.
Indo principiar seu rito infando
Tres vezes lhe estremece o lar medonho,
O pallido carão se lhe affoguêa,
Aos olhos côr da noute os lumes torce,
Carrega um tanto o rispido sobr'olho,
Herriça-se-lhe a grenha, arqueja, espuma,
Vibra a vara efficaz, e açouta os ares,
Susurra, bate o pé... Subito a chusma
De aves e bichos pávida emmudece.
Vendo em silencio tudo o fero mago
Nos astros embebido assim se exprime:

«Aureas estrellas, que inspiraes na terra
Diversas condições, diversos fados!
Do influxo, que de vós se desencerra,
Hoje os encantos meus sejam tocados:
De Amor, que anda commigo em dura guerra,
Os farpões adoçae, no inferno hervados;
Meus destinos vencei, crueis e adversos:
Astros potentes, ajudae meus versos.

«Triplice deusa, oh Hecate, oh consorte
Do torvo rei, que o barathro governa!
Vós, Manes, vós, Eumenides, tu Morte,
Que vos cevaes no horror da sombra eterna:

Minos, e os dous irmãos, a quem por sorte
Coube exercer do damno a lei superna,
Punir traidores, atterrar perversos,
Sede-me attentos, escutae meus versos.
«Tu, que as luzes de Phebo, oh Cynthia, acclaram,
Hoje o teu quinto giro estás fazendo,
Hoje do seio maternal brotaram
Plutão, e as filhas de Acheronte horrendo:
E os que serras de serras carregaram,
Sacrilegos ao céos arremettendo;
Este dia fatal o encanto aspira:
Triumphae, versos meus, da ingrata Elfira.
«Tyranna, por quem são meus males tantos
Quantas arêas volve o mar comsigo,
Por quem vou desfazendo em ais, e em prantos
O coração, que em ti não acha abrigo:
Podendo subjeitar-te a meus encantos,
Só de humilde brandura usei comtigo;
Mas já que um doce amor em vão suspira,
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.
«Peito, a ferinos peitos similhante,
Rebelde á natureza, hoje veremos
Se o que não podem lagrimas do amante
Podem do iroso magico os extremos.
Tolher não has de que a victoria cante,
Com forças desiguaes vencer queremos;
Eu com versos e amor; tu só com ira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Segredos murmurando o mago astuto
A lua arranca da azulada esphera,
Reclama as almas a Charonte hirsuto,
Da vasta natureza as leis altera:
Das tres gargantas adormenta o bruto,
De sombras cobre o sol, no Averno impera:
Mesmo aos céos, quando quer, terror inspira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«As regras, que estudei co'a fada Olena
Vinguem minha paixão, e o teu desprezo;
Dous ramos de cypreste, um de verbena
Queimo no enxŏfre, de repente accezo:
Ao mocho agourador tiro uma penna
Junto da cauda, e pelas azas preso
Agora o crésto na sulphurea pyra.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«D'este apertado circulo no meio
Ponho a sinistra mão, depois o apago;
Tres vezes para traz aqui passeio,
E debaixo dos pés tres rãs esmago:
Raspo esta pedra, que do Ganges veiu,
Trazida por Fatino, illustre mago:
Insoffrivel calor de si transpira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Esta figura, que em metal gravada
É de audaz campeão, que um tigre aterra,
Esta figura, talisman chamada,
Mil virtudes sympathicas encerra;

Bem como a fera aqui representada
Se rende ao bravo heróe, caíndo em terra,
Renda-se-me a cruel, o encanto a fira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.
«Lidae, artes veneficas. Eis n'esta
Já morna decocção da dormideira
Tres vezes de um morcego alago a testa,
E caírá dormindo á vez terceira:
Mixturo cinco folhas de giesta,
Com a flor amarella, que não cheira;
E subita fragrancia eil-a respira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.
«Como esta cêra se derrete ao lume,
O rijo coração d'Elfira escaça
Adorando o poder do idalio nume
Em lagrimas piedosas se desfaça:
Como arde esta resina, este betume,
Como se afferra aos dedos esta massa,
Presa, ardendo por mim, quem já te vira!
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.
«Encravo de urso preto as duras garras
Na garganta loquaz de corvo antigo,
Fazendo verdejar tres seccas parras,
Elfira, inda não vens? (com ancia digo):
Tórro na quente cinza estas cigarras,
De aréca tres porções depois mastigo,
Fructo, que a corrupção prohibe, ou tira.
Cede a meus versos, desdenhosa Elfira.

«Qual, pungido da sede, em pouco espaço
Vôa o rapido cervo á fonte amena,
Caminhes tu, meu bem, com leve passo
A mitigar meu pranto, e minha pena:
Mas céos! Eu vejo Elfira!... Elfira abraço!...
Eis, eis dos olhos seus a luz serena!...
Ah! Menos conseguiste, Orphêo, co'a lyra.
Não mais, encantos meus: cedeu-me Elfira.

PERIODO DE LUCTAS LITTERARIAS E PRISÃO

(1791 a 1797)

13

(Maritimo)

Tritão

Omnia vincit Amor.
VIRGIL. Eclog. x.

A Foz do Tejo, em bronca penedia
Minada pelas ondas salitrosas,
Prisioneiro de Amor, Tritão gemia.
Luziam-lhe as espadoas escamosas,
Sustentava o maritimo instrumento,
O buzio atroador nas mãos callosas:
Conchas da côr do liquido elemento
Parte do corpo enorme lhe vestiam,
Egual na ligeireza ao proprio vento:
Da barba salsas gotas lhe caíam,
E nos olhos, que amor affogueava,
Em borbotões as lagrimas ferviam.

Lilia, que um bosque proximo habitava,
Lilia a Napéa, desdenhosa e bella,
Amorosos clamores lhe arrancava:
Um dia a viu na praia, e só de vel-a
Seu coração feroz enfeitiçado,
Voou, gemendo, para os olhos d'ella,
Das entranhas do pélago salgado,
Louco de amores, louco de saudades,
O queixoso amador tinha saltado:
Do pae, que abafa as negras tempestades,
Já seu voraz tormento era sabido,
E das outras equóreas divindades.
De aereas esperanças illudido,
Gran tempo seu espirito saudoso,
Rastejando a cruel, vagou perdido;
Gran tempo glorias vans sonhou, teimoso,
Antes que désse fructuosa entrada
Ao acre desengano o peito ancioso.
Já pela transparente, immensa estrada
No coche rutilante o Sol corria
Apoz a Aurora candida, e rosada,
Quando envolto nas sombras da agonia
Ao vento derramava o deus amante
Taes queixas, que eu não longe occulto ouvia:
«Lilia! Lilia! Ah cruel! Ver um instante
Teus olhos garços, tuas louras tranças
Para meu lenitivo era bastante.

Ardo, chóro, e não vens, e não te amansas!
Oh céos! Talvez nos braços cabelludos
De vil, bicórneo Sátyro descanças?
Féra, peor que os jacarés sanhudos,
Rirás talvez com elle, em quanto abalo
Com meus suspiros os penhascos mudos!
Ah! De zelos phreneticos estalo,
E doces illusões desvanecendo,
Na desesperação o inferno egualo.
Quantas serpes contêm seu bojo horrendo
Vem cravar-me o lethal, maligno dente
Pelas entranhas, que me estão fervendo.
Como te soffre o céo, como consente
Que ultrajem teus desdens a prole augusta
Do numen, que maneja azul tridente!
Não ponderas quem sou, barbara injusta!
Se o meu rendido amor te não commove,
Nem meu grande poder sequer te assusta!
No mar á minha voz tudo se move:
Eu aos deuses undívagos intîmo
Altos decretos do ceruleo Jove:
De Éolo as furias em tão pouco estimo,
Que até na horrivel, sinuosa gruta
Com cem cadêas os tufões lhe opprimo:
Muge o mar, treme a terra, o céo se enluta
Apenas, tempestade apregoando,
Este meu buzio concavo se escuta:

Tambem, se quero, os duros sons lhe abrando;
E os magos versos do cantor de Thracia
Vou no rijo instrumento arremedando;
E desprezas-me ainda, e tens a audacia
De rejeitares com soberbo enfado
O filho de Neptuno, e de Salacia!
Em que, nympha cruel, te desagrado?
Que te affugenta? As lucidas escamas,
As verdes conchas, de que estou forrado?
Pois isto, que, por feio, em mim desamas,
E que te obriga a nunca me escutares,
Gera em mais docil peito ardentes chammas.
Oh quantas vezes sáe dos vitreos lares
Só para ver-me Arginia, que, em se rindo,
Enfrêa os ventos, agrilhôa os mares!
A Dóris, á benigna mãe fugindo,
Brando affago me traz no lacteo rosto:
O teu vaidosa, o teu não é mais lindo;
Mas a seus doces mimos sempre opposto
Acha meu coração, que foge d'ella,
E vem sacrificar o amor ao gosto.
Debalde a triste nympha se desvéla
Em finezas, e em lagrimas, que tudo
Enjeito por amar-te, oh dura, oh bella:
Com semblante enrugado, e carrancudo,
Lhe atalho os ternos ais, e, se porfia,
Ou as costas lhe volto, ou fico mudo.

Oh pasmo! Nem Prothêo pensar devia
Que eu por uma campestre semidéa
A prole de Nerêo desprezaria.
Mas ah! Já sinto Amor, que me refrêa
A petulante voz.—Não mais, perdoa
Á desesperação, gentil Napéa:
Para meus braços amorosos vôa,
Vôa, e verás então, que alegres hymnos
Meu rude buzio, respirando entôa.
Depois de ouvires os meus sons divinos,
Mergulhando commigo, irás sem medo
Aos magestosos paços neptuninos;
Lá no seio de um concavo rochedo
Jaz de meu pae a esplendida morada,
D'onde para te ver saí tão cedo:
De ouro, e saphiras altamente obrada,
E de lustrosas conchas de mil cores
Com mimoso artificio variada,
Attrairá teus olhos, e os Amores,
Que te acompanham, lograrão, pasmados,
Mais prazer entre as aguas, que entre as flôres:
Alli sobre diaphanos estrados
Oh Lilia, a par de Thetis, e Amphitrite
Repousarão teus membros delicados:
Em honra tua festival convite
Farei aos patrios deuses: o meu gosto
Nos mesmos immortaes inveja excite:

Meu venerando pae, no solio posto,
Com grave riso, e placida alegria
A senil ruga alisará no rosto:
Rubros coraes, fulgente pedraria
Te off'recerá nos candidos regaços
A chusma das Nereidas á porfia:
Aquella mesma, que em gostosos laços
Pretende unir-me a si, teus olhos vendo
Confio que te aperte entre seus braços:
Tanto poder terás! Ah! Vem correndo,
Que já seus raios de ouro o Sol dardeja
Do ethereo carro, o mundo esclarecendo:
Punge os Ethontes, como que deseja
A quéda anticipar nas aguas, onde
De perto, oh nympha, tuas graças veja.
Vem, pois, encanto meu, vem, corresponde
Ao fervoroso amor, em que me inflammo,
Sáe d'entre a basta selva, que te esconde.
Mas ai, que em vão te rogo, em vão te chamo:
Nem fazes caso de meu ser divino,
Nem das lagrimas tristes, que derramo.
Peito insensivel, peito diamantino,
As maviosas preces da ternura
Não amaciam teu rigor ferino.
Ah! Basta de cegueira, e de loucura,
Basta de suspirar, paixão funesta:
Quem ha de n'uma penha achar brandura?

Viboras, que jazeis n'essa floresta,
Vingae-me, envenenae c'o tenue dente
A ingrata, que me foge, e me detesta:
Sinta rabidas ancias, como sente
Meu triste coração, de amor ferido,
Atassalhado de peor serpente...
Mas não. Furias do inferno, eu vos convido!
Sois mais dignas de mim: de vós se vale
Um deus irado, um deus escarnecido:
Rebentae do vulcão, que o mundo abale,
E a peste, que exhalaes do peito horrendo,
O ferreo coração de Lilia rale!»
Calou-se, e do alto escolho á pressa erguendo
O formidavel corpo, inda mais alto,
E as negras mãos, phrenetico, mordendo,
Por entre as ondas se abysmou de um salto.

14

Queixumes do pastor Elmano contra a falsidade da pastora Urselina

Mettido tenho a mão na consciencia,
E não fallo senão verdades puras,
Que me ensinou a viva experiencia.
CAMÕES, Sonet. LXXXVII.

Seu manto desdobrava a noute escura,
E a rã no charco, o lobo na espessura
Vociferando, os ares atroavam;
Do trabalho diurno já cessavam
Os rudes, vigorosos camponezes:
O vaqueiro, cantando atraz das rezes,
Após as cabras o pastor cantando,
Iam para as malhadas caminhando;
Tudo jazia em paz, menos o triste,
O desgraçado Elmano, a quem feriste,
Oh pernicioso Amor, cruel deidade,
Flagello da infeliz humanidade:
Tudo emfim descançava, excepto Elmano,
Que a mão do Fado, universal tyranno,
Sentia sobre si descarregada;
Que, longe da paterna choça amada,

Dependente vivia em lar estranho,
Sendo os desgostos seus o seu rebanho.
Honrados maioraes o sêr lhe deram
Lá junto ao Sado ameno, e lhe fizeram
Das artes cortezãs prezar o estudo:
As Musas o encantaram mais que tudo,
Ateando-lhe n'alma o fogo sancto,
Que estupidos mortaes desdenham tanto.
Inflammado com elle, ao som da lyra
Quebrava dos tufões a força, a ira,
E o venerando Tejo socegado,
A cuja fresca praia o trouxe o Fado,
Mil vezes, para ouvir-lhe as ternas magoas,
A limosa cabeça ergueu das aguas.
Cego, convulso, pallido, e sem tino
Entrava na cabana de Francino
O desditoso Elmano. Entre os pastores
Geral estimação, geraes louvores
Francino com justiça desfructava:
Alto saber o espirito lhe ornava,
Na vasta capital fôra creado,
E por expertos mestres cultivado.
Doce nó de amisade os dous unia,
Concorrendo a razão, e a sympathia
Para tão bella, e placida alliança.
Notando, pois, a funebre mudança,
Que no aspecto do amigo apparecia,
Assim Francino a causa lhe inquiria:

FRANCINO

Que tens, Elmano? Que fatal desgosto
Banha de tristes lagrimas teu rosto?
Tu, que, ainda ha brevissimos instantes,
Te acclamavas feliz entre os amantes,
Logrando mil carinhos, mil favores
De Urselina gentil, dos teus amores,
Vens tão choroso, tão afflicto agora!
Ah! Conta-me a paixão, que te devora,
Das ancias tuas o motivo explica:
Communicado o mal, mais brando fica.

ELMANO

Ai de mim! Venho louco, estou perdido.
Oh peito ingrato! Coração fingido!
Oh deshumana, oh barbara pastora!
Fementida mulher enganadora!...
E tiveste valor para a mais feia
Traição, que póde conceber a idéa?
É possivel! É certo! Oh céos! Soccorro!...
Eu pasmo, eu desespero, eu ardo, eu morro.

FRANCINO

Amigo, torna em ti, recobra alento,
Declara-me o teu intimo tormento.
Do cego phrenesi, que te domina,
Quem é causa, pastor? É Urselina?

ELMANO

Quem, senão ella (oh céos!) me obrigaria
A tão pasmoso extremo? A Sorte impia
Com todo o seu poder nunca tem feito
Desmaiar a constancia de meu peito;
Quem me abate é Amor, não o Destino.
Eu te conto o meu mal, eu vou, Francino,
Retratar-te a mais negra, a mais horrivel
De todas as traições. Não é possivel
Nos ermos encontrar da Lybia ardente
Monstro, seja leão, seja serpente,
Que possa comparar-se á fera humana,
Que com tanto rigor me desengana.
Quantas vezes notaste, honrado amigo,
Finezas, que a traidora obrou commigo!
Quantas vezes d'aqui presenciaste
Seus gestos, seus affagos, e julgaste,
Que o mais ardente amor, a fé mais pura
Pagavam minha candida ternura!
Ouve, e conhecerás (ai de mim triste!)
Que foi sonho, illusão tudo o que viste.
Já sabes, que no dia em que ligado
A Marcio Jonio foi pelo sagrado,
Indissoluvel nó, cantei louvores
A tão ditosos, tão fieis amores,
E o numero augmentei dos convidados;
Já sabes as meiguices, e os agrados,

Com que a minha infiel me fez ditoso;
Alli traçando um baile harmonioso,
Por parceiro me quiz; alli sentada
Junto a mim, vezes mil a refalsada
Protestou, que em sua alma eu só vivia,
Que eu era dos seus olhos a alegria,
Dando-me a bella mão furtivamente,
Que, ardendo de paixão, beijei contente.
Pediu-me a desleal, que alli tornasse,
Que tão doce prazer lhe não roubasse:
Guiado por Amor, fui inda agora
Seu desejo cumprir, que antes não fôra,
Porque não sentiria este martyrio,
Este ardor, esta raiva, este delirio.
Jonio, que estava á porta da cabana,
Me veiu receber... ah! Quanto engana
Uma apparencia alegre, e carinhosa!
Entrei, puz logo os olhos n'aleivosa,
Que, em vez de me tractar com meigo agrado,
Tinha nas faces o desdem pintado.
Pasmado da mudança repentina,
Lhe disse: «Amado bem, cara Urselina,
Tu commigo tão aspera? Eu ignoro
Em que pude aggravar quem tanto adoro.»
Isto dizendo, avisinhei-me a ella,
Que estava ao pé da rustica janella,
E da terna pergunta não fez caso,
Nem o rosto voltou, e olhando acaso

Á proxima cabana de Nigélla,
Vi encostado Inalio á porta d'ella
Olhar para Urselina, adeus dizer-lhe,
E sem pejo a cruel corresponder-lhe
Co'um doce riso, um gesto namorado,
De amantes expressões acompanhado.
Fervendo no peito o amor, e a irà,
Logo, logo em pedaços fiz a lyra,
E em mil imprecações, em mil queixumes
O furor exhalei dos meus ciumes,
Ameaçando a infiel, que eu me vingava
No odioso rival, que me affrontava,
Se uma satisfação, que Inalio visse,
Logo o meu pundonor não ressarcisse.
Prometteu-me que sim, mas de repente
A meus olhos se esconde, e vai contente
O lerdo, o baixo amante encher de gloria,
Que não cabia em si pela victoria,
Que a peor das traições lhe tinha dado.
Fiquei louco, fiquei desesperado,
Contemplando este assombro nunca visto
Nem na imaginação. Não pára n'isto
D'aquella ingrata a perfida baixeza:
De novas furias cruelmente acceza,
Procura Aonio, inerte pegureiro,
Que é o riso da gente no terreiro
Quando sáe a bailar, e a cada passo
Se esquece da harmonia, e do compasso,

Sendo falto de prendas, e de siso
Como o louco Magalio, o rude Anfriso.
Urselina lhe diz, que me incitasse,
A que a choça de Jonio abandonasse,
Persuadindo-me, emfim, que não devia
Presenciar a affronta, que soffria.
Acreditei o indigno conselheiro,
E saí da cabana, onde primeiro
Tinha logrado os mimos da perjura,
Que assim desenganou minha ternura.
Ah genio lesleal, falaz perverso!
Ai! Não me hallucinava o meu ciume,
Era mais do que justo o meu queixume,
Quando (triste de mim!) quando julgava
Que Inalio, inda que simples, te agradava!
Accusei-te mil vezes de fingida,
De que a elle querias ver-te unida
Em laços de Hymenêo; mas tu negaste
Sempre o que hoje sem pejo declaraste.
Traidora! Eu não dizia, eu não jurava,
Que o meu socego ao teu sacrificava!
Ah! Porque me não déste o desengano,
Que eu te pedia, coração tyranno?
Se Inalio, porque tem campos, e gados,
Numerosos casaes, amplos montados,
Attráe esse teu genio interesseiro;
E eu, posto que leal, que verdadeiro,
De clara geração, de sangue honrado,

Caducos, frageis bens não devo ao fado,
E por isso não posso no teu peito
Produzir da ternura o doce effeito;
Que razão te obrigou a acarinhar-me,
E de um fingido amor capacitar-me?
Coração em perfidias atolado,
Impia, se o não tivesse inda creado
A vingadora mão de Jove eterno,
Devia para ti crear o inferno!

FRANCINO

Consola-te, pastor; essa perjura
Não deve motivar tua amargura;
Castiga-lhe a traição, e o fingimento
Lançando-a n'um profundo esquecimento.
Que mais satisfação, que mais vingança
Queres da vil, da subita mudança,
Que ver exposta a pérfida pastora
Ao ludibrio geral? Uma traidora,
Uma fera, uma ingrata, inda que bella,
Não merece a paixão, que tens por ella.
Pondera, que não foste injuriado
De seu duro desprezo inesperado;
Que o feminil capricho extravagante
Não te deslustra o merito brilhante.
Nenhum, nenhum pastor n'aldeia ignora,
Que essa, que te deixou, foi até'gora

Carinhosa comtigo, e fez patente
Sua correspondencia a toda a gente:
Demonstrações em publico te dava
De amorosa paixão, mas não te amava:
Baixo costume, natural fraqueza
É que a fez parecer de amor acceza;
Aquella alma não arde, não se inflamma,
A todos corresponde, a ninguem ama.
Bem se viu com Bersalio, e com Laurenio
Seu inconstante, seu voluvel genio:
Té no mais desprezivel dos pastores
É capaz de empregar seus vis amores:
Nunca soube escolher, tudo lhe agrada,
E inda que astutamente infatuada
Faça crer aos amantes o contrario,
É já sabido seu caracter vario.
Isto em teu coração gravado fique,
E não queiras, pastor, maior despique:
Se até'gora calei quando te digo,
Foi por não te affligir, prezado amigo.
Pouco importa perder quem nada vale.
Contente-te, que toda a aldeia falle
Contra a sua imprudente aleivosia;
Que, se pensasse bem no que fazia,
Jámais o falso monstro, que te deixa,
Fechara a tudo os olhos como fecha.
Deveria lembrar-se a fementida
De que a sua affeição foi conhecida,

De que inda em tuas mãos tens os penhores
De seus furtivos, tacitos favores,
Para não te obrigar com tal injuria
A que dos zelos a violenta furia
Despedaçasse um véo mysterioso,
Um véo tão necessario como honroso.
Mas verás se mais hora menos hora
Não é punida a infiel pastora:
Douradas esperanças lisonjeiras
Nutrem-lhe idéas vãs, e interesseiras;
Mas Inalio é como ella ambicioso,
E só deseja um hymenêo lucroso,
Que lhe farte a cubiça, os bens lhe augmente:
Elle proprio m'o disse, elle não mente,
Que a sua natural simplicidade
Não póde mascarar a sã verdade.
Eia, pois, cesse o pranto, enxuga o rosto,
Adora a Providencia em teu desgosto;
Não delires, pastor, não desesperes,
Que és feliz em saber quem são mulheres.

ELMANO

Sim, meu amado, meu leal Francino,
Eu dou mil graças ao poder divino
Por me livrar do engano em que vivia:
Eu luctarei co'a terna sympathia,

Que me fez adorar uma inconstante,
Aos falsos crocodilos similhante.
Embora logre Inalio os seus agrados
Fingidos, mentirosos, estudados.
O sordido interesse é quem a inspira:
Se da fortuna o meu rival sentira
A triste, perniciosa variedade;
Se a violencia de horrivel tempestade
Lhe derribasse as ferteis oliveiras,
Se o fogo lhe engolisse as sementeiras,
Se a cheia lhe affogasse os nedios gados,
Verías os desdens, e em desagrados
Mudar-se logo o amor, que finge a astuta,
Que de negra cubiça a voz escuta:
Tu a verias outra vez commigo
As chammas assoprar do affecto antigo,
Mendigando razões para applacar-me,
Para me convencer, para enganar-me.
Mas ah paixão! Teu impeto reprime,
E busque-se vingança egual ao crime.
Ritalia bella, encanto dos pastores,
Merece meus suspiros, meus amores:
Com ella fui mil vezes desattento,
Negando-lhe o devido acatamento
Por cumprir o preceito rigoroso
De Urselina infiel, que no enganoso,
No detestavel peito encerra, e nutre
Da venenosa inveja o feio abutre,

Porque a meiga Ritalia é mais do que ella
Branda, risonha, delicada, e bella,
Quanto é mais agradavel, mais formosa
Que as outras flores a punicea rosa.
Ritalia desde agora o lindo objecto
Será do meu fiel, constante affecto:
Arrebatado em extasis de gosto,
Louvores de seus olhos, de seu rosto
Farei voar nas azas da ternura,
E assim me vingarei d'uma perjura.
Ella, por timbre meu, o escute, o saiba,
E o coração no peito lhe não caiba
De inveja, de furor: eu, entretanto,
Troque em placido riso o triste pranto,
E a fria indiff'rença, com que intento
Recompensar-lhe o torpe fingimento,
Até tão alto gráu n'esta alma cresça,
Que eu veja a desleal, e a não conheça.

PERIODO DE DESALENTO E MORTE

(1798 a 1805)

15

(Pastoril)

Magoas amorosas de Elmano

Oh fortunati miei dolci martiri,
S'impetreró ché, giunto seno a seno,
L'anima mia nella tua bocca io spiri!

Tasso, Gerusal. Liber. Cant. II.

Que scena tão suave aos amadores!
Capaz de amenisar o horror da morte,
Que d'azas negras me esvoaça em torno!
Que scena tão suave aos amadores!
Com brando murmurio além revoam
De Venus, e de Analia (eguaes no encanto)
De Venus, e de Analia as avesinhas.
Ali magoas não ha, não ha saudades,
Vivem como eu vivi, como eu não mōrrem!

Doce é ver-lhe os desejos innocentes,
Os momentos de amor! É doce ouvir-lhe
Ternos gemidos em delicias ternas!
Unindo os bicos se namoram, se instam,
Se affagam longamente, e arrolam juntas.
N'ellas pejo não é, nem crime o gosto,
O altar da natureza urdiu seus laços.
Ferreo dever, que o sentimento ancêa,
Dever, algoz d'Elmano, algoz d'Analia,
Nos ternos corações lhes não carréga!
Felices passarinhos melindrosos,
D'Analia inveja sois, d'Elmano inveja.
Sois da ternura, e do prazer a imagem.
Felices passarinhos! Esquecei-vos
Um momento de vós, para lembrar-vos
De dous saudosos, miseros amantes;
Vós os vistes viver, morrer d'amores,
Viste-os mortaes, e pareciam numes!
Doces escravos da prisão mais doce
(Prisão, que apérto, que eterniso, e beijo!)
D'Analia, com Elmano, escravos ternos,
Elle gemendo está, gemei com elle;
Ella suspira, suspirae com ella;
E na maga inflexão da voz maviosa
(Fonte d'encantos, de carinhos fonte)
Brandura aprendereis, que apure a vossa.
Avesinhas de Amor! Não só merecem
Dous amantes fieis a vós piedade,

Mas piedade aos leões, piedade aos tigres,
Piedade á natureza, ao fado, a tudo.
Ah! Se alguma de vós logrou mais beijos
D'aquella, cujos mimos deleitosos
Á vossa candidez eu permittia,
E a um deus, mesmo a um deus, os não cedêra;
Se algum de vós, oh passarinhos meigos,
Entre o ditoso e affogueado enxame
Dos pensamentos meus, dos meus desejos,
De Analia no sagrado e niveo seio
Pousou, e sem morrer gosal-o poude,
E suave embebeu por entre as rosas
O biquinho subtil n'um céo de amores;
Se encantadora primazia obteve
No bem, na gloria de celeste afago;
Por isto, que expressão não tem no mundo,
Ou de que um ai dos meus sómente é phrase,
Por isto á venturosa estancia vôe,
Onde o que devo a Amor me usurpa o Fado;
Lares demande, que esclarece Analia,
Adeje aos campos, que florecem d'ella;
E quando a vir co'a phantasia absorta
Na imagem do sem-par, mesquinho amante,
Contando, como os seculos se contam,
Agros momentos de teimosa ausencia,
Que os bens do coração lhe sóme aos olhos,
Pouse na mão de neve, e gema, e diga
(Por milagre de Amor):—«Eis os suspiros,

A vida, o ser, o espirito d'Elmano.
Todo é teu, todo é teu, não quer, não póde
Ser de outra, nem de si, nem do Destino.
Amor é mais que o tempo, é mais que o fado;
Eia, triumphos contra fado e tempo,
E os premios da constancia d'elle espera.
Venus, a mãe d'Amor, por ti deixamos,
Idalia por teus lares esquecemos:
Ao vêr-te a fé, o ardor, nos attraíram
Inda mais que os da face, encantos d'alma.
D'Elmano a doce causa é causa nossa:
Deusa nos olhos, nos sorrisos deusa,
Monstro, se o deixas, te fará teu crime.»
    Nuncia mimosa das saudades minhas,
De meus suspiros confidente amada,
Attenta do meu mal na bella origem,
Observa se desmaia, ouve se geme
Ao som piedoso da mensagem triste:
Depois traze-me um ai, dá-me um thesouro.
    E tu, planta de amor, que tens meu nome,
Que o tens com mão divina em ti gravado,
A terra desdenhando irás aos numes,
Por ledo agouro de adoravel boca.
Aves do Olympo, modulando amores
Que á plebe dos amantes são mysterios;
Aves mais brandas, mais fieis, mais lindas
Que as mesmas aves, que em Cythéra adejam,
Hão de, planta ditosa, ornar-te a rama.

Entre as filhas da luz, ethereas nymphas,
Ouro, nectar, jasmins, delicias todas,
O modelo verás dos dons de Analia:
Nos céos o original, no mundo a copia,
Competem brandamente, a idéa absorvem;
Mas por Analia o coração decide.
Planta, planta de amor, prospéra, e cresce;
Dos cedros invejada os céos penetra;
E se foste o que sou, se acaso outr'hora
Foste amante feliz, ou triste amante;
Se és ente humano transformado em tronco,
D'Amor por tyrannia, ou por piedade,
Junto aos versos d'Analia acolhe os versos
Do choroso amador; soffre-os, não temas
Contagio n'elles, que te damne e murche.
A mão formosa, que te honrou, que adoro,
Imprimindo-os em ti, tambem nos troncos
Como nos corações fará portentos.
Seu halito de rosas te bafeje:
Illesa ficarás, e a côr da noute
(Côr minha) voará do metro amargo,
Que assim do coração subiu aos labios:
«Do seu bem, do seu nume, Elmano ausente
Suspirando, morrendo, implora auxilio,
A mão porque suspira, e porque morre,
A mão de Analia, que lhe rege os fados,
No docil tronco, monumento amavel
De paixão triste, mas fiel, e eterna,

Estes sentidos caracteres lavre: —
Elmano por Analia esmorecia,
Elmano foi feliz, mas expirando;
Com ella não viveu, morreu por ella.
Se amas, lê, caminhante, e não lhe chores
A morte, que lhe foi melhor que a vida. »

16

A saudade materna

na prematura e chorada morte da Senhora D. Anna Raimunda Lobo

Ai! Ella os olhos, com que o ar serena,
Na misera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece.
Camões, Lusiad. Cant. III.

Não longe da louçã, da flórea margem,
Por onde ameno se espreguiça o Tejo,
E abrilhanta os cristaes em sóes estivos;
Dos jardins Ulysséos não mui distante
(Qual d'elysios vergeis visinho o Averno)
Sitio jaz, que parece em negras sombras
Sumir-se á natureza, ou não ser d'ella!
Alli jámais os lépidos Prazeres
(Meigos socios d'Amor, quando é ditoso)
Ousaram d'exercer mimosos brincos:
Oh myrthos! Oh rosaes! Oh Paphios bosques!
Alli não floreceis, alli não vôam
Perfumes vossos a encantar o olfato:
Nem teus quebros por lá, nem teus gorgeios,
Cantor da Primavera, e dos Amores,
Geram ternura, melodia exhalam.

Ao medonho logar negreja em roda
Selva d'esguios, funeraes cyprestes,
Que a profunda raiz no chão da morte
(Fieis ás cinzas) espontaneos ferram.
Em circulo forrando o escuro alvergue
Da Tristeza, e do Horror, sustêm na rama
Aves de pranto, de pavôr, de agouro,
Que o dia aborrecendo, amando a noute,
Vivem nas trevas, e nas trevas morrem.
Que sitio para a dôr, para o queixume
D'aquelles, a que a vida é pezo, é jugo!
Alli carpindo, suspirando, errante,
Sósinha ao desamparo, a triste Analia
De olhos fitos nos céos, aos céos pedia
Em lagrimas, em ais vãmente anciosa,
Seu mais doce penhor, seu bem mais doce.
«Numes, que a possuis, que m'a invejastes,
Era digna de vós, eu d'ella indigna!»
(Soluçando a miserrima exclamava)
«Mas valham prantos meus o que eu não valho;
Oh Fado! Oh céo! Restituí clementes
A suspirada filha á mãe saudosa.
Os genios divinaes, que em vós adejam
(Candida imagem da innocencia d'ella)
Travem d'alma gentil, que entre elles brilha,
Sobre as plumas de neve ao mundo a tornem;
E com ella, e comsigo á morte as sombras,
Aos sepulchros o medo esmaltem, dourem:

No despojo mortal formoso, e caro,
Soltando almo calor, bafejo ethereo
Acordem graças, insinuem vida!
Não careces, oh céo, de seus encantos,
E dos encantos seus carece o mundo:
Por ella a triste mãe não só prantêa,
Por ella está carpindo a Natureza,
Que o dia ornava c'os sorrisos d'ella!
Os campos da existencia, em cujo seio
Foi momentanea flôr, na ausencia murcham
Da linda producção, que os enfeitava!
Espinhos lhe deixaes, levaes-lhe as flôres!
Oh Fado! Oh céo! Restitui clementes
Ao saudoso universo, á mãe saudosa
As delicias de amor, de amor sagrado.
Mais um milagre vos mereçam prantos:
Se lagrimas de sangue obtel-o podem.
Por lagrimas de sangue o quero, oh numes!
No coração materno extremos fervem,
Capazes d'isto (oh céos!) de mais, de tudo...
Mas ai triste! Eu deliro... Ai triste! Eu sonho!...
Da morte a ferrea lei não se derroga;
Nas paginas fataes é tudo eterno!
O que se escreve alli jámais se risca!
Mãe chorosa, infeliz, sem fructo gemes,
Penas sem fructo; em lagrimas te mirras,
Em ais te esfalfas, e o destino é surdo!
Pezada escuridão me enlute a vida,

(Vida tão negra, que arremede a morte)
Noutes, bem noutes os meus dias sejam,
Em quanto eternos sóes lá são teus dias,
De um puro, e doce amor, oh doce prenda,
Espirito sereno, alma querida,
Que no mundo em ti mesma o céo gozavas!
Ah! Tu folgas sem mim, sem ti eu gemo,
Como a viuva, solitaria rôla,
Em sons carpidos apiedando as selvas!
Não roce os labios meus nem mais um riso;
Meu terno coração ralae, saudades!...»
Aqui desprende um ai, que aos astros vôa;
Em subito desmaio os olhos cerra,
(Os olhos, a que Amor victorias deve)
E cáe sem voz, sem côr, sem luz, sem alma.
Em torno a terra lhe gemeu piedosa,
As plantas sepulchraes com dôr vergaram;
E vós, aves do luto, aves da morte
Em menos agro som, porém mais triste,
Como que as leis embrandecer tentastes,
As leis terriveis, de inviolavel firma!
Tudo penou, tremeu, fez tudo extremos
No mal de Analia ... E que faria Elmano,
Ouvindo á voz da Fama o caso acerbo?
Sagrou com debil mão no leito infausto
Á cinza amada lutuosos versos;
E quasi reviveu para choral-a.

I

Medéa

Já de Colchos a fera, ardente Maga
Horridos versos murmurado havia;
Ao som de atroz conjuro, e negra praga
Já tinha amortecido a luz do dia:
Já co'a força do encanto
Os implacaveis monstros subjugara
Na feia habitação do eterno pranto,
E á voz terrivel, ao potente aceno
A triforme carranca em fim curvara
Do rei das sombras a feroz consorte.
Embebidas n'um fervido veneno
As roupas nupciaes, brilhante ornato,
Em que ía disfarçada, alegre a Morte,
Instrumentos da raiva, e do ciume,
Punindo a vil traição do esposo ingrato,
O invisivel por arte, aereo lume
Pouco a pouco ateavam
Nas lisas carnes da real donzella,
E a preferida, a bella
Miseranda rival desesperavam.

Descendente do Sol, do deus fogoso,
Tu, zelosa, phrenetica Medéa,
Foste colher ao carro luminoso
Tenue, fatal porção da luz phebéa;
Talhaste fulvo annel da ignea trança,
E d'elle urdiste asperrima vingança.
Estás desaffrontada? Estás contente?
Nas garras da afflição Creusa expira;
    Jason sem alma a sente,
Jason, que te offendeu, Jason delira,
Brama de horror, de angustia desfallece,
E mais que teu furor teu dó merece:
Eis o envolve, o consterna amargo luto,
Foi falso, foi traidor, foi réo sem fructo.
Que novo crime insolito, execrando,
    Que atrocidade insana
Vás contra a natureza aparelhando?
Poupa os filhinhos, barbara, inhumana,
    Poupa os meigos filhinhos:
    Elles são innocentes,
Elles inda tem jus aos teus carinhos.
    Não vês que, descontentes,
    Não vês que, enternecidos,
A teu fado, a teu mal dão mil gemidos,
    Soluçam, tremem, choram,
Se lamentam do páe, e a mãe deploram?
Oh céos! No coração da maga horrenda
    Natureza e vingança
Armam fervente, pertinaz contenda:

Ora a ternura suspirando amansa
Dos zelos a raivosa tempestade,
    Ora de agro despeito
    Ao vigoroso impulso
Cede a benigna, maternal piedade:
    Em fim do irado peito
Foge, vôa carpindo Amor expulso.
Eis a mãe (já não mãe) qual impia Furia,
    Medonha, e desgrenhada,
Te faz, oh Natureza, atroz injuria!
A tua doce voz em vão lhe brada,
Em vão lhe representa, em vão lhe pinta
Com mimoso pincel, com varia tinta
Aureos instantes, scenas deleitosas;
Nos meninos gentis em vão lhe aponta
De amor suave as prendas carinhosas:
    Co'as imagens brilhantes
Se assanha do divorcio a crua affronta,
Dobra-se a pena, a raiva se requinta.
Já lança mão dos candidos infantes,
E empunhando mortifero instrumento
    Com que a Ternura espanca
    No cerrado aposento
Estas vozes crueis do peito arranca:
    «Longe, affectos piedosos,
Longe, materno amor! — Estes, que eu mato,
São prole de Jason, são criminosos,
Detestavel porção de um peito ingrato.

Morra, morra com elles a memoria
  Do perfido consorte.
Justiça, Indignação, dae-me a victoria!
Cessa de murmurar, oh Natureza,
Recebe as tenras victimas, oh Morte!...»
N'isto em chammas do inferno a maga acceza,
Vibra o ferreo punhal contra os mesquinhos,
  Lacrimosos filhinhos:
Ao acto de os ferir lhe cáe por terra,
Mas a dextra fatal de novo o aferra.
Infancia, formosura, a dôr, e o pranto
Nada o terrivel impeto embaraça,
Um apoz outro os miseros traspassa:
Tu, Ciume cruel, tu pódes tanto!
No horror da morte as victimas arquejam,
E, inda sentindo a filial ternura,
A mãe, o algoz acarinhar desejam.
Ella, mais que rochedos secca, e dura,
  Denso véo lutuoso
Sobre os rotos cadaveres estende,
E aos olhos tristes do culpado esposo
A triste scena renovar pretende...
Eil-o, ah! Eil-o, convulso, arrebatado,
Derriba a porta da lutuosa estancia
No liso pavimento ensanguentado:
  Ferro mortal brandindo
Corre a Medéa com terrivel ancia.

Ao vel-o, em novas furias se affoguêa,
Relampagos dos olhos sacudindo
A torva maga, e subito menêa
Com rapido susurro a tenue vara,
Que ás longas vestes do perjuro applica:
    Elle treme, elle pára,
Calado, immovel qual estatua fica;
Porém se perde a voz, e o movimento,
Conserva illesos vista, e sentimento.
Logo o funebre véo Medéa alçando,
Do falsario Jason a angustia dobra,
Aponta ao espectaculo nefando,
Mostra-lhe os filhos, e a traição lhe exprobra.
Depois, abominando os impios lares,
Theatro de seus horridos furores,
As soberbas abobadas atrôa
Com mil imprecações, com mil clamores;
E em leve salto se arremessa aos ares,
    E pelos ares vôa
De aligeros dragões n'um carro enorme,
Dadiva de Proserpina triforme.
Das Gorgonas, das Furias negro bando
Retorce os olhos, que arremedam brazas,
A segue, e vae correndo, e vae crestando
Com rubro facho ardente ao vento as azas.
    Unisono alarido
A sanhuda caterva aos céos levanta,
    E da brutal fereza
O triumpho atrocissimo decanta.

O sol na escuridão fica sumido,
Negreja horrorisada a natureza,
Montanhas ergue o mar, vulcões a terra,
Aos sons, que o côro estygio desencerra:
E entretanto o miserrimo consorte
Jaz entre os filhos, a luctar co'a morte.

«Triumphe (os monstros clamam,
E a Compaixão suspira)
Triumphe, reine a Ira,
Caia, pereça Amor.

«Teus raios, oh Vingança,
Jámais, jámais se apaguem:
Sempre o altar te alaguem
Ondas de rubra côr.

«Pasmae, tartareas hydras,
Pasma, infernal tyranno;
Inda o furor humano
Transcende o teu furor.

«Da atroz Medéa o nome
Em perennal memoria
Será do averno a gloria,
E dos mortaes o horror.

«Tropel de acerbos males
O mundo assalte, e fira;
Reine, triumphe a Ira,
Caia, pereça Amor.

II

Á morte de Ignez de Castro

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo, chorando, memoraram.

CAMÕES, Lusiad.

A ULINA

Soneto dedicatorio

Da miseranda Ignez o caso triste,
Nos tristes sons, que a magoa desafina,
Envia o terno Elmano á terna Ulina,
Em cujos olhos seu prazér consiste:

Paixão, que, se a sentir, não lhe resiste
Nem nos brutos sertões alma ferina,
Belleza funestou quasi divina,
De que a memoria em lagrimas existe:

Lê, suspira, meu bem, vendo um composto
De raras perfeições anniquilado
Por mãos do crime, á natureza opposto:

Tu és copia de Ignez, encanto amado;
Tu tens seu coração, tu tens seu rosto...
Ah! Defendam-te os céos de ter seu fado!

Longe do caro esposo Ignez formosa
    Na margem do Mondego
As amorosas faces aljofrava
    De mavioso pranto.
Os melindrosos, candidos penhores
    Do thalamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagens d'ella,
No regaço da mãe serenos gosam
    O somno da innocencia.
Côro subtil de aligeros Favonios
    Que os ares embrandece,
    Ora enlevado affaga
Com as plumas azues o par mimoso,
    Ora solto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
    Pela amante saudosa,
Pelos tenros meninos se reparte,
E com tenue murmurio vae prender-se
Das aureas tranças nos anneis brilhantes.
Primavera louçã, quadra macia
    Da ternura, e das flores,
Que á bella Natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de Amor ao mundo apuras
    Prazer da existencia,
    Tu de Ignez lacrimosa
As magoas não distráes com teus encantos.
Debalde o rouxinol, cantor de amores,
Nos versos naturaes os sons varia;

O limpido Mondego em vão serpêa
Co'um benigno susurro, entre boninas
De lustroso matiz, alvo perfume;
Em vão se doura o sol de luz mais viva,
Os céos de mais pureza em vão se adornam
　　Por divertir-te, oh Castro!
Objectos de alegria Amor enjôam
　　Se Amor é desgraçado.
A meiga voz dos Zephyros, do rio,
　　Não te convida o somno:
　　Só de já fatigada
Na lucta de amargosos pensamentos
　　Cerras, misera, os olhos;
Mas não ha para ti, para os amantes
　　Somno placido, e mudo:
Não dorme a phantasia, Amor não dorme:
Ou gratas illusões, ou negros sonhos
Assomando na idéa espertam, rompem
　　O silencio da morte.
Ah! Que fausta visão de Ignez se apossa!
Que scena, que espectaculo assombroso
A paixão lhe affigura aos olhos d'alma!
Em marmoreo salão de altas columnas,
A solio majestoso, e rutilante
Junto ao regio amador se crê subida:
Graças de neve a purpura lhe envolve,
Pende augusto docel do tecto d'ouro;
Rico diadema de radioso esmalte

Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle;
Nos luzentes degraus do throno excelso
Pomposos cortezãos o orgulho accurvam;
A lisonja sagaz lhe adoça os labios,
O monstro da politica se aterra,
E se Ignez perseguia, Ignez adora.
        Ella escuta os extremos,
Os vivas populares; vê o amante
Nos olhos estudar-lhe as leis que dicta;
O prazer a transporta, amor a encanta:
Premios, dadivas mil ao justo, ao sabio
        Magnanima confere,
Rainha esquece o que soffreu vassalla:
De sublimes acções orna a grandeza,
Felicita os mortaes, do sceptro é digna,
Impéra em corações... Mas, céos!... Que estrondo
O sonho encantador lhe desvanece!
        Ignez sobresaltada
Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa illusão lhe foge o quadro.
Ministros do Furor, tres vis algozes,
De buidos punhaes a dextra armada,
Contra a bella infeliz bramindo avançam,
Ella grita, ella treme, ella descóra,
Os fructos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os céos, o amante;
Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,

Á suave attracção da formosura,
Vós, brutos assassinos,
No peito lhe enterraes os impios ferros.
Cáe nas sombras da morte
A victima d'Amor lavada em sangue:
As rosas, os jasmins da face amena
Para sempre desbotam;
Dos olhos se lhe some o doce lume,
E no fatal momento
Balbucía, arquejando: — «Esposo! Esposo!...»
Os tristes innocentes
Á triste mãe se abraçam,
E soltam de agonia inutil chôro.
Ao suspiro exhalado,
Final suspiro da formosa extincta,
Os Amores acodem.
Mostra a prole de Ignez, e tua, oh Venus,
Egual consternação, e egual belleza:
Uns dos outros os candidos meninos
Só nas azas differem,
(Que jazem pelo campo em mil pedaços
Carcazes de marfim, virotes d'ouro)
Subito voam dous do côro alado;
Este, raivoso, a demandar vingança
No tribunal de Jove,
Aquelle a conduzir o infausto annuncio
Ao descuidado amante.

*

Nas cem tubas da Fama o gran desastre
Irá pelo universo:
Hão de chorar-te, Ignez, na Hyrcania os tigres,
No torrado sertão da Lybia fera
As serpes, os leões hão de chorar-te.
Do Mondego, que attonito recua,
Do sentido Mondego as alvas filhas
Em tropel doloroso
Das urnas de cristal eis vem surgindo;
Eis, attentas no horror do caso infando,
Terriveis maldições dos labios vibram
Aos monstros infernaes, que vão fugindo.
Já c'rôam de cypreste a malfadada,
E, arrepellando as nitidas madeixas,
Lhe urdem saudosas, lugubres endeixas.
Tu, Ecco, as decoraste;
E cortadas dos ais, assim resoam
Nos concavos penedos, que magôam:

«Toldam-se os ares,
Murcham-se as flôres;
Morrei, Amores,
Que Ignez morreu.

«Misero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.

«Sua alma pura
Nos céos se encerra;
Triste da terra,
Porque a perdeu.

«Contra a cruenta
Raiva ferina
Face divina
Não lhe valeu.

«Tem roto o seio,
Thesouro occulto,
Barbaro insulto
Se lhe atreveu.

«De dôr e espanto
No carro de ouro
O numen louro
Desfalleceu.

«Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram,
O chão tremeu.

«Toldam-se os ares,
Murcham-se as flôres;
Morrei, Amores,
Que Ignez morreu.»

III

Á morte de Leandro e Hero

De horrenda cerração c'rôada a Noute
Surgira ha muito da cimeria gruta;
Tapando o longo céo co'as azas longas
    Reina em meio universo:
Occupam-lhe os degraus do negro throno
    A Tristeza, o Silencio,
O Medo, a Solidão, o Amor, e o Crime;
Vôam-lhe em roda lugubres phantasmas,
Aves sinistras pousam-lhe no gremio.
Eis manso e manso as nuvens se entumecem,
    Eis o liquido pezo
Rompe os enormes, carregados bojos,
Em torrentes susurra, e cáe na terra.
Rebentam furacões, flammejam raios,
O estrondoso trovão no céo rebrama,
O Helesponto nas rochas ferve, e ronca.
    Tu, Abydeno amante,
Tu vélas n'este horror com a saudade,
Já corres insoffrido ás ermas praias,
D'onde é teu uso arremessar-te ao pégo,

E, destro nadador, talhando as vagas,
Teus gostos demandar na opposta margem.
Ao longe em celsa torre, estancia cara
D'Hero, sol dos teus dias,
O brilhante signal, o amigo lume
(Que é no facho d'Amor por ella accezo)
Vês entre as sombras scintillar a espaços,
E como que te acena, e te suspira.
Debalde o mar bramindo, o céo troando
Teu impeto ameaçam:
Ardem-te n'alma os sofregos desejos;
Fulgurante illusão, dourando as trevas,
N'um quadro tentador te off'rece aos olhos
Glorias a furto, vividos prazeres,
Doces mysterios, que da luz se temem.
A sagaz Esperança
Te reforça, te incita,
Jura applacar-te o ar, pôr freio ás ondas,
Dar-te aos suspiros da suave amada.
Attento á meiga voz, que attráe, que mente,
No montuoso pélago te arrojas:
Á queda repentina altêa um grito
O corvo grasnador na dextra parte,
E os Echos despertando ao som medonho,
Gemem nas brutas, cavernosas fragas.
O triste agouro te arripia as carnes,
Teus cabellos irriça;
Mas prevalece Amor, é, expulso o medo,

Fórças a equorea, tumida braveza.
Metade já do transito afanoso
Industria e robustez vencido haviam:
N'isto a procella horrisona recresce,
Tingem sombras do inferno os véos da noute,
Que o subito relampago retalha:
Braveja o mar, aos astros se remontam
Serras, e serras de fervente espuma;
Carrancudos tufões arrebatados
Dobrando a força, a raiva, luctam, berram,
E revolvem do pelago as entranhas:
Rochedo immovel, afferrado á terra,
Rebate apenas o horroroso assalto...
Ah Leandro infeliz! Tu já fraquêas,
A destreza, o vigor, nas mãos, nas plantas
Já, misero amador, já te fallecem.
Procuras o distante, o caro lume,
Astro benigno, que te influe, e guia,
Olhas, vês que te falta,
Que desappareceu, que jaz extincto:
Suspiras, esmoreces,
Da tua doce luz desamparado.
Invocas o gran deus, que rege os mares;
De teus rogos não cura immoto, e surdo.
Invocas de Nerêo potente as filhas;
Ellas ardem por ti; mas, invejosas
Do objecto encantador, que lhes preferes,
Ás maritimas furias te abandonam.

Hero invocas, e Amor, e os Céos, e a Sorte:
A Sorte é implacavel,
Dos males, que dispõe, não se arrepende,
Teus dias signalou de um termo infausto.
Debalde te auxilia o deus mimoso,
O alado creador de teus suspiros,
Dos amorosos bens, que desfructastes;
O facho luminoso em vão menêa
Para encurtar-te as sombras,
E mais facil tornar a undosa estrada;
Em vão co'as azas brandas
Tenta arrazar os orgulhosos mares.
Sobre altos escarcéos o Fado escuro
Folga, triumpha, e reina.
Punge, ameaça, desespéra os ventos,
Enrola a morte nas horrendas vagas.
Ella, prompta a seu mando, ella acommette
O deploravel moço:
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,
O tardo movimento eis lhe sopêa,
Pelas aguas o embebe, e d'Hero o nome
Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.
Abaixo, acima, co'as cavadas ondas
Vai, vem mil vezes o infeliz mancebo...
Ai! Já sem vida aqui, e ali vaguêa
Á discrição do mar, e o mar com elle
De Sésto ás praias subito arremette:
Dá contra a torre d'Hero, ali rebenta,

E deixa o triste corpo á margem nua.
Tu entretanto, carinhosa amante,
Que fazias (Oh céos!) que imaginavas?
　　Solitaria, anhelando,
　　Nas trévas espantosas,
Nos soltos ventos, alterosos mares,
Lias de feio azar presagios feios.
Em torno á viva luz, que vigiavas,
(Que em raro véo com arte envolto havias,
Resguardando-a dos ares indignados)
Em torno á viva luz eis de improviso
Negro insecto voou, zuniu tres vezes,
E á terceira apagou a experta chamma:
(Foi no ponto funesto em que o mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco!)
Do repentino assombro espavorida,
　　Atonita, convulsa
O agourado clarão não renovaste.
Em ancias implorando os deuses todos,
E mais que todos o que em ti reinava,
A bem do affouto, desvelado amante,
Ao numen indulgente, á mãe piedosa
Mil incensos, mil victimas votaste.
Depois, cevando a revoltosa idéa
　　Em terriveis imagens,
Ora do moço audaz o usado arrojo
　　Reprovas comtigo,
Ora a céga imprudencia maldizias

Com que em tão desabrida, horrivel noute
A perigosa senha aventuraras...
Ah triste! Contra ti não te conjures;
Foi lei dos fados a imprudencia tua.
        Hero desanimada
Mettida em profundissimo lethargo,
Jaz sem tino, e sem voz, até que aponta
A purpurea manhã no céo já ledo.
        Farto o cruel Destino,
        Adelgaçara os ares,
Ao pégo a mansidão restituira
Depois que a terna victima saudosa
Foi suffocada nas voragens feras.
Elle, o duro oppressor dos desditosos,
Elle do almo prazer, que os dous gosaram,
Está vingado em parte, e da vingança
Á Desesperação commette o resto.
Hero, ah Hero infeliz! Tu pelas aguas
Humida vista suspirando alongas.
Não vês o nadador por quem desmaias,
        O teu bem não fluctua
        Pelas ondas desertas:
Eis a consternação te inclina os olhos
        Á pedregosa arêa
Onde o desventurado está sem alma.
Que vista!... Que terror!... As alvas carnes
Rotas nas rochas pelo embate undoso,
Inda gotejam sangue; aberta a bôca

Parece que inda quer, que inda procura
Chamar-te, oh Hero, murmurar teu nome!
No espectaculo horrendo
Misera, tu reparas;
Tu... (Céos, não lhe acudis?...) tu reconheces
O querido semblante, o corpo amado,
Entre as sombras da morte inda formoso:
Com pallidez, que a pinta,
Gritas, arquejas, desespéras, fremes,
Deitas as mãos de neve ás tranças d'ouro,
E as tranças d'ouro, delirando, arrancas.
Levada em fim de um impeto raivoso
Te arremessas da torre, e dás, e entregas
O teu ai derradeiro ao mudo amante.
Lá jazem sobre a arêa lutuosa
As victimas do Fado:
Nas angustias mortaes a linda moça
Inda, estendendo os amorosos braços,
Tenta apertar o suspirado objecto.
Apiedados delphins nas ondas surgem,
E altos sons (oh prodigio!) derramando,
Lamentam junto á praia o duro caso:
As mesmas nymphas invejosas d'Hero
Soluçam de pezar nos vitreos lares.
Um marmoreo padrão se erige em breve;
Compadecidas mãos a historia triste
Gravam na lisa pedra; a pedra existe:
Mas o monstro voraz, que róe penedos,

Comendo em parte a funebre escriptura,
Só deixa soletrar-lhe
O remate piedoso,
Em meus piedosos versos trasladado,
Carpido ao som da lyra:
Inda agora de ouvil-o Amor suspira.

Aos dous amantes
D'Abydo e Sésto
Ardor funesto
Deu negro fim.

Foram-lhe algozes
Os seus extremos;
Mortaes, amêmos,
Mas não assim.

IV

Á Purissima Conceição de Nossa Senhora

Que espectaculo, oh céos! Eu velo?... Eu sonho?...
Que diviso!... Onde estou!... Purpurea nuvem
Ante os olhos attonitos me ondêa,
E chuveiros de luz despede á terra!
Mais bella que o fulgor, que ao sol precorre,
Alta matrona augusta
Do vapor luminoso,
Que os zephyros mantêm nas tenues plumas,
Quão risonha contempla o baixo mundo!
Aureas estrellas congregadas brilham
No rutilo diadema,
Que a fronte majestosa lhe guarnece;
Aureas estrellas semeadas brilham
Nas roçagantes vestes,
Côr do estivo clarão, que philtra os ares!
De alados genios candida phalange
Reverente a ladêa,
E pelas niveas dextras balançados,
Pingue, fragrante aroma, em honra á diva,
Os fumosos thuribulos derretem...

Mas que feroz dragão lhes jaz ás plantas,
Sangue a boca medonha, os olhos fogo!...
Rábido arqueja, tumido sibila,
Baldadas forças prova
Contra o pé melindroso
No colo inerme, na cerviz calcada,
Que rubras conchas escabrosas forram:
Enrosca, desenrosca a negra cauda,
E em horridos arrancos desfallece...
Oh triumpho! Oh mysterio! Oh maravilha!
Oh celeste heroina! A sacra turma,
Os entes immortaes, que te rodêam,
Modulam tua gloria em almos hymnos,
Que entre perfumes para os astros vôam...
Eis no leito arenoso as vagas dormem,
Razas cedendo á musica divina:
Pio ardor pelas fibras me serpêa,
E encurvado repito os sanctos versos:

Oh virgem formosa,
Que domas o inferno,
Creou-te *ab eterno*
Quem tudo creou.

Illesa notaste
Do mundo o naufragio,
Da culpa o contagio
Por ti não lavrou.

Nas tuas virgineas
Entranhas sagradas,
Do céo fecundadas,
O Verbo encarnou.

A grande victoria
Do genero humano
Contra este tyranno
De ti começou.

Depois de lograres
Triumpho completo,
Cumprido o projecto
Que o céo meditou,

Cresceram nos astros
Os vivas, e os cantos,
E as furias, os prantos
O abysmo dobrou.

Oh virgem formosa,
Que domas o inferno,
Creou-te *ab eterno*
Quem tudo creou.

V

No dia natalicio da Serenissima Princeza D. Maria Thereza

(29 de Abril de 1800)

Milagroso pincel, pincel divino,
Que, os seculos transpondo,
Estendes pelo véo da eternidade
Teus quadros majestosos;
Vida sem morte, resplendor sem noute,
Ao ente humano, graduado em nume,
Nova existencia, doação das Musas!
Milagroso pincel, pincel divino,
Com teu vario fulgor, com teus matizes
Ao Lethes se arrebata
O jus terrivel de sorvêr memorias.
Do vate a prepotencia
Commette, arromba do vindouro as portas,
Aos mysterios fataes a nevoa rompe,
E d'outro sol mais puro
Attráe para a virtude amenos dias.

Quando flammejas,
Estro sagrado,
Sombras do Fado
Soffrem clarão.

Roubas portentos
Do archivo eterno,
E até no Averno
Dómas Plutão.

Accelerando os vôos
Meu rapido, fervente, alado genio,
No sem-medida espaço
O monstro alcança tragador das éras;
Dos tempos a corrente empolga, ousado;
Innumeros fuzís de ferro, e de ouro
Tenta, palpa, examina,
E em vasta serie de amorosos dias
Escolhe o mais brilhante:
Desata um dia, em fim, que raro, ou novo,
Namore a natureza, os céos namore,
E aos mortaes se affigure
Brando sorriso, com que Jove os honra.
Linda, real Maria,
Este é teu aureo dia.
Outros por lei commum, por lei constante
Se espraiam sobre o mundo:

Teu dia mais cuidado aos céos merece,
Teu dia em modo estranho aclara o globo.
    Musas, Graças, Virtudes,
De rosas immortaes c'roado o sobem
Ao carro, ao gremio da orvalhante Aurora.
A amada de Titão fastosa o guia,
Brinda com elle a Natureza ufana;
    E o brilho desusado
Que a vitrea superficie ao Tejo esmalta,
Chama o ceruleo nume á flôr das aguas.
Em candido tropel das lapas surgem
    As tagides mimosas:
Fervendo a fofa espuma em torno d'ellas,
    Como que sente o preço
    Dos virginaes thesouros,
Dos thesouros de amor, em parte avaros.
Eis no esplendor que vestem
    O polo, a terra, as ondas,
O ledo, niveo côro embebe os olhos;
Eis desenfrêa a voz, que enfrêa os Euros,
E em magicas torrentes de harmonia
    Os corações se perdem.
Qual o Ismario cantor, prole phebêa,
    Em arvores, em rochas
Em tigres, em leões reinou co'a lyra,
    Ou sobre Ausonia scena
Quaes, Crescentini, teus milagres soam;
Assim do patrio Tejo as filhas bellas

Urdem, modulam versos
Ao natal de Maria,
De João, de Carlota ao regio fructo,
Ás primicias gentis de amor sagrado:
Como que inda elevado
De assombro, de prazer, taes sons escuto:

«Salvè, formoso dia,
Tão doce á natureza,
Que vales a pureza
Do olympico fulgor!

«O Tempo em honra tua
Das azas se despoja,
E quebrantado arroja
O ferro assolador.

«Sempre de ti vaidoso,
Deixando os cyprios lares,
De Lysia sobre os ares
Brinque, triumphe Amor.

«Vão sempre os teus instantes
De bens a bens voando,
Como Favonio brando
Vôa de flor em flor.»

EPISTOLAS E SATYRAS

PERIODO DE VIDA MILITAR

(1780 a 1787)

1

A Marcia

(Imitação de uns versos de Mr. Parny)

Tu, de meus amorosos pensamentos
Secretária fiel, tu, que mil vezes
Affagas, adormeces os desgostos
De que semêa Amor meus tristes dias;
Oh lyra, em que estes dedos preguiçosos
Geram sem arte a languida harmonia,
Effeito da ternura, e da saudade!
Hoje teus sons patheticos se apurem
Da amisade leal no casto seio.
    Candida amiga do extremoso Elmano,
Minha Marcia gentil, se eu a teu lado
Te entretenho os ouvidos, e te influo

Por elles no formoso, eburneo peito
O encanto da suave melodia,
A maga sensação das almas bellas;
Se te aprazem meus versos innocentes,
Se teus olhos brilhantes como os astros
Volves benignamente ao grato amigo,
* Que externas perfeições, de que és tão rica,
* Que o virgineo candor te não profana
* Com torpes, sequiosos pensamentos;
* E nos dons da tua alma embellezado
* Como se ama no céo, no mundo te ama;
Se a teus mimosos labios, quando as Musas
Nas ternas afflicções vêm consolal-o,
Sorriso approvador merece Elmano;
Se no molle regaço deleitoso
Acolhes do teu vate a doce lyra
Quando os sons lhe falsêa a mão dormente;
Que tenho com os mais, que têm comigo?
Que me importam, querida, a voz da Fama,
* As criticas do sabio, as invectivas
* Dos Zoilos vis, dos Bavios de Ulysséa,
* Gralhas, que entre pavões se não confundem,
* Inda que astutas, illudindo os nescios,
* Vestem pomposas, fulgurantes plumas?
Ou que me importa o publico juizo?
Amante, e não auctor, desdenho, oh Marcia,
Uma inquieta gloria, um arduo nome;
Nada sou: minha Musa ás vezes leda,

Leda, ou antes cançada de carpir-se,
Cuida sómente em adoçar meus males,
Os seculos por vir, e o seu não teme.
Pungidos de phantastica vaidade
Outros lidem, padeçam, velem, suem,
Matem-se por viver além da morte;
Que eu não quero comprar como elles compram
Imaginarios bens por males certos.
Fagueira, linda Marcia, quando o Fado
Vier co'a negra mão tocar meu rosto,
Sumir-me para sempre á luz do dia;
Quando teus braços melindrosos derem
Suave encosto á languida cabeça
Do descorado moribundo amigo,
E os frouxos olhos seus, metade abertos,
Turvo clarão vital forem perdendo;
Quando em fim minhas mãos em vão tentarem
Seccar teus prantos, serenar teus olhos,
Fitos no leito da benigna morte,
E á boca o solto espirito acudindo
Colhêr n'essa, que adoro, o derradeiro
Osculo teu dulcissimo, e piedoso;
Não, não permittas que funerea pompa
Me alumie a serena escuridade,
Nem que por mãos venaes alvoroçado
O bronze atroador publique a todos
Que mais um dos mortaes volveu á terra.
No meu asylo incognito, e seguro,

Vivendo para os outros indiff'rente,
Sobre as minhas acções um véo lhe corro:
Qual fui na vida quero ser na morte,
Com tanto que a fiel, a affavel Marcia
Dê honra ás cinzas do amoroso Elmano,
Com suspiros, com lagrimas, e habitem
Memorias minhas na memoria d'ella.
Tu, dos cuidados meus primeiro objecto,
Analia desleal, encantadora,
Que do vario Martinio te cegáste,
Ouvindo que morri, talvez que folgues!
Depois que a Morte amiga houver talhado
De meus dias fataes a debil têa;
Depois que mudo, e funebre jazigo
Meus males encerrar, e os meus extremos,
Ide, Amores gentis, onde verdeja
A amena, salutifera Colares,
De mil benignos zephyros lavada,
E ante a falsa, que adoro, ali pousando,
Dizei-lhe:—«Exulta, ingrata! Elmano é morto;
Mas o céo tem poder, justiça, e raios,
O céo castigará teu vil perjurio,
O céo...» Não, summo Jove, eu lhe perdôo,
Eu perdôo ao meu bem; não, não me vingues!
Antes aos puros luminosos dias
De que ella gosa em paz, antes, oh nume,
Une os dias de gosto, e de ventura,
Que eu desfructára, se a cruel não fosse!

PERIODO DE EXPATRIAÇÃO

(1788 a 1790)

2

Elmano a Gertruria

Pasce d'agna l'erbette, il lupo l'agne,
Ma il crudo Amor di lagrime si pasce.

Tass. Amint.

Cá do pé das gangeticas ribeiras,
Inimigas da paz, e da alegria,
Cá d'entre serpes, tigres, e palmeiras:
    A ti, bella Gertruria, Elmano envia
Seus gemidos ternissimos, e ardentes
Sobre as cinzentas azas da Agonia.
    Se o teu fiel caracter não desmentes,
Se inda em teu coração não teve entrada
A variedade, o vicio dos ausentes;
    Se do voto reciproco lembrada
Suspiras por me ver, como suspiro
Por dar-te beijos mil na mão nevada;

Chorando escutarás o que profiro:
Estes queixumes vãos, que entrego aos ares,
Estes inuteis ais, que d'alma tiro.
Do sancto abrigo de meus deuses lares
Pela Sorte cruel desarraigado,
E exposto em fragil quilha a bravos mares;
Sobre as espaldas do Oceano inchado,
Dirijindo tristissimo lamento
Contra o céo, contra Amor, e contra o Fado;
Debalde conjurando o rouco vento,
Em vão pedindo a Thetis sepultura
Nas entranhas do mádido elemento:
Puz, finalmente, os pés onde murmura
O placido Janeiro, em cuja arêa
Jazia entre delicias a ternura.
Ali, como nas margens de Ulysséa,
Prendendo corações brincavam, riam
Os filhinhos gentis de Cytheréa;
Mil Graças, que a vangloria trocariam
Em vergonhosa inveja á tua vista,
Usurpar-te meus cultos presumiam;
Eis olham como facil a conquista;
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,
E constancia me dá, com que resista.
Este combate a gloria me accrescenta:
Conhece-se o valor do navegante
Em tenebrosa, horrisona tormenta.

Contemplando na idéa o teu semblante,
Pude evitar o escolho, onde naufraga
O coração mais livre, e mais constante;
Um virtuoso amor nunca se apaga:
O tiro de outra mão não faz emprego
Aonde a tua abriu tão doce chaga.
Sempre no mais cruel desasocego,
Sempre commigo mesmo em viva guerra,
Ás vastas ondas outra vez me entrego.
Os negros furacões Eólo encerra,
Até que aos frouxos olhos se me off'rece
O bruto Adamastor, filho da Terra.
Vê-me o monstro, que ainda não se esquece
Da nossa antiga audacia, e logo exclama
Com voz horrivel, que trovão parece:
«Oh tu, que de uma vã, caduca fama,
De uma illustre chimera ambicioso,
A estrada vens saber do affouto Gama;
Tu, dos servos de Amor o mais ditoso,
Se as desordens fataes da louca edade
Te houvesse reprimido o céo piedoso;
Tu, que de uma terrestre divindade
Memorando os encantos, e os agrados,
Deliras entre as garras da saudade;
O modelo serás dos desgraçados,
Porque mais, oh mortal, a vêr não tornas
Meigos olhos, por Venus invejados.

As correntes de lagrimas, que entornas,
Os suspiros, que exhalas de continuo,
A singular paixão, de que te adornas,
Nada revoga as ordens do Destino:
Que eu de opáca procella estenda o manto
Quer, e ao fatal decreto a fronte inclino;
Mas a tua afflicção move-me tanto,
Que os olhos meus, a permittil-o a Sorte,
Saberiam, por ti, que cousa é pranto.
Das entranhas do inferno arranco a morte,
Que a lei do Fado, a meu pezar, me obriga
A que a vida miserrima te córte.
Mares, lambei dos céos a base antiga,
Morra Elmano; adejae, dragões do Averno,
Sobre o veloz baixel, onde se abriga!»
Disse dos nautas o inimigo eterno,
E aos ares arrojou no mesmo instante
Medonhas trevas, pavoroso inverno.
O céo troveja, Eólo sibilante
Ora aos abysmos, ora aos astros leva
Entre as azas da morte o lenho errante:
Sobre elle o mar violento a furia ceva,
Rebentam cabos, não governa o leme,
Consternada celeuma ao ar se eleva.
Em tanto horror meu coração não treme,
Antes se alenta, agradecendo ao Fado
Um bem, que implora,—a morte, que não teme.

«Parcas! (eu grito) oh deusas, que a meu lado
Andaes brandindo as fouces carniceiras,
Inclinae para cá seu gume hervado:
O golpe em mim descarregae ligeiras,
Em quanto off'reço á candida Gertruria
O final pranto, as vozes derradeiras.»
Céos! Que prodigio! O vento applaca a furia,
E a teu nome adorado a propria Morte
Não ousa, em damno meu, fazer injuria;
Teu nome vence a cholera da Sorte:
Torna a luz, foge a sombra, e já mil vivas
Os muros vão ferir da ethérea corte:
Só eu choro o prazer, que tu motivas,
Só eu sinto escapar d'este perigo,
Só eu culpo as estrellas compassivas.
A prospera derrota assim prosigo,
Até que vejo, e pizo a sepultura
Dos tristes, que não tem na patria abrigo.
Aqui vae sempre a mais minha amargura,
Aqui, pela Saudade envenenado,
Como espectro acompanho a Noute escura:
Aqui ninguem me attende, (oh negro fado!)
Nem deuses, nem mortaes, ninguem me attende:
Tao molesto se faz um desgraçado!
Só teu suave nome, a quem se rende
O proprio deus de amor, algum momento
Meu pranto enfrêa, minhas ancias prende.

Sou qual febricitante, que sedento
Em libar fresca taça allivio gosa,
Affagando com ella o soffrimento.
Ai gesto encantador, face amorosa,
Que me inspiraste da paixão mais pura
A doce chamma, a chamma deleitosa!
Que torrente de gosto, e de ternura
Fizeste borbulhar no meu semblante,
Em quanto o permittiu minha ventura!
Qual na calida sésta o caminhante,
Que em despenhada fonte, amena, e fria
Matar o vivo ardor vae anhelante;
Tal nas azas do jubilo eu corria
A saciar em ti, vista adoravel,
O sequioso amor, que em mim fervia.
Oh lubrico prazer! Fortuna instavel!
Apenas fui feliz, fui desgraçado:
Oh catastrophe acerba, e deploravel!
Mas tu, Gertruria bella, idolo amado,
Tu, meu unico bem, cuja mudança
Me faria acabar desesperado,
Por piedade não percas da lembrança
O terno adeus, e as lagrimas, e os votos,
Com que elle vigorou minha esperança.
Vê que, entregue ao furor de horriveis Nótos,
Vim, só por me fazer de ti mais digno,
A climas, do meu clima tão remotos.

Semblante, para mim sempre benigno,
Reserva-me um sorriso: elle sómente
Póde o meu astro serenar maligno;
Elle só me fará viver contente:
Só n'elle está suspensa a minha gloria,
Só d'elle o meu socego está pendente:
Voêmos para o templo da Memoria,
Nossa fidelidade ao orbe espante,
E sirva de modelo a nossa historia;
A todo o baixo espirito inconstante
Para castigo apontem-lhe a firmeza
Do triste Elmano, e de Gertruria amante;
Obra a mais singular da Natureza,
Erario dos seus dons, conheça o mundo,
Que és tão rara em amor, como em belleza;
Abunda nas saudades, em que abundo,
Manda-me lá d'esses ditosos lares
Nas azas da ternura um ai profundo,
Não tope densa nuvem pelos ares,
Que a fortaleza, que o calor lhe tire:
Venha, ah! Venha, apezar de immensos mares,
E em meus ouvidos, fatigado, expire.

3

Elmano a Josino

Dans ces climats... tout est sourd a mes cris.

Madam. du Bocag. Trageđ. des Amaz. Act. iv. Sc. vi.

Josino, meu Josino, a cujo lado
Gosei de alegres, venturosos dias,
Em quanto o quiz Amor, e o quiz o Fado:
Socio meu, que ora attento, e mudo ouvias
A minha branda lyra maviosa,
Ora a seus ternos sons teu canto unias:
Tu, que da linda Marcia carinhosa
Inflammas com mil osculos ardentes
As faces côr de neve, e côr de rosa;
Tu, que no ingenuo peito não consentes
O vicio, que por lei da natureza
Mancha, e corrompe os corações ausentes;
Tu, que adorando as aras da Belleza,
Tributas aos altares da Amisade
Puros incensos, exemplar firmeza;
Tu, que d'esta alma occupas ametade,
Ouve o tremulo som, com que suspira
Dentro d'ella a tristissima Saudade.

Desde que a existencia expuz á ira
Do fero mar, meu peito não socega,
Meu pensamento esfalfa-se, delira:
Indomavel paixão, que a todos céga,
De teus conselhos falta, honrado amigo,
Á desesperação minha alma entrega.
Louco fui, não pensei (mil vezes digo)
Que em horas se trocassem de tormento
Horas tão doces, que passei comtigo;
Fiei-me de um fugaz contentamento,
Devendo conhecer que os bens do mundo
São qual o subtil pó, que espalha o vento;
Por isso agora afflicto, e vagabundo,
Extranho tanto o mal, por isso agora
De lagrimas sem fim meu rosto inundo;
Por isso na paixão, que me devora,
Invoco a muda paz da sepultura,
Da suspirada morte a feliz hora.
Miseros gostos! Misera ternura!
Que sempre, injusto Amor, teus servos tenham
Queixumes, que formar contra a ventura!
Uns, adorando ingratas, que os desdenham,
Tarde no escuro abysmo, em que descança
O desengano horrivel, se despenham:
Outros, chorando a pérfida mudança
De uma alma desleal, enfurecidos
Co'a morte arrostam, que no inferno os lança:

Outros, em fim, como eu, correspondidos,
Depois em longa ausencia amarga, e crua
Arrancam das entranhas mil gemidos:
Tal, fraudulento Amor, é a lei tua,
Lei, que o Fado approvou para que a terra
A si mesma, se estrague, e se destrua.
Ah Josino fiel! Que horror faz guerra
Aos tristes olhos meus n'estes logares,
Onde me pôz a Sorte, onde me encerra!
Sem medo á furia dos terriveis mares,
Vim do culto, benefico occidente
Viver com tigres, habitar palmares:
Aqui torrida zona abafa a gente,
Ferve o clima, arde o ar, e eu o não sinto,
Que tu, fogo de Amor, és mais ardente:
Aqui vago em perpetuo labyrintho
Sempre em risco de ver maligno braço
No proprio sangue meu banhado, e tinto;
Mas caso dos perigos eu não faço,
E que posso temer, quando procuro
Rasgar da fragil vida o tenue laço?
Enche-me, sim, de horror o culto impuro,
Idolos vãos, sacrilegos altares,
Vís ceremonias d'este povo escuro.
Eterno Deus! Não longe de teus lares
Tépida nuvem de maldicto incenso,
Dado ao negro Satan, perturba os ares.

Que tolerancia tens, monarcha immenso!
Por mais crimes, senhor, que o mundo faça,
Tudo releva teu amor intenso.
Désce, ah désce dos céos, potente graça,
Diffunde a sancta luz, a sancta crença
Pelos cegos mortaes, que o erro enlaça!
Volto, Josino, a ti. Lethal doença
Do bárathro surgiu, veiu intimar-me
A antiga, universal, cruel sentença:
Negras fauces abriu para tragar-me;
Porém cedeu, rugindo, á voz divina,
Que a vida, a meu pezar, quiz conservar-me;
Eis que pérfida mão cabal ruina
(Sepultando o dever no esquecimento)
A todos nos prepara, e nos destina:
Rasgado o peito co'um punhal cruento,
Ia baixar o teu choroso amigo,
Qual victima innocente, ao monumento:
Uma alma infame, um barbaro inimigo
Da fé, das leis, do throno, um deshumano,
Crédor de eterno, de infernal castigo,
Tendo embebido seu furor insano
Na falsa gente brachmane inquieta,
Que amaldiçôa o jugo lusitano,
Contra nós apontava a mortal setta;
Mas estorvou o inevitavel tiro
A mão divina, poderosa, e recta:

Desenvolveu-se o crime, inda respiro;
E já déstes, oh réos de atroz maldade,
Em vis theatros o final suspiro.
Eis, amigo, a recente novidade,
Que da remota Gôa ao Tejo envio
Nas murchas, debeis azas da Saudade.
A quem tem da tua alma o senhorio
Off'reço n'uma férvida lembrança
Provas do affecto, em que jámais esfrio.
Dize á minha dulcissima esperança,
Á suave prisão d'esta alma afflicta,
Que no meu coração não ha mudança;
Que estou gemendo aqui, bem como grita
Pelo perdido, aligero consorte
Viuva rola, que a floresta habita;
Que é a minha paixão paixão tão forte,
Que ha de na escuridão da sepultura
Volver-me as cinzas, sup'rior á morte;
E que espero, apezar da ausencia dura,
Por milagre de Amor, que os meus gemidos
Voando aos lares seus, aos seus ouvidos,
Lhe vão justificar minha ternura.

4

Elmano a Urselina

Dos homens o mais triste, e o mais amante,
O cego adorador da formosura,
Em que Amor se esmerou no teu semblante;
Elmano é quem te escreve, é quem procura
Nos mansos olhos teus piedoso abrigo
Aos prantos da saudade, e da ternura;
Elmano, que a seus ais sempre inimigo
Encontra o Fado, Elmano, que te adora,
Que tem por morte não viver comtigo;
Que das ardentes lagrimas, que chora,
Não cessa, quando a Noute estende o manto,
Não cessa, quando estende o véo a Aurora.
Ah meu doce prazer, meu doce encanto!
O condemnado a males sempiternos
Não desespéra assim, não soffre tanto.
Ternos amores, cada vez mais ternos,
Geram, pelo ciume envenenados,
Dentro em meu coração furias, e infernos,

Cuido que outro grangeia os teus agrados,
E, nutrindo a voraz desconfiança,
Exclamo contra os céos, e contra os fados.
A vida, que prezei, me afflige, e cança;
A vida, que prezei, porque illudia
Meus vãos desejos credula esperança.
Frio horror os cabellos me arripia,
Quando a imaginação me representa
Meigo esposo, que ao thalamo te guia:
Como que o vejo co'a paixão sedenta
Manchar-te a leda bocca purpurina,
De seu nectar dulcissimo avarenta;
Como que o vejo... oh raiva! E não fulmina
A mão de Jove um barbaro, um tyranno,
Que me rouba o meu bem, que me assassina!
Raios! Puni-lhe o crime... ah cego! Insano!
Desejar ser feliz, quando foi crime?
Cede ao destino, abraça o desengano;
Teu ciume phrenetico reprime,
E entre os martyrios, que a paixão te ordena,
Pasmoso, heroico estimulo te anime.
Adoçarás em parte a amarga pena
Do summo bem, que perdes, se attentares
Na desgraça, a que o Fado te condemna.
Tu, vago habitador de extranhos lares,
Que em vão buscaste o riso da Ventura
Por longas terras, por immensos mares:

Tu, sem thesouro algum mais que a ternura,
Tu formarias o fatal projecto
De fazer desgraçada a formosura!
Quem sente n'alma generoso affecto
Mais do que o proprio bem, e o proprio gosto
Anhéla as ditas do adorado objecto.
O céo é justo: o céo não tem disposto
Que vivas co'a belleza, que te encanta,
Unido peito a peito, e rosto a rosto.
Á dôr tenaz, que as forças te quebranta,
Oppõe d'alta virtude o firme escudo,
E com tão novo assombro o mundo espanta.
Perde Urselina amavel, perde tudo,
Morre em fim, se não tens valor bastante,
Que impugne a teu pezar cruel, e agudo.
Despreza a morte; a morte é um instante:
Com ella os ais tem fim, tem fim com ella
Quantos males semeia a Sorte errante.
Desarreiga o terror, que a todos gela,
Rasga as veias, e expira, articulando
O doce nome de Urselina bella.
Brandos suspiros de seu peito brando
Consagrará piedosa a tua amada
A teu triste cadaver miserando.
«Morreu, morreu por mim (dirá, banhada
Em lagrimas de amor, e de saudade)
Oh paixão lastimosa, e malfadada!

*

Morreu, morreu o exemplo da lealdade;
Ah ternos corações! Chorae commigo
Caso tão digno de geral piedade.
Sôem continuos ais...» Porém que digo!
Ah! Não, não sôem, candida Urselina,
Nem regues com teu pranto o meu jazigo;
Dos olhos a luz pura, a luz divina
Não deixes perturbar, antes contente
No peito de outro amante a face inclina.
Esquece Elmano, para sempre ausente
Da tua alegre vista encantadora,
E de mil bens te c'rôe o céo clemente.
Nunca a cega Fortuna enganadora
Comtigo de seus mimos se arrependa,
Nunca te negue os dons, de que é senhora.
Nunca o benigno coração te offenda
Zelosa furia; com seguros laços
Ao melhor dos mortaes Amor te prenda.
Vive sempre ditosa entre seus braços,
Vive em serena paz, e adeus, querida,
Que para a morte já dirijo os passos.
Ella chama por mim, vou dar-lhe a vida:
Feliz eu, no fim misero a que aspiro,
Se co'a bocca amorosa á tua unida
Desentranhasse meu final suspiro!

PERIODO DE LUCTAS LITTERARIAS E PRISÃO

(1791 a 1797)

5

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Henrique José de Carvalho e Mello

Marquez de Pombal, etc., etc.

> Seigneur, *si jusqu'ici par un trait de prudence*
> *J'ai demeuré pour toi dans un humble silence,*
> *Ce n'est pas que mon coeur, vainement suspendu,*
> *Balance pour t'offrir un encens qui t'est dut.*
> Boileau, Discours au Roi.

Só conheço de ti grandeza, e nome,
Magnanimo Pombal; jámais teus olhos
Com doce, amavel, usual brandura
De meus destinos a humildade honraram;
Sempre Fortuna, do meu mal sedenta,
Vedou que, em teu louvor pulsando a lyra,
Arremessasse o cánto além dos tempos,
E em premio fosse de te dar meus hymnos
Comtigo reluzir na eternidade:

Declive espaço, que entre nós se estende,
Frouxo alento abatia ao vate ancioso,
Quando apenas tentava o cume excelso
Onde, recta uma vez, não caprichosa,
Te ergueu, te anima, te laurêa a Sorte.
Hoje porém, senhor, que má Ventura
Golpes, e golpes sobre mim desfecha:
Hoje que ferrea lei de negros fados
Me esmaga o coração, me enluta os dias,
Ao desmedido espaço a dor se arroja,
Lenitivo benefico implorando,
Vence o longo intervallo, a ti se eleva.
Dá-me tão alto jus tua alta fama,
Minha tribulação tem jus tão alto:
Perante as almas, que a virtude accende,
É grave intercessor a adversidade:
O mortal infeliz, o desvalido,
Invoca o generoso, o pio, o grande;
O grande, o pio, o generoso abriga
Das furias do Destino o malfadado.
    Carcere umbroso, do sepulchro imagem,
Caladas sombras de perpetua noute
Me ancêam, me suffocam, me horrorisam.
Não rebelde infracção de leis sagradas,
Não crime, que aos direitos attentasse
Do solio, da moral, da natureza,
N'este profundo horror me tem submerso.
A calumnia fallaz, de astucias fertil,

Urdiu meus males, affeiou meu nome,
Mil e mil vicios extraíu do Averno.
Minha fama, senhor, que honrada, illesa,
Vagava o seio de Ulysséa altiva,
Foi pelo estygio bando assalteada:
Bramindo lhe ennegrece a tez lustrosa,
Torna-lhe a nivea côr da côr do abysmo:
Doura zelo impostor paixões damnadas;
Delatores crueis com arte envolvem
Vis interesses no ext'rior brilhante
Da razão, da justiça, e da verdade;
Cáe a Innocencia, victima da Inveja,
Dos zoilos o rancor de mim triumpha.
Eis-me vedado ao sol, vedado ao mundo,
Eis a reminiscencia apenas traça
O quadro do universo á minha idéa,
Que, se aos olhos illusos déra assenso,
Julgára que inda os céos, que inda as estrellas
Não tinham rebentado á voz do Eterno;
Que a antiga escuridão, que o cahos informe
No que hoje é Natureza inda reinava;
Que na mente immortal do rei dos fados
Inda em mudo embrião jazia a terra:
Memoria e dôr minha existencia provam,
Porém dôr e memoria o sêr me azedam,
E a Desesperação, desfeita em pranto,
Inutil vida aborrecendo, anhéla
A paz, e o somno do insensivel nada.

Sobre meu coração tormentos fervem,
E pela phantasia exacerbados
Se embebem no pavor da morte horrenda.
De um lado em trajo infame a vil Affronta,
Sordido espectro me affoguêa o rosto;
A doce Patria de outro lado afflicta
Um doloroso adeus me diz carpindo:
Aqui e ali mil pallidos phantasmas,
Prole do Medo, com visagens feias
Serie me agouram de amargosos damnos.
N'estes horrores a existencia pasma,
O exercicio vital em ocio fica,
Sentidos, forças o terror me absorve.
Tal é, genio preclaro, a ordem triste
De meus funestos, nebulosos dias,
Dias marcados no volume eterno
Pela torrida mão da Desventura.
Ah! No maligno seculo corrupto
Em que o duro egoismo abrange a terra,
Inda restam, senhor, ao desditoso
Benignos corações, que se repartam,
Que para os seus prazeres só não vivam,
Que sintam, que venerem, que pratiquem
Lei no altar da Razão por Jove escripta,
Lei na infancia do mundo ao mundo imposta:
«O homem favor e asylo ao homem preste,
«Mutua beneficencia os entes ligue.»
Teu grande coração colheu taes dotes

No thesouro onde os zéla a Natureza,
Mesquinha de seus dons co'a terra ingrata.
Além da condição, o heroico exemplo
Em teu peito arreigou feliz semente,
Da qual se ergueram generosos fructos.
O varão providente, o páe da patria,
O assombroso Carvalho, o luso Atlante,
Cuja vista mental descortinava
Os sumidos arcanos tenebrosos
Onda sagaz Politica se entranha:
O decantado heróe, que d'entre as cinzas,
D'entre os dispersos, lugubres estragos,
Effeitos de phenomeno terrivel,
Mais ampla fez surgir, surgir mais bella
A vasta fundação dos gregos duros;
Que de suberbas torres majestosas,
De ingentes, sumptuosos edificios
Os hombros carregou d'alta Lisboa:
O politico excelso, a cujo aceno
Vinham, prenhes de fulgidos thesouros
Alterosos baixeis arfar no Tejo,
E a risonha Abundancia dadivosa
Da fausta Lusitania enchia os lares:
O zelador fiel do altar, do throno,
O escudo, o creador das leis, das artes;
Aquelle em fim, senhor, que o véo soltando
Em que etherea porção jazia envolta,
Vive nos corações, nos céos, na fama,

Teu memoravel pae te abriu a estrada
Por onde foste ao polo em que és luzeiro.
Nos elysios curvada a sombra illustre,
Olhos fitos em ti, de lá te acêna,
De lá te influe espiritos sublimes,
Prestante emulação com que o renovas.
Heróe, fructo de heróe, protege, ampara
Ente oppresso, infeliz, que a ti recorre;
Lava-lhe as manchas da calumnia torpe;
Ao throno augusto da immortal Maria
Com lamentosa voz dirije, altêa
Do misero Bocage os ais, e as preces:
Desfaze a treva, que lhe espanca o dia,
Rompe as correntes, cujo som medonho
De Phebo os gratos sons lhe descompassa,
Tremendo ao feio estrondo a voz, e a dextra.
Já tocaste, senhor, da gloria o cume,
Socios (inda que raros) tens comtudo:
D'elles póde isolar-te um gráo mais alto,
Gráo onde o Fado occulta o bem que imploro.
Das avarentas mãos sóbe a arrancar-lhe
O defeso penhor, minha ventura.
N'isto é virtude transcender o extremo:
Remindo um triste de oppressão tão crua
As balizas transpõe da heroicidade.

6

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Thomaz Xavier de Lima Brito Nogueira, etc.

Marquez de Ponte de Lima, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda

Se aos miseros, senhor, não é vedado
No abysmo, em que os confunde a desventura,
Seus males exprimir, chorar seu fado:
Minha consternação, minha amargura,
Vae demandar em ti sagrado asylo,
Acolheita efficaz em ti procura.
Tem as angustias enfadoso estylo,
Mas tu, attento ás leis da Humanidade,
Tu não te has de ennojar, senhor, de ouvil-o.
Outros querem louvor, eu só piedade;
Piedade; — que a perder o gosto á fama
Até já me ensinou a adversidade!
Dè ethereo dom, qu'espiritos inflamma,
A chamma nos suspiros se evapora,
Ou se apaga nas lagrimas a chamma.

Dos louros, que cingi, não cuido agora;
É meu unico objecto o lenitivo
Da tenaz afflicção, que me devora.
Em carcere, a que o sol medroso, esquivo,
Seu lume bemfeitor jámais envia,
E onde sómente a dôr me diz que vivo:
Na idéa, com que apenas sei que ha dia,
Encarando, senhor, tua grandeza,
Tua alma generosa, affavel, pia:
D'entre as sombras da noute, e da tristeza
Vendo luzir mil dons, com que a Ventura
Se uniu, por gloria tua, á Natureza;
A Sorte se me ant'olha menos dura,
Pondéro o teu favor, saudavel porto
Contra os horrores de procella escura:
Por vil calumnia moralmente morto,
Á physica extincção darei o alento.
Se imaginario fôr este conforto:
O rumor, que me ultraja, é fraudulento;
Senhor, meu coração não jaz corrupto,
Corrupto não está meu pensamento.
Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto;
Do triste, do infeliz não olho ao damno
Com ferreo desamor, com rosto enxuto:
Vejo a copia de um Deus no soberano,
Curvo-me ás aras, e em silencio adoro
D'alta religião o eterno arcano:

Sim erros commetti, mas erros choro;
Não com pranto sagaz, que a vista illude,
Da abjecta hypocrisia ardis ignoro.
O brilhante caracter da Virtude,
Arma contra os asperrimos destinos,
Tem cultos meus: o imparcial me estude.
Na quadra das paixões, dos desatinos,
Se deixei de cumprir fiel, exacto,
Preceitos veneraveis, sãos, divinos;
Não sou para com Deus só eu o ingrato;
Muitos, que me ennegrecem, que me affeiam,
São talvez meu modelo, ou meu retrato.
Remorsos devorantes não me anceiam;
Mais fraqueza do que indole, meus vicios
As forças da razão me não sobpêam.
Eis, senhor, porque espero achar propicios
Teus influxos comigo, e que derrames
Por minhas afflicções teus beneficios.
De mordazes insectos vis enxames
Me ferem, me envenenam; vão lançando
Sobre o caracter meus labios infames:
Embebe o coração flexivel, brando,
Na maviosa dôr, que em mim suspira,
Que em mim por teu soccorro está chamando.
O Deus, a que um só ai remove a ira,
O eterno, o bemfeitor, o omnipotente
Doce clemencia na tua alma inspira.

Se apraz aos céos um animo innocente,
Tambem é grato aos céos o arrependido;
Uma lagrima extingue o raio ardente.
Deixa pousar, senhor, no attento ouvido
A queixosa, tristissima linguage,
As supplicas e os ais de um perseguido.
Do susto, da oppressão, do horror, do ultraje,
Sólta, restaura com piedade intensa
Os agros dias do infeliz Bocage.
Teu braço, teu poder meus fados vença,
Domo atras nuvens de vapor maligno,
Rebate o sol co'a fulgida presença:
Ganha-me a compaixão do heroe benigno,
Do principe immortal, que em nós impera,
Não só de um throno, de mil thronos digno.
Tolhe-me ás furias da calumnia fera,
Que o premio singular, premio sublime,
O que o mundo não dá, nos céos te espera.
Teu peito de meus males se lastime;
Erros tenho, não crimes, commettido;
O erro exige perdão, castigo o crime.
Inda que da ventura és tão querido,
Inda que o céo te ergueu a excelso estado,
Mais é valer, senhor, ao desvalido,
Mais é tornar feliz um desgraçado.

7

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Pedro de Lencastre e Silveira Castello Branco, etc.

Marquez de Abrantes, Mordomo Fidalgo da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

Tu, de antigos heróes progenie excelsa,
Ramo de regia planta derivado,
De acudir ao pequeno, ao desvalido,
Tens, benigno marquez, dever sagrado.
Depois de conferir-te um gráo sublime
Ainda não contente a Divindade,
Une-te á posse de inclyta grandeza
O santo ministerio da piedade.
Occasião te dá para exerceres
Affavel, paternal benificencia
Na estancia da oppressão, cá onde o crime
Caminha par a par co'a innocencia.
Afferrolhada, miseravel turba
A quem cinge o grilhão, e a fome abate,
Já cuida que te vê na mão prestante
Dadiva pia, e próvido resgate,

Qual por ermos incognitos perdido
O lasso caminhante o dia anhéla,
Deseja d'entre as sombras triste chusma
Ver luzir teu favor nos males d'ella.
Do numero infeliz, que te suspira,
Lastimosa porção me fez a Sorte;
Lançou-me em feio abysmo onde parece,
Que entre seus cortezãos preside a Morte.
Que é morte? Solidão? Silencio? Trévas?
Tudo isto occupa o lugubre aposento:
Silencio, trévas, solidão me abrangem,
E horrores multiplica o pensamento.
De atroz perfidia as nodoas não me infamam;
Remorsos me não fervem na tristeza;
Em barbaras acções, em negros crimes
Não tenho profanado a natureza.
Com ferro abominavel entre as Furias
Impio golpe não dei no patrio seio:
Sempre a cauta razão me tem sustido
Reluctantes paixões com util freio.
Desventurado sou, não sou perverso;
Ao jugo de altas leis o collo inclino,
E no humano poder contemplo, adóro
Augusta imagem do poder divino.
Torpe, invejosa, perfida Calumnia,
Monstro devorador da honra alhêa,
Não me prostra o valor de todo ainda,
Com vel-a tão cruel, com ser tão feia.

Os damnos que me urdiu, baldar-lhe espero,
Nos sentimentos meus, e em ti fiado;
Tu, grande, tu, benefico, tu, forte,
Empreende a gloria de vencer meu fado.
Protege a causa do infeliz, que invoca
Teu nome, o teu fervor, tua piedade;
Guia os suspiros meus, e as preces minhas
Ao throno, onde reluz a humanidade.
Á grandeza, e virtude asylo imploro:
Tu gosas da virtude, e da grandeza;
Estes brilhantes dons commigo apura,
Terá mais um triumpho a Natureza.

8

Ao Senhor Joaquim Rodrigues Chaves

A ti (que ás outras leis da Humanidade,
Cumprindo-as, antepões a mais formosa
De todas as virtudes, a Piedade)
A ti, cá d'erma estancia pavorosa,
Onde ferreo poder o some ao dia,
Vôa do ancioso amigo a voz queixosa.
A voz d'Elmanó, a voz que te attrahia,
Quando em verso mimoso eternisava
Graças, encantos, perfeições d'Armia.
Meus puros dias o prazer dourava,
Em quanto contra mim fatal procella
No bojo da calumnia fermentava.
Onde crime não ha, não ha cautella;
Por não temer-me da brutal fereza
Qual victima succumbo ás furias d'ella.
Fera, ardente aversão no inferno acceza,
Em grave tribunal ousou pintar-me
Escandalo do céo, da natureza.

Dos vicios, que levava, ousou manchar-me;
Foi escutada a vil, a vil foi crida,
Dura força correu a agrilhoar-me.
De feroz conductor mão desabrida
Eis me arremessa em horrida masmorra,
Onde co'a morte se parece a vida.
Aqui, longe de haver quem me soccorra
Na solidão funesta, em que desmaio,
Sem que importe ao rigor que eu viva, ou morra:
N'este da sepultura escuro ensaio,
A que ás vezes o sol compadecido
Dirige a furto, a medo um tenue raio:
Volvendo-te, meu Chaves, no sentido,
Os beneficios teus chamando á mente,
E os males de que fui por ti remido,
Surjo d'entre as angustias de repente;
Desenrugando as faces a Tristeza,
Uma doce esperança me consente.
O soberano Auctor da redondeza
Parece que te quer, piedoso amigo,
Da minha redempção fiar a empreza.
De Bocage infeliz sê prompto abrigo,
Estorva que se mirre um desgraçado
N'este mal, n'este horror, n'este jazigo.
Do crime corruptor não fui manchado;
Alta religião me attráe, me inflamma,
Amo a virtude, o throno, as leis, o estado.

*

Acima de meus zoilos me ergue a fama;
Eis porque o negro bando atroz, maldicto,
Sobre minhas acções seu fel derrama.
Só erros commetti (é este o grito
Da ingenua consciencia) mas padeço
As penas com que a lei fere o delicto.
Depois que n'estas sombras esmoreço
Duas vezes brilhando a plena lua
Tem roubado ás estrellas o aureo preço.
Ah! Funde-se o teu nome, a gloria tua
No pio intento de romper-me o laço
Que a Sorte me lançou raivosa, e crua.
Do benigno Laurenio invoca o braço;
O braço, protector dos desditosos,
Jámais em dons beneficos escasso;
Elle aos ouvidos faceis, e piedosos
Do sublime varão, do egregio Lima
Conduza meus suspiros lastimosos:
Que eu, a quem Phebo acolhe, accende, estima,
Da honrosa gratidão arrebatado,
Ornarei seu louvor d'eterna rythma:
Os céos na sua mão depõem meu fado;
Alma heroica, imitando-lhe a clemencia,
Me arranque d'este carcere enlutado,
E me reforce a languida existencia.

9

Ao Senhor Joaquim Severino Ferraz de Campos

Ut vidi! Ut perii! Ut me malus abstulit error!

VIRG. Eclog. VIII.

Teus versos li, reli, canoro Alcino;
Graças, e graças me acordaram n'elles
Do lethargo em que tinha a mente absorta,
Em que sempre sonhei fataes verdades!
Não te assombres, amigo, assim se exprime
Pela voz da experiencia o Desengano.
Os sonhos do infeliz não são chimeras,
Negros filhos do Mal, ao pae simelham,
Colhem d'alma o terror, as sombras colhem,
De nós mesmos, em nós (digo nos tristes,
Nos miseros como eu) surgem, resurgem.
Já, quaes manchados tigres famulentos,
Ferram nos corações o dente, as garras,
Já de pezada, e lobrega procella
Vestem medonha côr, que as Furias trajam;

De mar subitamente acapellado
Com rigido tufão revolvem serras;
Arde, retumba o céo, roto de raios.
Da Esperança o baixel em vão marêa;
Terrivel repellão lhe rasga o panno,
Repentino escarcéo lhe rouba o leme;
Arfando aos astros vae, vae aos abysmos,
Nas ondas em montões negreja a morte:
O piloto Razão, sem luz, sem rumo,
Solta inutil clamor, emfim desmaia,
E o lenho, entregue a si, dá nos rochedos
Do enorme, do voraz, do horrivel pégo.
Que é isto, Alcino meu, senão a imagem
De agros martyrios co'a existencia envoltos,
Presos (parte integrante) aos desgraçados!
Males, ou vele, ou durma, encontro n'alma;
Os olhos corporaes, e os olhos d'ella
De tormento, de horror vêm mil objectos.
Objectos sempre eguaes, os mesmos sempre,
Ou se a substancia, e fórma alguns variam,
Tomam fórma peor, peor substancia.
Tu, vã Philosophia, embora avíltes
Os crentes nas visões do pensamento:
Turvo clarão de raciocinios tristes
Por entre sombras nos conduz, e a mente
Rastejando a verdade, a desencanta;
Nem doloroso espirito se illude,
Se o que dormindo creu, crê despertando.

Até no afortunado a vida é sonho,
(Sonho, que lá no fim se verifica)
E ancioso pezadelo em mim, que a choro,
Em mim, que provo o fel da desventura
Desde que levantei, que abri, carpindo,
Os olhos infantis á luz primeira;
Em mim, que fui, que sou de Amor o escravo,
E a victima serei, e o desengano
Da suprema paixão, por ti cantada
Em versos immortaes, como o principio
Ethereo, creador, de que emanaram.
    N'elles, oh vate, reçumando o nectar,
Por mão das Musas para ti philtrado,
N'alma se me entornou, fez-me serena
No oppresso coração do pranto a fonte.
Eis, ganhando o sabor ao metro ameno,
Sobem lagrimas doces d'entre amargas.
Natureza, Razão, Philosophia,
Amor, o infesto Amor, o algoz de Elmano,
Thesouros do Prazer se me antolharam
Nos quadros, que esparziu pincel divino.
    Milagres da harmonia! Eu vos adoro,
Milagres da harmonia, ah! Vós podestes
Mais em minha alma que experiencia e fados.
Trouxestes-me outro ser, outras idéas,
Até outro universo, outros destinos
Em aureas illusões á phantasia!

Sim, pareceu-me em vós a Natureza
Bella como saíu das mãos de Jove!
    Cuidei que amor suave, amor piedoso
Recompensava um ai com mil favóres
(Se um ai no coração principio tinha):
Cuidei que em laço de ouro, em laço eterno
Os entes á ventura amor ligava,
Cuidei que era de um deus penhor, e prova.
    Não de Ulina desdens, sorrisos d'ella
Na face angelical suppuz que via;
Suppuz que em seu gentil, seu niveo collo,
Nos olhos divinaes o ardor cevando,
Cevando o coração na rósea boca,
Em mysterios de amor despindo a essencia,
Me era dado elevar-me ao gráo de nume,
As delicias do céo gosar na terra.
Então vociferei, como encantado:
Existir sem amar! Que horror! Q'inferno!
Não: viva-se de amor, de amor se morra.
    Mas dentro em pavorosa, antiga selva,
De teixos, de cyprestes assombrada,
Que das nuvens os véos, que os véos da noute,
Rebombando o trovão, rugindo o vento,
Tornaram mais escura, e mais horrenda,
Se afflicto, solitario viandante,
Para aqui, para ali vagando incerto,
D'entre aquelle pavor sombrio, immenso
Vê romper um clarão, que nasce, e morre:

A momentanea luz que lhe aproveita?
Co'a feia solidão recáe nas trevas,
E as trevas o relampago reforça.
Sonoroso cantor, presado amigo,
Eu sou do caminhante a copia triste,
Teus versos o fulgor, que alguns momentos
Aclarou na minha alma antigas sombras.
Ella no mal, na dôr caíu de novo,
E a imagem d'alegria á minha idéa
O abysmo da afflicção tornou mais denso.
De um lado as Graças, d'outro lado as Furias,
Attractivos d'aqui, d'ali tormentos,
Surge Ulina outra vez, qual é, qual era,
Dura, e querida, divindade, e monstro.
Para mim, para mim tropel de horrores,
(De horrores, cujo apuro és tu, Ciume)
Lhe abre o caminho, lhe dirije o passo:
A férrea Ingratidão precede a todos,
E contra o peito eburneo lhe respira
Atros vapores, que engoliu no Averno.
Celestes perfeições, morreis com elles,
Rosas de Amor, a Ingratidão vos murcha;
Com ella não brilhaes, lumes formosos,
Magos sorrisos, não brilhaes com ella:
Sois mancha, não sois gloria á Natureza,
Sois do mundo o veneno, a peste, a morte...
Alcino, eu desespero, Alcino, eu morro!
Tu, que aos delirios meus a origem sabes,

Que os meus extremos viste, e o premio d'elles,
E que fructo colhi, que fructo acerbo,
Vê se Amor, se a Razão merecem culto,
Vê, quaes são: ella fraca! Elle tyranno!
A que tanto explendor toma em teus versos
De emanação de Jove arroga o nome,
E aos pés de impio senhor cáe vil escrava!
Ah! Se negra paixão, que enluta os dias
Ao vate carpidor, ao cego amante,
No peito do infeliz se anniquilara!
Se revivesse em fim o ardor sagrado,
Onde funesto ardor só d'ancias vive,
Como teu estro sobe o meu subira
Nas azas da harmonia ufana, e leda,
Affouto demandando eternidade.

De ti, cysne d'Amor, cysne do Tejo,
Que imaginarios bens no canto adornas,
Por mais e mais que estude os sons mimosos,
Ave das sombras, costumada ao pranto,
Gorgeio encantador colher não póde.

Amor sabes cantar; eu sei choral-o:
Innata propensão domina os entes:
A Natureza em mim, e em ti murmura:
«Elmano chore Amor, Alcino o cante:»
Da Sorte, caro amigo, a lei sigamos:
Nosso temperamento é nosso fado,
Fado comtudo, oh Jove, a ti sujeito!

PERIODO DE DESALENTO E MORTE

(1798 a 1805)

10

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor José de Seabra da Silva

(No dia dos seus annos)

In te spes omnis... nobis sita est;
Te solum habemus: tu ès patronus, tu parens.
TERENT. Adelph. Act. III. Sc. V.

Costume de chorar, tenaz costume,
Horas dadas ao pranto, eia, dourae-vos!
Um dia de prazer por tantos dias
De amargura, e de horror me cabe ao menos.
Memoria e coração despindo o luto
De antigos males, de recentes damnos,
Em honra da virtude exultem, deixem
Azas libertas ao furor sagrado.

O que é das Musas digno as Musas cantem,
O que é digno dos céos aos céos mandêmos;
E se o calor phebêo morrer na mente,
Tu, brilhante razão, serás meu estro.
Renasce um dia, que em caracter d'ouro
Ha de sobresair nos lusos fastos;
Renasce um dia, parecido a aquelle
Que ao sorriso de um Deus surgiu do nada,
E é symbolo do céo, symbolo d'alma
Em quem mil claros dons meu canto exigem.
Salvè, oh grande natal, que em gloria cedes
Somente ao portentoso, aureo momento,
Em que attonita viu a indigna Terra
No véo da humanidade um nume occulto!
Salvè, dia immortal, que rebentando
D'entre os fuzis da temporal cadêa,
Serás co'a eternidade incorporado,
Sabendo-te a diff'rença apenas Jove!
Que ufano ergueste no horisonte a face!
Que insolito pavor pozeste á Noute!
De vulgares nataes ao lume affeita,
Altamente extranhou a tua aurora.
Viu n'ella os Risos, viu as Graças n'ella,
Não risos, e não graças da Molleza;
A Virtude, a Razão, robustas, graves,
N'um ar viril, sisudo as envolveram.
A deusa carrancuda, estremecendo
No carro, que dos astros se rodêa,

Solta os negros cordões aos negros brutos,
Co'a a dextra sobre os dorsos amiuda
De atro flagello horrisonos estallos,
E o medo a rapidez multiplicando
Quasi d'um salto pelo inferno a some.
Serena e pura a Natureza fica,
Fica digna de ti, dia risonho,
Dia em que ethereo dom luziu no mundo.
Foi Seabra este dom, nasceu com elle
De insignes attributos copia immensa,
Os que nunca os mortaes em dote houveram
Da mão suprema n'um só ente unidos.
No horoscopo do heróe sorriu-se o Fado,
As rugas aplanou da fronte horrenda:
Olhos que de uma vez contemplam tudo,
Na recente fitou candida face,
E d'entre as sombras dos mysterios fundos
Taes destinos predisse ao claro infante:
«Serás da patria, do universo, a gloria,
Cem tubas, com que a Fama o globo atrôa,
Hão de apenas bastar para teu nome:
Verás d'alta politica os arcanos
Á perspicacia tua escancarados;
Tua mente lustrosa, e veladora,
Arduas combinações sagaz travando,
Fará sobre a altivez, sobre a grandeza
Do Tamesis, do Sena alçar-se o Tejo:
Teu espirito ao mundo assombros novos

Apercebendo irá, e inda maiores
Teu coração promette á natureza.
Piedade, rectidão, beneficencia,
A magnanimidade, os dons sagrados,
Almos effluvios do luzeiro eterno,
Que do eleito mortal ao seio emanam,
Todos mixtos em ti, farão que passes
Os exemplos não só, té as idéas,
Amplas idéas da virtude humana.
Ao desvalido, ao triste, ao malfadado
Mil vezes teu favor será guarida,
E por ti vezes mil de inexoravel
O atroz caracter despirei com elles:
Virtude até commove, altera o Fado,
Se virtude se exalta ao grau da tua.»
D'est'arte a voz fatal e omnipotente
Teus futuros abriu, Seabra ilustre,
E entre todos os titulos fulgentes
Dé que em ti se compoz moral grandeza,
Tão sublime nenhum, nenhum tão raro
Como o de amigo, e páe dos não-ditosos,
D'aquelles, cujo mal não vem do crime,
Cujo mal tem raiz nas mãos da Sorte.
Eu, aggregado ao numero funesto
Das victimas chorosas do infortunio,
Que trago na cervís, na frente, e n'alma
Seu pezo esmagador, seu nome acerbo,

Em vão com teu formoso, egregio dia
Em vão quero illudir, corar meus males.
Por entre os turbilhões d'altas idéas
Que abala o teu natal, e a gloria tua,
Na mente alvoroçada imagens tristes,
Negras, medonhas, como d'antes surgem.
Para gemer, senhor, para chorar-me
Tenho, alem da razão, tenho o costume:
Segunda natureza em nós se torna,
Só força mais que humana é que o remove;
Tu, que em summa virtude és mais que humano,
Converte a guerra em paz, em riso o luto,
Que do vate infeliz envolve a mente.
Arranca-me ao penoso, ao ferreo jugo
Da Sorte avêssa, da tenaz Desgraça;
Compassivo a meus ais, exerce, e cumpre
O que de ti soou na voz do Fado:
Quasi um Deus para mim, renova esta alma,
Esta alma, que em suspiros se evapora;
Torna-me cysne, em fim, com teus influxos,
Que eleve o canto, sem que a morte o siga.
São raros os Camões, o dom divino
Em raros pode mais que a desventura:
N'estas sombras se apaga o sacro fogo,
Nas garras da indigencia as Musas morrem.
Ah! D'estes males não pereça a minha,
A minha, que subiu aos teus louvores.
És magnanimo, és grande; os céos, os fados

Da Fortuna os thesouros te doáram,
Tens o jus, e o poder, ambos augustos,
De tornar venturoso o desgraçado:
És orgão da suprema auctoridade,
Puro e vasto canal por onde as graças
Manam do throno excelso ao curvo rogo.
Doce, tenue porção dos dons immensos
Que o céo te conferiu, confere ao triste,
Cuja voz lamentosa a ti se eleva,
Cuja fama, senhor, purificaste
Das nodoas torpes da mordaz calumnia,
E a quem já vezes mil n'um teu sorriso
Déste amavel penhor de bens vindouros.
Realisa, effeitua o grato annuncio:
Assim teu dia, sobranceiro á Morte,
Torne sempre a brilhar como hoje brilha:
Assim da clara esposa as brandas graças
Sempre enfeiticem teus benignos olhos,
E o florecente par, delicias tuas,
A dadiva celeste, a digna prole,
Prole em que te revês, com que te encantas,
Tão grande como tu, produza, anime
Longa serie d'heróes, que leve a gloria
Ao termo do universo, ou do teu nome!

11

Ao Senhor Antonio José Alvares

Usus amicitiæ tecum mihi parvus, ut illam
Non ægrè posses dissimulare, fuit.

Ovid. Trist. Lib. iii. Eleg. v.

A minha gratidão te dá meus versos:
Meus versos, da lisonja não tocados,
Satélites de Amor, Amor seguindo
Co'as azas, que lhes poz benigna Fama,
Qual niveo bando de innocentes pombas,
Os lares vão saudar, propicios lares,
Que em doce recepção me contiveram
Incertos passos da Indigencia errante;
Dos olhos vão ser lidos, que apiedara
A catastrophe acerba de meus dias,
Dos infortunios meus o quadro triste:
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate oppresso,
Que o pezo dos grilhões me aligeiráram,
Que sobre espinhos me esparziram flores:

Em quanto não-recentes, vãos amigos,
Inuteis corações, voluvel turva
(A versos mais attenta que a suspiros)
No Lethes mergulhou memorias minhas.
Amigos da Ventura, e não d'Elmano,
Aonio serviçal de vós me vinga;
Ao nome da virtude o vicio córe.
　　Não sei se vens de heróes, se vens de grandes;
Não sei, meu bemfeitor, se teus maiores
Foram cobertos, decorados foram
De purpureos docéis, de marcios louros:
Sei que frequentas da Amisade o templo,
Que és grande, que és heróe aos olhos d'ella,
E eu menos infeliz que tu piedoso:
(A idéa na expressão me cabe apenas!)
Alma illudida, espirito indigente
Se paga, não do que é, do que outros eram:
Os manes dos avós em vão revoca,
Lustre quer extrair do horror da Morte,
Remeche as cinzas, e recorre ao nada.
Tu, dadiva do Eterno a meus desastres,
Tu não careces d'esplendor postiço;
Tens os titulos teus nas acções tuas,
Por indole a virtude, o bem por norma,
A gloria de o fazer, e de occultal-o:
Eu a gloria tambem d'expol-o ao mundo,
De ornar com teu louvor a humanidade.

Embora a falsa Opinião maligna
Dardeje contra mim, fulmine a honra,
O caracter d'Elmano. Eu tenho Aonio,
Eu tenho a consciencia; ambos me escudam;
Munido d'ambos á mordaz caterva
Posso affouto bradar:—Mentís, perversos!
Quem préza a gratidão não préza o vicio;
O mortal vicioso é sempre ingrato.

12

Ao illustrissimo Senhor Sebastião Xavier Botelho

(Em resposta de outra)

Certum est in silvis, inter spelæa ferarum
Malle pati, tenerisque meos incidere amores
Arboribus: crescent illæ, crescetis, amores.

VIRG. Eclog. X.

Se lugubre existencia amargurada
Merece acaso de existencia o nome;
Se as lagrimas, se os ais, se a dor são vida,
Se não é a alegria essencia d'ella,
Consola-te, Salicio: existe Elmano.
Mas se em torno ao sepulchro os manes gemem,
Se, roto o véo que a Natureza envolve,
Inda em nós, como d'antes arreigado,
O sentimento é rei, e é rei tyranno;
Se nos montes da immensa eternidade
Memorias, sensações, martyrios duram,
Levados d'este globo insano, e triste:
Se cada pensamento é lá verdugo,

Qual ao não-pago amante é sobre a terra;
Se em miseros como eu, que em vão sonhassem
N'um só momento resarcir mil dias,
Se em miseros como eu, que tenham visto
Feroz ingratidão falsear-lhe os gostos,
Inda lá d'este horror a imagem reina,
E entre os risos do céo negrejam Furias,
Que, mais e mais bramindo, ardendo, assanhem
Os ciumes, a peste, a morte d'alma;
Se tanto de infelices amadores
Póde o ferrenho, inexoravel Fado,
Suspira, terno amigo: Elmano é morto.
　　Não foi crua ficção de antigos zoilos
Que de mim desparziu funéreo annuncio.
Quem meus ais escutou, quem viu meus males
E o duro, inevitavel seu progresso,
(Sendo um só d'elles, o menor de tantos,
Para os fios vitaes idoneo golpe)
Crer não devera que no ancioso amante
Em morte infausto amor se convertesse,
E mais quando suspeitas lutuosas
Até da ausencia minha se ajudavam?
　　Só tu, phebêo cantor, só tu, e Ulina
Ao mundo o coração me tinheis preso:
Ella foi-me cruel, tu me deixaste;
Eu sem ella, eu sem ti não era Elmano,
Era um phantasma, que gemia errante
Pelos ermos vastissimos da morte,

Entre as aves da noute, entre os cyprestes:
Ellas, que o pranto extremo em ais agouram,
Elles, que, amigos das caladas cinzas,
Ás urnas dão piedosa, e triste sombra.
Sim, desappareci, voei, Salicio,
D'ante os lumes do sol, fechei meus dias
Na dor, na solidão, na escuridade.
Quiz, quiz punir os temerarios olhos
Da desditosa audacia, antes insania,
De verem, de attentarem cubiçosos
Celestes perfeições (ah!) cujo néctar
Depois no coração se fez veneno!
Meus olhos castiguei, inda os castigo
Com total privação de quanto é gosto;
Da peçonha amorosa, em que fluctua,
N'elles o coração se está vingando:
Para se despicar, cruel comsigo,
A menor distração não soffre aos olhos,
Suave distracção (de que podera
Tambem participar) não lhes consente
Que, errando aqui, e ali por entre Graças,
Como a abelha sagaz por entre as flores,
Em rosas, em jasmins, em neve, em ouro,
Nos melindrosos, virginaes feitiços
Vão colhendo o que a terra em céo transforma,
E com maga illusão talvez presumam
De objectos mil, e mil no mais formoso,
No mais encantador gosar quem amam.

Só funebres imagens carrancudas,
Só pranto em fio o coração permitte
Aos do seu damno artifices incautos.
Não mais hão de arrostar, para alegrar-se,
Não mais hão de arrostar senão Salicio,
Se inda olhal-o uma vez os céos me derem,
Ao menos uma vez... uma! E quem sabe?
Póde ser ousadia esta esperança:
Tanto (ah!) tanto a existencia em mim vacilla!
Tu, feliz, porque Amor, e a Formosura
Com tyrannicas leis, de ferreo pezo,
Alvedrio, e razão te não suffocam;
Tu, que pões a altivez da liberdade
Junto ao poder fatal, que as atropéla;
Que de alvas, meigas nymphas ladeado
Lá n'esses campos, onde o Tejo estende
As vagas de cristal por margens de ouro,
Cantas de amor, sem que de amor suspires:
Qual diz a fabulosa antiguidade
Que viu no fogo a salamandra illesa,
Ou qual, sem se abrazar, sem consumir-se,
O assombroso amianto em si mantinha
Ardor, que os lenhos corpulentos come.
Ai! Se d'esses gentís, louçãos objectos
Só jubilos extráes, caricias, flores,
Teme que as flores viboras occultem,
E que sejas mordido onde animado.
Dos risos da alegria Amor se enfeita,

E invisivel prisão nos forja, e lança:
É doce, é brando Amor em seu principio;
Amor em seu progresso é agro, é duro.
Olhos da côr dos céos, se o dia os orna,
E olhos da côr dos céos, se os veste a noute,
Virgineos labios, exhalando aromas,
Descendo a niveo collo anneis dourados,
Com que os Amores, e os Favonios brincam;
Lindas mãos, lindo seio, e tudo lindo,
Nectáreos mimos de fagueiras Nizes,
Penhas amolgam, marmores derretem;
E para mil tropheos ganhar n'um ponto
A belleza (ai de mim!) não, não carece
De quantas forças tem: qualquer sorriso,
Um descuido, um silencio, um gesto, um nada,
São para os corações incendio, laços,
E ás vezes precipicio, e morte ás vezes.
Acautela-te oh vate! Amor não dorme:
A noute em guerra o vê, e o dia em guerra,
E o campo da batalha é todo o mundo.
Um meio ha só, talvez, que os golpes frustre,
Vibrados pela mão do deus das settas
Ás almas, que a Razão forrou de exemplos,
Taes como o exemplo meu, que a ti, que a todos,
Padeçam co'a ternura, ou não padeçam,
Deve (amigo pharol) guiar nas ondas
Do pego tormentoso, Amor chamado,
Até que vão surgir no Desengano,

Porto esquivo aos baixeis, nublado aos nautas,
De frequente escarcéo lassos, e rotos.
Um meio existe, pois (e quão saudavel!)
Contra a geral paixão, paixão suprema:
É da Amisade no benigno seio
Apurar a existencia, os gostos d'ella;
Não só viver em si, viver em outrem;
Ter duas possessões, dous soffrimentos
Já no bem, já no mal; e em turvejando
A hora de pavor, que os reis não poupa,
Ter jus de proferir com voz sumida
Ao amigo fiel, metade nossa:
«Fico existindo na existencia tua.»
D'est'arte, e sem delirio, e sem remorso,
Vivas sedes de amar, de ser amado
No espirito se abrandam, se contentam;
D'est'arte puro affecto, alegre, e manso
Substitue a paixão, que vezes tantas
Fonte de vicios, a constancia arrasta,
Enxovalha a moral, apaga o siso,
E entra n'um mar de pranto, ou n'um de sangue.
O céo te deparou, feliz Salicio,
Esse bem social, tão raro agora:
Tens no amavel Dircêo, tens um thesouro
D'alta amisade, cordeal, fervente,
D'aquella que luziu nos aureos tempos,
E de que és tão credor na ferrea edade.
Com elle, com seu nome a lyra exerce:

O louvor da Virtude é lei nos vates:
Por mais esse caminho aos astros sobe.
Pinta o digno consorte, a digna esposa,
Os dous em que hymenêo sempre é ternura,
Sendo, ou discordia, ou dissabor em tantos:
N'esses doces affectos innocentes,
Esquivo a Amor, teu coração se enleve.
Mas que serena, luminosa idéa
Do escuro da afflicção me surge n'alma!
Idéa só não é... que luz! Que assombro!
Que imagem! Que visão! Eis a meus olhos.
Eis a meus olhos, em purpureo globo,
A par de genios cem, risonhos, bellos,
Bella, e risonha, de rubis os labios,
A fronte de açucenas guarnecida,
De neve a face, que variam rosas,
Na dextra empunha divinal donzella
Palma viçosa, do triumpho emblema!
Olhos, no eterno sol purificados,
Inclina sobre a terra, e co'um suspiro
(Suspiro que é prazer) perfuma os ares.
Ergue, ah! Ergue, Salicio, ao sacro objecto
Vista maravilhada; elle te acêna,
Elle chama por ti, por ti suspira,
E as delicias do céo deixou por ver-te.
É Marcina, é Marcina, a gloria tua,
Timbre de Amor, e da Virtude esmero;
É Marcina, é Marcina, aquella, aquella

Cujas graças moraes, e externas graças
Seculos hão custado á Natureza;
É ella, cujo espirito brilhante,
Thesouro, que do céo caíu na terra,
Teus momentos dourou, dourou teus fados;
Ella, que humana foi, mas só na morte,
Divina em tudo o mais. Oh tu, que outr'hora
De quantos em ternura o peito inflammam
Eras o mais ditoso! Attende, escuta
Que phrase encantadora a teus ouvidos
Vem das macias virações no adejo:
«Esse globo infeliz não tem Marcinas;
O extremo das paixões morreu commigo:
Memorias minhas teus amores sejam.»
    Assim com vozes, que distillam nectar,
Te falla a semidéa, e volve aos numes
Entre os filhos da luz... talvez foi sonho
A sancta apparição! Talvez minha alma,
Affeita á sua idéa, a dar-lhe cultos,
Talvez a phantasia extasiada
Aos olhos corporaes fingiu Marcina!
Porém fosse illusão, verdade fosse,
Eu, victima de ingratas, eu, Salicio,
De paixão cega desgraçado exemplo,
Repito o que julguei que a tua amada
Da rósea boca te enviava ao peito:
«N'este globo infeliz não ha Marcinas;
O extremo das paixões morreu com ella:
Memorias suas teus amores sejam.»

13

Ao Illustrissimo Senhor Sebastião Xavier Botelho

.... Carmina possumus
Donare, et pretium dicere muneris.

Horat. Lib. iv. Od. viii.

Ao gran vate Salicio o vate Elmano,
Como elle devedor á Natureza,
Mas não como elle devedor ao Fado.
Cá dos lares tristissimos, que habita,
E onde quasi evapora em ais o alento,
Se é que a póde enviar, saude envia.
Acolhe, doce amigo, ás Musas dado,
Acode ingenuos sons de afflicta Musa,
Que entre flôres outr'hora, entre delicias,
Entre os sonhos de Amor, verdade ás vezes,
Copia do céo, no candido regaço
De alvas, fagueiras, perigosas Lilias,
Passou dias de gloria, instantes de ouro,
Do Tejo transparente á margem bella
Cantando a vida, como o cysne a morte.

Comtigo fallo, que do Pindo houveste
O solemne idioma, o tom dos numes,
A voz, que longe vae, que longe sobe,
Que sôa além do mundo, além dos tempos;
Fallo comtigo, a ti, que tens na mente
O thesouro brilhante, inexhaurivel,
O igneo fóco de altivolas idéas,
Em que Jove reluz, qual é no Olympo;
Fallo comtigo, a ti, que tens na mente
Poder de eternizar, e eternizar-te.
Estranho não será nos teus ouvidos,
Aos milagres da lyra, e do estro affeitos,
Que, ufano do que foi, blasone um vate,
Já claro como tu nos dons de Phebo.
Contra a nobre altivez, que em mim resurge,
Uive o zoilo mordaz, injurias ladre;
De rojo pela terra a vil serpente,
D'aguia, que arrosta o sol, deteste os vôos;
Sejam no tribunal do vulgo inerte
Sombra o fulgor, o enthusiasmo insania;
Veja olhados d'alli qual ocio inutil
Seus mil suores o immortal de Smyrna;
A cega Opinião, que reina em tudo,
Ponha embora a nivel Marões, e Bavios,
Que eu, tu, e alguns (quão raros!) já vingando
Cumes, e cumes de interpostas serras,
Trilhamos fadigosa estrada immensa,
Que vae da Natureza á Eternidade.

Dignamente de nós fallar podemos,
Não se ata o dezar nosso ao nosso alarde:
Quem de celestes dotes se gloría
Honra menos a si do que honra os numes.
E se a turba sem nome, avêssa aos vates,
Este firmado orgulho em mim condemna,
Bem da minha altivez meus ais a vingam;
Bem descontado está nos meus desastres,
E nos tormentos meus a gloria minha;
Tormentos, que me agouram tenue resto
Ao que é mais duração do que existencia.
Entre os damnos de Amor, e os da Ventura
Quasi lenho agitado em altas ondas,
E entre negros tufões, que oppostos bramam,
D'um lado, sobre nuvem côr do Averno,
Olho a deusa do mal, do horror, do pranto;
Vejo o que tu não vês, nem ver mereces,
(E nem eu mereci) vejo a Desgraça,
De ameaço no rosto, a mão no raio,
A meu peito assestando o tiro, a morte,
Mas sem de audaz vigor despir meu peito.
De Ulina ingratidões eis d'outro lado
Contra mim, como Furias, arremettem.
Aqui cerradas trévas me apavoram,
Esmorece o valor, naufraga o siso,
Soçobra o coração: para a minha alma
Nas procellas de Amor não ha Santelmo.

Presa a tantos martyrios a Indigencia
Os apura, os irrita, os desespera:
É ella, caro amigo, é mais que Phebo
Quem me arranca do espirito enlutado
O metro carpidor em que a deploro,
Qual nas margens do Tibre ao Venusino.
Tuas virtudes, teu caracter grande
Na patria, que honras, a experiencia acclama;
Mas tenho a meu favor para invocar-te
Jus mais alto: és feliz, sou desditoso.

14

A Analia

Depois que derramaste em meus delirios
O orvalho da piedade, Analia minha,
Chamou-me a densa noute aos tristes lares,
Tristes sem ti, meu bem, feios, e escuros;
Dignos porém de Jove, e céos de Elmano,
Se abrilhantados por teus olhos fossem,
Se o doce pezo de teu pé sentissem!
Toda em ti recolhendo a phantasia,
Achando amor, e a vida em ti sómente,
E o mundo, a natureza, o fado, a gloria:
Sonhos julgando o mais, o mais phantasmas,
Cevei meu coração na tua imagem,
Na idéa de teus mimos, de teus labios,
Dos labios que desatam d'entre as rosas
Em aureas fontes as delicias d'alma!
Engolphada a paixão n'um mar de encantos,
Ao solitario leito o corpo entrego,
Fatigo o pensamento, e cerro os olhos.
Eis que o fallaz Morpheo, cem vezes brando,

Mil vezes (ai de mim!) duro aos amantes,
Do teu fido amador te expõe defronte
Raivosa, fulminante, inexoravel,
Da bocca em vez de nectar fel soltando,
Co'as furias, e co'a morte a abrir meus fados,
A revolver o horror que tinham dentro,
A ennegrecer meus dias, a ostentar-me
N'um desprezo cruel males sem conto,
O inferno todo n'um adeus terrivel.
Tremeu-me o coração, qual treme a folha,
Que os rapidos tufões bramando agitam;
Arrepio-me, e suo, e choro, e clamo:
«Ai! Cumpriram-se, Analia, os meus destinos!
Foges de mim, de Amor; nem fé, nem votos,
Nem lagrimas, nem ais teu peito abrandam,
Esse, que outr'hora ao minimo queixume
Em meigas sensações se amollecia!
Analia, doce ardor de meus sentidos,
Dos olhos do infeliz, que tanto amavas,
Não valem para ti, não valem prantos.
«Céos! O que era! O que sou! Fui rei, fui nume
Quando, mais numes que eu, teus olhos davam
Á minha alma outro ser, quando embebidos
Nos vôos, que soltou meu pensamento,
A luz toldavam de amorosas sombras,
Ou, balsamo de Amor, caiu teu pranto
Sobre meu coração, e á doce chaga
Foi refrigerio salutar, divino.

«Oh mudança fatal! Mudança horrenda!
Negro Ciume, producção do Averno,
Tu, de serpes c'roado, envolto em chammas,
Do sempiterno horror surgindo á terra,
Mil furias, mil delirios me entranhaste;
Dentro em mim fibra, e fibra atassalhando,
Tua essencia me déste, eu sou tu mesmo.
«Trouxesses-me, cruel, a insania, o fogo:
A dor, o ultimo golpe, e não trouxesses
Ao misero amador comtigo o crime;
Não me ensopasse teu veneno a lingua,
Não fervessem na voz blasphemias tuas,
O mimo, a candidez não profanasses
D'aquella por quem vivo, e por quem morro,
D'aquella que ultrajei, porém que adoro,
D'aquella em cujas iras, quando as soffro,
De um Deus, que pune, se me antolha o raio:
D'aquella... o coração co'a dor não póde,
Não póde c'o remorso, e nas angustias,
E nas palpitações dilata o golpe,
O golpe que só tem na morte a cura;
Se ha morte para os tristes, se o Destino
Não dá (porque os tormentos lhe eternize)
Existencia de ferro aos desgraçados.
«Ai, Analia, ai meu bem, meu céo, meu tudo!
Inda que de meu mal teriam feras
Compaixão, que não tens, e os meus suspiros
Marpésia rocha tornariam branda,

Nunca, nunca de mim te compadeças,
Insensivel contempla, ouve insensivel
Minha extrema afflicção, meus ais extremos;
Vê-me tintos de morte a face, os olhos;
Sente-me a voz perder-se entre soluços,
Ir-me fugindo a luz por sombra immensa,
A luz vital, e a chamma endeusada,
Estro incansavel, que, fervendo, erguia
Ao céo minha ternura, ao céo teu nome,
E tantas vezes já foi grato enleio,
Iman suave, que attraíu teu gosto,
Que a tua alma enlaçou... não, minha amada,
O miserrimo estado em que has de olhar-me
Uma lagrima só te não mereça.
Nenhum castigo expia atrozes crimes,
Sou réo, sou réo de Amor, e Amor me pune.
Adoro, beijo a mão que me fulmina,
Cêdo a meus fados, a teus olhos cêdo,
Que teus olhos, Analia, são meus fados:
D'elles vivia Elmano, e d'elles morre.
    «Mas quando os membros meus já forem cinzas
Na estancia do pavor, c'o pé mimoso
Piza a funerea campa, e dize: «Amei-te,
«Amaste-me, infeliz: matou-te amar-me.»
Este o só galardão, que Elmano implora,
Este o só galardão, que entre os horrores
Da eterna escuridade, entre os phantasmas
Do abysmo tenebroso ha de supprir-me
O céo, teus olhos... morro... adeus, querida!»

Não pude proseguir, — e um grito, um grito
Todo amor, todo teu, me vôa, e rompe
Do horrivel pezadelo o ferreo laço.
Somem-se as larvas da illusão medonha,
Em minha alma outra vez a imagem tua
De sorrisos, de amores brilha ornada,
De constancia, de fé. Respiro, exclamo:
«Analia o disse, o jura, Analia é minha;
A promessa de Jove é como a sua:
Oh céos! Vós não mentis, nem mente Analia.»

15

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. João José Ansberto de Noronha

Conde de S. Lourenço, etc., etc.

Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.
Virgil. Aeneid. Lib. i.

Sabio varão, que na rugosa edade,
No inverno da existencia, quando em tantos
É gelo o coração, e é gelo a idéa,
Conservas o verdor do sentimento,
O viço da razão! Cultor de Pallas,
Da Virtude cultor, que a tens no peito
Qual a teve no seio o Capitolio,
Antes que o luxo d'Asia o corrompesse,
E quando da charrua heroes saíam!
Oh tu, que revolveste, e que revolves
Venerandos annaes de Grecia, e Roma,
Onde, instincto a Virtude, instincto a Gloria,
Como feitos communs olhou portentos!

Tu, que entras o lyceo, que no areopágo
Socrates vês, e Socrates te sentes;
D'elle a philosophia, os dons possues,
E, outr'hora perseguido, outr'hora oppresso,
D'elle (excepto a cicuta) houveste os males:
Illustre, generoso, honrado, e grande,
Sem carecer de avós, quaes mil carecem,
Sendo insignes os teus, quaes mil não foram:
Meus versos hoje a ti seu vôo alteam,
Vão hoje versos meus comtigo honrar-se,
Aura celeste respirar comtigo,
No asylo da Sciencia, da Piedade,
No asylo, que teus dias abrilhantam,
Que a moral tua purifica, e doura.
Longe um mundo apéstado, um mundo inferno,
Onde ardem Furias, e triumpha o Crime;
Onde negra Politica enroscada
Determina invasões, desenha horrores,
Gosta scenas da morte, ao longe abertas,
Quer sorver sangue humano em taças de ouro,
Quer cinza os campos, as cidades cinza,
Quer, nume assolador, dar leis ao nada,
E em purpuras descança, e dorme, e folga,
Sonhando a execução de emprezas brutas.
Graças, Deus bemfazejo! Inda na terra
Existem lares, que demande a Musa,
Virgem mimosa, candida, innocente,
Que treme ao raio, que ao trovão desmaia,

Que ao vicio córa, e que só preza o louro
Quando é c'rôa do engenho, e não da furia!
    Graças, Deus providente! Inda na terra
Vive a Sabedoria! Inda teus olhos,
Teus olhos, de que ao sol emana o lume,
Com paterno sorriso em lares pios
Se empregam, se detêm, e os crêras parte
Da tua habitação, dos teus elysios,
Se podéra illudir-se a vista immensa!
    Noronha bemfeitor! Pintei a estancia
Da Razão, da Virtude, a estancia tua.
Que horas douradas, que formosos dias
N'ella dos labios teus pendi, qual pende
De face encantadora accezo amante,
Lá na quadra viçosa em que o delirio
Das galas da ventura se atavia!
Mas que fructo diverso em ti se colhe!
Colhe-se o fructo da moral sagrada,
D'alta religião, de aurea sciencia,
De sãos principios, que debalde inverte
Tropel infecto de paixões damnosas!
    O preceito no exemplo confirmavas,
Noronha, homem commigo, homem com todos,
E, ouvindo-te, um ser novo em mim sentia.
    Ah! Não taches, senhor, ah! Não crimines
De ingrato, de esquecido o triste vate,
Que foi por teu favor, por teus auspicios
Ao tumulo dos vivos arrancado,

Onde torva Calumnia o ferrolhara,
Estygia sombra, que persegue os genios,
Qual tu és bemfeitor, tal eu sou grato;
Em quadro paternal a imagem tua
Sempre me adorna, me esclarece a mente.
Semideus para mim! N'alma te invoco,
Dos infelizes pae! Tua constancia
Nas procellas da vida é meu Sántelmo,
Constancia, que luziu na desventura,
Qual o planeta majestoso, augusto
Com flammas de ouro dardejando as sombras.
Se a beber novo brilho, idéas novas
Nas azas da Saudade a ti não vôo,
É que ferreo dever, grilhão sagrado
No pobre, tosco alvergue me acantoam.
Lucro mesquinho de vigilias duras,
Patrimonio dos vates (e não sempre)
Sustêm meus dias, que parecem noutes,
E esteio aos dias são de irmã, que terna
Curte commigo tormentosos fados.
Em quanto o genio cáe, cedendo aos males,
Nos aureos coches, que importaram crimes,
Campeam vãos automatos pomposos,
Soltos do pó, que o berço lhes manchára;
N'elles gloria, virtude, amor é ouro,
N'elles o annel reluz, a alma negreja,
N'elles a Natureza envergonhada,
Ao seio da Fortuna os arremessa,

De carinhosa mãe lhes nega o nome,
E só na morte os haverá por filhos.
    Ah! Meu grande projecto era cantar-te,
E a Sorte me desmancha o plano honroso.
Eis te peno, senhor, eis te enterneço:
Releva-me o costume; usada ao pranto,
Minha Musa infeliz cantando arqueja,
E se em honra de alguem lhe alegro as vozes,
Só aos dignos do canto o canto envio;
Que ás lisonjas servis não sei torcer-me
Provo, esmaltando com teu nome o verso;
Pouco eu não fôra, se não fosses muito,
O que digo de ti, de ti procede;
Do nada torreões não ergo ás nuvens,
Em seculo de infamias sou romano:
Neguem-no os zoilos meus, se a luz se nega!
    Tu, romano inda mais, maior nos fados,
Nos meritos maior! Sereno acolhe
De terna gratidão votiva offrenda:
É tenue, mas fiel, vulgar, mais pura;
E altamente cantar-te a quem foi dado?
Cabia teu louvor de Smyrna ao vate:
Só n'elle ha verso, que te eguale a fama.

16

Ao illustrissimo senhor
Vicente José Ferreira Cardoso da Costa

Desembargador da Relação do Porto

O vate Corydon, tão caro a Phebo,
O vate Corydon cantava outr'hora
Que a metro sonoroso altas idéas
Ante os aureos tremós não se reduzem;
Que, opulenta de si, que em seus thesouros,
Thesouros divinaes, embellezada,
Digna prole dos céos, a Musa enjeita
Forrados camarins de syrias télas;
Que d'elles não subiu nas tubas cento
O illustre malfadado, o luso eterno:
Que ali novo esplendor á Natureza,
Maravilhas ao globo ali não déra
O que n'alma lhe ardeu, furor sagrado,
Nem da Gloria na estancia um gráo sublime
Ao rigido invasor dos indios mares.
　　Mas ah Vincenio! Se os haveres, o ouro,
Puxando-nos á terra, origem sua,

O adejo á phantasia, ao genio prendem,
Obstaculo mais duro é a indigencia.
Que vezes sentiria ésta verdade,
Entre cadêas innocente, e oppresso,
Longe da bella esposa, e tenros filhos,
O atilado cantor, por quem das trévas,
Das ruinas, do pó surgindo a lyra,
Trouxe nas cordas de ouro o som romano!
Exemplo inda maior meus ais arranca.
Se o transcendente espirito, que accezo,
Que, absorto em turbilhões de etherea flamma,
Deu tanto a Lysia, e lhe deveu tão pouco:
Se Camões, o immortal, não fôsse aquelle
Que aos seus em vão carpiu, se achásse o triste
Risos na Sorte, gratidão na Patria;
Se não curvasse a mente ao ferreo pezo
De mil tribulações, de mil desastres;
Se infestos, se crueis, se carrancudos
O misero, quaes viu, não vira os fados,
Além da humanidade o vôo alçára.
Precedendo, e seguindo assombro a assombro,
Em numen convertendo o pensamento,
Feliz, qual fôra, se infeliz foi tanto!
Da Gloria no horisonte os olhos fitos,
Ufano, sobranceiro á desventura,
Á baixeza, ao desar com que nas almas
A servil dependencia engenhos mirra,
Meneando o pincel, que portentoso

No véo da eternidade imprime os quadros,
Dá caracter, dá luz, dá vida a tudo,
Ligára a perfeição co'a a phantasia.
Mais féro Adamastor, mais espantoso
Excedera o trovão na voz medonha;
Os membros gigantêos occupariam
Maior espaço do ar, maior da terra;
Inda mais dilatara a bôca enorme,
Retorcera inda mais os negros olhos,
Das procellas horrisonas toldado.
Nas columnas de neve encantos novos,
E no raro sendal tu, Cypria deusa,
Ás amorosas sedes esquivaras,
Sem tolher invasões ao pensamento.
Mais pathetica Ignez, Ignez mais bella,
Entre os penhores seus, entre os filhinhos,
Ou copia d'ella, ou copia dos amores,
O despiedado Affonso embrandecera.
Sim, Vincenio, a penuria, morte do estro,
Se alguns deixou viver, medrar na fama,
Genios mil, genios mil tem submergido
No pégo avaro, que as memorias sorve.
É peste, é corrupção fortuna immensa:
D'ella provêm dureza, orgulho, insania,
Que aos olhos do mortal mortaes avilta,
E outros vicios provêm: mas a ventura
Moderada, tranquilla, é dom do Eterno,
Util ao sabio, necessaria a todos.

Não póde a condição luzir sem ella,
Sem ella heróes talvez se antolham monstros;
Sem ella a flor do espirito emmurchece,
E roja o pensamento, azado a vôos.
Ah! Meus males pintei, pintando aquelles
Que urde a acerba indigencia entre os humanos;
Mas novos para ti não são meus males:
Já tens mais d'uma vez amaciado
Os agros, espinhosos dissabores,
Que dura mão fatal cravou n'est'alma;
Já tens mais d'uma vez salvado Elmano
Do abysmo em que o lançou destino adverso,
E de outro, inda mais feio, inda mais triste,
(A moral extincção, o esquecimento)
Em verso, que não morre, o preservaste,
Quando na locução, no tom dos deuses,
De thesouros da voz senhor como elles,
A Castro, insigne em letras, em virtudes,
Mandaste os fructos, que orvalhou meu pranto.
És magnanimo ainda, és o que foste,
Eu sou inda o que fui, sou desgraçado;
E além de ser em ti caracter firme,
É já beneficencia em ti costume.
Musa oppressa, infeliz se acolhe a ella;
Quem seus ais enfreou seus ais enfrêe.

———

17

Á Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Leonor d'Almeida

Condessa de Oyenhausen

Queste mie carte in lieta fronte accogli,
Che quasi in voto a te sacrate io porto.

TASSO, Gerusal. Liber. Cant. I. Est. IV.

Á cantora immortal, deusa da lyra,
Que exprime em áureos sons, em metro augusto
O que é digno de Jove, ou digno d'ella;
Á cantora immortal, de Lysia esmalte,
A mente, e o coração consagra Elmano.
Mulher deidade! Magestosa Alcipe
Oh grande! Oh primogenita de Phebo!
Prospére a gloria minha á sombra tua;
Abriga os versos meus, que vão meus versos
De honrosa eternidade a ti sedentos:
Aos vates parte d'ella é teu sorriso.

18

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho

Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha etc., etc.

(Traduzida do latim de José Francisco Cardoso)

Com que dadiva mais valiosa podemos penhorar a republica, do que instruindo e amestrando a mocidade? Mormente nos tempos e costumes actuaes, em que ella de tal sorte se tem desmandado, que releva apurar todas as forças para abstel-a, e refreal-a?

Cicero. De Adiv. Liv. i.

Quando altas cousas em teus hombros pezam,
Bem que inferiores ao teu genio todas,
Misturar intentando o tenue, e o grande,
Terei, celso varão, de insano a fama.
Porém supplice voz onde é vedada?
As portas d'ouro o céo franquea ás preces.

Um momento me basta, se um momento
Do grave ministerio extrair podes.
Lidas, cuidados meus benigno attenta;
Longo espaço aos teus olhos seja um ponto.
    Dous lustros, e annos dous suei constante
Da romana grammatica no ensino,
Cançada a mão, que a puericia fére;
Cançada a mão não só tambem com ella
Quasi desalentado o soffrimento:
Nugas grammaticaes apoucam, ralam.
E como, esquiva aos mais, me demandasse
Toda a tenra caterva adolescente,
Quadruplicada foi minha fadiga.
Do sagaz jezuita as arduas moles,
Com que oppressa jazia a mocidade,
Em terra derrubei pelas raizes.
Eis por mim floreceis, oh novas plantas,
E a seára de espinhos eis de rosas!
Barbaro outr'hora, outr'hora inextricavel,
Puz grammatica nova em plana estrada.
Nova porém não é, mas é qual fôra,
E usurpados direitos recupéra.
Se Alvares transformou (por mil seguido)
O bom methodo antigo em arte longa,
Com animo dobrado, e não perito,
Desfez-se a nuvem já; folgae, meninos!
Mal vos póde empecer maligna turba.

Já Franco e Madureira as costas deram,
E honra a docta Minerva as plagas nossas.
Desvelado tambem, como releva,
A primaria noção da patria lingua
Ás lições antepuz da lingua ausonia;
E o que aprouve partir por socios quatro
Urge (pezo de mais) meus frageis hombros:
Tornar-me benemerito da patria
Anhelou nobre ardor, que me affoguêa,
E que em mim produziu vigor, e esforço.
Algum dirá talvez—«A lei cumpriste»
Sim; mas a mesma lei, com que me argue,
Era não practicada, e não sabida.
Primeiro executor do regio mando
Fui: (mais que tenue gloria aqui me cabe!)
Muito porém me antecedêra o mando.
Quanto a sagrada voz legisladora
Impoz da molle edade em beneficio
Eu satisfiz primeiro, e só, e exacto.
O estudo essencial sois vós, costumes,
E essencial cuidado aos preceptores;
Nem cuidado mais vivo encheu minha alma.
Em curta edade, em animo recente
Proficuas instrucções melhor se arreigam.
O que se deve a Deus, e ao rei se deve,
E o que aos mais, e o que a si, o alumno aprenda.
D'aqui dimana o magistrado, o chefe;
Dimanam sacerdotes, páes, esposos,

E dimana o soldado. Em vão quizera
Projecto conceber maior, mais util,
Que dar moraes noções á mocidade;
De inteira educação provel-a, ornal-a,
Que não foi meu dever, que em mim não coube
Confesso; mas algum louvor ao menos
Resulta de applicar-lhe a mão primeiro.
Tudo, sem excepção, vae dos principios;
Pelo principio se avalia o todo:
O que mal começou, mal se adianta,
Em meio a obra vê quem bem começa.
Como por largo tempo o vaso novo
Respira os cheiros, que uma vez conteve,
Assim a mente humana aguda, attenta
As primeiras especies guarda, e zela:
Quanto mais docil ó menino inclina
O pensamento ás artes, mais o p'rigo,
E o desvelo será, por que não peguem
No mimoso terreno as más sementes,
Nem sobre o fertil chão viceje o damno.
Que engenho, que vigor não têm, não gosam
Muitos, a que o vigor e engenho empecem!
No peito juvenil rapidos lavram
Os males, que tolher nem Delio pode,
O dolo, a fraude surgem; vêm com elles
A ventosa soberba, a magra inveja;
Vem outras pestes; ferve a ira, e Venus.
Os nocivos exemplos se acautelem;

Que inda tendo pendôr para a virtude,
Os tenros corações se embebem n'elles.
Da rigida moral cultor, e amante,
O sério preceptor jámais pratique
O que imitar não deve o facil bando.
Vendo em quem o dirije acções louvaveis,
Nas acções d'elle, como em liso espelho,
O alumno se retrata e se converte.
Se por ventura o crês, errar não pode
Seu habil director; ninguem mais docto,
De mais luz, mais saber ninguem no mundo.
Ao bom moderador convêm lucrosa
Tornar esta illusão, porque não fique
Inutil a pueril credulidade.
Mas de um principio só não colha os meios;
Para quantos instrue egual não seja;
Em nada cumpre tanto experta industria.
Sagaz primeiro os animos profunde;
Indague os corações, estude, observe
O que amarga ao menino, o que é suave:
Depois de lhe entender mysterios d'alma,
A varia senda trilhará sem risco.
O engenho na doctrina se vigóra;
Optima, em fim, que seja a natureza,
Fallece, fallecendo-lhe o preceito.
Muito aproveita que distingua o mestre
Se é do alumno abastada, ou pobre a mente;
Se é vigilante, aguda, ou frouxa, inerte.

Quem teve o dote de indole prestante
Ou nenhuma fadiga, ou pouca exige:
Este de conductor carece apenas;
Assás é signalar-se-lhe o caminho,
Qual das aves a impavida rainha,
Concebe os astros, solitario vôa.
Obra porém de natureza escassa
Com subito remedio se melhore
Por mão, que as artes próvida exercita.
Piedosa ao infeliz, que em vão forceja,
E sua em repellir seu fado iniquo,
Preste amigo favor, e auxilio brando.
Fructos colha talvez da arvore tenra,
Que entre viçosas plantas se envergonha
Se depois da cultura esteril fica.
Os juvenis espiritos cem vezes
Com prudente soccorro em copia brotam
Riquezas até li sumidas n'elles.
Porém a multidão mais numerosa
Com que importa apurar destreza e força,
São esses em que a languida preguiça
Da natureza os dotes enxovalha.
Já placido com elles, já severo
Convém, oh preceptor, convém que sejas.
Uns a outros oppõe: consegue ás vezes
Briosa emulação quanto não podem
Castigos conseguir, nem ameaças.
De assiduas correcções este precisa;

Est'outro c'o louvor se persuade;
Aquelle pela mão guiar-se deve;
E ha tal, que só violencia o dobra, o vence,
Alma desasisada, incuriosa,
Porque despenderá sem lucro o tempo?
Constrangida Minerva, é tudo inutil.
Suores se não percam; longe o inepto,
E aconselhado eleja o que lhe quadre.
A frequente rigor sem fructo obriga,
E faz com que sem fructo a bilis ferva.
Horrivel aos discipulos não sejas:
Se ao grau, se ao nome de prudente aspiras,
Infundindo respeito, amor infunde.
Virtude os meios ama, odêa extremos:
Ou d'uma, ou d'outra parte ha precipicios.
És de nenhum proveito aos educandos,
Com elles indulgente em demasía:
E sendo-lhes tyranno, és detestado.
Sobre esta norma impôr limites certos
Quanto é difficil, a exp'riencia o diga;
Mas as forças moraes lidando crescem.
Do custo de vencer procede a gloria;
Do vencimento leve é leve a fama.
Bahienses cidadãos, eu vos attesto:
Nada (bem o sabeis) nada omittido
Ante vós foi por mim de quanto exponho.
Da cidade e do campo aos habitantes
Lá notorio me fiz, inda que muitos

Conhecessem meu nome, e não meu rosto.
Confiar-me á porfia a prole amada
Vinham de perto alguns, alguns de longe;
E sinistra illusão nenhum cegára.
Attesto novamente os paes, e os filhos,
Eu, que a todos os graus, que ás varias classes
Dei condignos varões, idoneas almas.
De mim o altar de um Deus ministros houve;
De mim Themis, e Marte os seus houveram.
Mas não é do grammatico este effeito;
Plaga breve os grammaticos limita,
E pense o que pensar caterva illusa.
Hoje (tempo de cousas, não palavras)
Por ventura o grammatico presume,
Póde acaso ostentar, qual n'outras eras,
Sciencia universal? Ai! Miserando!
A tenuidade o cinge, o prende á terra;
E qual dedalea prole os céos commette?
Mas como todavia humanas cousas
De rasteiros principios altas surgem,
Tal, similhante á base, é proveitoso
Para o grande o pequeno, o pouco ao muito.
Porque em ausonia voz se exprime o sabio?
Ella da erudição nos abre as portas;
Vós caístes por fim, Romuleas torres,
Mas a lingua formosa ainda reina:
Opulenta ás modernas communica
Soberbas expressões, de que blasonam;

D'onde vem que de todas mãe se acclame.
Eis o merecimento, eis a virtude
O louvor, que lhe frisa: inda que arrogue
Maior jurisdicção, mais vasto imperio,
A lingua em tenues sons tem só dominio.
Nota quanto adquirir convém primeiro,
Oh tu, que de palavras legislando,
O grammatico assento ufano occupas.
Dou que saibas ligar vozes com vozes;
És por isso talvez capaz de tudo?
Lavras na areia, bem que eximio sejas,
Encadeando os sons, se perspicacia,
Se criterio não tens, quando interpretas.
Este dom d'explanar é força innata;
Mantêm-se d'artes mil, se não se aprende.
Da logica primeiro o auxilio chama;
Seu facho luminoso ella te empreste,
E te doure a sentença tenebrosa,
E alcance da verdade os trilhos certos.
É de proveito aqui saber costumes,
Usos cumpre saber da antiguidade,
E o que vem dos annaes e prisca fama.
A ti, que assiduamente revolvendo
Estás os monumentos dos antigos,
É decente ignorar o que exercitas?
Tambem presta, a meu ver, que os atrios gregos,
Saûdes: este altiloquo idioma
Aos não versados n'elle esconde arcanos,

Que ao ministerio teu, sabidos, valem.
É para a lacia lingua a lingua grega
O mesmo que a latina é para as outras;
E esta, se bem que farta, deve áquella
Inda mais abundante os atavios.
As leis da elocução correr importa,
E da poesia as doces leis te encantem.
Sabem prodigios o orador, e o vate;
A todos sobresáem, tem força em tudo;
C'a ficção, co'a verdade imperam ambos.
Com revezado apoio ambos se alentam;
Movendo, e deleitando, o mesmo ensinam,
Postoque os leve ao fim diversa estrada.
Transmittir poderás os seus preceitos,
Se de Flacco, e de Fabio os não tomares?
Vezes mil no que lês se off'recem terras;
Mas descriptas estão; sabel-o é facil.
Mostra mappa fiel do mundo as partes;
O que é provincia, reino, o que é cidade,
O que é rio, o que é monte, e porque pede
Molesta applicação, paciencia longa,
Nome por nome collocar na mente,
Basta que observes a miudo a carta.
Nada mais infeliz e indesculpavel
Do que entender que Tauro é sempre féra,
Do que entender que Atlante é homem sempre.
Vae por culpa de equivoca palavra
Ás vezes o leitor caír no engano.

Carthago uma não foi; Beocia teve
Sua Thebas, e teve Egypto a sua:
Tu tambem, Salamina, em dobro foste.
Outros erros provêm de causa opposta:
Byzancio de dous nomes se gloría;
Troia por muitos nomes foi chamada.
Aquelles, que alterou logar, e gente,
Cuida de os apontar aos teus alumnos,
A fim de que não tenham por diversas
As cousas, que só distam na palavra;
E as entre si remotas uma julguem.
Terra, e terra distinguam; povo, e povo;
Sua religião, e os seus costumes:
Quaes as alternações nos homens foram,
Quaes houve na moral, quaes houve em tudo:
As guerras, os tumultos; e accommodem
Os successos aos tempos. Estas cousas
Na escuridão, que lendo occorre ás vezes,
Todas puro sentido extráem do texto.
Ao preparado assim quanto não resta,
Quanto mais por saber! Trilhando aquelle,
Inda tem que trilhar mais arduo campo.
Á publica instrucção tu destinado,
É justo que enthesoures na memoria
Tudo o que Roma deu na patria lingua.
Ritos, e taboas, inscripções, medalhas,
Fastos, e a serie em fim dos escriptores.
Não só luziu na guerra a Marcia prole,

Tambem foi rara nas Palladias artes.
De Italo os netos, e o Dardanio sangue
Damnos do Fado já temer não sabem.
Acaso o vôo dos mudaveis tempos
Ousará ser funesto aos dous luzeiros,
Emulos das estrellas, Maro, e Tullio?
Rival do Ismenio cysne, o grande Horacio
Cantou, regendo o plectro milagroso,
Cousas, em que poder não teve a morte.
Tambem sôa immortal de Ovidio o nome
Entre o nome dos tres, como elle accêzos
Do feiticeiro Amor na dôce chamma?
Inda Persio mordaz argûe o povo;
Inda a Musa Aquinate os risos move,
Co'a voz cortante golpeando o vicio.
Se negros sacrilegios, se blasphemias
Nos versos de Lucrecio não fervessem,
De ler-se, e de reler-se dignos foram.
Cecilio resplandece em gravidade;
Terencio em arte; Ennio reluz no engenho;
Na facecia, no sal, tu Plauto brilhas;
A Tacito, a Nepóte, a Livio, a Crispo
A fama em tempo algum morrer não póde.
Tu, Cesar, que altamente espada, e penna,
Honra ao claro Tibre, associaste;
Vós, Senecas tambem, ambos famosos,
Gloria da Hespanha, mestres dos costumes,
E tu, Censor Catão; vós, Celso, e Cursio,

Phedro, Vitruvio, Suetonio, Estrabo,
Varrão, Lucano, Estacio, Floro, e Silio,
Quantos nas quatro edades florescentes,
Áquem da Styge triumphaes da morte.
Em tanto que existir quem preze as Musas,
Em quanto houver quem cante, houver quem lêa,
Durará sobre a terra o lustre Ausonio.
Do muito, que tractou, que ha promulgado
A docta, veneranda antiguidade,
Nada Roma soffreu, que os seus calassem.
E se comtudo remanescem cousas,
Que amplamente não dê nos cultos livros,
N'elles de todas vem memoria ao menos.
Eis sabio velador, que o radio empunha,
Estuda pelos céos, e mede os astros;
Eis outro apoz de Plinio esquadrinhando
Os bens da natureza, os dons da terra.
Alcaçares corynthios ergue aquelle;
Este absorto contempla, determina
Dos corpos gravidade, e movimento.
Um diz segredos teus, arte de Apelles;
Outro, porque milagre a pedra vive.
Que prolixa tarefa, incrivel quasi,
Um espirito só prestar-se a tanto,
A que inda os annos de Nestor não bastam!
Força é porém que o principal grangêe,
Se alta reputação lhe dá cuidado,
Se não quer (desluzindo o magisterio)

Que nas faces lhe assome a côr do pejo.
Doctissimos varões nos precederam,
Que a bem nosso aplanando alguns estorvos,
A posse d'estas luzes tornam facil.
Recorra-se a taes mestres com frequencia.
No indigente a razão póde queixar-se,
Se não busca riqueza onde se offerta,
Onde á necessidade está patente?
No mais inda tolero a mediania;
Mas ha cousa, em que só de um erro leve
Nascem mil consequencias pezarosas.
Isto, que mais e mais sondar-se deve,
É a recta moral, sciencia augusta,
Com que o mal, com que o bem se patentêa.
Estes dous eixos para nós são tudo:
As humanas acções se movem n'elles;
Mas o justo, e não justo ao vulgo escapa.
Muitas vezes o vulgo inverte as cousas,
O bom desapprovando ao mau se afferra.
Ai do menino! Que perigos corre
Se, torpemente indocil a mão que o rege,
Aos turvos olhos seus abrir não pode
O clarão da verdade annuveada!
Como, sem guia, evitará despenhos?
Ah misero!... Ousará calcar sem guia
Duro, incerto caminho? Oh! Quantas vezes
Crendo que vae seguro, irá ferir-se
O descuidado pé na serpe occulta!

Quantas vezes insano, aborrecendo
Por amargo o saudavel, e attraído
De falso nectar, beberá peçonha?
Sim, julgará plausivel o odioso;
Julgará deuses vis credores de honra;
Quando, se o preceptor morigerado
De apuradas lições o abastecera,
Que temer não teria o debil moço.
Os que ha de folhear amplos volumes,
Detestaveis periodos encerram,
É certo; mas aqui moral colheita,
Thesouros, e virtude aqui depara.
 Pode a gente sagaz do Lacio filha,
Em trabalhos sem conto exercitada,
Atrever-se a calar té onde é dado
Á razão dos mortaes alçar seus vôos,
Sem que a religião lhe esforce as azas.
O que siga o menino, o de que fuja
(Como do teu dever não te descuides)
Cada pagina ali te irá mostrando.
Um a um provarás de taes exemplos,
Qual abelha solicita, que enjôa
O succo venenoso, e sorve o grato.
A fabula tambem te é prestadia;
De brincos festivaes assucarada,
Nenhuma no que envolve, e no que engenha
Deixa de ministrar a utilidade.
Virtude e vicio esconde em varias fórmas,

Para que lucre mais quem os deslinda.
Apologos, não sois de preço abjecto.
Da locução, por dita, os urdidores
Artificio terão, que sobrepuje
Ao de envolta moral na allegoria?
Grammatica, e rhetorica ultrajadas
Antes serão por mim vezes e vezes,
Que a fabula m'exprobre um só descuido.
Bem como a casca os amagos abrange,
Das palavras o véo sentenças cobre:
Rota a casca apparece o bom lá dentro;
E eis o que foi requinte a meus desvelos,
Inda mais que a melhor latinidade,
Que eu comtudo arreiguei nos bons alumnos.
Mas que louvor terá, que digno premio
Quem desacompanhado, e vigilante
Deveres completou de tal momento?
Minhas noutes lhes dei, dei-lhes meus dias;
Consagrados lhes foram corpo, e mente.
Tambem (o que inda é mais, e irreparavel,
E damnoso á consorte, e a mim, e aos filhos)
A saude, esta dadiva celeste,
Tambem victima foi dos meus extremos.
Para gosar-me de espaçosos dias
Houve da natureza activas forças,
Estranha agilidade em firme peito:
Mas ao nimio trabalho em fim succumbem.
Já me alaga o suor, manando em rios;

Nas frouxas veias já me tarda o sangue.
As importunas queixas, que á velhice
A teimosa existencia vão finando,
Querem como á porfia anticipar-se,
E atado ao duro emprego me assaltêam.
Meus olhos, da vigilia resentidos,
Já se escandecem na attenção nocturna;
Co'a subita vertige o pé vacilla;
Não raro effeito, consequencia triste
De mal tedioso, que o respeito encobre.
    Debaixo d'este céo macio, ameno,
(Tendo corrido Apollo as doze estancias)
Pôde refocilar-me algum repouso
O corpo entorpecido, os lassos membros.
Renascente vigor já manso e manso
As quebrantadas fibras aviventa,
E dos terriveis males, fraqueando,
Recua pouco a pouco a turba infesta.
O que benigna paz, benigno clima
Em meu favor porém vae produzindo,
Baldado chorarei, se ao jugo acerbo
Meus dias outra vez ligados forem.
Ah! Debaixo dos pés já quasi aberto
(Mais d'um sequaz de Hyppocrates m'o agoura)
Ai! Como que o sepulchro me negreja!
Tanto, ah! Tanto infeliz n'um só não morra.
Tu, que o podes, senhor, com teus auspicios
O funereo prognostico desmente.

Uma palavra tua é quasi um fado;
Da minha redempção principio seja.
Honra, e columna immovel de altas cousas,
Que a fama tens de humano, e que a mereces;
Donativo dos céos ao luso imperio,
Tu, por quem regios dons avantajados
Té aos campos brasilicos se alongam:
Ouve as preces, que a ti com ancia elevo,
Os votos, que depois por ti munidos,
Em numen bemfeitor piedade encontrem.
　　Com pouco se accommodam meus desejos:
Longe cubiça vã; não mais imploro
Que arrimo estavel ao caído alento.
Co'a vara redemptora em fim prendado
Se da sanguinea arêa se despede
Audaz gladiador, jámais vencido;
Se quem mavorcias leis seguiu bravoso,
Quando do grave arnez se curva ao pezo,
Com premio vae gosar de um ocio brando;
Se não ha finalmente alma tão fera,
Tão barbaro senhor, que do alimento
Prive o servo decrepito, e mesquinho;
Eu, que todo o fervor, que as forças todas
Dei de bom grado ao publico interesse,
Eu, depois de as perder, não serei digno
De que a regia clemencia me conforte?
Não me ancêe a penuria, aquelle damno,
Que tantos males persuade ás vezes:

Folguem meus dias em sereno estado.
Não só boas acções adorna o premio,
Tambem punge ao dever quem n'elle é tardo.
A mão, que bemfazeja, a mão, que justa
Do imperio maternal menêa as rédeas;
E que da mãe ao lado edades longas
Com ella sanctas leis do céo traslade;
João, cuidado vosso, ethereos entes,
Esperança da patria, amor, e escudo;
Que d'um, d'outro hemispherio annue ás preces;
Remisso á pena, aos beneficios prompto,
Com paciente ouvido, alegre face
No coração paterno acolhe o rogo.
Porém vozes mortaes em mim não ousam
Altear-se aos astriferos Penates:
Humildes sons balbuciara o medo.
Tu, dos numes interprete, que immoto
No resplendor de Phebo os olhos firmas,
No resplendor, que os meus soffrer mal podem:
Tu, que és a imagem do immortal Carvalho,
Que hoje (como elle outr'hora) Atlante luso,
Sabes d'entre a grandeza olhar á terra:
Digna-te de subir-me ao throno as preces:
Palavra tua o que refiro abone.
Não foi por anhelar torpe remanso
Que á furia me arrisquei de immensos mares:
A lhe dar exercicio não me escuso,
Se inda em mim algum prestimo sobeja;

Com tanto que meus dias não remate
De enxames pueris importunado.
E oxalá te aprouvesse, animo excelso,
Exemplo renovar inda recente!
Mas não devo esperar, obter não posso
O que outro em caso egual ha pouco obteve?
Que, se mais claros dons lhe lustram n'alma,
Não me transcende em zelo, ou no trabalho.
Ah! Que pelo futuro entrando a mente,
Como que desentranha o meu destino,
E que me ordena te anticipe as graças.
Não, Coutinho magnanimo, eu não sonho;
A causa da razão jámais desdenhas,
E acolhidos por ti prosperam todos.
Avantajas-te em muito; mas teu genio
Em nada brilha mais, que na egualdade
Com que dá seu cuidado a mil objectos.
Negocios pezadissimos não vedam
Que incansavel philosopho, revolvas
O recatado seio á Natureza.
Aptas leis o cultor de ti recebe;
Leis o commerciante, e leis o nauta;
E a todos noute e dia és accessivel.
Os «vivas» desatando em linguas cento
Ha muito a Fama divulgou teu nome.
Sabem-no ha muito as regiões extremas;
E já no meu louvor crescer não pode.
Antolha-se aos mortaes além da méta,

Além da humanidade a gloria tua,
De Homero, e de Virgilio assumpto apenas.
Que resta pois, senhor, quando te observo
N'esse eminente grau? Rogar aos numes
Com fervor aturado, e crebos votos
Que á dourada corrente de teus dias
Os aneis multipliquem reforçados;
Porque a prole gentil, com que te encantas,
Doce penhor da conjugal ternura,
Copia fiel dos inclytos maiores,
Comtigo rutilar no mundo vejas;
E da terra, e do céo acceita aos deuses,
Qual tu subiste convidado, suba
Ao gran cume das honras convidada.
Olhando-te qual pae meus caros filhos
(Turma quaterna) pela mãe guiados,
Hão de incessantes ajudar-me as preces:
E o Rei da eternidade, o Rey dos entes
Risonho escutará do throno immenso
Os votos, que por ti, por tua estirpe,
Por tua digna esposa aos céos voarem.

19

A Sua Alteza Real, o Senhor D. João

Principe Regente

Serus in cœlum redeas, diuque
Laetus intersis populo...
HORAT. Lib. I. Od. II.

Gran Principe, á Virtude, á Gloria dado,
Dado a ti mesmo, Principe ditoso,
Cujas leis para nós são leis do Fado:
Hoje, que teu natal dos céos mimoso,
Riso de um Deus, da Natureza amores,
Dourou á rosea Aurora o véo formoso;
N'este dia, que os zephyros, e as flôres
Respiram divinaes, subtis perfumes,
Vestem mais lindas, mais ceruleas cores;
N'este dia, em que o sol requinta os lumes,
E a terra mil delicias alardeia,
Puras, suaves como tu, e os numes;
Em meu nome, senhor, e em voz alheia,
Em quanto despe o globo antigos lutos,
A ti candida Musa o vôo alteia.

A ti de gratidão sobem tributos
Cá d'onde se desparze á sombra tua
O patrio genio em litterarios fructos.
Já debaixo do arnez o herọe não sua,
Não teme o cidadão nos tristes lares,
Já do manto da morte é Lysia nua.
Voou teu grato incenso além dos ares,
Em favor do universo ergueste a Jove
Alma sublime, que merece altares.
Subito á casta offrenda o deus se move,
E a taça de um metal, que abate o ouro,
Sobre azedas nações o nectar chove.
Varre a benigna Paz diffuso agouro,
Sciencia, industria, leis desassombradas
Revolvem, qual outr'hora, o gran thesouro.
Em ocio pendem marciaes espadas,
E ornam seu ocio altisonas Camenas
Da gloria amantes, e da gloria amadas.
Teu nome é dôce pezo ás ageis pennas
Com que, fitando o céo, por elle abalam
As molles virações azues, e amenas.
Principe, cujos dons nos avassallam,
Mais que um poder celeste, immenso, herdado,
Dons de bem poucos, que o poder te egualam:
N'este, por teus auspicios decorado,
Veneravel por ti, por ti brilhante,
De alta invenção deposito sagrado:

Onde é digno orgão teu varão prestante,
Que ao publico baixel em parte o leme
Volve egual, proveitoso, e vigilante:
Onde do tempo e morte as leis não teme
Espirito phebêo, canoro, ingente,
Que vôa, e canta como o cysne géme:
Onde illustrado circulo altamente
Pensa, e revolve o que ás sciencias preste,
E o que á lustrosa patria o brilho augmente:
Aqui de estranho adorno se reveste
Phrase, que elevo ao solio, que glorías,
Principe amavel, dadiva celeste:
Acolhe affectos, que nas almas crias,
Honra-me a condição, meu fado emenda;
E olhos serenos, como o são teus dias,
Firma na ingenua, respeitosa offrenda.

20

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Ayres de Saldanha e Albuquerque

Conde da Ega, etc., etc.

Se a luz, claro Saldanha, a luz sagrada,
Que aos vates escandece o peito, a mente,
Em grau crédor de ti me affogueasse;
Ou como a grande, a majestosa Alcipe,
Com pejo d'existir cá onde ha morte,
Ousára demandar no affouto adejo
Plagas immensas, onde tudo é vida;
Se dando á Natureza um novo cysne,
Qual o Ausonio cantor, maior que a Fama,
Ante Phebo, entre as Musas, entre arcanos
Provasse que, rompendo as leis da Sorte,
Estro os entes mortaes gradúa em numes:
Cousas ao vulgo estranhas me escutáras,
Versos, antes milagres de harmonia!
N'alma, no coração, na voz d'Elmano
Fados, visões, oraculos fervendo,
Qual se abrira a teus olhos aurea scena
No espaço do porvir, delicias todas
Tal que Jove no Olympo a gosa apenas!

Viras em quadro de atiladas côres
Além do ameno, genial teu dia,
Amor á frente dos louçãos Prazeres
Entre o susurro dos sorrisos brandos,
Nas azas de Hymenêo co'as lindas Graças
Crestar sabéo perfume ao som dos hymnos,
D'est'arte remontando o doce metro:
Um sorriso d'amor seculos vale,
Mil momentos d'amor a eternidade.
Viras de dia em dia os cofres d'ouro
No seio animador de quanto existe
Volvendo, revolvendo a Natureza,
A vêr se no fervor, se nos transportes
Com que de ethereos dons, com que d'encantos,
(Ignotos aos mortaes) ataviara
D'alva Julina o divinal composto,
Houve encanto, houve dom, que lhe escapasse;
Porque ás vezes do ardor provêm descuidos:
Viras com que altivez, depois do exame,
A mãe universal desenganada
De haver subido ao cume a gloria sua
Nas altas perfeições da semi-deusa,
Ufanos olhos em teu gesto attentos,
Fitos nos olhos teus de amor fulgentes,
Te dizia, apontando á bella esposa:
«D'esse thesouro meu só tu és digno.»
Ah! Que attracção, senhor, se o pensamento
De lugubres phantasmas carregado,

Dos males sacudindo o luto, o pezo,
Fora capaz em mim de alçar-se a tanto!
Oh nova irmã de Phebo! Alcipe, Alcipe!
Musa do Tejo! Altisona cantora!
Contra o gelo tenaz, que sobre esta alma
A amenidade, o viço ao genio mirra,
Tu manda, tu despede um raio, um raio
Do immenso, eterno sol, que em ti reflecte!
Dá-me effluvios subtis da acceza idéa,
(Confidentes dos numes, prova sua)
Idéa, onde em tropel mysterios andam,
Portentos com portentos se encadêam;
Nos céos, na terra como entórna os dias,
E sempre o mesmo, e novo o gran planeta
Opulento de si surge, e resurge:
Tal podes atear-me a sacra flamma,
E, deusa, quasi um deus tornar Elmano!
Invocados por mim teus dons, teu nome,
Depondo a sanha, as rugas aplanando
O terrivel sobr'olho de meus Fados,
Fertil de assombros me erguerei na Fama,
E se é possivel cantarei comtigo
Julina, teu penhor, delicias tuas,
E o grande coração, de Amor valído,
Não só da humanidade ornato, apuro,
Fonte não só de perennaes virtudes,
Mas digno até da lyra, até do canto
Com que domas o Tempo, a Morte, o Lethes.

21

Ao Senhor Gregorio Freire Carneiro

A Freire bemfeitor, ao caro amigo,
A aquelle, que mil vezes tem salvado
Do pégo da indigencia o triste vate,
Versos do coração Bocage envia.
Versos do coração não se guarnecem
Do falso adorno de atiladas vozes;
Filhos da Natureza, a mãe simelham,
Correm serenos, aprazíveis, puros,
Por leito egual, por limpidas arêas,
Derivam-se de amor, e amor procuram.
Quaes os affectos meus, taes são meus versos;
A nivea candidez os purifica,
O lustre da amisade os abrilhanta:
Assim de quando em quando os não turvasse
Denegrido vapor, que as almas tolda,
Halito infausto, que dos labios feios
Sobre meus dias a Tristeza espalha!
Elle inda ha pouco me turvou na mente
Mimos das Graças, mimos dos Amores.
Marilia, glória tua, e gloria d'elles,

E como a d'elles mãe, primor, e extremo
De encantos, de attractivos, outra Venus,
Deusa nos olhos, nos sorrisos deusa,
Marilia, doce ardor de teus sentidos,
Seu dia genial, seu aureo dia
Viu ha pouco outra vez luzir no pólo:
E eu, a cantal-o affeito,—eu, que me honrava,
Unindo o claro objecto aos sons da lyra,
Eu tremi, desmaiei, caí na empreza,
Que audaz tentára, que feliz cumprira.
　　Prestante amigo! Á minha dôr perdôa;
Já de usado a gemer cantar não posso,
Sei versos de tristeza urdir sómente;
Só versos quaes escrevo, e quaes te envio,
Não, como os prometti, serenos, puros:
No começo a Desgraça o turvo alento
Sobre elles esparziu, e os fez tão tristes.
Pela voz da indigencia elles te imploram;
Tu, que sempre magnanimo os ouviste,
Dá-lhe a resposta, que lhes sempre has dado,
O soccorro efficaz, com que aligeire
Dos agros dias meus o ferreo pezo.

22

Ao Illustrissimo Senhor José Caldeira D'Ordaz e Queiroz

Barão de Castello-Novo etc., etc.

Ao que luziu na fama, honrando a patria
Co'as artes marciaes, que a patria munem,
E os dons com que Minerva illustra o globo;
A aquelle, que depondo o terreo nada
É scentelha da luz, que fórma os astros;
A aquelle, em cujo espirito apurado
Reflecte um sol immenso, um dia eterno;
Ao sublime D'Ordaz, ao genio grande
De que és herdeiro em titulo, em virtudes,
Esta não baixa offrenda eu destinava,
Grato aos sorrisos, ás caricias grato,
Com que em mais doce, mais serena edade
Cingiu nos braços a innocencia minha.
Os Fados (ah!) vibrando a ferrea dextra,
Os Fados avarentos o arrancaram
D'entre os mortaes, que honrava, e que instruía;
Mas D'Ordaz vive em ti; D'Ordaz, e a gloria
Nos seus (sendo qual és) heróes não morrem;

E o que na voz commum de ti resôa
Exige do philosopho, e do vate
Feudo, que honra o que o dá, e o que o recebe.
 A ti, e aos manes do guerreiro illustre,
Vae pois minha oblação, composta de hymnos
Não indignos de ti; — que as Musas virão
Sorrir-se para alguns a Eternidade;
Teu solido favor lhe alteie o preço,
E todos ficarão credores d'ella.

23

Ao Senhor Francisco de Mendonça Arraes e Mello

Caro, amavel Mendonça, o teu Bocage,
O terno amigo teu, que em aureos dias
Momentos festivaes gosou comtigo;
O vate, que em teus lares, que a teus olhos,
E á face immortal, canoro Ismeno,
Foi cysne junto a cysne, e deu taes vôos,
Que as azas do improviso o céo roçaram:
Por milagre, talvez, de Armania bella,
De Armania tua, cujos dons são numes,
Numes, que inspiram mais denodo á mente,
Mais vida ao coração, que as deusas nove,
Ellas doce chimera, elles verdade:
Elmano, o triste Elmano hoje deplora
Esse tempo em que riu: memoria acerba
É para o mal presente o bem passado:
Horas, de que o prazer foi lindo esmalte,
Trajando negra côr me pousou n'alma:
O mixto da existencia é riso, e pranto;
Se delicias gostei, martyrios provo.

Ferem-me os cem punhaes do rheumatismo
(Prole fatal da natureza infecta)
E em cada sensação, que vale a morte,
Mingûa, e se evapora o soffrimento.
 Desvalido, infeliz a ti recorro,
A ti, que vezes mil ás mil tormentas,
Aos mil naufragios meus tens sido o porto.
No pégo do infortunio, em que vagueio,
De novo em torno a mim procella horrenda
Das azas infernaes sacode a noute,
E arte, força, baixel aos Euros cedem.
 Com próvido favor, com mão piedosa
Imita os numes, auxilia Elmano.

24

Ao Senhor Antonio Bersane Leite

Os Amores ha muito, ha muito as Graças,
E a deusa d'elles mãe, mãe dos teus versos,
Instam que á patria os dês, que os dês á fama.
Tarde cedeu Tionio á voz divina;
Tarde, que vezes cento a Paphia turba
(Nas horas brandas, em que aos ais me acode)
Carpindo-se de ti, me disse, oh vate:
«O ingrato, que inspiramos, foge á gloria,
Ao publico louvor se esquiva, e furta.
Grinaldas de amaranto, e myrtho, e rosas,
Dos maternos jardins por nós colhidas,
Soffre que as murche, que as definhe o Tempo,
Na fronte, onde borbulham, fervem, brincam
Gentis ideias, e expressões mimosas.
Aos numes do prazer, de Cypria aos filhos,
Que para eternizal-o os sons lhe deram,
Remisso e desleixado assim responde!
Os deuses nos mortaes, que mais amimam,
Ás vezes corações de ferro encontram!
Cantor de Teios, os teus versos vivem,

Vivam com elles de Tionio os versos;
E o numen fallador, que gira o globo,
N'elle esparzindo-os, amacie as vozes,
Colha brandura do amoravel canto.»
Assim, queixosos da tenaz modestia
Com que teu nome a teu louvor negavas,
A rosea, tenra face os deuses nossos
De aljofar mavioso humedeciam.
Em fim, cedeu Tionio á voz divina:
Já vê com gloria o litterario mundo
Que brilha um genio mais no céo das artes.
Versos formosos, adejae sem susto,
Meigos Amores, escoltae-lhe o vôo.
Embora ladre o Zoilo, embora os morda
Dente canino d'Aristarco inerte.
Os fins se frustrem da escumante Inveja,
Que no seu nada quer sumir o engenho,
Roer-lhe, apodrentar-lhe a flôr, e o fructo.
Prole dos numes, quasi nume o vate
Vive no tempo, na memoria vive;
E vae do tempo, e da memoria aos astros
Converter-se em porção da eternidade.
Oh seculo ferrenho, a teu mau grado
Ha quem preze a razão, quem preze as artes,
Ha mão, que avive, e galardôe o genio!
Folguem de Phebo espiritos mimosos,
Folga, Tionio, seu querido alumno!
D'entre as furnas da Inveja, ou tarde, ou cedo,
Surge a Gloria em triumpho, e nunca morre.

25

Ao Reverendissimo Padre Mestre Fr. José Harianno da Conceição Velloso

Qual d'entre as rotas, naufragas cavernas
Do lenho, que se abriu, desfez nas rochas,
Colhe affanoso, deploravel nauta
Reliquias tenues, com que a vida esteie,
Em erma, ignota praia, a que aboiaram,
E onde a custo o remiu propicia antena:
Tal eu, que da existencia o pego, o abysmo
(De que assomam, rebentam, surgem, fervem
Rochedos, escarcéos, tufões, e raios)
Tal eu, que da existencia o mar sanhudo
Vi romper meu baixel, e arremessar-me
A inhospitos montões de extranha areia,
Triste recolho os miseros sobejos
Com que esvaído alento instaure, esforce,
E avive os dias, que amorteço em magoas.
Em ti, constante, desvelado amigo,
Demando contra a Sorte asylo e sombra:
Oh das Musas fautor, de Flora alumno!

(Rasgado o véo da allegoria) estende
Ao metro, que desvale, a mão, que presta.
Se azas lhe deres, em suave adejo
De Lysia ao seio, que a virtude amima,
D'ella cultores, voarão meus versos,
E o patrio, doce amor, ser-lhe-ha piedoso.

---

*

26

Ao Senhor Antonio José Alvares

(Em resposta de outra)

Foi lida, foi relida, e grata, e doce
D'Elmano ao coração, já murcho em magoas,
Epistola gentil, com que revestes
A Razão de harmonia; é ouro o estylo,
Sentimento a moral, ternura o metro,
Amor uma virtude, um céo belleza.
Candido cysne, de recentes plumas,
Alças ditoso adejo em ares novos,
D'onde sem conto os Icaros baqueiam:
De Phebo nos jardins és tenro arbusto,
Que já com fructos lisonjeia o gosto.
Natureza é terreno, arte é cultura;
Esta lavre, amacie, adube aquella;
Medre engenho novel co'as leis de Horacio,
Thesouros da razão: Lê, pensa, escreve,
E cedo, em torno a ti latindo os Zoilos,
Tentarão denegrir-te, hão de illustrar-te.
Agro, difficil, ingreme, espinhoso
O espaço que nos sobe ao grau de vates,

Pouco a pouco, em lições, que o genio guiam,
Se vae desempeçando, e vae polindo,
Até que lá no cimo é flores todo.
  Tu de razão, de sentimento abundas,
Estro possues, experiencia gosas;
Arte não tens; — o que não tens grangêa.
  Taes noções extraíu da mente a custo
Elmano, o preso ao leito, ou preso á morte.

27

Ao Ill.mo Snr. Desembargador Vicente José Ferreira Cardoso da Costa

Acceito a Amor outr'hora, outr'hora acceito
Ás que os entes mortaes immortalisam,
(Digo, ás filhas de Jove, irmãs de Phebo)
Elmano hoje indiff'rente a Amor, e ás Musas,
Triste no coração, nos olhos triste,
Evaporado em ais, desfeito em pranto,
Ludibrio da Fortuna, a ti recorre.
Bens, que a mesquinhas mãos confere ás cegas,
Que a torpes Cressos o caracter douram,
Pela deusa fallaz me são negados;
Fogem lucrosos fins a honrados meios:
Eu sou puro, oh Vincenio, honrado, e livre;
Eu jus não tenho em seculo de infamias
A dadivas, que a Sorte aos vis outorga.
Eu só canto á Virtude, a ti, e a poucos:
Tu amas a razão, tu crês na gloria;
És philosopho, és vate:—em Roma, em Grecia
Volvendo altos annaes com mão nocturna

Recebeste exemplos de virtude excelsa,
Que teus nativos dons fortaleceram.
Muito ha que o Tejo te cubiça ao Douro:
Se quaes teu genio teus destinos fossem,
Nas margens de Ulysséa, ceruleo rio,
Aos mil, aos bandos nadariam cysnes,
Trinando sem morrer canções mimosas.
    Eu, não cysne, talvez, mas eu não corvo,
Com voz não desabrida e não rouquenha,
Ao philosópho, ao vate usado abrigo,
Benefica piedade ancioso imploro.
Mando ao teu coração meus ais, meu rogo;
Ouve-os, attende-os, e outra vez minora
Origem triste, que os extráe do peito.
Tu ao naufrago Elmano és porto amigo;
Vou colher no teu seio errantes velas,
Antes que alto escarcéo me sorva o lenho.

I

Pena de Talião

(Ao Padre José Agostinho de Macedo)

Tu nihil invita dices, faciesve Minerva.
HORAT. Art. Poet. v. 385.

Invidia rumpantur ut ilia Codro.
VIRG. Eclog. VII

Satyras prestam, satyras se estimam
Quando n'ellas Calumnia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de zoilo
O vicio nota, o merito gradúa;
Quando forçado epitheto affrontoso
(Tal, que nem cabe a ti) não cabe áquelles
Que já na infancia consultavam Phebo.
Elmiros de Paris, Cotins, são vivos
No metro de Boileau, mordaz, mas pulchro;
Codros, Crispinos, Cluvienos sôam
No latido feroz do cão de Aquino,
D'esse, cuja moral, mordendo, imitas,
E cuja phantasia em vão rastejas.

Nos igneos versos, que Venusa illustram,
Nos que de fama eterna honraram Mantua,
Envoltos no ludibrio existem Bavios,
Mevios existem; e a existencia d'elles,
Se podesses durar, seria a tua.
 Refalsado animal, das trevas socio,
Depõe, não vistas de cordeiro a pelle!
Da razão, da moral o tom, que arrogas,
Jámais purificou teus labios torpes,
Torpes do lodaçal, d'onde zunindo
(Nuvens de insectos vis) te sobem trovas
Á mente erma de ideias, nua de arte.
 Como has de, oh Zoilo, eternizar meu nome,
Se os Fados permanencia ao teu vedaram?
Se a ponte, que atravessa o mudo rio,
Que os vates, que os heroes transpõem seguros,
Tem fatal boqueirão, por onde absorto
Irás ao vilipendio, irás ao nada,
Ficando em cima illeso, honrado o nome,
Que em dicterios plebêos, em chulas phrases
Debalde intentas submergir comtigo?
Empraza-te a Razão; responde... e treme!
 Do philosopho a tez, a tez do amante,
Meditativo aspecto, imagem d'alma,
Em que fundas paixões a essencia minam
(Paixões da natureza, e não das tuas)
O que apparece em mim, á vista abjecto,
A mesta pallidez, o olhar sombrio,

O que preterição desengenhosa
Dos sujos trivios na linguage aponta,
Que importa, oh Zoilo, ao litterario mundo?
Que importa descarnado, e macilento
Não ter meu rosto o que alicia os olhos,
Em quanto nedio, e rachonchudo, á custa
De vão festeiro, estupida irmandade,
Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
Afôfas teus sermões, venaes fazendas
(Cujos credores nos elysios fervem),
Trovejas, enrouqueces, não commoves,
Gelas a contrição no centro d'alma;
Ostentas ferreo numen, céos de bronze,
E, a cada berro minorando a turba,
Compras n'aldêa do barbeiro o voto,
Ali triumphas, e a cidade enjoas?
    Tu, de cerebro pingue, e pingue face
Pharisaica ironia em vão rebuças
Com que a penuria ao desvalido exprobras:
Que tem co'a Natureza o que é da Sorte?
Ou dá-me o plano de attraír-lhe as graças
(Mas sem que roje escravo) ou não profanes
Indigencia e moral, quaes tu não citas.
    Pões-me de inutil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inutil,
As praças de Ulysséa á tôa opprimes,
Ou do bom Daniel na terrea estancia
Peçonhas de invectiva espremes d'alma,

Que entre negros chapéos tambem negreja,
E ante o caixeiro boqui-aberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a encyclopedia;
Fadas, agouras o esplendor, que invejas,
Arranhas mortos, atassalhas vivos,
Insultas a grandeza, a immunidade
Do eterno Mantuano, e dás a Estacio
Um grau, que entregue ao deus, que ardendo em estro
De Thebas o cantor tentar não ousa,
Quando a Musa da morte enfrêa os vôos,
E quer que a Eneida cá de longe adore.
Da preferencia atroz inda não pago
Das Graças ao cultor, de Amor ao vate,
De Nasonia elegia aos sons piedosos,
Que o Ponto ouviu com dor, com magoa o Tibre,
Versos prepões, sarmatico-latinos,
Versos, que inda ao burel, e ao claustro cheiram,
E que, affrontoso a ti, de applausos c'rôas,
Só por distarem de teus versos pouco.
Sanguisuga de putridos auctores,
Que vaes com cobre vil remir das tendas,
Em quanto palavroso impões aos nescios,
E a credulo tropel roncando affirmas
Que revolveste o que roçaste apenas;
(Fallo das artes, das sciencias fallo):
Em quanto a estatua da Ignorancia elevas,
Os dias eu consumo, eu vélo as noutes
Nos desornados, indigentes lares;

Submisso aos fados meus ali componho
Á pezada existencia honesto arrimo,
Co'a mão, que Phebo estende aos seus, a poucos.
Ali deveres, que não tens, nem prézas;
Com fraternal piedade acato, exerço,
Cultivo affectos á tua alma estranhos,
Dando á virtude quanto dás ao vicio;
Não me envilece ali de um frade o soldo:
Ali me esforça ao genio as igneas azas
Coração bemfazejo, e tanto, e tanto
Que a ti, seu depressor, protege, acolhe;
Que em redondo caracter te propaga
A rapsodia servil, poema intruso,
Pilhagem, que fizeste em mil volumes,
Atulhado armazem de alheios fardos,
Onde a Monotonia os meche, os volve,
E onde teimosa apostrophe se esfalfa,
Já c'os céos entendendo, e já co'a terra.
  Inda não me elevei do Pindo ao cume
Com fama, que assuberbe os summos vates;
Porém, graças ao dom, que não desdouras
Co'a birra estulta de emperradas trovas,
Vou sobranceiro a ti, de longe te ólho,
E na publica voz, que se não merca,
Elmano a cysne aspira, Elmiro é ganso,
É ganso, que patinha, e se enlamêa
Em podres lodaçaes, paúes do Lethes.
A circulos pueris, a vãos Narcisos,

A Lucrecias na sala, e Lais na alcova,
E inda ás sérias do tempo os «bravos» poupo;
Insulso rythmador de facho e settas,
Nugas não douro, não mendigo applausos
De vacuas frontes, plagiarias linguas;
Não sou, nem de improviso, o que és d'espaço!
Claro auditorio meu, vingae-me a gloria!
Vós, que em versos altisonos mil vezes
Me vistes ir voando ás fontes do Estro,
Dizei, se me surgiram Grecia, Roma
Nas promptas explosões do enthusiasmo?
Se a razão, se a moral, se as leis, se a patria
Do metro destemido objectos foram,
Ou das Marilias de hoje o riso ensosso,
Dos olhos o commercio, e não das almas,
O melindre sagaz, lição materna,
E a mercantil firmeza, a cem votada?
Dizei... Mas contra ti sobeja Elmano;
Teus uivos, teus latidos não me aterram;
Sou do novo trifauce Alcides novo;
Inda não farto de arrancal-o ás sombras
As tres gargantas levarei de um golpe;
E se a canina espuma, ou sangue infecto
Monstros gerar, que multiplique a morte,
Das Furias o tição lhes tôrre as frontes.
Braveja, detractor, braveja, insano!...
Arde, blasphema em vão, de algoz te sirva
Tenaz verdade, que te róe por dentro.

Na voz deprimes o que admiras n'alma;
Se provas queres, eu te exhibo as provas
Do que teu coração desdiz dos labios.
Traze á mente o logar, e a vez primeira
Em que, dado á tristeza, e curvo aos ferros,
Olhaste, ouviste Elmano, grande o creste,
Quando inda os vôos timido soltava
Na immensidade azul, que aos astros guia;
Quando (não como por systema o finges,
Mas só da natureza endereçado)
Seguia o rasto de amorosos cysnes,
Pousando muito áquem do grau que occupa:
Ainda carecente da ignea força
Que á patria deu Leandro, Ignez, Medéa,
O Antro dos zelos, de Arenêo e Argira
A historia, que o sabor colheu de Ovidio,
Na dicção narrativa experta, idonea,
E o mais, ás Musas grato, e grato a Lysia.
Da estancia, onde nem sempre habita o crime,
Epistola sem sal por ti guizada,
Em taes louvores incluiu meu nome:
Versos escuta, que negar não podes;
Estylo é teu, monotonia é tua;
O que n'elles se envolve, escuta, em premio
Da empreza, que tomei, de os pôr na mente:
«Do centro d'esta gruta triste, e muda,
«Fecundo Elmano, pelas Musas dado,
«O prisioneiro Elmiro te saúda,

«De teus aureos talentos encantado;
«De ti só falla, só por ti suspira,
«Em teu divino canto arrebatado...;
Quem «fertil» nomeaste, e quem «divino»
Hoje é servil, monotono, infecundo,
De texto opimo interprete engoiado?
Co'a edade e estudo o genio em todos cresce,
E em mim desfalleceu co'a edade, e estudo?
  Responde ao teu juiz, ao são criterio,
Réo de leza-razão! Trazer á patria
Nova fertilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flores, conservar-lhe os fructos,
Quaes eram no sabor, na tez, na forma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os extranhe, os desconheça o dono,
É fadiga vulgar? Não tem mais preço
Do que esse, que os carretos galardôa
Do gallego boçal nos ferreos hombros?
Verter com melodia, ardor, pureza
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estorvo,
De um, d'outro idioma discernindo os genios,
O caracter do texto expôr na glosa,
Proprio tornando, e natural o alheio,
É ser bogio, ou papagaio, Elmiro?
Confronta originaes, e as cópias d'elles;
Verás se a Musa, que de rastos pintas,
No vôo altivo o Sulmonense attinge,
Castel transcende, e com Delille hombrêa.

Citas um verso mau, mil bons não citas?
Citas um verso mau, que não transforma
Em mattos os jardins? É natureza
Estarem par a par espinhos, flores.
E não sabes, malevolo, que a regra
Une a tenues objectos simples phrases?
Se imparcial, se critico escrevesses,
Centenas de aureos versos apontaras,
Sem de um só deduzir sentença iniqua.
D'Ausonia o quadro, ou venerando, ou bello,
Com justa, sabia mão presentarias;
Edades cento blasonando ao longe
Co'a ruina immortal da excelsa Roma;
Ante as aras carpindo Amor, Saudade,
E ao céo medrosas lagrimas furtando;
Aos amigos dos homens, e aos dos numes
Na terra verdejando elysios novos;
Correntes sem rumor, como as do Lethes,
Os males na memoria adormecendo,
E em marmores corinthios alvejantes
O grande Fenelon, e o grande Henrique.
Se o rival de Virgilio (o que proclamas,
Porque de Galia é filho, e não de Lysia,
A cujo seio, em que borbulham genios,
Chamas com lingua audaz esteril d'elles)
Se o rival de Virgilio ouvisse os versos
De interprete fiel, não rude escravo,
Honrára co'um sorriso uteis suores.

Pede ao molle Belmiro, anão de Phebo,
Ao que ergues uma vez, e mil derrubas;
Pede ao vampiro, que a ti mesmo ha pouco
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos;
Pede ao bom Melizeu, d'Arcadia Fauno,
De avelada existencia, e mente exhausta,
Que affectas lamentar, e astuto abates,
Que por alfeloa tróca os sons d'Euterpe,
(Os sons da sua Euterpe, e não da minha)
Dize ao teu côro, de garganta indocil,
(Sem que esqueça o pygmêo no corpo, e n'alma)
Dize dos córvos de Ulysséa ao bando
Que, interpretes qual fui, d'eximios vates,
Não pagos de ir no rasto o vôo alteem:
Ou tu mesmo apresenta, off'rece á crise
De gordo original versão mirrada,
Sulcado o Estacio teu de unhadas minhas,
De muitas, que soffreste, e que aproveitas;
N'elle (oh magoa! Oh labéo!) por ti mudados
A pompa na indigencia, o luto em riso;
Mostra em teus versos as imagens suas
Tibias, informes, encolhidas, mortas:
Desdentado leão, leão sem garras,
Que á longa edade succumbiu, rugindo;
Mas leão, que de perto inda é terrivel,
E que no quadro teu vale um cordeiro.
Ousa mais :—a Lusiada não sumas,
Que o numero de versos fez poema,

Tal, que seu mesmo pae sem dor o enterra.
Expõe no tribunal da Eternidade
Monumentos de audacia, e não de engenho;
O prologo alteroso, em que abocanhas
Do luso Homero as veneraveis cinzas,
E não de inepto, de apoucado argûas
Quem, porque teme a queda, encolhe as azas;
Quem, de ephemeros «vivas» não contente,
Chegando a mais que tu, se attreve a menos.
    Nem sómente Melpomene dispensa
Gran nome, nem Caliope sómente.
Como os Voltaires na memoria vivem,
Lafontaines, Chaulieus subsistem n'ella:
Todos têm nome, e grão: tu mesmo o dizes,
Contradictorio, tumido versista.
Thema, que escolhes, genero, que abraças,
Não te honra, nem desluz: no desempenho
O lustre, a gloria estão. Tem jus á fama
O vate, ou cante heroes, ou cante amores,
Com tanto que de Phebo as leis não torça,
Aos mui varios assumptos ajustadas.
Co'a materia convêm casar o estylo:
Levante-se a expressão, se é grande a idéa,
Se a idéa é negra, a locução negreje,
E tenue sendo, se atenue a phrase.
    Segue o que tens de cór, mas não practicas,
Serás o que não és, o que não foste,
Quando das «Musas no Almanack» (ai triste!)

Que a par de seus irmãos morreu de traça,
Forjaste de uma freira equorea nympha,
Jacinta de um Tritão fingiste acceza:
Chamaste grande, harmonico a Lereno,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Converteste depois, havendo impado
Com tabernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orango-tango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.
Os teus vicios em rosto aos mais não lances,
Tu, Furia, tu, dragão, que entornas peste,
Por systema, por habito, e por genio.
Os sete, que detráes, em que te aggravam?
Querias par a par subir com elles,
Nas azas do louvor a ignotos climas?
Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste Catalani exhala
Milagres de ternura, e de harmonia,
Sim, que disseras, se, ultrajando a scena,
De rouquenha bandurra um biltre armado
Ante a assembléa extatica impingisse
Solfa, mazomba, hispanico bolero?
Pois isto, oh Zoilo, tão improprio fôra
Como annexar teu nome aos sete, e a outros,
Que do silencio meu não colhem manchas,
Nem carecem de mim, por si famosos,
E ha muito em lyra eterna ao polo erguidos.
Verdade! rectidão! Vós sois meus numes!
*

Vê se as adoro, oh Zoilo: eu amo Alcino,
Filinto, Corydon, Elpino eu louvo;
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte;
Nas trevas para mim reluz Tomino;
Nos genios transcendentes me arrebato,
Prézo alumnos phebêos, desprézo Elmiros.
De alta justiça que mais prova exiges?
Tu, que de iniquo e parcial me incrépas,
Tu, que em vez de razões opprobrios vibras
Perante um mundo, que te sabe a historia!
Tu, que affeito á moral dos Tupinambas,
Tens ampla consciencia, onde Amisade,
Onde Amor, e outros vinculos sagrados
São nomes vãos, phantasticos direitos;
Tu... mas lingua de bronze, e voz de ferro
Mal de teus vicios a expressão dariam.
Indomito molosso, hardido ex-frade,
É comtigo a razão qual é co'as ondas
Arte, e saber do naufrago piloto:
Serás qual és, e morrerás qual vives.
 Prosegue em detrair-me, em praguejar-me,
Porque Delio dos «prologos» te exclue;
Pregôa, espalha em satyras, em loges
Que Zoilos não mereço, e sê meu Zoilo;
Chama-me de Tisiphone enteado,
Porque em femeo-belmirico falsete
Não pinto os zelos, não descrevo a morte:
Erra versos, e versos sentenceia;

Condemna-me a cantar de Ulina, e d'annos;
Aggrega o magro Elmano ao fulo Esbarra;
Ignora o «baquear», que é verbo antigo,
Dos Sousas, dos Arraes sómente usado;
Metonymias, synedoches dispensa;
Dá-me as pueris antitheses, que odeio;
D'estafador de anaphoras me encoima;
Faze (entre insanias) um prodigio, faze
Qual anda o caranguejo andar meus versos;
Suppõe-me entre barris, entre marujos;
(D'alguns talvez teu sangue as veias honre!)
Mas não desmaies na carreira; avante,
Eia, ardor, coração... vaidade, ao menos.
As oitavas ao «Gama» esconde embora,
N'isso não perdes tu, nem perde o mundo;
Mas venha o mais! Epistolas, sonetos,
Odes, canções, metamorphoses, tudo...
Na frente põe teu nome, e estou vingado.

NOTAS DO AUCTOR

Á SATYRA ANTECEDENTE

Pagina 460 verso 5:

> Quando forçado epitheto affrontoso.

O epitheto de «tolo» que na satyra me dá Elmiro.

Pag. 463 v. 11:

> E quer que a Eneida cá de longe adore.
>
> *Nec tu divinam Æneida tenta.*
>
> ESTACIO, Thebaid.

Pag. 463 v. 16:

> Versos prepões sarmatico-latinos.

O ex-frade tem desenterrado das tendas, e lojas de confeiteiros, elegias, e outros versos de jesuitas polacos, que denodadamente prefere a Ovidio.

Pag. 464 v. 13:

> A rapsodia servil, poema intruso.

«Contemplação da Natureza» poema para o auctor, e rapsodia para mim, e para todos os conhecedores.

N'esta fastidiosa compilação usurpadora apostrophe clama de seis em seis versos, pouco mais ou menos, desaloja o rancho das irmãs, e fica alii como villão em casa de seu sogro.

Pag. 466 v. 6:

Olhaste, ouviste Elmano, e grande o creste.

O satyrico, antepondo os meus versos de algum dia aos de hoje, affecta comtudo esquecer-se dos elogios, que me fez, e escreveu, sendo ainda frade graciano.

Pag. 468 v. 13:

Co'a ruina immortal da excelsa Roma.

Veja-se o poema dos «Jardins» no canto IV.

Pag. 469 v. 5:

Pede ao bom Melizeu, d'Arcadia Fauno.

Elmiro, incapaz de açaimar a maledicencia, que o caracterisa, exprobra a penuria ao resequido Melizeu, em vez de lhe notar unicamente o sestro com que antepõe um pau de alfeloa ás composições Euterpicas, com que podia afamar-se entre os Hurons, mui affeiçoados a poesias d'este gosto.

Pag. 469 v. 11:

Sem que esqueça o Pygmêo no corpo, e n'alma.

Todos sabem a applicação antiga d'aquelle meu verso:

Qintanilha, pygmêo no corpo, e n'alma;

Se houver todavia quem a ignore, declaro que pertence a um nojento homunculo, engenhador de miudezas metricas, a quem o esquecimento de uma virgula arruinou um soneto, e que propaga, e palmeia a satyra de Elmiro; porque nunca fiz a injustiça de gabar os seus nadas. *Tantum sufficit hoc.*

Pag. 469 v. 17:

Sulcado o Estacio teu de unhadas minhas.

O indigno traductor de Estacio me rogou mil vezes que lhe castigasse a versão, onde o caracter e a phrase do orignal padecem inclemencias.

Pag. 469 v. 27:

Ousa mais; a Lusiada não sumas.

Movito d'Elmiro aos seis mezes: obra em que a gloria de Camões é enxovalhada no prologo, e resarcida no mais. O auctor a sumiu.

Pag. 471 v. 2:

Forjaste de uma freira equorea nympha.

Em um dos «Almanachs» citados ha um idyllio piscatorio de Elmiro, em que uma nympha do mar se chama Jacinta; nome que, junto com a pessoa, prova o gosto do auctor.

Pag. 471 v. 5:

Ao fusco trovador, que em papagaio.

Metamorphose de Lereno em papagaio, no tempo em que Elmiro almoçava com elle, e d'elle: acção que advoga pela moral do clerigo prégador, tão superfluo como os insectos.

Pag. 472 v. 4:

Nas trevas para mim reluz Tomino.

Fallo de Santos e Silva, cujo estro, ás vezes assombroso, o consola de um desastre como o de Homero, e Milton.

Pag. 472 v. 28:

Erra versos, e versos sentenceia.

Veja-se na satyra de Elmiro a linha —

Rasteiras copias de originaes suberbas.

II

A Antonio Chrispiniano Saunier

(Em resposta a uma Epistola, que lhe dirigira)

Besta, e mais besta! O positivo é nada...
(Perdôa, se em grammatica te fallo,
Arte que ignoras, como ignoras tudo.)
Besta, e mais besta! Na palavra embirro;
Que a besta annexa ao mais teu ser definem.
Dás-me louvor servil na voz do prelo,
Grande me crês, proclamas-me famoso,
Excelso, transcendente, incomparavel,
Confessas que d'Elmano a furia temes...
E debil estorninho aguias provócas,
Aves de Jove, que o corisco empunham!
És de rabula vil corrupta imagem;
Tu vendes o louvor, como elle as partes:
Mas elle na enxovia infamias paga,
E tu, com tostios, que aos calouros pilhas,
Compras gravatas, em que a tromba enorme
Sumas ao dia, que de a vêr se embrusca,
Qual em tenra mãosinha esconde a face

Mimoso infante de papões véxado.
Util descuido aos carceres te furta,
Á digna habitação de ti saudosa
(Digo, o Castello) estancia equivalente
Aos meritos moraes, que em ti reluzem.
De saloios vintens larapio sujo,
A gloria de teu odio restitue
A quem no teu louvor desacreditas.
Se honrada pelos sabios de Ulysséa
(De Ulysséa não só, de Lysia toda)
Galgando a Musa minha aos céos não fosse,
E se a nojenta epistola brotasse
D'entre o lameiro das idéas tuas,
Em regras, que são mais, ou que são menos
Do que exigem do metro as leis d'Apollo,
(Em regrinhas áquem, e além do metro,
Que versos hão de ser, ou versos foram,
Quando o que a Musa quer é só que o sejam)
Dissera a gente, gritaria o mundo:
«Louvado e louvador são dous patetas!»
Oh versos aleijões! De Insauro oh versos!
Prosa de toda a gente, e versos d'elle!
Fóra! Eu me benzo, eu renuncio o pacto!
Antes um corno p los peitos dentro,
Que um verso de Saunier pelos ouvidos,
Bem que indagados de attenção miuda
Synonymo parecem «corno, e verso»
Quando em linhas venaes gallegos tentas,

Teus socios, teus collegas, teus patronos;
Ou quando sem sabor, ou quando insano
Louvas de graça, e por dinheiro infamas.
(Que a resposta, eu bem sei, rendeu-te cobres!)
Fallas em faxa? E com que faxa, e como!
Não sabes que, apesar da atroz gravata,
Sáe teu focinho a malquistar-te ás vezes
Com quantos olhos ha, que todos negam
Seres da especie racional primeira,
E a negra fórma macacal te impinge?
Quindorna tens, que por amor te engoma:
Tanto soffreis, oh Cotovia, oh Taipas!
Jámais se envileceu luxuria tanto,
E tanto na eleição jámais sincaste!
Só se vós por ser burro amais Insauro!
Esses podres c..., que vendem peste,
Esses, meu nome (teu trovão, teu raio!)
Esses, em sucia torpe, aonde és gente,
Meu nome, a gloria minha enxovalharam;
Que mulher de decoro, esposa virgem,
Se manchasse em te ouvir seu gráo, su'alma,
O cahos volvêra, e se abysmára o globo!
Espoja-te a meus pés, baquêa, oh bruto,
E em actos burricaes o que és pregôa!
Ou da matula vil, onde patinhas,
Irás á Fama em satyras d'Elmano,
Que é peor para ti do que ir ao Lethes!

POEMETOS

I

Areneo e Argira

Estro de Ovidio, seguirei teus vôos,
Se não me é dado emparelhar comtigo.
Depois que de Thessalia o rei piedoso
As pedras converteu na especie humana,
Quando já pela fragil Natureza
De novo a corrupção lavrado havia,
A moral corrupção, que gera os crimes;
Quando para viver cumpria ao homem
Suando exercitar custosa industria,
Lá perto do Penêo, tão caro ás Musas,
N'um retiro assombrado de mil plantas
Tinha o rude Arenêo seu tosco alvergue.
Apenas cinco lustros numerava,
Era de alta estatura, e de agil corpo,
De extranha robustez, feições grosseiras,
Olhos ardentes, e cabello escuro.

Phebo lhe ennegrecêra as mãos, e as faces
No fragueiro exercicio em que lidava,
Seguindo, e derribando ou ave, ou féra
Com settas, que jámais o objecto erraram.
Extinctos os irmãos, os paes extinctos,
Na agreste solidão vivia o moço,
Ora subindo as empinadas serras,
Ora os confusos bosques indagando
Em quanto o fulvo sol nos céos luzia;
E apenas desdobrava a muda noute
Sobre os ares subtis seu véo lustroso,
Volvia á choça o rustico mancebo,
De sanguineos despojos carregado.
Só n'isto, por effeito do costume,
Embebido trazia o pensamento:
Ignorava as paixões da Natureza,
Até desconhecia a mais ardente,
A mais encantadora, a mais funesta.
Mas ah tyranno Amor! Ou cedo, ou tarde
É forçoso aos mortaes soffrer teu jugo;
Amor, tu és um mal que fere a todos:
Longa exp'riencia contra ti não vale,
Ou virtude, ou razão, só vale a morte.
Viste o ledo Arenêo no lar campestre,
Viste-o sem ti, cruel, gosar mil fructos
Das suadas, aspérrimas fadigas,
E, isempto de memorias importunas,
Molles somnos gostar no leito hervoso.

Subito, enraivecido, impaciente
De que inda alguem feliz no mundo houvesse,
Olhaste de travez o alegre moço;
Males dignos de ti depois lhe urdistes.
Em venatorias artes doctrinada,
Annexa ao côro da immortal Diana,
Corria a bella Argira o valle, e o monte.
Nos olhos tinha a côr formosa, e viva
De que se veste o céo na primavera;
Á discripção dos Zephyros as tranças,
As tranças, por si mesmas enfeitadas
Com lucidos anneis, com aureas ondas,
Se ao sol se expunham como o sol brilhavam;
Eram, lacteo jasmim, purpurea rosa
Tão alvas como vós, e tão coradas
Da loura semidéa as brandas faces:
Candido pejo, virginal sorriso
Nos labios lhe pousava entre os Amores,
(Amores, que inspirava, e não sentia)
Tinha de neve as mãos, de neve as plantas,
E o seio tentador mais bello ainda
Que o da Cypria deidade, e não tocado.
O frio, o vento, o sol jámais ousaram
Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa:
Realçava estes dons a flôr da edade,
E ao ver-se aquelle assombro, oh Natureza,
Extranho então se achou que o teu sublime,
Engenhoso poder chegasse a tanto!

Descendente de origem mais que humana,
(Tambem não longe do Thessálio rio)
De mil dignos amantes cubiçada,
E ás conjugaes delicias insensivel,
Não quiz ir de Hymenêo no altar brilhante
Sacros votos firmar co'a voz, e a dextra,
Illesa conservando a flôr suave
Que, envolta em brandos ais, colheis, Amores.
Com estas perfeições, com estas graças
Tramou vingança crua o Paphio nume
Ao livre caçador, que, errando um dia
Em ermo bosque de viçosos louros,
Argira viu luzir por entre a rama,
Argira, que das nymphas se perdera,
E que á benigna sombra de um loureiro
Repousava do accerrimo exercicio,
Temendo a força do Apollineo raio,
Que ardia no azulado, ethereo cume:
E tendo a par de si na hervosa terra
O luzente carcaz, vasio, em damno
Das selvaticas feras, que avistara.
Morno suor em cristalinas gottas
Pelo virgineo rosto escorregando,
Resplandecente aljofar parecia;
O cançaço, o calor nas lisas faces
As rosas, e os encantos lhe avivava:
Tal, e menos formosa, a casta Cynthia,
Depois de ter vagado as agras serras

Descança do arvoredo ao fresco abrigo,
Ou entre o lindo côro, ou solitaria.
D'est'arte ali jazia a virgem bella,
Quando o incauto Arenêo, que mal presume,
Que mal crê por si mesmo ir enredar-se
No laço com que Amor sagaz o espera,
Curioso, amparando-se das plantas,
Vae manso, e manso, e por detraz de um tronco
(Sem que o sentisse o perigoso objecto)
No perigoso objecto os olhos firma.
Desgraçado! Imprudente! Ah que fizeste!
Eil-o accezo, eil-o attonito, eil-o absorto,
Eil-o encantado, e trémulo, e perdido;
Repentino fervor lhe escalda o peito,
Lhe ancêa o coração, lhe tinge o rosto.
« Que assombro, oh céos! Que divindade é esta!
(Comsigo o moço diz) será dos bosques
A deusa pudibunda, irmã de Phebo?
No traje, no carcaz, e em formosura,
Em gestos o parece... oh céos! oh deuses!
Que encanto! Que belleza!... Eu ardo... eu morro.»
N'isto, arrancando um férvido suspiro,
Assusta a clara nympha, que, volvendo
Os olhos de repente ao som queixoso,
Te vê, misero amante; e, visto apenas,
Sólta um ai, lança mão do eburneo coldre,
E vae por entre as arvores fugindo,

Mais prompta, mas veloz do que os ligeiros,
Silvestres brutos de ramosas frontes.
    Qual ficaste, Arenêo, vendo esconder-se
Aos olhos teus o encanto de teus olhos!
Longa perturbação prendeu-te as plantas;
Sem côr, sem voz, n'um extasis, n'um pasmo,
Qual devia infundir-te o raro objecto,
O deixaste voar; depois, saindo
Do lethargico espanto em que jazias,
Seguiste accelerado a doce causa
Do teu mal, dos teus ais, mas já foi tarde;
Já co'a turba gentil se tinha envolto
Das alvas companheiras, e com ellas
Voltado ao bosque da Latonia deusa.
    Quão saudoso, phrenetico, anhelante
O infeliz amador se acolhe aos lares!
Ali arde, ali geme, ali prantêa,
Ali, sempre em cruel desasocego,
Desvelado, e carpindo, as noutes perde.
Apenas as manhãs no céo roxêam,
Em vez de proseguir o usado officio
Torna ao sitio funesto onde espreitára
O caro enlevo de seus olhos tristes;
Torna, mas sempre em vão, não vê nem rasto
Que ao das queridas plantas se assimelhe.
    Dias, e dias no logar damnoso,
E pelas densas matas circumstantes

Pragueja contra si, delira, e freme;
Até co'um fero impulso ás vezes tenta
Amolado farpão cravar no peito;
Mas acode a benéfica Esperança,
E com destro pincel na phantasia
Lhe pinta de mil jubilos vindouros
A scena, o quadro, a seductora imagem:
De faustas illusões lhe doura a mente,
Finge-o nos braços da risonha amada,
E assim lhe innóva o soffrimento exhausto.
Mas nem sempre, Esperança encantadora,
Tens arte, que hallucine os desgraçados.
Cançou de se fiar o ancioso amante
Nas vãs consolações, nas vãs promessas
Com que adoçava o acido veneno
Da teimosa paixão, que o perseguia;
Cançou de se fiar; e, abandonado
Ao agro desengano o peito afflicto,
A raiva em languidez se lhe converte.
Sempre encerrado na colmada estancia,
A gemer, e a chorar, de dia em dia
O affanoso Arenêo se vae finando.
Amor, que do aureo throno, onde promulga
As despoticas leis, vê toda a terra,
Todos os corações, poz n'elle os olhos:
Viu-lhe a consternação, viu-lhe os tormentos,
E piedoso uma vez, e arrependido
Dos damnos, que forjára ao moço triste,

Mudou de condição, quiz dar-lhe allivio.
Eis, qual ave de Jove, estende as azas,
Eis esvoaça, e parte, e chega, e pousa
Ante o tugurio de Arenêo choroso,
Que, á porta reclinado, envolto em ancias,
Com roucas préces invocava a Morte.
«Esmorecido amante (o deus lhe clama)
Que desesperação, que vil fraqueza
Tomou posse de ti! Que é da ousadia
Com que por entre as selvas, acossando
Cerdosos javalis de agudas prezas,
Mil, e mil vezes affrontaste a morte?
Fragil mulher te affraca, e te consterna!
Eia, recobra alento. Eu sou de Venus
O filho omnipotente, inevitavel;
Eu mando em corações, em pensamentos,
Eu sou auctor de bens, auctor de males,
E se dispuz teu mal, teu bem disponho.
A dura negação que d'antes vira
No rude genio teu para seguir-me,
E o desuso em que estou de achar quem prove
Dissabores sem mim, sem mim prazeres,
Me instou a machinar-te o precipicio,
E logo apercebi teu captiveiro
Nos olhos da melhor de quantas nymphas
Á deusa das florestas se votaram;
Mas notando por fim como em teu peito
Pouco a pouco a paixão vae sendo morte,

Quero atalhar-lhe o tragico progresso,
E comtigo applacado, affavel, pio,
Secar teus prantos, serenar teus dias,
De lúgubre tristeza annuveados.
Vem, que eu te guio ao idolo que adoras,
Que rastejaste em vão por esses bosques.
A' hora em que te fallo, á hora amena
Em que o férvido sol no mar se apaga,
N'um fresco, e puro lago é seu costume,
Por effeito da calma, e do cançaço,
Banhar sósinha os delicados membros;
Que, em virginal modestia requintando,
Nem permitte ás silvestres companheiras
Olhar-lhe nus os candidos thesouros,
E só tendo findado a lida agreste,
E dicto adeus ás mais, demanda o lago.
Approvo que lhes negue a doce vista
Das altas perfeições de que é ciosa;
Só compete essa gloria aos meus mimosos,
Só a ti, meu valido, a ti sómente.
Não receies o enfado, a resistencia,
O desdem pertinaz da inculta virgem,
O afferro com que exerce as leis de Cynthia:
São brandas as que dou, crueis as d'ella.
Meu fogo, meu poder, teus ais, teus prantos,
A Natureza, os céos por ti combatem,
Que nem Jove immortal de mim se esquiva.
Reina em muito a Fortuna, Amor em tudo:

D'ella os bens, os bens d'elle extráe a audacia,
O acanhado temor convém que expulses;
Exhaure os mimos, a ternura, as preces,
E se os mimos, se as preces, se a ternura
Baldadas forem, não o seja a força.
Obstaculos não ha, que Amor consinta.
Todos, todos por mim serão vencidos;
E se um de meus farpões, arremessado
Contra a nossa inimiga insana, e bella,
Não vae ferir-lhe o coração rebelde,
Dispol-o a teu favor, e amacial-o,
É por te não roubar a immensa gloria,
O gosto de a render sem que eu te acuda
Com toda a força minha. Eia, não tardes,
Vem, que é proprio o logar, e Amor te guia.»
N'isto, o facho invisivel sacudindo,
E com elle roçando-lhe no peito,
Desusado vigor, ardencia estranha
Ao frouxo coração lhe communica.
Já folga, já se apresta, ufano, e ledo
O cubiçoso amante, e segue o nume,
Quasi egualando na carreira o vôo.
Por milagre de Amor, que o guia, em breve
Vence a longa distancia, avista o lago.
Jaziam na raiz de alpestre serra
As incorruptas aguas transparentes,
De que o vasto deposito arenoso
Só tinha pouco fundo ao pé das margens.

Deserto era o logar, fechado em roda
De mixtas, densas arvores, e idóneo
Ao tímido pudor da virgem bella.
Antes de a divisar por entre as plantas
Amor, e o socio, sem que os visse Argira,
Havia a casta nympha retirado
Do lago venturoso as alvas carnes,
E reposto as ligeiras vestiduras:
Assim do immaculado, amavel corpo
A vedada, recondita belleza
Teus olhos, Arenêo, não profanaram!
Co'a vista immovel nas immoveis aguas,
Á margem citerior do lago ameno
Abstracta reflectia a semidéa:
(Era a meditação talvez presagio
Do imminente perigo!) ainda em terra
O formoso carcaz lhe reluzia,
Por onde agudas settas apontavam.
Amor, para frustrar-lhe a resistencia,
A distracção da nympha aproveitando,
Mais veloz que o relampago, e mais leve
Que os Favonios subtis, adeja, furta
Os nocivos farpões no rico estojo,
(Tudo é facil a um deus, não foi sentido)
Torna com elle, occulta-o entre o mato,
E diz com mansa voz, com voz suave
Ao mancebo (que attonito ficára
Da vista encantadora)—«O que desejas

Ali tens. Solta o freio a teus suspiros,
As lições, que te dei, vai pôr em uso.»
Cala-se, e, já co'a mente em mais emprezas,
D'elle se aparta, sóme-se, voando.
D'estas palavras Arenêo pungido,
Á pressa para a nympha os passos move.
Ella, ao sentir pizadas, volta os olhos,
E, vendo-o já propinquo, receosa,
(Qual se fôra de um satyro assaltada)
Á aljava quer lançar as mãos de neve,
Mas da aljava o signal só vê na arêa;
E, em subito furor arrebatada,
Inda que ao caçador pende dos hombros
Carcaz do seu diverso em cor, e em fórma,
Se allucina, se abstrae, baldões profere,
De infame roubador, de vil o accusa.
«Não, não sou roubador, (elle a interrompe)
Sou teu amante, escravo de teus olhos,
Victima da ternura» — e proseguindo,
Com vivissimo ardor lhe expõe, lhe afirma
As ancias, as saudades, os delirios,
Os males que soffreu depois que a vira.
Ousa mais: de consorte a mão lhe pede,
Da austera irmã de Phebo as leis condemna;
Jura que a lei de Amor só é ligada,
Só conforme á Razão, e á Natureza;
Blasona, ostenta de affouteza, e de arte;
Outro Orion se diz, e por mil modos

Quer attraír a indomita donzella,
Insta, para apiedar-lhe o genio duro.
Ella, que ouviu suspensa, e como absorta
As ternas expressões do audaz amante,
Só, e não tendo ali com que punil-o,
(Já suspeitosa de amoroso insulto)
Em fogo os olhos, arrugada a testa,
Com raiva lhe gritou: «Não mais, insano!»
E á fuga se dispez; mas o mancebo,
A que um tal desengano as ancias dobra,
Quasi fóra de si, lhe impede o passo,
E, depois que outra vez deu uso aos rogos,
Aos requebros, e aos ais, porém sem fructo,
As ternuras vertendo em ameaços,
Carregado o semblante, a voz pezada:
«Insensivel! Feroz! Oh penha! Oh tigre!
Oh barbara inimiga! (o cego exclama)
Se a Amor não cedes, cederás á raiva.
Annue a meu desejo, a meus extremos,
Ou...» — Convulsa de horror ao som terrivel
D'estas vozes crueis, a semidéa
C'os vagos olhos todo o sitio corre:
Vê d'um lado a lagôa, a serra ingente,
E o phrenetico amante do outro lado;
Vê que fugir não póde, e n'este aperto,
(Fitos nos céos os maviosos lumes)
«Oh leis augustas da immortal Diana!
Sanctas leis do pudor! Dever sagrado!

A vós me sacrifico.» Assim fallando,
Arremessa-se ao lago a malfadada
Co'a pressa com que o raio a nuvem rompe.
Ao vêl-a baquear, sumir nas aguas
Subito acode o moço arrebatado.
O brunido carcaz, e o arco arroja;
Lança-se apoz a nympha, e mergulhando,
(Que as ondas qual delphim cortar sabia)
Depois de estar occulto alguns momentos,
O lindo corpo amado extrae sem alma.
Eis, com elle nos braços sobre a arêa,
Á desesperação, e á dor se entrega:
Vê-se auctor da tragedia lastimosa,
Sem lume os olhos vê, que lhe eram vida;
Vê na face macia, e puro seio
Formosa a pallidez, formosa a morte;
Chora, soluça, applica os frouxos labios
Á gentil, muda boca, e n'ella imprime
Beijos ... ah! Beijos bem diversos d'esses
Com que o sofrego Amor se apraz, se encanta;
Até que supportar já não podendo
O pezo da miserrima existencia,
N'um transporte, n'um impeto invencivel,
Co'a mão convulsa pelo peito enterra
Ponteagudo viróte, e cae, e expira
Junto da nympha, que morrendo abraça.
Foi seu ai derradeiro a Amor voando,
Da catastrophe atroz foi dar-lhe aviso;

E o nume enganador, que accezo andava
Com guerra em que alta gloria obter podia,
Mal que ouviu no suspiro o triste annuncio
Desistiu por então da grande empreza,
E ao theatro volveu do caso acerbo.
Lá, no horrendo espectaculo attentando,
Collige dos signaes e circumstancias
Que de Argira o rigor, e a pertinacia
Foram causa fatal da morte de ambos.
Dá-se por gravemente injuriado,
A sua omnipotencia a si convoca,
Avisinha-se aos dous, e por castigo
Da féra ingratidão, do amargo insulto
Em feia rã loquaz converte a nympha,
Para que no logar onde acabára,
Para que, ás mesmas horas em que altiva
Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os gostos,
Começasse a rogar, porém vãmente
Com voz descompassada aos céos vingança,
Tendo sempre em memoria azeda, e viva,
O seu antigo ser, e o lance infausto.
Já se vai apoucando o niveo corpo,
Despe a côr, perde a fórma, e, recebendo
Nova respiração, vozêa, e salta
No lago cristalino. Amor em tanto
Pago, ufano de si, de estar vingado,
Co'um ar piedoso a vista apenas lança,

Ao mancebo infeliz, e o deixa, e vôa:
Tão mesquinha em Amor é a piedade!
Indo a cruzar a um prado, acaso á dextra
Dirige os olhos, que o luar lhe ajuda,
E descortina sobre a relva amena
A gosar da frescura em ocio brando
Délia formosa co'as sequazes nymphas,
Já descontentes de tardar-lhe a sócia.
Co'um intimo despeito as olha, as mede,
E por dar-lhes pezar, por dar-se gloria,
Librando-se nas azas côr de fogo,
Narra-lhe em breves, empolados termos
Qual fôra a morte, a punição de Argira,
E nos ares, a rir, desapparece.
De lagrimas se banha o bello coro
Apenas ouve o deploravel caso:
Eis que de Apollo a irmã lhes diz—que a sigam:
E com ellas caminha ao fatal sitio,
De vingativo impulso estimulada.
Chega, observa na areia as tristes provas
Da tragedia cruel: olha o virote
No peito de Arenêo todo entranhado,
E d'isto não contente, e ainda irosa
Da acção de Amor, e intrepidez do amante
Co'a nympha mais prezada, e mais pudica
De quantas pelos bosques a acompanham,
Para a desaggravar, para vingar-lhe

Tanto a transformação como a virtude,
(Reparar não podendo o damno injusto,
Porque as obras de um deus nenhum desmancha)
Portentosas palavras murmurando
Contra o corpo sanguento, o piza, o muda
Na ava importuna, que prevê desastres,
Difunde agouros, aborrece o dia,
E, quando vem do lobrego occidente
A fusca Noute semeando horrores,
Ou nas arvores pousa, ou entre as fragas,
Onde, em quanto arrancaes, oh rãs limosas,
Enfadoso clamor, que atrôa os ares,
(Do que era, e do que amou saudosa ainda)
Até que aponta no horisonte a Aurora
Em voz desconcertada está carpindo
Seu miserando amor, seu negro fado.

II

Callipo, ou o rio Sado

(Fragmento)

Não longe do terreno, onde Erythréa
A torreada fronte aos céos erguia,
Erythréa hoje entre ondas, entre areias
Por terrivel phenomeno abysmada,
Que hoje gosa entre nós de Troia o nome,
(Talvez por que seus fados assimelham
A'quella, que cevando a furia Argiva,
Desengano do orgulho, em cinzas dorme)
Junto aos campos viçosos, ledas praias
Que já Tubal pizou, que logram d'elle
Fastoso, veneravel monumento;
No teu grato recinto, oh praia minha,
Primeira fundação da plaga Ibéra;
Lá sobre o chão formoso, em que se aprazem
Flora, as Graças, Amor, Favonios, Musas,
Lá no clima feliz, onde esquivando
Minha mente infantil aos molles brincos
Maior que a edade, e sofrego da Fama,

Oh Phebo! Oh nume! Oh pae! Libei teu nectar:
É firme tradicção, que em tempo ignoto
Morreu de ingratidões mesquinho amante,
Mimoso fructo ali de antiga planta.
Iman dos corações, Tirséa amavel,
Branda cantora do menino Idalio,
Que á bella candidez do metro ameno
O encanto, a melodia, o mimo apuras,
Se desprendem teus labios d'entre as rosas
Em aureas fontes as delicias d'alma;
Gloria das nymphas, dos Amores gloria,
Que em doce galardão recebes d'elles
Sorrisos, beijos, esperanças, flôres,
Meiga Tirséa, Tagide sensivel,
Que te dignas de ouvir na margem d'ouro
A lyra triste, que me adoça os fados,
As cordas onde sóa Amor, e Analia,
Honre o silencio teu meus sons, meus versos;
Verás o que é comtigo affavel nume,
Que dureza exerceu, que tyrannia
Co'um animo fiel, de prantos digno
Cuja historia surgiu piedosa, infausta
Por entre as nevoas da remota edade;
Ouve, e suspira; um teu suspiro é premio,
Vale um suspiro teu da Fama o brado!
Era o moço Callipo ardor suave
De quanta formosura, e quanta graça
Girava os serros, descorria os valles,

As arvores, e as fontes habitava.
Todas (fossem mortaes, ou fossem deusas)
Nos olhos do mancebo esmoreciam,
Nos attractivos seus se embellezavam:
Traído em ais o virginal mysterio
Dariam as mortaes por elle a vida,
Por elle as immortaes o ser divino!...
De não menor paixão crédor na face,
(Assucenas em parte, em parte rosas)
Crédor no coração, credor em tudo
Extremos lhe repelle o moço esquivo;
Não porque ás leis de Amor contrario fosse,
Leis, que o Fado gravou em bronze eterno,
(Altas leis, que a teu seio, oh Natureza,
Envolta no prazer a essencia mudam;
Que geram, que difundem, que abrilhantam
Rainha do universo, especie humana,
Tuas mil perfeições, teus mil portentos;
Leis, que á planta dão fructo, á flôr perfume,
Susurro ás virações, gorgeio ás aves,
Brandura aos tigres, aos leões brandura.)
Mas por que inda não tinha olhado a nympha,
Que o céo lhe destinava em vencedora.
Adonis gloria, e dôr da Cypria deusa,
Tu, que entre os braços seus, e encantos d'ella
(Taes que até Jove lhe chamara encantos)
Porque mais do que vida ali gostavas
Padeceste depois mais do que morte

No dente infausto do terrivel monstro,
Adonis miserando, ah! tu não foste
Mais formoso talvez, nem mais amado,
Que o triste, cujo nome aos tempos furto,
Nome, que irá luzir commigo aos astros,
Ou no Lethes commigo irá sumir-se!
. . . .
. . . .

III

Queixumes de amor e da amisade

Oh vós, emanações da divindade,
Prazer, consolação das almas grandes,
Vós, que em suaves, em mimosos laços
Prendeis os corações, e os pensamentos;
Vós, que não só de asperrimos costumes
Usaes purificar a humanidade,
Que até dos tigres, que na Hyrcania rugem,
Das serpes, dos leões, que a Lybia infestam,
Mitigaes o veraz, o féro instincto:
Oh divinos irmãos! Oh par celeste!
Oh doce Amor! Oh candida Amisade!
Vingae-vos de nefandos sacrilegios,
De mil profanações, mil torpes crimes,
Mil horrores, que fervem, que negrejam
Sobre vossos altares sacro-sanctos!
Jove, Jove immortal, senhor do raio,
Porque na rubra dextra o tens em ocio?
Se as fézes, se o peior de quantos vicios
O abrazado, espantoso abysmo eterno

Pelos igneos vulcões arroja á terra;
Se a vil ingratidão, se a vil perfidia
Soffres em muda paz, e não te accordam
A somnolenta cólera meus brados,
Para que nova especie de maldade
Reservas teu furor? Se és deus, és justo,
E deves, como tal, vingar teu nome,
As tuas leis vingar, vingar meus males
Nas almas desleaes, crucis, infames
Que o céo com falso voto assoberbaram.
Pune, oh deus, pune o perfido Mirtilo,
Pune a traidora Isméne, objectos sejam
Da suprema vingança inevitavel
Dous infieis espiritos corruptos.
Em teus sacros altares ainda jazem,
Fumegam ainda as cinzas venerandas
Do immaculado incenso, que a teu nume
Votaram minhas mãos, e as mãos da ingrata;
Inda nas ermas grutas d'este bosque
Resôa a voz dos eccos falladores,
Que em opprobrio da perfida repetem
Promessas que lhe ouvi, que tu lhe ouviste.
Sim, por teu nome, oh deus, sim, por teu nome,
Por teu nome ineffavel a traidora
(Tintas de pejo as faces, orvalhados
De lagrimas de amor seus olhos meigos,
E absôrtos para o céo) jurou ser minha;
Jurou que em deleitoso, em aureo laço,

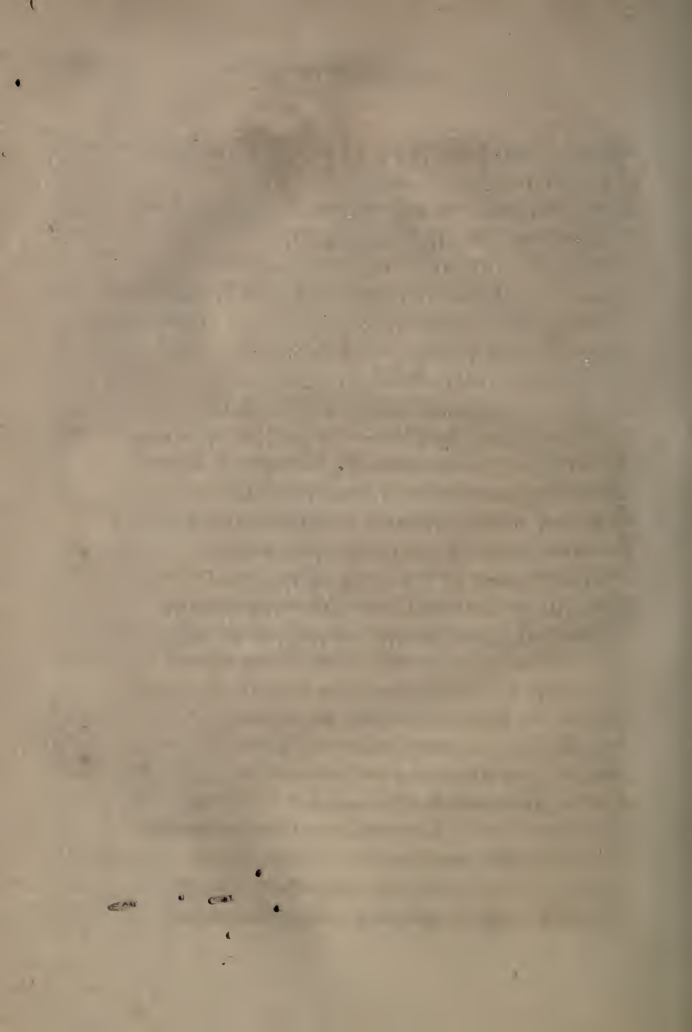
Em laço que Hymeneo tece á Virtude,
Na torrente de candidos prazeres
Commigo engolfaria o pensamento;
Que para sempre então na sua ideia
Se haviam de sumir, voltar ao nada
O mundo, a natureza, excepto Elmano.
Não paga de ardentissimos protestos,
Em doces, em furtivos caracteres
Imprimiu, renovou tão ternos votos.
Eu os conservo, oh Jove! Elles accusam
A maior das traições, a mais infame,
No teu gran tribunal justiça imploram;
Tu deves atterrar com alto exemplo
As almas, que propendem para o crime,
E firmar na innocencia os virtuosos;
Pelo estrago dos réos, deves vingar-me:
Quem offende os mortaes os céos offende.
A monstros, que sacrilegos profanam
De Amor, e da Amisade as aras sanctas,
Não bastam, não convém, não correspondem
Esses males communs, communs flagellos
Com que as brutas paixões sem lei, sem freio,
Ou attentados de remota origem
Fulminas da estellifera morada.
Castigos cria, inventa, e caiam, chovam
Sobre os crueis artifices perversos
Da desesperação, que me atassalha;
Sim, chovam mil, e mil, porém teus golpes

Não sejam tão mortaes que matem logo:
Gradua-lhe o veneno, e dobra as forças,
Engrossa o vital fio aos dous ingratos.
Teimosa, penosissima existencia,
Transcendente em tristeza, em amargura
Aos damnos da tartárea eternidade,
Lhe arranque d'alma horrisonas blasphemias,
Que avivem teu furor, e os seus effeitos.
Ordêna, summo deus, á tôrva Morte
Que subito em mil mortes se converta,
Que manso, e manso os perfidos consuma:
Seculos gire o sol, milhões de vezes
Negando-se aos antipodas, aclare
O clima, que dous monstros enxovalham,
E ainda os ache a morrer. Com tudo, oh Jove,
Se na cadêa de horrorosos dias
Queres, para afagar-lhe o soffrimento,
Prender-lhe, consentir-lhe algum mais doce,
Algum menos fatal, seja esse dia
Qual este em que as entranhas-me devora
Ciume abrazador, porção do inferno.
Eia, ao som dos meus ais acóde, acóde,
Eterna, pavorosa omnipotencia...
    Mas ah! Que em préces vãs a voz fatigo!
Oh Jove, ensurdeceste! Eu não te rógo
Que da fecunda terra me franquêes
As mádidas entranhas, prenhes de ouro;
Não dou meu culto aos idolos do avaro,

E o louro dos heróes, dos reis o sceptro
Tambem com fatua luz me não deslumbram:
Não quer elevação quem téme a quéda:
O que exijo, o que espero é que exercites
Da justiça o terrivel attributo,
Faze o dever d'um deus, e estou contente...
Mas, céos! Que sinto em mim! Que surdas vozes
No coração chagado me susurram!
Eu lhes ouço dizer: — «Perdido amante,
Phrenetico mortal, para que invocas
O tremendo poder da divindade
Contra o doloso amigo, e contra a féra
Por quem morres de amor, por quem suspiras?
Socéga, volve em ti. Crês, por ventura,
Que para a punição de enormes crimes
Cumpre aos céos arrojar physicos males
Sobre a fronte odiosa dos culpados?
A morte para os réos não é tormento,
Dos réos a maior pena é o remorso;
O remorso te vingue: assim defére
Ás préces dos mortaes o grande Jove.»
Oh vozes da razão, vozes celestes,
Oraculo divino! Eu vos adoro,
Bem que os ouvidos meus, bem que a minha alma,
Affeitos longamente ás meigas phrases
Do engano, da lisonja, e da ternura,
A salutar dureza vos extranhem.
Basta, já torno a mim, não mais, oh Furias,

Não mais, imprecações. Perdôa, oh Jove,
Perdôa a minha dòr, e ao meu delirio;
Fui louco, errado andei nas preces minhas:
O crime, sem que as victimas te implorem,
Por si mesmo justiça está bradando.
Traidor, que em falsas mostras de virtude
Envolveste a baixeza, a tyrannia,
A cavillosa intriga, a torpe inveja,
Da fraca humanidade os vicios todos,
Negros enxames, que te fervem n'alma;
Amigo desleal, que me arrancaste
Do terno coração segredos ternos,
Segredos, que nas trévas do sepulchro
Iriam com meus dias abysmar-se,
Se a máscara fallaz não me illudisse
Da vil simulação, da astucia feia;
Se a minha alma fiel, ingenua, pura
Podesse conceber a idéa horrenda
Do teu crime aleivoso, e detestavel;
Presumes-te feliz? És desgraçado
Mais que o réo quando em mãos do algoz sanhudo
Já piza o cadafalso, ou mais que eu mesmo.
Esse infame prazer, que tens comprado
Á custa de meus ais, de teus deveres,
Esse infame prazer em breve, oh monstro,
Corrompido será pela villeza
Da lisonjeira Isméne, e mais que tudo
Pelas pungentes garras do remorso.

Não te cégues, traidor, não te hallucines:
O mérito não foi, foi a fortuna
Quem chamou para ti de Isméne os olhos,
Quem d'um férvido amor me arranca o premio.
O sôfrego interesse, a mais indigna
De todas as paixões, e a mais teimosa,
Envenenou de Isméne o peito ingrato.
Se aos Fados, como tu, devesse Elmano
Os momentaneos dons, que adora o mundo,
Phrenetico de inveja, a grenha hirsuta,
Quaes as Furias do inferno, arrepeláras,
Vendo-me em almos extasis de gosto
Suspirando entre os braços da perjura.
Fraudulento, infiel, não és amado,
Não compra corações a vã riqueza,
Cêdo, cêdo o verás. De longe observo
C'os olhos da perspícua phantasia
A catastrophe atroz dos teus prazeres!
Lá vejo a refalsada, injusta Isméne
Ante as aras de Pluto, os olhos fitos
Com feiticeiro agrado em outro objecto,
Como tu despresivel, tosco, indigno,
Mais pomposo, porém, mais carregado
Dos bens, que ás cegas dá Ventura errante.
Lá te vejo caír, victima triste
Do desdém, da cubiça, e da inconstancia.
Então conhecerás meu duro estado,
De zêlos infernaes então raivando,

Sentirás mais acerbo, e mais agudo
O remorso enterrar-se-te no peito;
Então c'o pezo enorme do teu crime
Esse vil coração todo esmagado,
Saberá que invisivel mão suprema
Pune, flagella os máus ou cedo, ou tarde.
    Acceléra o teu vôo, absorve, oh Tempo,
Este enfadoso espaço, que divide
O dia em que lamento a minha sorte
Do dia em que meu mal será vingado.
Arda, escume, blaspheme, arqueje o monstro,
De minhas afflicções fatal principio,
Sobrepuje o seu mal aos males todos,
Nem um só dos mortaes o attenda, o chore:
Dos crimes crueis, no ardor, na raiva
Se ensaie para os horridos tormentos
Com que pelo traidor no Averno esperam
As tres filhas da Noute, as negras Furias.

FRAGMENTOS

I

. . . .

Antes que o deixe Analia, Elmano a deixa:
Elmano, que aborrece a vil perfidia,
Elmano, que de Analia enganos cria,
Elmano, que foi seu, julgando-a sua.
Vis, barbudos rivaes, folgae, que eu cêdo,
Eu cêdo, e de ceder não me envergonho:
O trophéo, que lograes, de vós é digno,
Quanto indigno de mim, do nome eterno
Com que a vós sobranceiro os céos demando
De versos immortaes nas azas d'ouro.
Analia vos pertence humana, e fragil;
Analia, que attendeu suspiros vossos,
Analia, que vos deu triumpho abjecto,
Que em ficticio desmaio, em vãos tremores
É menos que mulher, e a deusa aspira.
Deusas d'Elmano para vós não vivem,
A vossa especie amae, vós sois d'Analia;

Com deusas viverei, vivei com furias;
Ficae no mundo vil, folgae na infamia,
Que eu vou nos astros aggregar-me aos numes.
. . . .

II

. . . .
Seus corações em flor se embellezavam
Nos brincos da innocencia melindrosa,
E Amor, que os espreitava, inda ignorado
Já lhes dispunha o sentimento ao gosto:
Principio das paixões, como és suave!
. . . .

INDICE

	Pag.
Odes...................................	
Canções................................	119
Cantos.................................	141
Elegias e epicedios....................	161
Idyiios e cantatas.....................	205
Epistolas e satyras....................	311
Poemetos...............................	481